

# Homem: sexo frágil?

---

Pela primeira vez, uma abordagem psicológica do homem por inteiro, como ele realmente é. E porque é.

**Flávio Gikovate**

## Contracapa

### Homem: o sexo frágil?

“A supervalorização da agressividade como parte da masculinidade determina uma associação da raiva ao desejo sexual, que, em muitos homens, jamais se desfaz. Os machões têm raiva das mulheres e as desejam; mas gostam mesmo é dos homens, seus amigos. Os homossexuais têm raiva dos homens e os desejam; gostam e são amigos das mulheres!”

“Se vocês quiserem ir se familiarizando com a forma como conduzo os tratamentos de todos os tipos de impotência sexual, me baseio na ideia de que o pênis tem sempre razão! Ele só participa de festas para as quais foi convidado e nas quais se sente absolutamente à vontade. E de nada adianta tentar impor alguma coisa ao pênis, pois ele é anarquista por vocação e se rebela contra qualquer tipo de ordem!”

“As mulheres se queixam quando os homens as tratam como objeto sexual. Os homens dariam o braço esquerdo para se sentirem objeto do desejo sexual das mulheres. (...) O que é o sonho mais agradável para um sexo poderá ser pesadelo para o outro!”

“Mesmo nos ambientes familiares mais 'sofisticados' existe a tendência para impor aos meninos o padrão oficial de masculinidade... Não tenho notícia de nenhum caso em que um menino de 8 anos de idade tenha chegado em casa chorando porque algum outro bateu nele e seu pai - ou mãe - tenha dito: 'Meu filho, faça como Cristo: ofereça a outra face'. Quem oferece a outra face é 'bicha'!”

“A exigência familiar e social no sentido de o homem ser um profissional destacado é brutal. Mais importante do que ser feliz, é ter sucesso profissional, é ser motivo de orgulho para a família.”

Dados da Catalogação na Publicação (CIP) Internacional  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gikovate, Flávio, 1943-

homem: o sexo frágil? / Flávio Gikovate. São Paulo: MG Editores Associados, 1989.

“Pela 1ª vez, uma abordagem psicológica do homem por inteiro, como ele realmente é.”

1. Homens 2. Homens - Comportamento sexual 3. Homens - Psicologia 4. Masculinidade (Psicologia) I. Título.

89-0501

CDD-155.632 -155.332 -305.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Comportamento masculino : Psicologia 155.632
2. Homens : Psicologia 155.632
3. Homens : Sociologia 305.3
4. Machismo : Sociologia 305.3
5. Sexualidade masculina : Psicologia 155.332

Produção: Florentino Marcondes D'Ângelo

Título e capas: CC&C.- Cabral, Criação & Comunicação (SP).

Foto: Rosa Gauditano/Fotograma

Composição: Linoart Ltda.

(c) desta edição de MG Editores Associados Ltda.

Alameda Itu, 1597

CEP 01421 São Paulo - SP

1.a edição Abril de 1989

A MARIA CÉLIA e SILVIO DE ABREU, amigos queridos e conselheiros indispensáveis

## ÍNDICE

|                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------|-----|
| I - Introdução                                                 | 2   |
| II - Nasce um menino                                           | 25  |
| III - É tempo do menino ir à escola                            | 43  |
| IV - Surgem os primeiros pêlos: É a puberdade ...              | 73  |
| V - E a homossexualidade masculina?                            | 101 |
| VI - Sucessos e fracassos sexuais na vida adulta               | 127 |
| VII - O homem ama, se casa e é pai. Com freqüência se divorcia | 154 |
| VIII - O homem no trabalho                                     | 183 |
| IX - A meia-idade e a velhice do homem                         | 208 |
| X - As mulheres segundo os homens                              | 233 |
| XI - A emancipação masculina                                   | 258 |

## 1 – INTRODUÇÃO

Quando me decidi a escrever este livro sobre psicologia masculina, a primeira questão que me veio à mente foi a seguinte: o homem se define por si mesmo ou apenas se define por comparação com a mulher? Ou seja, há algumas características do homem que existiriam mesmo se não houvesse mulheres no mundo? Ou tudo o que o homem é e faz tem a ver, de alguma forma, com a mulher? Na História da Criação – o Gênesis – segundo a Bíblia, o homem foi feito primeiro; mas, logo em seguida chegou a mulher. Os homens não poderiam ter pensado de modo diferente, pois é antigo o seu orgulho com relação à sua condição de suposta superioridade. Este orgulho é antigo e suspeito pois, como regra, tudo o que é muito exaltado e louvado aos quatro ventos não corresponde à verdade. Reais superioridades costumam se manifestar de modo discreto, que não seja por outra razão para não provocar demais a inveja das outras pessoas.

Gostaria de esclarecer, desde logo, o seguinte: o que os homens pensam em relação às mulheres não guarda nenhuma relação ou semelhança com o que as mulheres pensam de si mesmas, nem com o que as mulheres efetivamente são – se é que se pode saber algo acerca das verdades absolutas. Aqui, como nos velhos filmes de ficção, qualquer semelhança é mera coincidência. Assim, sempre que eu me referir a alguma das ideias que os homens fazem acerca das mulheres gostaria de não ser mal interpretado. Não estarei dizendo que, de fato, as mulheres sejam desta ou daquela forma; estarei apenas tentando descrever a mente masculina e como nela se reflete a imagem da mulher. É evidente também que as diferenças entre as opiniões que os homens têm das mulheres e as ideias que elas têm de si mesmas podem ser enormes e causar brutais desentendimentos e dificuldades no relacionamento entre os sexos. E todos sabem o quanto são raros os casais que conseguem conversar na mesma língua, tentar entender o que se passa com o outro. Ao invés de supor o que se passa com o outro, tentar ouvir o outro.

Também fiz a pergunta inversa: a mulher se define por si mesma ou apenas por comparação com o homem? Fiquei extremamente aliviado ao perceber que esta questão não está em jogo, ao menos neste livro que trata apenas da psicologia masculina. O mesmo aconteceu quando pensei sobre qual dos dois sexos é mais importante na definição do que seja o masculino e o feminino. Isto me poupa polêmicas complexas, especialmente nos

tempos atuais. A ideia que nos governa hoje é a de que o homem é o vilão, o opressor. Ela supõe que a mulher se definiu a partir do homem e que este se definiu a partir de si mesmo. Como o resultado do nosso processo de civilização não é brilhante em termos de evolução emocional – ao contrário do que aconteceu no plano material – é evidente que ninguém quer ser o responsável principal pela determinação de suas diretrizes. Terei oportunidade, ao longo destas páginas, de demonstrar a fragilidade masculina. Quero descrever o que se passa com o homem, seus conflitos e suas angústias. Se formos capazes de entender melhor sua subjetividade, talvez um dia poderemos responder melhor à questão das responsabilidades que cabem a ele no nosso processo de vida em grupo. Não cabe a nós, profissionais de psicologia, julgar. Temos que analisar, compreender, explicar. Temos que contribuir para desfazer este emaranhado no qual se transformou a relação entre o homem e a mulher e, conseqüentemente, as relações familiares e sociais de um modo geral.

Voltemos à questão inicial, sobre a possibilidade ou não da definição do homem por si mesmo, independentemente da presença da mulher em sua vida. A mim parece bastante evidente que, se analisarmos nosso modo de vida atual, não existe a menor possibilidade de nos definirmos com autonomia em relação ao sexo oposto. Isto tanto para o homem como para a mulher. Ao nascermos já somos recebidos com roupas cujas cores definem nosso sexo. Alguns ficam felizes porque nasceu um menino; outros prefeririam que fosse menina.

Os padrões de comportamento já estão prontos. Os meninos têm que seguir as normas próprias do seu sexo, e o mesmo acontece com as meninas. Em muitos aspectos as regras são opostas: se o menino tem que ser mais agressivo, a menina deverá ser mais delicada; ele será mais ousado e ela mais discreta; ele mais forte e ela frágil; ele duro e ela sentimental; etc. Aparentemente cada sexo se define por si, segundo o seu código. Mas estes códigos, de onde vieram? Quem os criou e com que finalidade?

A partir daí a questão se complica muito e não nos resta outra tarefa senão a de fazermos suposições, conjecturas. É extremamente difícil tentarmos retraçar os caminhos percorridos pelo homem primitivo – antes mesmo do início da vida em grupo de modo organizado – até o estabelecimento dos padrões de conduta como os conhecemos hoje. De qualquer forma, não custa ativar o processo imaginário e ver aonde podemos chegar. Me fascina muito este tipo de especulação intelectual e devo dizer que me parece pouco importante se as coisas se passaram exatamente do modo como imaginamos. O essencial é

que estes mergulhos se dão para dentro de nós mesmos e eles nos permitem colocar em dúvida tudo aquilo que o nosso processo educacional nos impôs. Mais importante do que nos aprimorarmos no conhecimento da pré-história é tentarmos conhecer as coisas mais essenciais de nós mesmos. O que vem a seguir deriva, pois, exclusivamente das minhas especulações e não de estudos ou relatos de especialistas. É algo parecido com ficção científica retroativa.

No planeta, escassamente habitado, viviam homens solitários e mulheres acompanhadas de sua cria. Apesar do cérebro privilegiado, não havia linguagem e a comunicação era precária. Não havendo linguagem, não havia como se dar razoável utilidade para o cérebro, de modo que a inteligência não podia se exercer. A vida era muito similar à dos animais superiores. A alimentação vegetal era casual, assim como a caça de outros animais. Os abrigos eram ocasionais e homens e mulheres eram nômades. Morriam com extrema facilidade. Mas alguns sobreviviam até a idade adulta e se reproduziam ao acaso. As crianças eram cuidadas pela mãe, do mesmo modo que as cadelas cuidam de sua cria. A amamentação era prolongada e provavelmente só se interrompia devido à nova gravidez. A adversidade era muito grande e o aconchego das crianças bastante precário se o compararmos com as condições atuais. Não deixa de ser surpreendente que a espécie tenha sobrevivido!

Nestas condições dramáticas – ao menos aos nossos olhos atuais – os vínculos afetivos entre mães e filhos se estabeleciam de modo muito superficial. Aquilo que hoje chamamos de amor deve ter existido apenas de modo embrionário. O elo forte não se construía por falta de condições objetivas. Para que reste em nós a nostalgia da sensação de paz e aconchego vinda da intimidade com a mãe é necessário que tenha havido o aconchego; e isto depende da existência de condições materiais mínimas. Crescer sem aconchego significa não buscar sua repetição em épocas posteriores da vida. Ou seja, os adultos não buscavam o amor, a união sólida com outro ser humano capaz de atenuar a sensação de desamparo. A bem da verdade, acredito que as sensações que mais nos atormentam, o desamparo e a insignificância de nossa condição, não eram grande problema para o homem primitivo. Isto por duas razões; a primeira é porque estavam de tal forma ocupados e atentos à sua sobrevivência material que não podiam se ocupar de questões subjetivas; e a segunda deriva do fato de que o cérebro era utilizado de modo rudimentar

devido à pouca acumulação de dados por falta da linguagem. De todo o modo, o importante é que o amor não era emoção essencial no mundo primitivo que a minha imaginação construiu.

Os filhos cresciam e, num dado momento, se afastavam da mãe e continuavam a sua luta pela sobrevivência, agora de modo solitário. A partida se dava sem dor e sem lágrimas. Ela simplesmente acontecia. Novos homens e mulheres circulavam pela Terra em busca de alimento, água e abrigo contra adversidades climáticas. O homem não dependia da mulher para nada, mas deve ser registrado que ele já havia dependido da mãe para poder sobreviver. Pode ter restado nele lembrança vaga e nem sempre muito agradável. Mas alguma lembrança dos tempos de dependência ele provavelmente tinha. A mulher tinha lembrança igual, ou seja, de outra mulher. Irmãos eram lembranças ainda mais vagas e, desde sempre, de natureza competitiva e desagradável – no Gênesis, Caim matou Abel; ou seja, os dois primeiros irmãos já tiveram seus problemas. Penso que, apenas em virtude deste fato inicial, já se pode antever alguma dependência do homem em relação à mulher, de intensidade maior do que o inverso.

É possível que o afastamento da mãe se desse antes da puberdade. Nestas condições, meninos e meninas viviam cada um para o seu lado. Porém, com o surgimento das manifestações sexuais adultas as coisas se complicam e se perturbam de modo radical. Para o homem surge forte desejo sexual determinado pela visão – nos outros animais é o olfato que desencadeia o desejo erótico. Ele vê a mulher, se excita e trata de se aproximar dela, penetrá-la, roçar seu pênis até que a ejaculação apazigue o desejo. Fará isto quantas vezes tiver vontade e oportunidade. Sua superioridade muscular – muito marcada na nossa espécie – lhe permite o acesso à mulher sem o seu consentimento. A fartura de mulheres diminuirá o seu desejo e a escassez o aumentará. Isto porque a super-exposição a estímulos eróticos visuais diminui seu poder de despertar o desejo, do mesmo modo que aconteceria a qualquer um de nós depois de ficarmos por vários dias seguidos num campo de nudismo.

E as mulheres, tentavam se esquivar da aproximação dos homens ou tentavam se fazer mais atraentes para eles? Acho que nem uma coisa e nem outra. Ao se perceberem desejadas sentiam grande prazer erótico; se sentiam excitadas e gostavam do contato com os homens. Não creio que tivessem construído os conhecidos ardis da sedução e não creio que tivessem preferência por este ou aquele parceiro. Isto deriva de acontecimentos

posteriores. Também não creio que buscassem qualquer tipo de satisfação orgástica, mesmo porque o homem primitivo não faria nenhum empenho em agradá-las para além do que fosse bom para ele. Ser desejada era prazeroso e ser tocada também; e isto era o que bastava. A masturbação, especialmente a feminina, já existia desde os 4-5 anos de idade e esta sim provocava resposta orgástica. Acredito que as mulheres não fugiam dos homens não só porque seria inútil; gostavam de ser desejadas por todos – naquele tempo eram todos iguais; não havia ainda os pobres e os ricos, os nobres e os plebeus, os intelectualizados e os ignorantes, etc. – e com eles compartilhavam do prazer derivado das trocas eróticas.

Nós, homens modernos, sonhamos com os tempos primitivos, quando tínhamos acesso a todas as mulheres que nos despertavam o desejo. Penso que o mesmo acontece com as mulheres: saudades dos tempos em que não precisavam se policiar e podiam se deleitar com abordagens múltiplas e indiscriminadas. Ao menos em fantasias, quase todos nós já vivemos as delícias da vida sexual pré-civilizada. De uma certa forma, a revolução sexual dos anos 60 buscava a reaproximação com estes tempos de liberdade e descompromisso. A chamada vida sexual promíscua, tão comum entre homossexuais masculinos até há poucos anos, também estava em sintonia com estes desejos pré-civilizados presentes até hoje em todos nós. O estuprador é o indivíduo que não se conforma com o fato de, ao longo dos milênios, termos perdido o direito de abordagem sexual feminina sem necessitarmos do seu consentimento. Se sente brutalmente ofendido e humilhado com a recusa e, com freqüência, agride a mulher até matá-la; e isto não impede que o desejo sexual se realize.

Apesar dos homens serem atraídos sexualmente pelas mulheres e delas gostarem de ser desejadas por eles, não podemos falar com propriedade de uma efetiva interdependência entre os sexos uma vez que não havia atitudes construídas com a finalidade de agradar o outro, de se fazer mais atraente para o outro. É provável também que homens e mulheres fossem muito mais assemelhados na forma de se comportar do que veio a acontecer em épocas posteriores. Ambos os sexos tinham que se dedicar às mesmas funções, ou seja, à luta pela sobrevivência. A mulher, depois de ter filhos, enfrentava dificuldades objetivas maiores do que as dos homens, de forma que duvido que fossem delicadas, meigas ou muito sensíveis. Vivíamos, do mesmo modo que tentamos reeditar nos anos 60, uma época do tipo unissex. É sempre bom insistir que as adversidades derivadas da luta pela vida eram

brutais para ambos os sexos, sendo que a condição masculina era menos difícil porque não existia nenhuma obrigação em relação à paternidade e ao sustento das crianças. Acredito que se possa dizer que naqueles tempos era melhor ser homem do que mulher.

Mesmo com toda a liberdade que o fantasiar a evolução da nossa história permite, confesso que não me parece fácil supor o que determinou o passo seguinte. O que levou o homem primitivo a pegar uma mulher pelos cabelos, levá-la para a sua toca e decidir que ela era só sua e atribuir a si a função de "protegê-la" contra os outros homens? Já declarei que não acho que as mulheres sentiam a investida sexual dos outros homens como desagradável ou ameaçadora, de modo que não precisavam de "proteção". Pode ser que estivessem um pouco cansadas, especialmente as mais atraentes. Certamente estavam cansadas de ter que cuidar de tantos filhos. Assim sendo, um homem para cuidar um pouco delas até que era bem vindo. Ter que pagar pela proteção evitando sexualmente os outros homens era certamente algo que não representava grande frustração. Não poder se recusar ao protetor era algo a que já estava acostumada.

De toda a forma, o que levou o homem a tomar esta atitude de se acoplar a uma mulher, que está na origem da vida em grupo? Algum resíduo das suas lembranças infantis de aconchego - precário - junto da figura feminina? Dotes especiais, especialmente do ponto de vista sexual, de uma dada mulher? Se foi este o caso, isto foi comportamento espontâneo da mulher ou já era indicativo da existência de alguma "estratégia" da parte dela? Alguma questão ligada à rivalidade entre machos, disputando uma mulher mais cobiçada? Ou um pouco de tudo isto e mais algum tipo rudimentar de raciocínio prático onde a ideia da divisão de tarefas podia parecer atraente? Há muitos anos me fascina a concepção de que muitos são os fatores responsáveis pela estabilidade e perpetuação dos nossos comportamentos. Quando uma dada conduta deriva apenas de uma causa existe maior tendência para sua extinção. Quando são várias as causas, se algumas se enfraquecem as outras tendem a persistir na manutenção do comportamento. A verdade é que esta tendência para o acoplamento de um homem e uma mulher vem persistindo há milhares de anos, de sorte que deverão estar em jogo muitas causas, as que registrei acima e outras que não fui capaz de supor.

Digo que o acoplamento de um homem a uma mulher está na origem da vida em grupo porque não consigo imaginar organizações maiores, envolvendo dezenas ou centenas

de criaturas, sem que estivessem estabelecidas normas de acasalamento. A hipótese de comunidades de homens e mulheres sem compromissos de ordem sexual e sem estabilidade nas parcerias não me parece capaz de gerar equilíbrio e estabilidade internas. As disputas e rivalidades seriam dramaticamente desagregadoras. Além disto, com o convívio, é certo que surgem preferências. Elas são a forma mais rudimentar do que chamamos de amor e exigem exclusividade ou, pelo menos, atenções prioritárias. As tentativas contemporâneas de vida em comunidades sem compromisso e sem estabilidade de vínculos entre homens e mulheres estavam, pois, condenadas ao fracasso. Se não foram possíveis quando o amor era apenas rudimentar, o que dizer nos tempos atuais?

A vida em grupo corresponde, conforme imagino, ao modo ideal de se tentar resolver com mais facilidade as necessidades práticas ligadas à sobrevivência material. Não se estabeleceu por razões sentimentais, por causa de tendências gregárias do ser humano. Se estabeleceu e se perpetuou por ser conveniente; porque a divisão de tarefas interessou a todo o mundo; porque a vida ficou um pouco menos árida. Não resta dúvida que podiam ser agradáveis os rituais coletivos, a dança e a música compartilhadas. Estabelecer uma linguagem comum deve ter sido um prazer intelectual enorme para determinados membros do grupo. Ensinar às crianças estes sinais que indicavam objetos e situações também deve ter sido algo muito gratificante. Deixar a vida de nômades e poder se estabelecer deve ter sido fascinante. Aprender a cultivar a terra, confinar animais; tudo era novo, tudo estava para ser descoberto. Tudo trazia resultados práticos que tornavam a qualidade de vida cada vez melhor. Esta recompensa é que determinava – e até hoje penso que é assim – a estabilidade do grupo. Questões práticas ligadas à resolução das nossas necessidades devem ter passado a ocupar a parte essencial das reflexões dos homens e mulheres. Questões abstratas ligadas à justiça e à metafísica provavelmente ganharam maior ênfase quando as coisas práticas ficaram melhor resolvidas.

Estava terminando nosso período selvagem. Com a invenção da linguagem, nosso cérebro podia ser melhor utilizado e os raciocínios – essencialmente práticos, ligados à resolução de necessidades materiais – passaram a se sobrepor às nossas tendências naturais. Os mais dotados, física e intelectualmente, passaram a exercer funções de liderança. Das suas mentes surgiram as regras, as leis, que deveriam ser seguidas pelo grupo. As transgressões aos interesses dos líderes, ou do grupo como um todo, passaram a estar

sujeitas a punições. Enfim, tudo passou a ser muito parecido com o que presenciamos até hoje. Os avanços tecnológicos modificaram muito o visual do nosso planeta, mas as regras da vida em grupo pouco se alteraram na sua essência.

Se a iniciativa de acasalamento e, portanto, de todo o processo que culminou com a vida em grupo, partiu do homem, e não da mulher, pode-se supor que partiram dele todas as outras iniciativas e suas conseqüências psicológicas. Não creio que as coisas tivessem sido exatamente assim. Certos processos escapam do controle de quem os propõe. Ganham vida própria e podem chegar a resultados bastante diversos daqueles que estavam presentes na mente de quem os criou. Nossa época é rica de exemplos deste tipo. Duvido que quem inventou o avião supôs sua utilização militar. Não creio que quem construiu a primeira televisão sabia das conseqüências de sua descoberta.

Vejamos inicialmente o que aconteceu no que diz respeito à questão do amor, para depois nos dedicarmos às mudanças que a vida social determinou sobre nossa sexualidade. Amor e sexo sempre foram tratados por mim como impulsos autônomos, independentes. Sexo é a sensação de excitação derivada da estimulação de certas partes do corpo; a estimulação pode se dar individualmente ou através da troca de carícias com outro parceiro – de sexo oposto ou do mesmo sexo. Amor é a sensação de paz e aconchego que sentimos quando nos sentimos próximos, física ou espiritualmente, de alguém muito especial. O amor é uma espécie de nostalgia da simbiose uterina e do aconchego que sentimos nos primeiros tempos de convívio com a figura da mãe. A importância deste impulso na nossa vida adulta é variável e depende muito da nossa história pessoal. A importância da sexualidade é mais constante e mais independente de nossas vivências infantis.

Acredito que com a estabilidade, até mesmo geográfica, que a vida em grupo nos proporcionou houve uma maior dedicação da mãe às suas crianças. Na medida em que ela não tinha mais que se desdobrar para buscar o alimento para si e seus filhos, podia se deliciar com este convívio; podia até mesmo brincar com as crianças. As crianças podiam também brincar entre si. Surgiu a figura do pai, inexistente na nossa fase selvagem. Rapidamente tudo ficou muito parecido com o que conhecemos hoje. As crianças passaram a ter vivências mais aconchegantes; passaram, portanto, a ter lembranças de como era gostoso ficar no colo da mãe; e também como é desagradável a sensação de desproteção e de desamparo que se pode ter quando se está longe dela. Passaram a sentir desejos – antes

desconhecidos – de reconstruir vínculos similares com outras criaturas, quando chegassem à época e à idade oportuna. É evidente também que o grupo haveria de regulamentar as ligações, sendo umas possíveis e outras impossíveis; isto, segundo códigos de interesse das lideranças ou de bom senso.

O desejo amoroso foi se tornando mais intenso do que era no início, na época da vida selvagem. Isto porque ele depende de quanto nos sentimos aconchegados nos primeiros tempos de nossas vidas; e este aconchego aumenta na medida em que a luta pela sobrevivência se torna menos dramática. Surge também uma sensação de aconchego derivada de nos sentirmos parte de um dado grupo, de compartilharmos hábitos similares, linguagem em comum, etc. Tudo o que nos provoca a sensação de aconchego tem a ver com o amor. Desta forma se cria uma outra manifestação de amor, antes inexistente: o amor ao grupo, o amor à pátria. Com a sofisticação do pensamento religioso, veio também o amor a Deus, pai e protetor de todos os homens. Estes aspectos sentimentais contribuem muito para a perpetuação da estabilidade do grupo. Garantem sua sustentação mesmo quando as razões práticas ligadas à sobrevivência se atenuam. Compõe-se assim, como subproduto do fenômeno amoroso, estimulada por uma relação mais próxima da mãe com os filhos, uma tendência gregária em nossa espécie.

Vale a pena mais uma vez insistir no fato de que os fenômenos amorosos são muito dependentes do modo como se desenvolve uma dada cultura e também cada pessoa. Desta forma, é possível que durante muitos séculos de vida grupal o núcleo familiar original não se esfacelasse com o crescimento dos filhos, e que os vínculos amorosos iniciais – parentes de todo o tipo – permanecessem como os mais importantes mesmo depois do casamento dos jovens. O aconchego vinha de várias fontes. Vinha da mãe, do pai, dos avós e tios, da comunidade mais unida e da fé religiosa em comum. O cônjuge era apenas mais um vínculo amoroso. Com a revolução industrial e a nova tendência para a migração agora para as cidades – o clã se esfacelou. Marido e mulher têm que se bastar, têm que se completar pela primeira vez. Surge o amor romântico, louvado em verso e prosa pelos escritores dos séculos XVIII e XIX. Sinais de forte tendência para o acoplamento de um homem e uma mulher como fonte básica de realização amorosa já existiam nos séculos anteriores. Mas o processo tomou corpo mesmo nos últimos 150 anos.

O aconchego é sensação forte e prazerosa. Sua falta provoca grande dor, a dor de nos sentirmos desamparados, desprotegidos. Se percebemos que perdemos em aconchego quando desapontamos a figura materna, obedecê-la passa a ser um procedimento necessário. E há tendências para a obediência mesmo quando a criança não concorda com o que lhe é pedido. De uma forma simplificada, podemos dizer que o que se ganhou em aconchego com o estabelecimento da vida em grupo se perdeu em liberdade. Liberdade se define como o direito de agir do modo como se acredita ser o mais adequado. Meninos e meninas perdem o direito de decidir sobre seus comportamentos e destinos. A preocupação em agradar a mãe, e através disto obter seus favores sentimentais, se sobrepõe ao desejo de se governar pelas próprias convicções. A partir de uma certa idade a preocupação de agradar se estende ao grupo todo, sempre a pretexto do mesmo medo: perda do aconchego, rejeição.

Na vida grupal que se estabeleceu com a finalidade de facilitar a luta pela sobrevivência, o fenômeno amoroso teve condições ótimas para se expressar de forma integral. A busca de aconchego passou a ser tão essencial quanto os alimentos e as comodidades práticas. Aliás, a reprovação materna – ou do grupo – determinava também represálias materiais, exatamente como hoje em dia. O homem se fixou à terra, se alimentou com mais facilidade, teve mais aconchego. Passou a ter líderes e a estar sujeito às suas leis. Passou a ter que obedecer às regras familiares e a ser fortemente ameaçado em caso de transgressão. Perdeu o direito de se definir por si mesmo e passou a ter que fazê-lo em função das expectativas que faziam dele. Isto aconteceu, é claro, para homens e mulheres. Aos poucos foram se definindo funções específicas para cada sexo e cada nova criatura tinha que se encaixar dentro delas. A grande punição para casos de desobediência passa a ser o desafeto. Represálias físicas e materiais são modestas perto da dor que a rejeição e o desamparo podem provocar em nós.

Os filhos, meninos e meninas, passam a depender da mãe e também da aprovação do pai. A mãe depende da aprovação do pai e este da dela - e ele depende também da aprovação de sua mãe, de seu pai e da comunidade. Imaginar que todos dependem apenas das regras que uns poucos homens - os mais fortes em qualquer sentido da palavra - construíram e que, portanto, o padrão social foi imposto segundo um código masculino é, a meu ver, um grande engano. De onde estes homens tiraram a inspiração para o

estabelecimento de suas leis? Qual o objetivo que buscavam? Como definiram o certo e o errado? Como inventaram os papéis masculino e feminino que substituíram o padrão unissex da fase selvagem, anterior à vida em grupo?

Estas perguntas nos empurram de um modo irremediável para a questão da sexualidade e para as inevitáveis consequências da sua regulamentação a partir do surgimento da vida em grupo. Desde sua primeira manifestação, ou seja, desde que o homem tomou para si uma mulher e impediu a aproximação física de outros homens apareceu um fato psicológico novo e de importância fundamental: desejos sexuais que não podiam ser realizados; mulheres despertavam desejos e estes não podiam ser satisfeitos. A subjetividade masculina teve que experimentar uma nova frustração. Mais tarde, com a organização grupal em suas formas mais sofisticadas, certas proibições e impedimentos físicos – definidos a partir da existência de um macho protetor – se introjetaram e se transformaram nas proibições incestuosas. Estas últimas tinham a ver com figuras femininas com as quais o homem estava unido por algum laço de parentesco. Proibições sexuais passaram a significar impedimento para o casamento, forma de se celebrar a aliança sólida e estável de um homem e uma mulher. Ainda há muitos mistérios a serem entendidos acerca da forma como se construíram as proibições incestuosas e qual o seu significado em cada cultura. Mas alguma regra proibitiva sempre existiu na vida em grupo, o que vale dizer que ela está a serviço da sua preservação. Se chegaram a se formar grupos que não construíram regras para definir as mulheres possíveis e as impossíveis, provavelmente se desagregaram em virtude das tensões internas muito intensas e não sobreviveram para que pudessemos saber como eles funcionavam.

De uma forma geral, cabe a afirmação de que o grupo social se estabeleceu a partir da cristalização das regras de conduta sexual e de matrimônio. Portanto, ele se fundamenta na existência de desejo sexual frustrado, que não pode se realizar. Tal desejo é fundamentalmente masculino devido ao fato da visão ser o órgão que o provoca com maior facilidade. Assim, a frustração por desejos não realizados é essencialmente masculina, ao menos numa primeira etapa. Não duvido que mulheres tivessem se frustrado ao se perceberem desejadas, isto é, tivessem se excitado por isso mesmo, e depois não puderam desfrutar do contato físico prazeroso. Mas tudo isto se dava simultaneamente, num contexto em que a condição feminina, ao menos do ponto de vista prático, melhorava. Ela podia se

dedicar com mais serenidade aos filhos; o homem trazia a alimentação para todos. Ela também se gratificava e se aconchegava no convívio com as crianças. Acredito também que a satisfação sexual feminina nas relações com os homens era muito duvidosa, pois não os imagino preocupados com o orgasmo delas. Desta forma, não perdiam tanto. Só o se saberem desejadas já lhes provocava alguma satisfação.

Se a condição masculina durante a vida selvagem era melhor do que a da mulher, não creio que se possa falar o mesmo desta fase da vida em grupo. Acredito que as condições masculina e feminina eram equivalentes neste ponto da história. Acredito também que mais homens do que mulheres se rebelaram contra esta nova situação. Como foi mais difícil para eles a aceitação dos desejos sexuais não realizados, passaram a ter que montar estratégias para ver se conseguiam burlar as suas próprias leis. Para poderem tentar transgredir as proibições, para poderem se aproximar sexualmente de mulheres proibidas e que não lhes pertenciam, tinham que contar com a anuência delas. É a partir daí que acredito que o fiel da balança se desequilibrou. É a partir daí que penso que os homens ficaram essencialmente submetidos à aprovação feminina e nunca mais puderam sequer pretender se definir de outra forma que não através do aplauso das mulheres. E este argumento vale principalmente para os homens mais poderosos, que provavelmente foram os mais revoltados. E foram estes mais poderosos os que fizeram as leis que regeram os grupos. Foram eles que definiram o certo e o errado, o justo e o injusto, assim como as regras práticas ligadas à distribuição do fruto do trabalho coletivo.

Numa fase da vida em grupo mais bem organizada, as questões práticas ligadas à sobrevivência física das mulheres estavam melhor resolvidas. Ou elas estavam casadas, tendo alguém para lhes trazer o sustento, ou ainda eram solteiras e estavam protegidas pelos seus pais. Isto significa que as razões de ordem material essenciais estariam fora do jogo de interesses que levaria uma mulher a se envolver com um homem proibido. Assim, aqueles homens que não suportassem a frustração de ter seus desejos sexuais por outras mulheres não realizados tinham que encontrar algum meio de se tornarem particularmente atraentes aos olhos delas. Tinha que despertar nelas um fascínio maior do que o medo de punições relacionado às transgressões das normas do grupo. Tinha que se tornar especiais. E principalmente tinham que se tornar especiais aos olhos das mulheres que eles cobiçavam,

que provavelmente eram as mais belas e as mais sensuais. Este problema acaba por se constituir numa das questões cruciais da psicologia masculina.

E o que poderia impressionar particularmente as mulheres? Certamente algumas características que fossem menos comuns em termos de posição dentro do grupo, tanto no sentido da liderança, como do direito a algumas facilidades materiais especiais. Seria injusto dizer que o homem buscou se destacar dentro do seu grupo apenas para impressionar às mulheres. Acredito que exista um prazer erótico forte em todos nós ligado ao exhibir-se, ao chamar a atenção e atrair olhares. A este tipo de prazer sensual podemos chamar de vaidade. A vaidade nos impulsiona na direção de nos destacarmos, mas não define a rota. A rota é definida pelo grupo no qual vivemos, pois o objetivo da vaidade é atrair olhares de admiração dos que nos rodeiam. A rota da vaidade feminina se define de uma forma biológica: a beleza e a sensualidade foram os ingredientes que chamaram a atenção dos homens e elas eram olhadas como criaturas especiais em virtude de possuírem estas características. A rota da vaidade masculina foi definida principalmente pelas mulheres mais belas, por aquelas que eles desejavam conquistar.

E vejam como a minha imaginação corre solta, chegando perto do delírio neste ponto fundamental da nossa história. Em um pacato grupo de algumas dezenas de famílias tudo aparentemente corre em paz. Os homens caçam e colhem o que podem dos arredores - ou de suas incipientes plantações. As mulheres cuidam das crianças, preparam a comida e põem ordem nas habitações. O chefe é um homem velho, já para morrer. Tem seus assessores e todos têm muito pouco a decidir. Um rapaz, particularmente forte, se casa, conforme as regras do grupo. Uma moça, particularmente bela, se casa também conforme as regras do grupo. O rapaz cobiça esta bela moça e ela não dá nenhum sinal de se interessar particularmente por ele – isto seria uma grave transgressão, sendo, pois, bem forte a repressão. O rapaz forte, num certo dia, consegue caçar um enorme animal. É recebido com muita alegria por todos. Percebe que a moça lhe deu um olhar um pouco diferente – isto porque o sucesso dele despertou a admiração dela; admiramos mais as propriedades que não temos; ela tem a beleza e admira a força dele. O rapaz se entusiasma e seus sonhos de um dia poder chegar perto dela se ativam.

A partir daí ele não sai mais apenas para caçar. Sai para caçar animais enormes. Se possível o maior animal que já tenha sido caçado. Tratará de impressionar cada vez mais a

bela moça. É evidente que desperta também a admiração das outras mulheres e dos outros homens. Isto lhe agrada mas, ao menos inicialmente, é irrelevante perto do interesse que ele tem de impressionar a moça. É evidente também que sua inteligência se ativa, pois ele tem um problema novo a resolver: como caçar animais cada vez maiores. É bem provável que estímulos deste tipo tenham sido os grandes motivadores de muitas das importantes ações e descobertas do homem.

Quanto mais é capaz de receber olhares de admiração e simpatia por parte da moça, mais ele se convence de que está indo no caminho certo e de que um dia vai conseguir estar com ela, tocá-la, beijá-la, possuí-la. Este sonho o impulsiona para se destacar cada vez mais e o sinal de que está na rota certa é o sorriso dela. Se torna um dos assessores do velho chefe e ela sorri para ele com mais simpatia ainda. Morre o chefe. Ele luta, mata, faz de tudo para ser o novo chefe, quebrando a antiga ordem que garantia a liderança ao mais velho. Ela finalmente permite sua abordagem; aos olhos dela, ele se tornou tão forte que não há mais grandes ameaças em transgredir as regras do grupo. Ela o admira, o considera especial. Ele atingiu seu objetivo maior que era poder se aproximar dela. O objetivo inicial era este e não o de se tornar chefe. É evidente que depois se encanta com a liderança, pois isto atrai a admiração de todos. Atrai os olhares das outras mulheres belas, cuja abordagem se torna cada vez mais fácil.

Que aconteceria com este rapaz se a moça não se impressionasse com sua competência para caçar animais enormes? Provavelmente tentaria outros caminhos para chamar a atenção dela. Tenderia para ser um curandeiro, se isto a impressionasse. Pintaria seu corpo com cores extravagantes e diferentes para chamar a atenção dela. E assim por diante. Sua meta inicial era simples: realizar o sonho da aproximação sexual proibida. Exerceria sua inteligência, ativada cada vez mais pela necessidade de resolver o dilema criado pela existência de um desejo proibido. Ao exercer a inteligência de forma mais intensa, encontraria a solução buscada. Teria acesso à mulher desejada e também teria acumulado algum novo conhecimento. O prazer derivado da acumulação do conhecimento, assim como a capacidade de despertar a admiração de todos, é grande fator perpetuador desta tendência para o destaque, que se origina do desejo de se tornar especial para uma dada mulher. Mesmo quando o interesse pela mulher se atenua – a realização do desejo

costuma provocar esta resposta – estes outros fatores determinam a continuidade do padrão de comportamento.

E é desta forma que eu acredito que tenham sido construídos os valores de um dado grupo, especialmente os valores masculinos. Ser forte, ser inteligente, acumular poderes especiais, acumular bens materiais a mais, tudo isto passa a ser virtude. Estas passam a ser as virtudes masculinas. Ser dócil, justo, não lutar para ter posições especiais dentro do grupo passa a ser tratado como fraqueza, como incompetência. As virtudes despertam a admiração das mulheres especiais e também a do grupo como um todo. As incompetências impõem ao homem uma condição difícil, pois não será admirado por ninguém. Não terá acesso às outras mulheres, só à sua. Mesmo sua própria mulher, aos poucos, poderá passar a vê-lo como um "perdedor" e dar sinais de não achar muita graça nele; isto acontecerá mesmo se ele for uma criatura meiga, leal e cooperativa. Acontecimentos como os que envolveram este rapaz e esta moça influenciam todo o grupo. E mais do que isto, se transmitem de uma geração à outra. São os feitos e glórias das pessoas, que os velhos adoram contar para seus descendentes. De nossos avós ainda ouvimos coisas parecidas: o que os homens devem ser e fazer para cativar as belas mulheres; qual deve ser a conduta das moças para interessar aos "melhores" rapazes; quais as estratégias necessárias para se atingir os objetivos românticos e eróticos, posteriormente muito entrelaçados e inter-relacionados.

Definitivamente não creio que "virtudes" e "defeitos" tenham sido definidos de um modo mais sofisticado do que o descrito acima. Não creio também que se possa supor que as mulheres sejam mais ambiciosas do que os homens e que estes se transformaram em lutadores e competitivos por causa do desejo de impressioná-las. Impressioná-las significava fazer coisas diferentes das usuais; significava se destacar, se diferenciar da média de alguma forma. Em momentos posteriores as mulheres ficaram muito impressionadas por homens que desprezaram este jogo competitivo e se orientaram para a direção inversa. Sábios, poetas e intelectuais despojados de poder e de dinheiro também impressionaram às mulheres tanto quanto os reis e generais. Os hippies contestadores do consumismo, pobres e desocupados, encantaram a muitas das mais interessantes mulheres de sua geração. De todo o modo, o homem deverá sempre evoluir numa direção radical, pois quem fica no "meio-termo" não chama a atenção e não se destaca.

Também é fácil perceber como todos estes processos, ligados aos desejos sexuais masculinos que tentam se exercer apesar das regras que os proíbem, contribuem de uma forma decisiva para o agravamento das desigualdades sociais. Os mais fortes e mais inconformados com as proibições sexuais acharão um meio de se apropriar de uma fatia maior do bolo com a finalidade de atingir seus objetivos eróticos, numa primeira fase, e depois de satisfazer sua vaidade cada vez mais aguçada pelos reforços que recebe de todas as fontes. Não é sem lógica, pois, que alguns teóricos da psicologia neste século XX pensaram que a liberação sexual deveria ter como consequência uma diminuição da competitividade e orientaria o mundo numa rota mais igualitária. Sabemos que nada disto ocorreu; até pelo contrário, nossa época tende a ser mais conservadora em termos econômicos. Parece que o que se passou foi o inverso: mais homens tentaram atingir objetivos materiais ligados ao destaque para terem acesso às mulheres mais atraentes. Ao invés das coisas melhorarem do ponto de vista social, parece que pioraram. Acredito que uma certa evolução neste sentido depende essencialmente de uma melhor compreensão dos processos psicológicos a ser atingida pelos próprios homens; esta é a contribuição que pretendo dar com este livro.

É evidente, pois, que os homens não construíram o seu destino nem de uma forma racional, nem refletida e nem com autonomia em relação ao que supunham ser os geradores da admiração que as mulheres podiam sentir por eles. Não creio que tenham pensado no que fosse o melhor para si mesmos e ficaram totalmente submetidos ao que fosse mais impressionante aos olhos femininos. Isto sem falarmos dos aspectos sentimentais, onde agradar a mãe – e depois o grupo como um todo – era essencial. Agradar a mãe significava se comportar da forma mais valorizada pelo grupo, também por esta via existia uma forte tendência para a perpetuação das "virtudes" masculinas ao longo das gerações. As exigências que pesavam sobre os ombros femininos eram bastante menos dramáticas. Se esperava pouco das mulheres. Sua única forma de destaque era a beleza e isto não estava relacionado com tanto esforço. As tarefas essenciais eram masculinas. Inicialmente por causa da superioridade física. Depois em virtude do desejo masculino de se superar e se destacar para impressionar as mulheres. Mais tarde em decorrência da perpetuação destes padrões de comportamento incorporados aos usos e costumes do grupo ao longo de gerações. A partir de um certo ponto, parece que a vida sempre foi deste modo.

É como se tivesse sido assim desde o início dos tempos. O homem tem que ser forte, protetor, competitivo, vencedor. A mulher tem que ser dócil, bela, meiga, boa mãe. O homem lidera; faz o que faz para ser admirado pela sua mulher e seus filhos. Se faz um pouco a mais é para ser admirado pelo grupo como um todo. Se faz muito a mais é para impressionar a alguma mulher em especial e à qual ele não tem acesso a não ser com a anuência dela. A mulher obedece, faz as tarefas menores, admira o homem pelo o que ele faz. A mulher é tratada como criatura inferior, pois tudo o que é importante é feito pelos homens. Ela aceita esta condição, entre outras razões porque não tem escolha. A vida dela é menos grandiosa que a dele, mas é mais calma e menos tensa. Ele é o herói que chega à noite em casa cansado e ferido na guerra. Ela cuida dele. Ele se desgasta, vive tenso, morre mais cedo, mas é a figura importante. Ele é o superior e ela é a inferior. E isto passa a ser visto como uma lei "natural": é assim e pronto. Ninguém mais pensa sobre o assunto; ninguém mais critica. Encontrou-se um certo equilíbrio que, em virtude da sua durabilidade - milênios - tem que ser chamado de estável.

Dentro deste equilíbrio estável o masculino se define como o complemento do feminino e vice-versa. Não há criatividade alguma. Homens e mulheres têm que se comportar de acordo com o seu sexo, de acordo com o que lhes ensinaram serem as características "naturais" do seu sexo. Os papéis masculino e feminino se tornam absolutamente rígidos, com regras fixas para o vestuário, modo de andar, de falar, de cortar os cabelos, etc. O homem tem as maiores responsabilidades sociais e familiares. É tratado como ser superior à mulher por causa disto; é tratado assim pelas próprias mulheres. Sua vaidade fica alimentada pelas deferências que recebe, principalmente em casa. Por outro lado, é ele quem carrega o fardo maior. A mulher é a que reverencia, a que prestigia. Recebe a proteção material em troca; sua vaidade está ligada ao fato de ser atraente sexualmente e não se relaciona com nenhuma outra competência especial. Todos os grandes feitos, as grandes descobertas, as grandes criações artísticas, as grandes invenções, são feitos masculinos, frutos de uma "inteligência superior". Eu diria, fruto de uma inteligência fortemente ativada e estimulada pelo desejo de impressionar às belas mulheres e, mais tarde, a toda a comunidade. A vaidade masculina se dirigiu cada vez mais para sua intelectualidade, para sua razão. A vaidade feminina era essencialmente física.

Os feitos masculinos, todos no fundo dirigidos para impressionar as mulheres, despertaram muito intensamente a admiração feminina. Eu diria que despertaram a admiração ao ponto dela se transformar em inveja. É o sentimento que surge quando uma pessoa admira determinadas propriedades na outra e não se percebe em condições de também chegar aos mesmos resultados. É uma sensação de humilhação, de inferioridade que se transforma em desejo agressivo. É como se as peculiaridades do outro nos ofendessem, daí derivando uma reação também agressiva. Os homens, que tanto se empenharam em desenvolver suas competências para poderem se sentir valorizados e desejados pelas mulheres, tiveram que experimentar um inesperado problema: sutis e indiretas manifestações agressivas que não raras vezes determinam justamente a diminuição do interesse sexual das mulheres em relação a eles. É evidente que isto não é casual, POIS ao longo dos séculos as mulheres certamente perceberem o quanto os homens precisavam se sentir atraentes. E é justamente nesta direção que as agressividades derivadas da inveja poderiam mais magoá-los e feri-los.

Também me parece lógico que os homens, ao perceberem o quanto as mulheres passaram a admirar e valorizar seus feitos práticos e intelectuais – e a inveja não deixa de ser uma manifestação de admiração – reservaram para si o mundo do trabalho socialmente valorizado. Este passou a ser o seu território, o local onde ele é o forte. O poder econômico evidentemente não sairia de suas mãos, pois dele dependia sua boa posição em relação às mulheres. Se elas tivessem acesso direto a um rendimento digno e a uma posição social de prestígio por si mesmas, que "armas" restariam a eles? Elas, as desejadas; eles, os ricos e poderosos, Elas, as belas e atraentes. Eles, os mais dotados intelectualmente. Sustentaram este ponto de vista até há pouquíssimas décadas; e muitos os sustentam até hoje.

Que fizeram as mulheres? Trataram de se transformar em criaturas mais atraentes ainda. Sofisticaram sua aparência física; esconderam partes do corpo para depois mostrá-las como que por engano ou displicência. Aprenderam a gesticular, a andar, a falar e a se posicionar da forma a mais sensual possível. Noutras palavras, afiaram suas "armas". E a guerra entre os sexos, que foi discreta durante muitos séculos, eclodiu. Neste século se rompeu o equilíbrio de forças graças a vários fatores, todos eles ligados ao progresso técnico que experimentamos. O trabalho feminino fora de casa se tornou uma realidade. Os homens não puderam sustentar sua posição de superiores, de mais dotados

intelectualmente. O surgimento dos anticoncepcionais aumentou ainda mais a liberdade feminina, pois sua vida sexual se desvinculou do risco de gravidez e, portanto, do casamento. É a revolução dos oprimidos, dos que foram tratados injustamente como os inferiores por milênios.

Os homens, como ficaram? Perplexos. Não sabiam que tinham cometido crimes tão graves. Aliás, quem os cometeu estava muitas gerações para trás e quem era o objeto da revolta eram os que estavam aqui e que, diga-se de passagem, já eram bem mais respeitosos do que os seus ancestrais. Assistiram a esta revolta inicial. Assistiram ao crescimento da liberdade sexual feminina com grande esperança de que isto significasse finalmente a realização dos seus sonhos: ter acesso aos seus favores. Não havia mais as proibições. As mulheres passaram a se exibir com maior ousadia e sensualidade. Os maiôs passaram a ser mínimos. Todo o intuito era o delas se sentirem livres, se exibirem livremente, provocarem o desejo dos homens sem serem reprimidas em nada e por ninguém. Finalmente as mulheres não tinham mais que se submeter aos homens.

Não deixa de ser irônico constatarmos que o progresso tecnológico criado pelos homens com o intuito de impressionar as mulheres – e depois perpetuado por vários outros fatores autônomos, quais sejam, entre outros, a vaidade e os interesses econômicos – acaba por criar as condições para a independência feminina. Este resultado paradoxal, associado a muitas outras contradições, mostra que os homens não se guiaram por objetivos lógicos, racionais e que visassem o atingimento de metas muito definidas. Foram fazendo coisas, criando coisas, cada vez mais e mais sem saber exatamente aonde iriam chegar.

E chegamos, até certo ponto, a uma condição muito semelhante à da selva primitiva. Depois de milhares de anos nos quais a sobrevivência das mulheres e das crianças dependeu basicamente da vida conjugal, e portanto do sustento que derivava do trabalho masculino fora de casa, pode-se perfeitamente imaginar a vida e a sobrevivência das mulheres com autonomia. Elas sobreviveram – mal, é verdade sozinhas por muito tempo, até que os homens resolveram se acoplar a elas, dando início à vida em grupo. E a vida em grupo se sofisticou a tal ponto – graças ao avanço tecnológico – que elas puderam abrir mão do que parecia, aos olhos dos homens, uma condição muito confortável. Era confortável do ponto de vista prático, mas certamente não o era do ponto de vista psicológico e emocional. A liberdade de opinião e o direito de gerir o próprio destino vale

tanto quanto os confortos materiais ou mais. E mesmo os confortos materiais podem ser buscados pelas mulheres como fruto do seu trabalho individual. Não precisam mais se submeter aos homens.

A maior parte dos homens não se sente como opressor, como o vilão da história. Está certo que muitos reconhecem que abusaram de seus poderes, especialmente do poder econômico. Sempre que puderam humilharam as mulheres, fazendo com que elas se colocassem como pedintes de dinheiro, como se estivessem sempre abusando. Muitos abusaram da superioridade muscular e foram violentos com suas mulheres. Mas trabalharam, se dedicaram aos filhos, construíram confortos materiais para todos. Foram, como se diz, "bons pais" e "bons maridos"; não deixaram faltar nada em casa. Que mais querem as mulheres? Tratamento carinhoso, intimidades compartilhadas com sinceridade absoluta? Isto não vai ser possível, pois não acreditam que as mulheres tenham inteligência para isso. Preferem confidenciar com seus amigos. Não conseguem perceber na essência de seus comportamentos o forte ingrediente de inveja que têm das mulheres. A inveja apareceu junto com a vida em grupo, junto com o surgimento de desejos sexuais que não podiam se realizar sem a concordância das mulheres. Perceberam que as desejavam mais do que eram desejados e que teriam que se esforçar para que elas se interessassem por eles. Não estavam preparados para isto, pois na selva primitiva não tinham este problema. Usaram as "superioridades" que conseguiram acumular para humilhá-las. Seguindo por este caminho foram bem sucedidos e provocaram a inveja delas. Esta inveja feminina é secundária e de aparecimento posterior. A inveja original é a que o homem tem da mulher.

Na medida em que as mulheres se tornam independentes economicamente, a inveja que poderiam ter dos homens se atenua. Na medida em que são donas do seu destino, podem se expressar sexualmente da forma que bem lhes aprouver. Podem se exhibir livremente. E isto provoca forte desejo nos homens; a recíproca não é tão verdadeira assim, pois uma roupa decotada no corpo de um homem interessará a muito poucas mulheres. As mulheres conseguiram se apropriar das "armas" masculinas. Mas a "arma" feminina é biológica, impossível de ser tomada – apesar da forte tendência deste momento em se valorizar a beleza masculina, duvido que ela passe a "valer" o quanto "vale" a beleza feminina. A inveja masculina aparece com mais clareza e muitos são os homens que percebem sua desvantagem neste jogo. Muitos evoluem na direção homossexual, o que

corresponde a uma saída bastante lógica: o prazer nas trocas de carícias é equivalente e há igualdade de condições em termos de desejo.

Porém, a grande maioria tenta se destacar mais ainda no mundo do trabalho. Buscam, mais do que nunca, ganhar dinheiro e prestígio. Competem com violência máxima; agora também contra as mulheres. Tentam preservar sua "arma" tradicional; tentam se "armar" mais ainda com o objetivo de ficar em vantagem em relação às mulheres, mesmo em relação àquelas que estejam profissionalmente bem. Não conseguiram, até o momento, ter atitudes semelhantes às que assistimos por parte das mulheres, que estão tentando se emancipar, se construir com autonomia em relação aos homens, buscar seu próprio caminho, seu próprio destino.

É certo que este processo de encontro consigo mesmo é muito difícil, tanto para os homens como para as mulheres. Depois de milênios de dependências práticas, a independência é processo difícil. Somos animal de hábitos e parece que os hábitos se transferem de uma geração à outra mais do que podíamos imaginar. Foram necessárias algumas décadas para que os homens parassem de sentir como coisa estranha ter que preparar sua própria comida; e para que as mulheres pudessem achar natural trocar um pneu furado durante a noite. Que dizer então de nossas dependências emocionais? Milênios de aconchego, de ideia de união matrimonial "até que a morte os separe", de noção de família solidária, de filhos respeitosos, de patriarcas venerados, tudo isto terá que ir se alterando muito lentamente. Ao homem mais idoso sempre fará uma falta terrível a grande mesa da sala de jantar, ele sentado à cabeceira, com toda a família reunida ao seu redor.

Vivíamos sem amor, sem aconchego. Depois nos habituamos a ele, o que não foi difícil porque significou a ativação de uma tendência biológica para estes prazeres. Abrir mão disto é difícil; mesmo que não se trate de abrir mão completamente e sim do surgimento de novas formas de vínculos. Vivemos como nômades solitários um dia, mas hoje nos apavora a ideia de termos que passar certos períodos da vida em solidão. Solidão relativa, pois temos amigos, parentes, vizinhos. Temos entretenimento variado que não existia. Temos condições materiais ótimas se compararmos com nossa fase selvagem. Mas do ponto de vista sentimental ficamos mais fracos. Nossa capacidade para nos bastarmos é muito baixa. E eu ousaria dizer que a incompetência masculina para a vida solitária é bastante maior do que a feminina. É claro que em psicologia há muitas exceções, mas

parece que os homens ficaram mais dependentes emocionalmente das mulheres do que elas deles. Será por causa da importante experiência feminina ligada à maternidade? Pode ser. Ou se recuperam com maior dificuldade aqueles que se sentiram largados, traídos, que é como muitos homens se sentem, hoje em dia, em virtude da busca de autonomia a que as mulheres têm se dedicado?

Pode ser que a minha imaginação tenha me traído muito e que o que escrevi não tenha nada a ver com a verdadeira história da nossa espécie. Mas o texto fornece ao menos uma seqüência lógica de como as coisas poderiam ter sido desde os tempos primitivos até o nosso tempo. É indiscutível também que vivemos um período incrivelmente fascinante, onde mudanças essenciais estão ocorrendo, sendo que muito ainda está por acontecer. Se a nossa história é como uma espiral, creio que completamos a primeira grande volta. Em muitos aspectos, graças a tudo que fizemos e sofremos, estamos de volta às condições iniciais da nossa vida primitiva. Só que conseguimos modificar totalmente o planeta e, apesar dos exageros perigosos, fazer dele um "habitat" mais adequado para nossa espécie. Conseguimos duplicar nossa expectativa de vida nos últimos 150 anos, graças a fantásticos progressos no entendimento da nossa biologia. Temos conseguido avançar na compreensão de nossa subjetividade com enorme dificuldade; mas também aqui temos progredido.

Temos que nos desobrigar de muitos processos repressivos que nos foram necessários durante estes últimos milênios de modo a podermos novamente pensar nossas vidas em termos de liberdade. As mulheres já estão buscando o seu caminho. É hora de irmos atrás do nosso. Como as grandes restrições à liberdade durante os milênios da vida em grupo tinham a ver com a vida sexual, costumamos pensar nesta palavra sempre com uma forte conotação erótica. Sem desprezar em absoluto este aspecto, creio que é muito importante nos livrarmos também das concessões que sempre fizemos com o objetivo de sermos amados. Também temos que repensar os grandes esforços que fizemos para sermos admirados, inicialmente pelas mulheres, e depois pelo grupo como um todo; a admiração é o grande alimento da nossa vaidade que, sem dúvida alguma, ultrapassou as proporções razoáveis.

Temos que construir nossos próprios projetos de vida, aqueles que satisfarão a nós mesmos, à nossa integridade e à nossa inteligência. Para os homens a situação está bastante mais difícil do que para as mulheres, porque nesta nova "selva" uma das variáveis

fundamentais está invertida em relação à original: antes os homens tinham acesso sexual a todas as mulheres que lhes despertavam o desejo, ao passo que hoje cabe à mulher o direito de decidir sobre este assunto.

## II - NASCE UM MENINO

Agora basta de tentarmos adivinhar coisas sobre o nosso passado, sobre o modo como se construíram as regras e normas da vida social. Vamos ver qual a influência que este passado tem sobre a formação emocional de cada um de nós. É curioso pensarmos que nossa história pessoal reproduz, de alguma forma, a história da espécie sobre a Terra – ou, como se diz em termos técnicos, que a ontogênese reproduz a filogênese. O processo de educação transmite a cada um de nós as regras e os valores construídos pelos que nos antecederam. Há diferenças específicas de cada grupo cultural, mas tentarei abordar os aspectos mais gerais próprios do mundo ocidental.

Nascemos com o cérebro em condições de operar, mas vazio de informações. Permanecemos nesta condição por cerca de um ano, tempo indispensável para a maturação neurológica necessária para o aprendizado das funções motoras essenciais, principalmente termos condições de nos manter de pé e andar. Neste tempo não dominamos a linguagem, do mesmo modo que nossa espécie permaneceu sobre o planeta por milênios sem conseguir formular uma linguagem e transmiti-la a seus descendentes.

A partir da aquisição da linguagem, somos estimulados a aprender tudo aquilo que nossa cultura considera como importante. Somos estimulados na direção da independência prática, no sentido de aprendermos a nos alimentar por nossos meios – não buscar o alimento, é claro – e também a cuidar de nossa higiene e aparência física. Tudo isto é feito com grande dificuldade, pois o selvagem que existe dentro de cada um de nós não vê muito sentido nestas atividades. O processo se acelera durante os anos da vida escolar, onde nos põem a par de tudo o que de mais importante aconteceu na Terra antes da nossa chegada. Nos contam nossa história, nos ensinam as grandes aquisições na matemática, nas ciências, etc. É uma espécie de resumo dos capítulos da novela da vida da nossa espécie anteriores à nossa chegada. É este resumo que vai nos permitir acompanhar o que está se passando em torno de nós durante os anos de nossa estada na Terra. Sua função é, pois, essencial. É uma pena que a maior parte das pessoas só percebe isto depois que já é adulta.

De toda a forma, não é o nosso desenvolvimento racional o objetivo deste livro. Queremos mesmo é entender a subjetividade, o mundo interior e seus conflitos. Queremos entender um pouco melhor a vida interior dos homens. Estamos vivendo um período de

intensas e importantes transformações. O pilar da nossa estrutura emocional, ou seja, a família patriarcal, está abalado há cerca de 20 anos. Existem, portanto, adolescentes e adultos jovens que são filhos dos rebeldes dos anos 60. É possível que, em muitos aspectos, já tenham sido expostos a condições de educação novas e tenham, em virtude disto, algumas peculiaridades diferentes, algumas maneiras de ser pouco comuns nas pessoas de épocas anteriores. Confesso que minha experiência clínica não tem me dado indicações deste tipo; ainda não tenho visto diferenças muito marcantes entre os jovens de hoje e os da minha geração. Nós, pessoas que nos tornamos adultas antes dos anos 60, estivemos expostas aos mais tradicionais valores da família como ela vinha existindo por séculos. Se considerarmos a recente revolução de costumes como o verdadeiro início da nossa história, somos ainda animais pré-históricos. Somos fósseis.

Por mais que os hippies tenham nos fascinado, já estávamos formados nesta época. Sofremos sua influência, mas de uma forma bastante superficial. Mudamos nossa maneira de nos vestir – isto para os fins de semana, pois durante os dias de trabalho pouco mudamos – e de cortar os cabelos. Passamos a usar bolsa e sandálias. Para ousarmos transgredir nossas rígidas normas sexuais, experimentamos a maconha ou tivemos que beber um trago a mais. Nos esforçamos muito e o resultado foi uma forte tendência conservadora a partir dos anos 70. Não estávamos emocionalmente preparados para tanta mudança de costumes. Incorporamos alguns novos padrões. Inicialmente tivemos dificuldades com o fato de nossas esposas trabalharem fora de casa; depois, até que gostamos da ideia, apesar de, às vezes, nos sentirmos tratados com pouca importância em casa. Na educação de nossos filhos pudemos avançar um pouco mais do que em nossa própria vida; mas não tanto quanto nós – ou eles – gostariam. Por isso mesmo, eles ainda são muito parecidos conosco. Não vejo a nossa época como a mais rica em termos de conflito de gerações. Nós fomos mais "rebeldes" do que nossos filhos são.

Temos que escolher um certo padrão médio de história pessoal de vida masculina. Nossa narrativa tem que ter um personagem principal e ele não pode representar o tipo masculino mais avançado; ele não pode vir de uma família especialmente liberal e permissiva. Acredito que o padrão médio de educação e formação emocional dos filhos nas famílias nos dias de hoje corresponde mais ou menos ao que era o padrão nas famílias mais liberais e esclarecidas há 40 anos atrás. E isso me deixa numa condição bastante

confortável, pois qualquer dúvida poderá ser resolvida consultando minha própria subjetividade. Não estou dizendo com isto que vou escrever apenas a minha autobiografia. Sou um médico e me dedico à psicoterapia há mais de 20 anos. Trabalho muito e já atendi a mais de 6.000 pacientes. Estou contando a minha história e a história de todos eles. Esta experiência me permite discernir o que é relevante e ao mesmo tempo o que existe em comum em todas as nossas histórias. Ela nos permite ter certeza de que estou escrevendo também acerca da sua história, meu caro leitor – ou do seu marido, Pai e filhos, minha cara leitora.

A bem da verdade, a história de cada um de nós – homens e mulheres – se inicia antes mesmo de termos completado nossa diferenciação embriológica. Ela se inicia com nossos pais. Para ser preciso, se inicia no momento em que nossa mãe avisa nosso pai que ela está grávida. Há, em todo o homem, um momento de perplexidade. Ele fica estático, paralisado. Não sabe se reage com alegria ou tristeza. Foi ensinado a ficar alegre, pois ter filhos significa uma confirmação pública de sua virilidade e poder de reprodução. Aprendeu que deve ficar feliz porque, no passado, filhos significavam mais braços para o trabalho. Seriam sustentados por alguns anos – muitos dos quais eram amamentados – e depois retribuiriam muito mais sob a forma de trabalho, dedicação aos mais velhos, etc. Aprendeu dos filmes e da literatura que filhos são o "fruto" precioso do amor e por isso deve ficar feliz. Afora o que aprendeu, há também uma alegria genuína que deriva de se ver a vida perpetuada, a nossa vida perpetuada. Crianças trazem alegria para dentro do lar.

Juntamente com as alegrias reais e as que nos ensinaram aparecem também as preocupações. Como sustentar mais uma criatura? Agora é que não pode mesmo negligenciar no trabalho, pois não pode perdê-lo de forma alguma. É evidente que as preocupações maiores se relacionam com o nascimento do primeiro filho. Os outros já não colocam um novo problema; apenas complementam ou agravam o já existente. Filhos hoje significam muito mais dedicação a eles do que no passado. E, o que é mais importante, não há expectativa de retribuição. Hoje os filhos não crescem com a sensação de débito em relação aos pais. Estes é que se sentem no dever de provê-los da forma mais completa possível. Esta inversão, que aconteceu nas áreas urbanas ao longo deste século, torna a paternidade algo mais preocupante. É, sob um certo aspecto prático, um mau negócio: se dá de tudo e não se recebe nada em troca. Pode ser que haja retorno, sob a forma de carinho,

alegria e sob a forma de orgulho que os pais podem ter de se sentirem partícipes do belo crescimento dos seus filhos. Mas este retorno vai depender de como a criança se desenvolva. E todos sabemos que o meio familiar hoje conta menos no resultado final da educação dos filhos do que em qualquer outro período de nossa história. No mínimo, é um investimento – de dinheiro, de atenções, cuidados e carinho – de alto risco.

E quais são as razões para a tristeza ao se saber que vai ser pai? Qual a razão daquele horrível "frio na espinha" tão típico das péssimas notícias – quando somos informados da gravidez de nossas esposas? São várias, além das preocupações práticas e materiais que já citei. A primeira delas, especialmente no caso do primeiro filho, é a imediata sensação de perda da liberdade. As crianças são muito exigentes de atenção e cuidados; é muito difícil se locomover com elas, ao menos quando muito pequenas. Lá se vão os fins de semana na praia. Lá se vão os programas decididos de improviso; tudo terá que ser programado. Alguém terá que ficar cuidando do bebê. As avós terão disposição para isto? Cada vez menos. E mesmo quando o casal conseguir sair para passear sem a criança, ficarão em paz ou estarão, de alguma forma, sempre preocupados com o bem estar do bebê? Ele é tão frágil quando nasce e nos sentimos responsáveis por sua sobrevivência e bom crescimento. É bom que se pense que nossos anseios de liberdade cresceram muito, principalmente porque os progressos técnicos nos proporcionam muitas possibilidades de atividades atraentes fora de casa. Este problema não existia há 150 anos atrás, onde não havia luz elétrica, automóveis, cinemas, etc.

As noites de sono bem dormido e sem interrupções acabarão em breve. Depois, a criança terá pesadelos e virá se deitar entre o pai e a mãe. A privacidade, a intimidade do casal estará, pois, seriamente abalada. Nossa forma "adulta" de amar não é tão adulta assim, de modo que nos ressentimos brutalmente desta invasão, desta intromissão. Sabemos que a mãe vai se dedicar muito ao seu bebê; sabemos que nossa cota de atenções será diminuída em favor dele e isto nos maltrata. Nos faz sentir ciúmes; nos provoca sensações de rejeição desde já, quando ele ainda é um projeto dentro do útero da mãe. E a mulher está tão feliz com a ideia que isto provoca ainda mais nossa irritação. Afinal de contas, o que é que vamos ganhar com a chegada do bebê? No passado podíamos contar com sua ajuda prática, a partir do momento que crescesse um pouco. Nos respeitariam e nos reverenciariam e isto já era alguma paga. E hoje em dia? Só temos obrigações em relação a eles. E ainda por

cima tirarão de nós uma boa parte das atenções e carinhos da mulher. Visto por este ângulo, que é o que predomina na mente masculina depois de confirmada a notícia de sua paternidade, é incrível pensarmos como algumas pessoas ainda desejam ter filhos! É verdade que o número de pessoas que opta por não ter filhos é crescente e que, ao menos nos países industrializados, não há porque temer grandes problemas de superpopulação.

Não é o nosso tema discutir o significado atual da gestação para as mulheres. Porém, sabemos que elas também vivem conflitos em relação ao tema. Se, por um lado, gostam da ideia da maternidade como um gratificante processo que, para elas, representa uma vivência amorosa física, por outro lado, ela impede, mais do que para o homem, sua plena dedicação às atividades profissionais e intelectuais. A conciliação destas duas fortes tendências depende de soluções práticas ligadas aos cuidados com os bebês e que deverão ser providas pela comunidade. Do ponto de vista emocional, o significado da maior ausência da mãe durante os primeiros anos de formação das crianças ainda é uma incógnita. Só o tempo nos permitirá esta avaliação e só então poderemos formar juízos e ter posições a respeito. Opiniões precipitadas correm por conta dos velhos preconceitos que ainda nos perseguem.

Na grande maioria das mulheres, mesmo aquelas que tinham dúvidas acerca do seu desejo de ser mãe, a partir do momento em que o bebê começa a se mexer – por volta do 4.º mês de gravidez – a alegria e a plenitude derivadas da sensação de simbiose com o seu filho predomina como estado emocional até os últimos dias da gestação.

Nós, homens, não podemos entender com exatidão o que se passa com as mulheres. Podemos apenas perceber que se tornam mais calmas. Parece que estão em perfeita harmonia. Mesmo as mais irrequietas e irritadiças se apaziguam. Sentem muito sono, sentem fome e parecem muito mais bem dispostas do que em épocas "normais". Demonstram um estado de mais autonomia em relação aos seus maridos. Parecem menos preocupadas com o julgamento das pessoas. Mesmo as que não estão ocupadas e dedicadas a alguma atividade produtiva parecem sempre estar com o seu dever cumprido. Estão gerando uma criança, um novo ser humano. Estão se sentindo úteis, importantes, mesmo quando não estão fazendo nada. Parece que todos os seus conflitos e todos os seus sentimentos de inferioridade desapareceram. Sua auto-suficiência é evidente aos olhos dos homens.

É claro que o homem se sente totalmente rejeitado. Parece que sua importância emocional para a mulher diminuiu muito. Ela e o seu feto se completam e não precisam dele a não ser para coisas práticas. Do ponto de vista sentimental, se sente traído. É muito provável que sinta inveja da mulher pelo fato dela estar tão bem. Certamente sente ciúme do futuro filho, pois é ele o causador da sua posição incômoda. Desta forma, não acredito que as rivalidades próprias do chamado "complexo de Édipo" surjam depois de alguns anos de vida da criança. E muito menos que o processo se inicie por parte do filho, quando este percebe que ele e o pai disputam a mesma mulher. Esta ideia supõe que nós, adultos, temos uma maturidade sentimental maior e que apenas as crianças vão se ressentir da divisão dos afetos. Não corresponde aos fatos. O amor "adulto" é igualmente exigente, possessivo, exclusivista. Insisto também na ideia de que o "complexo de Édipo" não envolve, a não ser casualmente, o elemento sexual. Envolve apenas o fenômeno amoroso, cujo entendimento com absoluta independência do sexo é indispensável para que possamos avançar na compreensão da psicologia humana.

Não acredito que seja de grande eficácia a iniciativa de muitas mulheres de incluir o homem no processo de gestação. O homem pode tocar o ventre da esposa várias vezes por dia, pode beijá-lo, pode falar "bom-dia" para o bebê de manhã cedo. Nada disso o fará menos ciumento e nem se sentirá integrado neste mágico processo da reprodução. O fenômeno é dual: envolve apenas a mãe e o feto. O homem está inexoravelmente excluído deste elo amoroso e não poderá deixar de se ressentir. Seu ressentimento será maior se sua imaturidade sentimental for grande. Será máximo se estiver apaixonado, amando muito intensamente sua mulher. Neste estado, que é como se iniciam muito relacionamentos afetivos e onde não raramente surge a gravidez, existe uma natural regressão sentimental. É como se o homem e a mulher tivessem se encontrado e refeito a simbiose uterina de onde um dia foram expulsos. Os sinais da regressão durante os tempos de paixão são evidentes: o tratamento que um dispensa ao outro é sempre no diminutivo, agem como se fossem crianças, não podem ficar muito tempo sem se falar, sem ouvir do outro que ainda são amados, etc. É fácil imaginarmos o quão dramático pode ser para um homem o aparecimento de um rival justamente nesta hora. E qual a mulher que estará disposta a fazer o aborto de uma gravidez gerada com tanto amor? Nenhuma dentre as centenas que eu conheci.

Não é sem sentido pois, a afirmação de Platão – feita há quase 25 séculos – de que existe um certo antagonismo entre amor e reprodução. Os gregos resolveram o problema tendo esposas para fins reprodutivos e desenvolvendo fortes relacionamentos amorosos entre homens! Tem sua lógica, não podemos negar. Porém, se quisermos resolver os dois anseios com o mesmo parceiro, teremos que buscar um caminho mais sofisticado. Penso que o melhor seria que os casais apaixonados deixassem passar um tempo antes de pensarem em ter filhos. A paixão cede e as pessoas que vivenciam esta regressão amorosa de uma forma gratificante ressurgem dela de uma forma mais amadurecida. Provavelmente aí sim terão condições ideais para poderem receber a nova criança mais com amor do que com ciúme. Quando, no auge da paixão, os amantes pensam num filho como o coroamento da sua aliança amorosa, acho que cometem um grave erro. A reprodução, nesta hora, pode ser uma boa ideia mas, na prática, é um desastre. É parte dos mecanismos destrutivos do ser humano que costumo chamar de medo da felicidade. O amor nos faz tão felizes que tendemos para ter condutas que nos afastam deste estado. É o que pode provocar uma gravidez neste momento em que a simbiose terá que se dar entre o homem e a mulher e não entre ela e o feto.

Se entendermos a simbiose uterina como a manifestação básica da qual derivam todas as nossas tendências para o estabelecimento de outros vínculos amorosos, é fácil supormos que a mulher grávida experimenta grande sensação de aconchego, grande atenuação do seu desamparo. Talvez por isso se sinta tão bem durante este período. Ela se sente mais aconchegada até do que o bebê, pois este ainda não conheceu o desamparo. Também é compreensível a reação de tantas mulheres de passarem muito mal – do ponto de vista psicológico – depois do parto. Voltam à sua condição real de criaturas desamparadas. Reaparecem todos os conflitos que ficaram escondidos pelo aconchego sentimental. Portanto, não há paradoxo no fato de que os homens que mais amam suas mulheres sejam aqueles que mais se sintam abandonados e traídos pela gravidez. Isto também é verdadeiro para os mais imaturos, para aqueles que são mais filhos do que maridos.

Mesmo os maridos mais "amadurecidos" são uma mistura de pai e de filho. As esposas ora são mães, ora são filhas. Os tradicionais cuidados que presenciamos entre marido e mulher atestam isto o tempo todo. Assim sendo, do ponto de vista do "filho" quem vai nascer é um irmão! E parece que só os pais não percebem o quanto as crianças detestam

o nascimento de irmãos. Os homens mais equilibrados e maduros, ou seja, aqueles que toleram melhor frustrações e contrariedades, suportam com dignidade este período negro. A partir de um certo momento parece que começam a aceitar melhor a ideia de ter um filho. Para falar a verdade, sonham com a hipótese de ter uma filha. Já foram crianças e sabem que as mães tendem a se apegar mais aos filhos varões e que as filhas se achegam mais aos pais. Apesar de toda a propaganda que se faz em torno da preferência do pai por um filho – especialmente quando se trata do primogênito – a verdade é que isto não corresponde aos seus desejos mais íntimos. Era verdadeiro em épocas passadas, onde o filho representava uma força de trabalho maior. Mas hoje o sexo não significa mais nada nem mesmo no sentido de competência para gerir negócios de família – quando existem negócios de família.

Existe uma outra diferença fundamental entre os homens e esta certamente influi no modo como a ideia da paternidade é absorvida. Alguns adoram as crianças e se divertem muito brincando com elas. Outros não. Os que gostam de brincar com crianças sonham com seus filhos já mais velhos, rolando com eles pelo chão, levando-os para Disneyworld, para o futebol, para o cinema. Imaginam as delícias de ir com eles para a praia nas férias, de ensiná-los a esquiar na neve, etc. Os que não gostam destes programas e também não se vêem tão interessados neste convívio, porque se irritam com mais facilidade com o modo de ser das crianças, vêem com menos otimismo a chegada do filho. Não têm nos sonhos dos prazeres da paternidade o atenuador de seus ciúmes e da consciência de outras perdas. Vale ressaltar também que não fui capaz, até hoje, de entender e definir qual o tipo de homem que mais se entretém com as crianças. Definitivamente não há nenhuma relação entre maturidade emocional e capacidade de brincar com os filhos; também acho que o inverso não é verdadeiro: não são os mais imaturos os que mais gostam de criança.

Alguns homens se sentem tão desequilibrados e traídos pela mulher quando ficam sabendo que ela está grávida que não conseguem ter outra atitude senão se afastar dela. Alguns o fazem formalmente, mas esta não é a regra. A maior parte se envolve sentimentalmente com outra mulher e sustenta a situação triangular até depois do parto, quando depois se decide – não sem levar em conta o sexo da criança. Numa ocasião conheci um homem de negócios que vivia no Brasil há pouco tempo. Tinha vindo parar neste país em razão do seu trabalho, com sua mulher grávida. Pouco tempo depois dela dar

à luz um menino, ele se apaixonou perdidamente por uma brasileira. A mulher e o filho foram embora para o seu país de origem e ele ficou com a nova esposa. Pouco tempo depois ela lhe comunicou que estava grávida. Ele entrou em pânico e insistiu no aborto. Ela se negou terminantemente a fazê-lo. Ele, obrigado a freqüentes viagens por causa do trabalho, começou a ficar a maior parte do tempo fora de casa. Quando estava em casa, era rude e agressivo com a mulher – coisa que não acontecia em hipótese alguma durante o início do relacionamento dos dois e nem é do seu feitio usual. Nas suas viagens tentou de tudo, inclusive se reaproximar da primeira mulher – filho por filho, podia até ficar com ela! Acabou se envolvendo sentimentalmente com uma terceira pessoa, o que provocou enorme sofrimento e dor na sua segunda companheira. Finalmente nasceu a criança, uma linda menina com a cara do pai. Ele estava viajando na ocasião do parto e só veio a conhecer a menina algumas semanas depois. Passou a visitá-la com crescente regularidade. Se encantou com ela de um jeito que não tinha acontecido com o primeiro filho, talvez porque na verdade nunca havia deixado de amar esta que é a mãe da menina. Se empenhou o quanto pôde para refazer o relacionamento com esta mulher. Conseguiu. Até onde pude acompanhar a história, voltou a ser o homem amoroso apaixonado do início e não deixou de ser o pai dedicado a que tinha se proposto durante as conversas que antecederam a reconciliação conjugal.

Ser pai é algo muito diferente de ser mãe. Não existe a base biológica, não existe a simbiose física que une a mulher a sua prole. Ser pai é um papel culturalmente imposto, é parte do processo de acasalamento de onde derivou a vida em grupo. Assim sendo, durante a gravidez a mulher já está sendo mãe e o homem não está sendo pai. Ao contrário, teve sua função sentimental em relação à mãe diminuída pela simbiose dela com o feto. Suas fantasias e temores em relação ao nascimento da criança são, pois, os piores possíveis. É um período de pesadelo, que finalmente termina quando o bebê nasce.

Terminam os devaneios e começam os fatos, nem sempre tão ruins quanto se pôde imaginar. Aliás, nossa imaginação tem sempre a capacidade para exagerar. Exagera as coisas boas e também as más. Ao sonharmos com uma viagem como costumamos muito fazer imaginamos delícias que a realidade não confirmará; subestimamos problemas e dificuldades que certamente existirão. O inverso também é verdade. Quando imaginamos o sofrimento que teremos quando sabemos que temos que nos operar do coração,

ultrapassamos de longe as reais dores envolvidas nesta delicada cirurgia. Ainda bem que é assim. Voltando ao nosso assunto, quanto mais o homem se preparou para a paternidade acreditando que esta condição ia ser péssima, maiores serão as suas surpresas positivas. Isto admitindo que nasça uma criança sadia e normal.

Nasce sadia, mas nasce um menino, pois este é o nosso tema agora. Alguns casais já sabiam há algumas semanas qual era o sexo das crianças – graças aos avanços da ultrassonografia – e isto apenas antecipa em algum tempo o impacto. Os pesadelos do pai, ligados ao fato de que está contribuindo para gerar um rival, se confirmaram. Porém o impacto emocional é incrivelmente menor do que quando ele recebeu a notícia da gravidez da mulher. O fato da criança nascer normal lhe provoca grande apaziguamento, talvez porque estava com remorsos por ter desejado que ela morresse. O fato da sua mulher estar passando bem lhe provoca grande alívio, pois estava preocupado também por ela. A criança, apesar do rosto "amassado", lhe parece bonita, ao menos é o que dizem os parentes e amigos, alegres com a chegada do novo ser.

Todos riem; só a criança chora. E nem poderia ser diferente. Ela estava toda aconchegada, protegida dentro do útero. De repente, todo o equilíbrio se rompe. Ela, que não tem experiência vital alguma senão a da harmonia, é obrigada a passar por um canal estreito, sentir dores, respirar, ouvir ruídos, sentir frio. Seu cérebro não tem meios de entender o evento. Mas já está operando, sentindo tudo. Tudo estava em paz e, de repente, o equilíbrio se rompeu. Talvez seja a mais traumática de todas as experiências de nossa vida. Algumas crianças ultrapassam razoavelmente bem este mau pedaço e, aos poucos, se apaziguam. Outras choram por cerca de um ano, implicando com tudo. Talvez exista uma diferença inata entre estas duas formas de reação; não é impossível que algumas crianças nasçam com maior tolerância à dor e a contrariedades do que outra. Não há dúvidas de que as mais tolerantes viverão melhor; uma vez que várias outras dificuldades estarão por vir ao longo da vida.

Do ponto de vista do pai, o nascimento do filho representa um alívio. O "inimigo" está à vista. Está fora da mãe e não dentro dela. Ele pode participar um pouco mais do processo; pode tocá-lo, pode ajudar a cuidar dele. Reconhece naquela criatura frágil alguns traços que são muito seus os dedos, o nariz, a cor dos olhos – e isto o encanta, apesar de ser também um pouco constrangedor num primeiro momento. Aos poucos vai se afeiçoando a

ele. Tem a clara sensação de que exagerou nos seus temores. Assistir sua mulher a cuidar dele, a amamentá-lo, não provoca tantos ciúmes quanto supôs que ia acontecer. Ver a casa girar em torno do menino só o incomoda às vezes, pois ele também está fascinado com o bebê. Supondo que seja este o primeiro filho, é provável que a sogra esteja em casa para ajudar a filha, ainda muito insegura e incompetente para as novas funções. É possível também que a sogra o incomode mais do que o filho.

A principal característica psicológica da criança durante o primeiro ano de vida é a sensação de desamparo e desproteção – que provoca reações de desespero – quando se percebe longe da mãe ou de outras figuras que a substituem. Esta substituição da mãe por outra pessoa funciona de um modo apenas razoável, pois para a criança a simbiose não se rompe totalmente com o parto. Ela ainda se sente como parte da mãe por vários meses. Sente o seu cheiro e a reconhece por vários meios sensoriais. Sua presença protetora, o aconchego físico com ela principalmente durante a amamentação, corresponde à máxima atenuação da dolorosa sensação de desamparo. No colo da mãe ela se sente em paz; a situação é similar à sensação de harmonia vivida dentro do útero. Além de resolver suas necessidades práticas ligadas à sobrevivência, o aconchego físico com a mãe é o grande prazer dos primeiros tempos de vida. Este prazer derivado da sensação de paz – atenuadora do desamparo que se sente junto à mãe é o que chamo de amor. Há prazer sim, mas não prazer sexual. É um prazer especial, que deriva da atenuação de uma dor muito forte. A dor se atenua com a presença de uma pessoa muito especial, a mãe. As manifestações de amor adulto correspondem a sensações idênticas. Só que a pessoa muito especial deixa de ser a mãe; é alguém que a substitui neste papel. É uma pessoa qualquer, inicialmente neutra que, de repente, se transforma em especial, única, insubstituível. Todos conhecemos esta mágica do amor "adulto", que transforma em especial uma pessoa antes neutra; este fenômeno não existiria se não tivesse existido uma forma de prazer muito gratificante durante os primeiros tempos de nossa vida.

O menino vai crescendo, podendo sustentar a cabeça, ficar sentado, engatinhar. Sons podem ser reconhecidos isto graças à repetição de seu surgimento – e alguns aparecem como agradáveis; outros são desagradáveis. Objetos e pessoas passam a ser reconhecidos; entre estas, o pai. O menino sorri para ele e isto o gratifica muito. Gosta dele cada vez mais. Continua incomodado com a presença envolvente deste novo ser, com as

atenções que ele lhe roubou; mas gosta dele, acha graça em acompanhar o seu desenvolvimento. Sente ciúmes, é claro; mas sente também muita ternura. Gosta de ajudar a cuidar dele, mas em geral se enjoa muito rapidamente disto. Gosta mais da ideia de estar ajudando do que das tarefas em si. De vez em quando acorda de noite para ajudar sua mulher e não acha isto tão ruim e difícil assim. Se sente menos ameaçado, isto muito em consequência da atitude da sua mulher de não deixar de dar continuidade à cumplicidade e às intimidades físicas e intelectuais de modo idêntico ao que tinham antes do nascimento do filho. É evidente que o ciúme do homem dependerá muito do modo como sua mulher agir. Se ela se afastar muito dele e se dedicar demais à criança, os ciúmes serão máximos e o pai terá uma atitude mais negativa, mais hostil, em relação ao filho. Mais uma vez cabe colocar que nossa forma adulta de amar é absolutamente infantil, de modo que cuidados deste tipo são indispensáveis para quem não quer magoar demais o marido.

Aos poucos o menino vai se percebendo como um ser autônomo da mãe. Vai se reconhecendo como uma criatura, com contornos próprios. Começa a distinguir entre o Eu e O mundo exterior, e a mãe passa a fazer parte deste último. Surgem curiosidades na direção do conhecimento do Eu. Pesquisa sua mão, seu pé e pernas. Descobre a região do pênis e a do ânus. E nesta região descobre uma sensação que vai ser essencial ao longo de sua vida: descobre a excitação sexual. Descobre sozinho. Descobre, pois, o sexo como sensação pessoal e não interpessoal – o amor é sempre vivido como interpessoal, pois depende da presença da mãe. Percebe que quando suas mãos tocam estas zonas surge um arrepio, uma tensão, extremamente prazerosa e é a isso que chamamos de excitação sexual. É uma tensão, um desequilíbrio físico, mas sentido como muito agradável. E isto o distingue dos outros desequilíbrios físicos – fome, sede, frio, etc. – que são sempre desagradáveis. Os desequilíbrios desagradáveis provocam prazer quando desaparecem. O sexo provoca prazer quando surge o desequilíbrio.

Se não houver interferência repressiva por parte dos adultos, haverá uma tendência do menino para voltar a "brincar" com suas zonas erógenas ao longo de toda a infância. Em alguns períodos o interesse crescerá e em outros praticamente desaparecerá. O prazer sexual é apenas uma das coisas que chama a atenção da criança no processo de conhecer a si mesma e ao mundo que a cerca. São tantos os estímulos – especialmente hoje em dia – que nem há tempo para grande dedicação ao tema sexual durante os primeiros anos da

infância. É evidente também que a repressão familiar ajudava a chamar a atenção da criança para a questão da sexualidade, pois era a primeira grande interferência incompreensível dos adultos na sua vida. Felizmente temos nos livrado, enquanto adultos e pais, deste pânico relacionado com a vida sexual de nossos filhos. De outros pânicos, Por exemplo, o pavor que temos de que nosso filho evolua na direção homossexual, ainda estamos longe de nos livrar.

A partir do segundo ano de vida, até o início da vida escolar – não estou me referindo a freqüentar pré-escolas sim ao processo efetivo de alfabetização – a criança cresce e neurologicamente amadurece no sentido de aprimorar a motricidade, aprende a falar, a se limpar, se alimentar. Conhece e reconhece o mundo à sua volta; se familiariza com brinquedos, e também com outras crianças. Surgem as primeiras brincadeiras, os primeiros jogos. Os parceiros para os jogos são ainda muito indiscriminados. Especiais são apenas a mãe e eventualmente o pai e mais alguns parentes. Amigos, no sentido de pessoas especiais em quem confiamos, surgirão nas nossas vidas no período que antecede a adolescência. Durante o processo de conhecimento do mundo que o cerca, e também do que está distante mas que chega a ele pela televisão, o menino percebe com clareza que existem duas classes de pessoas: os homens e as mulheres.

Não se trata de um período de curiosidade sexual no sentido erótico. Esta levou o menino, antes do fim do primeiro ano de vida, a se encantar com suas zonas erógenas. Este prazer ligado ao sentir a excitação sexual veio junto com o processo de se reconhecer como ser autônomo. Veio, portanto, associado às primeiras tendências para a individuação, para se perceber como independente. Esta é, aliás, outra diferença entre os fenômenos amoroso e sexual: o amor é parte do esforço de não se individuar, de permanecer em simbiose, ao passo que o sexo é prazer descoberto durante o processo de auto-conhecimento. Amor é paz, é interpessoal e é simbiótico. Sexo é excitação, é pessoal e está associado à independência. Assim são as manifestações, antagônicas em essência, destes dois tipos de prazer durante nosso período infantil.

O que se passa é uma constatação bastante mais complexa e difícil de entender. Existem as criaturas com pênis, que são os homens. Existem as que não o possuem e que são as mulheres. Entre os adultos o pênis é maior e cercado de pêlos. Nas mulheres existem os pêlos mas não há nada visível no meio deles. Os meninos têm pênis menor e não têm

pêlos. As meninas não têm pêlos e parece que há um pequeno buraco na região onde deveria existir o pênis. Homens crescidos têm barba e falam com voz mais grossa. Mulheres adultas têm seios grandes e sua voz é mais delicada. Os homens são, como regra, mais altos e mais fortes. O pai é homem; a mãe é mulher. O menino é do mesmo sexo que o pai. Sua irmã, quando existe, é do mesmo sexo que a mãe. A linguagem que usamos e que o menino está aprendendo de modo intuitivo tem artigos que definem os sexos – isto nas línguas latinas – e sempre há pronomes diferentes para o masculino e o feminino. De repente, a constatação fantástica: existem duas classes de pessoas e existe um universo de propriedades peculiares a cada classe!

As mulheres usam vestido, camisetas decotadas, sapatos de salto alto, passam cremes e lápis com cores nos olhos, lábios e rosto. Andam de um modo mais delicado, movimentando mais os quadris; fazem movimentos mais suaves com as mãos. Cozinham, costuram, fazem malhas de tricô. Algumas trabalham fora de casa, outras não. Mesmo as que trabalham fora se dedicam também às tarefas da casa. Gostam de assistir certos programas de televisão, gostam de conversar com outras mulheres sobre certos assuntos que não interessam aos homens. Os homens usam calças, ternos e gravatas; só cuidam da barba e dos cabelos. Andam de um modo mais pesado, sem movimentar os quadris para nada além do necessário. São mais rudes com as mãos. Às vezes ajudam nos afazeres da casa, mas em geral se contrariam com isto. Trabalham fora, aparentemente chegam mais cansados em casa. Consertam o carro – quando sai toda a família no automóvel são eles que costumam dirigir – e outros equipamentos elétricos da casa. Gostam de esportes e se deleitam quando podem assistir a jogos pela televisão. Têm amigos com os quais conversam de assuntos que, em geral, não interessam às mulheres.

A perplexidade do menino é grande. Por que tantas diferenças? Só por causa do pênis? Afinal de contas, as diferenças físicas entre os homens e as mulheres não justificam tão drástica diferenciação de papéis, de atividades e de atitudes. E esta diferenciação é imposta às crianças desde muito cedo. O menino terá que seguir os passos do seu pai; como brinquedo, ganhará carros, bola e outras "coisas" masculinas. A menina vai ganhar boneca, roupas coloridas, etc. Se o menino não demonstrar clara disposição de se identificar com todas estas "coisas masculinas" e, ao contrário, demonstrar mais interesse por tarefas ou divertimentos femininos, será imediatamente encaminhado a um psicólogo. Deve haver

algo de muito errado com ele! É curioso que a recíproca não seja tratada como verdadeira: a identificação da menina com "coisas masculinas" assusta muito menos às famílias; os adultos apenas acham que "esta fase vai passar".

Quer se queira reconhecer, quer não, até hoje o que se passa no seio da família é a ideia da superioridade masculina. O homem é tratado como o "chefe" da casa. Seu trabalho é tratado como a coisa mais importante para a sobrevivência da família – mesmo quando a mulher também trabalha fora e em atividade equivalente. O jantar é servido quando ele chega. As comidas são, com maior frequência, as do seu agrado. E assim por diante. É evidente que este tratamento dispensado ao homem dentro do lar já foi muito mais reverenciador e respeitoso do que é hoje; mas ainda há fortes resíduos destas atitudes, principalmente por parte das mulheres. Não que não sejam essenciais para o bem estar dos homens; mas as mulheres, por que elas ainda insistem em colocar o homem como chefe? Será isto uma necessidade delas? Ou estão tentando convencer seus filhos varões das vantagens da condição masculina e com isto impedir seu eventual desenvolvimento homossexual? Não sei, mas penso que é um pouco de cada uma destas coisas, e mais o fato de que temos grande tendência para repetirmos aquilo que assistimos durante os anos de nossa infância.

De todo o modo, tudo o que se tenta passar para o menino é que sua condição é de superioridade. Não sei se é assim que todos percebem as coisas. As crianças, por surpreendente que possa parecer, formam seus próprios juízos. Acho que quando se faz muito esforço para convencê-las de que uma determinada condição é boa, elas desconfiam da veracidade do que se está propondo. Estão acostumadas a ouvir discursos a favor justamente das verduras e outras comidas que elas mais odeiam. A única coisa da qual o menino se convence é que ter o pênis torna sua vida muito mais fácil quando sente vontade de urinar em condições objetivas pouco favoráveis. Afora isto, em nada mais o favorece. Ele tem que se comportar dentro dos limites estreitos da condição masculina. Percebe que as meninas podem viver as atitudes femininas e podem passar mais livremente para o domínio do masculino. As vantagens podem estar no plano do que é dito; na prática é que não estão. Se o menino é o primeiro filho, surgem os irmãos e irmãs – hoje em dia em número cada vez menor. Senão, já os possui, mas é com o passar dos meses e anos que eles passam a representar um papel importante do ponto de vista emocional. Se é o primeiro

filho, detesta o fato de sua mãe ficar grávida. Detesta a ideia de ter que compartilhar sua afeição. E manifesta isto de forma clara e ostensiva. Se for o segundo, será a vítima da hostilidade do primeiro e, aos poucos, aprenderá a se defender e também a agredi-lo. Se o pai, supostamente mais bem acabado do ponto de vista emocional, não suporta bem o nascimento do filho, porque haveria este de gostar da ideia de uma outra criança chegar em sua casa? Estará perdendo uma boa parte das atenções e privilégios. Ganha um companheiro e um amigo? Só se for na mente dos pais. Na vida real até que isto de vez em quando acontece, especialmente depois que são adultos. Mas a freqüência deste acaso favorável não justificaria pessoa alguma a correr os riscos do resultado mais comum: irmãos são rivais e os sentimentos negativos predominam largamente sobre os da afeição.

Se o menino tem uma irmã, mais velha ou mais moça, ele terá uma boa oportunidade para constatar como o seu pai é bastante mais exigente e rigoroso com ele do que com ela. É claro que em psicologia há sempre um enorme número de exceções, mas a regra é desta forma. Se você é uma das exceções, sorte sua; saiba apreciar o seu privilégio; mas olhe à sua volta e perceba como são as coisas também com os outros. O menino tem que ser mais duro; tem que suportar melhor as dores quando se machuca; se possível não deve chorar com facilidade; se for provocado, deve partir para a briga; não deve ter muito medo de pessoas, nem de animais, nem de fantasmas. Afinal, os homens são uma classe de criaturas superiores e devem se comportar como tal. E quem é que quer ser superior aos 4 anos de idade? O pai é severo e exigente com o filho. Com a filha, é todo amoroso e permissivo. Ela pode fazer o que quiser. É da classe das pessoas inferiores, feita apenas para ser meiga e doce. Pode chorar, pode ter medo; pode tudo, pois "papai está aqui para te proteger".

Apesar de sabermos que a vida adulta não vai diferenciar tanto o destino dos homens e das mulheres, nós homens continuamos a sentir uma forte tendência permissiva e um afeto incondicional por nossas filhas, ao passo que por nossos filhos temos sentimentos de raiva com mais facilidade do que deveríamos. Será que tudo isto tem apenas o intuito pedagógico, nos dias de hoje totalmente superado, de preparar os meninos para uma vida adulta mais competitiva e mais árdua? Não acredito que tenha sido só esta a razão, mesmo quando era verdadeira a ideia da maior dureza da vida masculina. No que diz respeito a comportamentos mais meigos e delicados, pais e mães tendem a agir de modo repressivo com seus filhos devido ao pavor que têm de que se transformem em homossexuais. Aos

poucos tentarei demonstrar a vocês que este pavor é um dos fatores que mais contribui para uma educação muito diferente entre meninos e meninas, mesmo nos nossos dias. Mas no que diz respeito à exigência maior que os pais – e não as mães – têm em relação aos filhos homens, não importa qual seja o tema em questão, creio que temos que retomar a questão da rivalidade entre estas duas figuras. A mãe é mais tolerante com o filho do que com a filha, tratada com grande condescendência pelo pai. Quanto maior a condescendência deste, maior a implicância daquela. A mesma coisa acontece com o menino: mais o pai percebe que a mãe é mais tolerante com ele do que com a filha, mais fica claro para ele a preferência sentimental dela pelo menino. Isto estimula o seu ciúme e aumenta, de modo irracional, sua implicância com ele. É evidente que não vai dizer que é esta a razão; vai atribuir à necessidade de educar com mais rigor o filho, prepará-lo melhor para o futuro. Vai esconder seus ciúmes por trás deste bom argumento. Bom, mas falso. Pode até ser que, no passado, tenha acontecido o inverso: a verdadeira razão para uma educação mais rigorosa do menino tenha sido sempre o ciúme – e o pavor de sua homossexualidade – e que, no final das contas, os homens tenham sido criados de um modo mais duro e por isso mesmo tenham se tornado tão competitivos. De todo o modo, afora as facilidades do pênis para urinar e o fato de ser o favorito da mãe – apesar de se pagar por isso o alto preço de se ter o pai como rival – ainda não pude ver nenhuma outra vantagem em se ser menino em vez de menina: só se pode gravitar em torno das "coisas masculinas" e se é tratado com um rigor incrivelmente maior e com uma exigência, principalmente paterna, às vezes apavorante.

Meu pai era um homem bom. Teve por mim grande afeição – da qual a maior parte das vezes eu fui informado através de terceiros – e também fomos grandes rivais desde o primeiro dia. Foi rigoroso comigo, mesmo eu sendo filho único e mesmo tendo tido uma infância complicada pelos grandes distúrbios psíquicos de minha mãe. Eu cresci, me casei e tive filhos. Fui muito mais exigente com meu filho do que com minha filha. Me impacientava mais facilmente com ele do que com ela, muitas vezes sem ter tantos motivos assim. Meu pai, nas oportunidades que teve de presenciar meus gestos às vezes mais agressivos em relação ao menino, me censurava muito. Parece que havia esquecido que eu tinha sido educado da mesma forma por ele. Muitas vezes chamava o meu filho pelo meu nome. Tinha em relação a ele uma disposição e uma paciência que nunca teve em relação a

mim e nem com sua neta. Amou este menino da forma incondicional e desprendida que não foi capaz de amar o seu filho. Talvez o mesmo ainda aconteça comigo em relação aos meus netos!

## - É TEMPO DO MENINO IR À ESCOLA

Por favor, não deixem de dar a devida atenção e não deixem de refletir muito seriamente sobre o que se passa na alma dos meninos neste período que se inicia pelos 6 anos de idade e vai até o surgimento dos primeiros sinais da sexualidade adulta, lá pelos 13 anos. Não posso pretender esgotar todas as possibilidades e todos os temas da psicologia humana neste trabalho. Do mesmo modo que no capítulo anterior, vou me deter apenas nas questões essenciais. E, em particular, nos temas que são fundamentais para o entendimento de certas características da masculinidade. Sempre me refiro a um menino mediano, deixando as situações de exceção para breves relatos ou para outra oportunidade. O menino mais comum tem um pai amoroso, mas bastante rigoroso. Tem uma mãe que o ama de uma forma incondicional e é mais permissiva.

Esta mãe trata o pai como o "chefe" da família. O papel masculino é o mais valorizado, o mais prestigiado. Ao mesmo tempo, ser menino é também uma condição mais exigente e significa principalmente não poder se desviar do seu padrão sexual; significa não titubear e aprender desde cedo que os meninos não devem achar graça nenhuma em "coisa de menina". Esta fase, na qual os meninos vão para a escola e experimentam um grande avanço na sua capacidade de utilização do seu potencial intelectual e lógico, é crítica e difícil tanto no processo de socialização e convívio com outras crianças quanto nas alterações emocionais que se dão no seio da vida familiar. Vamos começar pela questão doméstica, que corresponde a um dos aspectos essenciais da teoria psicanalítica. Convém não subestimarmos a inteligência genial do Dr. Freud e nem o fato da psicanálise ter nascido, entre outras razões, da sua necessidade de entender melhor o que tinha se passado entre ele e o seu pai. O entendimento do chamado "complexo de Édipo" foi, a meu ver, grandemente prejudicado pela forma como Freud entendia o amor. Para ele não havia distinção nítida entre o prazer derivado do aconchego e o prazer erótico. O prazer amoroso corresponde àquilo que costumamos chamar de ternura. Na fase infantil é processo físico, do mesmo modo que o sexual. Mas me parece bastante fácil, ao menos hoje em dia, distinguirmos ternura de desejo sexual. Não deve ter sido assim no passado, de modo que nossos pais e avós não tinham o costume de ter manifestações físicas em relação aos seus filhos, principalmente os varões. Temiam que, com isto, estivessem transmitindo a eles

estímulos sexuais, homossexuais. Um beijo e um abraço podem significar coisas completamente diferentes, dependendo da intenção com que são feitos estes gestos. Isto na cabeça dos adultos, porque nas crianças sempre significaram ternura. O estímulo sexual infantil é auto-erótico e mesmo quando existem trocas de carícias entre duas crianças elas são, na maior parte dos casos, apenas imitação do que elas imaginam ser a conduta dos adultos. Desta forma, me parece muito esclarecedor tratarmos das complexas relações familiares apenas em termos amorosos; estímulos sexuais, quando existem, são secundários e de importância mínima se os compararmos com a importância do amor. Isto se pensarmos como as crianças sentem. Outrora os adultos supuseram que elas integravam estes dois impulsos, coisa que só acontece depois da puberdade.

Num casal que tenha um casal de filhos – que é a condição ideal para descrevermos o que se passa – a dinâmica já está bastante estabelecida quando as crianças chegam à idade escolar. O menino é o favorito da mãe, que o trata com maior condescendência. O pai ama o seu filho e também se ressentido da ligação da mãe com ele; principalmente por causa disto é bastante mais rígido e disciplinador; o menino percebe que há diferenças entre o modo da mãe amá-lo e o modo de amar do seu pai. A menina é a favorita do pai, que a trata com maior condescendência. Isto irrita a mãe que, ao mesmo tempo que a ama também tem hostilidades ciumentas em relação a ela, o que leva a uma irritabilidade maior com a filha e a uma implicância e exigência maior do que aquela que tem para com o filho. O menino tem ciúmes da irmã pelo fato dela ser amada de modo incondicional pelo pai. A menina tem ciúmes do irmão pelo fato dele ser amado de modo incondicional pela mãe. Irmãos brigam por todo o tipo de motivo tolo e os pais se posicionam em função de seus sentimentos: a mãe protege o filho e o pai, a filha. O casal briga com frequência a pretexto da educação dos filhos, sem perceberem que suas atitudes, em relação a cada filho, são extremadas, opostas e radicais. O que criticam no cônjuge a propósito de um filho fazem de modo idêntico com o outro filho. E assim as coisas caminham por muito tempo.

O menino, que é o nosso "herói" e a quem vamos nos dedicar com exclusividade, não consegue entender o que se passa. Ama a mãe de um modo intenso; nasceu do seu ventre. Tem um elo físico com ela. Sente sua falta. Se fica longe dela por muito tempo se ressentido. Isto acontece principalmente durante a noite, pois durante o dia está ocupadíssimo com seus afazeres e divertimentos. Aprendeu a amar e admirar o pai, que em certas horas é

muito legal com ele. Sabe que é da mesma "classe masculina" e que deve aprender com ele a ser homem. Se ressentido muito do fato dele não ser tão carinhoso e gentil como é com sua irmã. Não entende a razão deste tratamento tão diferente; não entende a razão da irritação e implicância maior com seus erros e suas artes. Tenta vários modos de ser para agradar o pai e para obter dele o mesmo afeto que a irmã tem e nada consegue. Pode tentar até ter atitudes "de mulher", mas isto então provoca reações piores ainda; sim, porque tem lógica o menino pensar que se ele fosse mulher seria amado pelo pai do modo que gostaria. Alguns, no secreto mundo interior que começa a se formar com a acumulação de conhecimentos feita pela razão, podem pensar mais a sério sobre esta hipótese e podem ficar muito infelizes pelo fato de terem nascido homens. Afinal de contas, o pai é o "chefe", o que decide as coisas. Todo mundo quer se sentir amado pelo chefe, pelo mais importante. E o tempo vai passando e o menino não consegue entender por que o pai o trata daquele jeito. As explicações dadas não o satisfazem. Ele admira cada vez mais o pai e quer sentir que ele o ama mais livremente, sem as restrições que sempre aparecem. Já tentou de tudo e nada modificou a situação. De repente, começa a fase dos pesadelos, isto lá pelos 6-7 anos de idade. O menino acorda em pânico, se lembra mal dos sonhos, e corre para a cama dos pais, para o abrigo seguro. Parece que em algum lugar da sua cabeça começa a se formar uma vaga ideia, uma vaga impressão de qual seja a raiz, do problema. É possível que a maioria dos meninos não chegue a formular com muito clareza o que ocorre, se bem que hoje em dia o fazem com maior facilidade. Mas se quisermos dar uma formulação mais adulta para a questão, diríamos simplesmente que o menino descobre que ele e o pai amam a mesma mulher!

Mas que situação complicada, totalmente inesperada! Era impossível ao homem das cavernas, ainda não capaz de sentir o amor como nós o vivenciamos, imaginar que tanto tumulto iria acontecer a partir do acoplamento a uma mulher. Definitivamente não imaginou que, ao se apegar aos filhos, ao assumir a paternidade pela primeira vez na história da nossa espécie, estaria construindo um dilema tão difícil de ser enfrentado. É possível que este conflito sentimental, em tudo similar às situações triangulares entre adultos, tenha se agravado na medida em que as condições de vida no planeta tenham melhorado. Ou seja, na medida em que as coisas práticas do cotidiano foram se tornando menos exigentes, os sentimentos foram se exaltando. Os homens se apegaram cada vez

mais às suas mulheres na medida em que o clã foi perdendo importância. E as mulheres foram se tornando mães cada vez mais dedicadas pelas mesmas melhoras das condições práticas e pelo maior apego à sua pequena família. É possível que este conflito triangular entre pai e filho tenha existido sempre, mas deve ter atingido o seu pico máximo de intensidade e de dramaticidade durante o século passado. Exatamente durante o período de formação de Freud, que considerou o complexo de Édipo como universal e como o núcleo da psicologia masculina.

Neste século XX, na sua primeira metade, assistimos a uma continuação dos fenômenos do século XIX e acredito que estes conflitos familiares possam ter se mantido no mesmo patamar de importância e intensidade. A partir dos anos 60, com o enorme número de casais divorciados, se iniciou um processo de ruptura da estabilidade da família cuja repercussão sobre estes fenômenos ainda terá que ser melhor compreendida. Apenas como exemplo, minha experiência profissional mostra que a rivalidade não se constrói forçosamente entre pai e filho. Quando uma mulher se divorcia e se casa com um outro homem, o filho terá todo o conflito em relação a este novo homem, seu verdadeiro rival em termos do amor da mãe. Com o pai terá uma relação mais amorosa e menos tensa. O inverso também é verdadeiro: o pai real hostilizará menos o menino quando divorciado e eventualmente casado com uma outra mulher; será mais hostil em relação ao filho da mulher que ele ama do que em relação ao seu filho. E o que é mais interessante é que, nestes casos onde o foco do ciúme não é o pai – ou o filho verdadeiro, existe um grau de consciência quase integral do que está se passando. Quando se trata de vínculos de parentesco real ainda hoje a tendência é para os conflitos serem menos conscientes. Talvez seja mais difícil ter raiva e ciúmes em relação ao próprio pai – ou ao próprio filho. Esta deve ser a razão pela qual, nos contos de fada, que falam de hostilidades similares entre a mãe e a filha, a menina é sempre hostilizada por uma madrasta e não pela mãe. É difícil fazer previsões acerca do futuro deste conflito chamado de Edipiano. Se pode supor, ao menos do ponto de vista teórico, que ele existirá enquanto duas pessoas amarem a mesma mulher. Existirá enquanto os homens adultos amarem do mesmo modo possessivo como amam as crianças. Existirá, portanto, enquanto não formos capazes de amadurecer emocionalmente a ponto de compartilhar, sem angústias, nossos objetos amorosos com outras pessoas.

Existirá, portanto, ainda por muito tempo. E acredito que a dedicação maior dos pais na formação de seus filhos aumenta os ingredientes sentimentais que os une, mas não atenua as hostilidades derivadas dos ciúmes. Acredito que a educação exageradamente protetora que algumas famílias devotam a seus filhos agrava este problema triangular o que já seria uma boa razão para não fazê-lo – além de tornar as crianças mal preparadas para a vida futura. Ou seja, por hora não há muito o que fazer a não ser tentar compreender e tratar de superar este obstáculo da forma a menos traumática possível. Nós, que nos tornamos adultos ainda sob as normas da família mais tradicional, temos dentro de nós o "vírus" do complexo de Édipo e o transferimos aos nossos filhos, que o transferirão aos seus filhos. Pois bem, voltemos ao nosso menino e à sua surpreendente constatação – ainda que muitas vezes não consciente em todos os seus termos. Se for razoavelmente crítico perceberá que não só o pai tem atitudes hostis em relação a ele, agressividades e exigências desnecessárias. Ele também não tem sido nada fácil. Tem provocado o pai mais do que o razoável. Tem provocado sua ira e sua agressividade para ser a vítima e depois sair chorando atrás do colo da mãe. Ela talvez se aborreça com o seu pai e isto o deixaria muito feliz! Percebe com clareza que ele também tem raiva do pai. Não se lembrará dos sonhos, mas em muitos deles o pai morre – o menino é o autor da trama do sonho e isto reflete um desejo seu. Acorda apavorado, pois também tem fortes sentimentos positivos em relação ao pai. Teme que seus sonhos se transformem em realidade. Isto o deixaria muito desprotegido e desamparado tanto em termos práticos como em termos sentimentais. Como é de costume, se transfere para a cama dos pais, se aconchega – no meio, entre os dois, é claro – se acalma e dorme tranqüilamente o resto da noite.

As hostilidades correm e fluem em ambas as direções. A tolerância do pai diminui por duas razões. A primeira deriva do fato de que o menino já está mais crescido e deveria respeitá-lo mais; deveria compreender sua posição de "chefe" e não questionar tanto – o que acontece é exatamente o contrário: o menino fica cada vez mais articulado e lógico e questiona cada vez com maior rigor e competência. Deveria se ocupar cada vez mais de sua independência e de suas responsabilidades e deixar de correr tanto para junto da mãe atrás de seus afagos. A segunda razão deriva do fato de que as atitudes de agressividade e revolta do menino tendem a crescer nesta fase dos 7 anos de idade; o pai, quando provocado, tende a reagir com violência crescente. O menino, mais consciente da situação, hostiliza o pai

mais diretamente. Adora provocar o seu ciúme. Sempre que pode se interpõe entre ele e a mãe. Busca atrair a atenção dela quando o casal está conversando ou se acariciando. Se é repellido, sai com cara de ofendido tentando, por este caminho – o da chantagem sentimental – provocar sentimentos de culpa na mãe e fazer com que ela abandone o pai e venha ao seu encontro. A disputa pelo amor da mãe agora é aberta e frontal. Volto a dizer que a melhor condição para observarmos esta "guerra" é justamente quando o marido da mãe não é o pai efetivo do menino. Nestes casos a situação para o homem – que, além de tudo, por não ser o pai verdadeiro, não dispõe da autoridade necessária para defender melhor seus direitos – pode se tornar tão insustentável a ponto dele preferir abandonar a mulher, mesmo quando a ama. Este é, de fato, o maior problema dos segundos casamentos – quando existem filhos do primeiro matrimônio. Somado aos outros conflitos e dilemas próprios de qualquer união entre homem e mulher, pode ser um fator de desagregação muito intenso e tornar esta nova tentativa conjugal ainda mais catastrófica do que a primeira. Sim, porque o casal está em pleno enlevo sentimental quando os filhos já são maiores e totalmente dispostos a hostilizar sem qualquer limite e censura. Quantos casamentos eu já não vi se arruinarem em virtude do posicionamento inadequado dos adultos, especialmente da mulher, diante desta situação!

Com o passar dos meses, a hostilidade do menino em relação ao pai tende a crescer ainda mais. Mas começa a surgir um medo. Começa a aumentar o medo de que o pai possa agir em represália. O pai é mais forte do que ele. Ele tem participado cada vez mais da vida entre os meninos na escola, nos esportes e na vizinhança. Sabe, portanto, que os homens tendem a resolver seus conflitos com violência; violência física. E se o pai decidir agir com energia contra ele? Se a razão do conflito entre eles deriva do fato de serem ambos homens e amarem a mesma mulher, será que ele ousaria agir contra o nosso símbolo de masculinidade? Seria ele capaz de castrar o próprio filho? Bem, registrei aqui a ideia de Freud de que a represália paterna seria a da castração, sendo este o grande temor dos meninos. Não gosto desta metáfora porque ela envolve outra vez a ideia de que o menino tem pela mãe um amor sexual equivalente àquele que o pai tem. Não acredito nisto; penso que amor e sexo na criança estão totalmente dissociados e que o eventual erotismo do menino nas aproximações físicas de ternura que tem com a mãe são irrelevantes para a psicologia infantil.

Pode ser que na cabeça do pai exista ciúme também relacionado com um suposto interesse sexual do menino pela mãe; mas se isto acontecer, será uma projeção de sua mente sobre a do menino que, deste ponto de vista, está inocente. Aliás, é ingênuo pensarmos que a maior expressão do ciúme vem da esfera sexual. Nos incomoda tanto, ou mais, percebermos a pessoa amada muito animada e encantada intelectualmente por alguém que não seja sexualmente ameaçante quanto percebê-la achando uma dada criatura sensual e atraente. Acredito mesmo que o ciúme tem origem no caráter possessivo e exclusivista do amor. Como vivemos esta emoção a dois, com alguém muito especial, queremos esta pessoa só para nós. Quando crescemos e o sexo se integra de modo essencial em nossa vida, incluímos este prazer com algo que também não queremos compartilhar.

E se passa mais algum tempo. O medo das represálias do pai cresce cada vez mais. E o que fazer agora? Aceitar que ele tem mais direito ao amor da mãe e se afastar dela? Parece que é isto que o pai deseja. Mas é uma dor muito grande esta que deriva de esvaziar sua relação com a mãe. Afinal de contas, nasceu do seu ventre. Sempre esteve com ela. As poucas noites que passou longe dela sentiu fortes saudades, sentiu-se tão desprotegido e abandonado como se ainda tivesse poucos meses de idade. Não vai conseguir. E se o pai morresse e a mãe fosse só sua? Não poderia suportar o remorso – neste momento da vida, muitos meninos já conhecem esta emoção – ou o medo derivado do desaparecimento do pai protetor. E como a mãe reagiria ao saber que ele é o causador – direto ou indireto – da morte do marido? Nada daria certo. Parece que não há solução a não ser continuar mais um pouco hostilizando o pai de dia e morrendo de medo de suas represálias de noite. Continuar mais um pouco se esforçando para ser forte e independente de dia, voltando a sentir enorme falta dos carinhos da mãe durante a noite.

Antes de chegarmos ao epílogo desta triste história de todos nós, temos que fazer algumas observações acerca do sentimento de culpa. O tema é essencial pois, juntamente com o modo como resolvermos o nosso conflito edipiano, definirá nossa competência – ou não – para continuarmos evoluindo emocionalmente. Com o desenvolvimento da razão, meninos e meninas podem, a partir dos 5-6 anos de idade, usar sua inteligência para além dos limites da sensopercepção direta. Em outras palavras, podem começar a imaginar, a supor, objetos, pessoas e situações. Podem, em sua mente "ver" e "ouvir" coisas que não estão acontecendo na realidade. Com isto estão em condições de iniciar uma série de

procedimentos psíquicos novos, totalmente independentes dos fatos atuais. É a partir deste desenvolvimento abstrato da razão que podem surgir os processos criativos. A criança pode imaginar um objeto que não existe. Depois poderá tentar desenhá-lo, passando para o papel aquilo que se passou no seu "canal privado de televisão". Poderá até construir um objeto similar àquele que imaginou; estará criando um objeto novo, que não existia.

Não seria exagerado supor, bem de acordo com o idealismo que governou o pensamento de Platão, que todos os objetos que conhecemos foram antes uma ideia na mente do seu criador. É evidente também que nossa mente não cria a partir do nada. É por isso que este processo abstrato de pensar só começa mais tardiamente: ele necessita da acumulação de uma boa quantidade de informações concretas e da apropriação de uma certa lógica no manejo das palavras e das imagens. Pode-se dizer, de modo simplificado, que nossos órgãos dos sentidos nos informam daquilo que realmente existe ao redor de nós; nós entendemos e relacionamos estes fatos acumulados e a isto corresponde a utilização concreta de nossa razão. A partir da acumulação de um certo conjunto de dados, a razão poderá começar a modificar aqueles dados que derivam da senso-percepção; estas modificações dão origem a novas ideias e a dedicação a elas corresponde à utilização abstrata de nossa razão. Abstrata porque aquelas ideias não correspondem a fatos. Correspondem a hipóteses, a puro pensamento. Se forem transformadas em novos objetos, voltamos a falar da razão concreta. O processo criativo parte do que já existe; modifica-o através da abstração; o novo objeto, fruto da abstração, quando realizado, volta a ser real. Talvez seja esta a razão pela qual nossas primeiras invenções como espécie tardaram tantos milênios para surgir. Elas tiveram que ser pura ideia ou modificações sobre o que a natureza havia criado espontaneamente. A partir da existência de uma grande variedade de objetos é incrivelmente mais fácil ter novas ideias; assim, depois de um período de difícil acumulação das primeiras concepções, nos últimos duzentos anos tivemos uma explosão de avanços e de novas concepções. Pois bem, esta crescente capacidade de imaginar coisas que não existem permite à criança, de repente, supor o que está se passando na mente de outras pessoas e animais. O processo é mais ou menos o seguinte: ela sai de dentro de si mesma e tenta imaginar como é que ela estaria se sentindo se estivesse posta na situação daquela outra pessoa ou animal. O que ela, através deste processo abstrato, sentir é o que ela achará que estará se passando com a outra criatura. Se a criança estiver dentro de casa

num dia de frio e chuva e, olhando pela janela, observar um cachorro passando pela rua, poderá sentir grande mal-estar e aflição. Ela se imagina na situação dele e imediatamente passa a supor – e sentir o que supõe – suas dores e desconfortes. Este exemplo é bom também para percebermos, desde o início, como são fáceis os enganos neste processo de identificação com o outro, neste processo chamado de empatia. O cão é bastante diferente organicamente da criança e imaginar as aflições que ela teria naquela situação não significa forçosamente que ela tenha chegado perto do que efetivamente está se passando com o animal.

A criança adora correr e brincar. Se ela vê uma pessoa aleijada, sentada numa cadeira de rodas, sente uma dor interna muito forte. Se põe no lugar daquela criatura e imagina que sua vida seria terrível se não fosse capaz de andar. É como se ela tivesse, em pensamento, abandonado o seu próprio corpo e tivesse entrado, por alguns instantes, no corpo daquele que está na cadeira de rodas. Sente grande tristeza, imagina que seja assim que o parálítico esteja se sentindo – o que pode ser verdadeiro ou não – e depois volta para o seu próprio corpo; sente grande alívio por si mesma e fica triste pela outra pessoa. Fica com pena dela, que é como chamamos a tristeza derivada do infortúnio, do sofrimento, da inferioridade de uma outra pessoa. É exatamente através desta utilização abstrata da razão, que nos permite imaginar a dor do outro, que pode se romper parcialmente nossa tendência inicial totalmente egocêntrica e egoísta. Enquanto vivemos apenas segundo as normas de nossa razão concreta, isto até os 5-6 anos de idade, não podemos deixar de nos reconhecer como o centro do universo. Nossos órgãos dos sentidos nos dão esta impressão. Tudo converge para nós. Tudo o que vemos e ouvimos nos faz supor que estamos no centro o tempo todo. E, deste ponto de vista, não há porque não desejarmos que tudo o que nos atrai e fascina nos pertença. É só partir do surgimento da nossa capacidade de imaginar que podemos supor o mundo interior das outras pessoas. É só a partir deste ponto que um menino, com uma bola numa mão e um saco de balas na outra, poderá ficar triste ao ver uma criança de sua idade pobre e pedindo esmolas. É só a partir daí que poderá surgir nele, a partir da pena que sente do outro, a tendência para doar algumas das suas balas e até mesmo emprestar a sua bola.

Talvez seja importante percebermos também que é apenas a partir daí que o menino pode perceber que o sentimento que o pai tem pela mãe é similar ao seu. Isto porque pode

se colocar no papel dele. Antes estava apenas interessado no seu sentimento e não tinha a menor ideia do que poderia estar se passando na subjetividade do seu pai. Agora pode imaginar e poderá até mesmo se sentir com culpa; ou seja, pode se sentir o causador da dor que ele supõe que o pai esteja sentindo. A pena é a tristeza que deriva de podermos supor o sofrimento do outro. A culpa é dor muito maior, porque deriva de supormos que, direta ou indiretamente, somos os causadores do sofrimento do outro. A culpa, do mesmo modo que a pena, está sujeita a importantes equívocos. Mesmo no caso que nos interessa mais, é duvidosa a culpa do filho. É verdade que o pai está sofrendo; é verdade que a razão de sua dor está ligada à rivalidade que sente com o filho, à disputa que existe entre eles pelo amor da mãe. Mas qual é a culpa efetiva do menino? A de ter nascido? E foi por vontade do menino que ele nasceu? Esta é a coisa mais terrível e mais trágica da questão do Édipo: não tem culpados, todo o mundo sofre muito e não há solução possível sem grande dor e sofrimento. Esta é a mais fascinante característica da tragédia grega donde Freud tirou o nome para este complexo de emoções e intrigas entre pai e filho: tenta-se evitar a profecia do oráculo em duas ocasiões; não adianta nada e a tragédia termina por acontecer apesar do empenho de todos para que ela não ocorresse.

Aquelas pessoas que, de nascença, são menos tolerantes à dor e a frustrações tendem a interromper esta tendência de se colocarem no lugar do outro. Este uso abstrato da razão provoca novas e fortes dores. Pena e culpa são sofrimentos muito grandes; às vezes, maiores do que as dores derivadas dos confrontos diretos com o mundo real e objetivo. Quando acontece esta interrupção, há uma tendência para a perpetuação do egoísmo original. Há tendência para a estagnação do processo psíquico neste ponto. É como se fosse um obstáculo que a pessoa não conseguiu ultrapassar e ficasse naquele estágio para sempre. Corresponde a um grande empobrecimento da utilização da razão e a uma grande limitação emocional. A estagnação neste ponto de desenvolvimento corresponde ao que tenho definido como narcisismo: um comportamento comum entre adultos que, nas horas cruciais, agem como se tivessem 7 anos de idade. Esta é a razão pela qual se deve insistir muito, do ponto de vista pedagógico, na superação destas limitações. Super-proteções que tendam a poupar as crianças de se habituarem a dores e sofrimentos são exatamente as condutas que mais devemos evitar.

As crianças que, de nascença, são mais tolerantes à dor e à frustração tendem a desenvolver melhor este aspecto abstrato da razão. Se colocam no lugar das outras pessoas e passam a ter mais de uma perspectiva para julgar as situações. Olham do seu ponto de vista, mas também vêem a questão do ângulo das outras pessoas. Dependendo de outros fatores – principalmente da forma como são elogiados quando têm atitudes onde abrem mão de suas coisas em favor de terceiros – tendem para desenvolver um padrão de conduta inverso ao do egoísmo. Passam a se comportar de uma forma que chamamos de generosidade. Abrem mão, com grande facilidade, do que é seu em favor de terceiros. E agem assim, mesmo quando a outra pessoa não tem mais direitos do que eles. Poderão se sentir muito gratificados, superiores, por serem pessoas tão dedicadas aos outros. Porém, do ponto de vista do que é a justiça, desequilibram a balança na direção oposta à do egoísmo. Acabam, na prática, sendo os que alimentam o egoísmo daquelas pessoas que tendem a querer tudo para si. Se tornam opostas e complementares dos egoístas, compondo uma aliança sutil e uma forte interdependência entre eles.

Poucas pessoas conseguem se posicionar numa condição de equidistância entre o egoísmo e a generosidade. Quase sempre tendemos mais do que devíamos para um destes dois extremos. O ponto intermediário é o da pessoa justa. Aquela que leva em consideração seus interesses do mesmo modo que se interessa pelos direitos dos outros. Algumas vezes decide um dilema a seu favor; outras vezes abre mão em favor do outro. Tudo dependendo de quem tenha mais direito efetivo. O interesse pessoal tem que ter tanto valor quanto a pena. Se um dos dois ingredientes for maior do que o outro a balança se desequilibra. Do mesmo modo que acho essencial combatermos o egoísmo das crianças, acho igualmente fundamental não estimularmos nem um pouco sua generosidade para além do ponto da justiça. Senão, sem nos apercebermos, estamos indiretamente estimulando o egoísmo. Não o egoísmo daquela criança, mas sim o de outras que conseguirão se aproveitar de sua "generosidade". Sem nenhuma concessão ao egoísmo e ao narcisismo – como têm feito alguns profissionais de psicologia nas últimas décadas – acho essencial fazermos uma revisão crítica da generosidade e não continuarmos a tratá-la como "virtude", como grande valor.

Podemos dizer também que só as crianças que persistem no processo abstrato desenvolvem um efetivo senso moral. Isto depende de podermos olhar um dilema por mais

de um ângulo e decidirmos depois qual deles tem mais sentido. Elas passam a se comportar de acordo com o que lhes parece mais razoável, mais justo. Terão as mesmas condutas mesmo se ninguém as estiver observando. Seus valores vão se tornando internos. Elas passam a se governar por sua "consciência". Se agem no sentido de fazer outra pessoa sofrer, sentem culpa. A culpa é dor muito grande, de modo que tende a funcionar como freio para atitudes e comportamentos que poderiam fazê-la aparecer. Desta forma, são freiadas "de dentro" e não podem mais agir em oposições às suas convicções. Só mudarão de conduta se mudarem efetivamente de ponto de vista, de opinião. São, pois, criaturas de comportamento estável, previsível. São pessoas confiáveis.

As pessoas que não conseguem continuar sua evolução racional no caminho da abstração – e que, infelizmente, correspondem a mais da metade da população – não desenvolvem um verdadeiro sentido moral. Aprendem, racionalmente, as regras que devem ser respeitadas no grupo social onde estão sendo criadas. Se comportam de acordo com elas desde que não ofendam os seus interesses pessoais, desde que não entrem em oposição ao seu egoísmo e à sua pouca competência para abrir mão daquilo que vá lhes provocar frustração. Se a frustração for muito grande, só se comportarão de acordo com as regras quando tiverem medo de represálias. Represálias externas, é claro; represálias concretas, que é o que domina o mundo interior destas pessoas. Não roubarão por medo de serem presas. Se não estiverem correndo este risco, se não estiverem sendo observadas, roubarão. Os desejos deste tipo não se freiam em virtude da culpa de estarem sendo os causadores de perdas para outra pessoa, pois o narcisista não se interessa pelo que vai na mente do outro. A única chance de freio é o temor de represálias externas, objetivas. Se a pessoa for religiosa, poderá temer também a represália divina. São pessoas cujas atitudes não se baseiam em nenhuma forte convicção; se baseiam em desejos e não em opiniões. Por isso mesmo, podem mudar de atitudes e de pontos de vista como se muda de roupa; tudo vai depender dos desejos e da existência ou não de riscos de represália. Não são pessoas confiáveis.

De posse destas informações acerca do fato de que pelos 6-7 anos de idade já começam a se descortinar os perfis dos dois tipos de pessoas mais comuns em nossos grupos sociais contemporâneos – os narcisistas e os generosos – e do que a culpa significa para os generosos e do que o medo de represálias significa para os narcisistas, penso que

podemos finalmente voltar para a tragédia edipiana e tratar do seu epílogo. É evidente que ao menino só resta uma saída, que é a de renunciar ao amor da mãe em favor do pai. Não tem escolha. Não pode ser de outra forma. Mas que dor terrível esta, a da nossa primeira grande frustração amorosa. Se trata de uma vivência marcante e inesquecível e que certamente influenciará todos os futuros envolvimento emocionais.

Aqueles meninos que tiveram competência para persistir na utilização abstrata da razão renunciarão porque não suportariam o remorso derivado de impor ao pai tamanho sofrimento. Preferirão suportar sua própria dor do que se sentirem os causadores de dor idêntica no pai. Não poderiam vivenciar com alegria e prazer seu romance com a mãe sabendo que isto seria vivido pelo pai como uma grande tragédia. Não poderiam se sentir felizes sabendo que esta sua satisfação pessoal está alicerçada no sofrimento do pai. Têm que se afastar da mãe, têm que partir em busca de sua vida pessoal. Se os pássaros crescem e têm que ir embora, voar por seus próprios meios, o mesmo terá que acontecer com eles. O pássaro parte sem dor e sem mágoas. Nós partimos com uma asa quebrada. Nos encaminhamos para a aceleração da nossa individuação e do nosso crescimento com grandes marcas, com grandes cicatrizes. Não partimos do zero e sim de uma condição negativa.

Aqueles meninos que não puderam desenvolver sua abstração porque não suportaram as dores correspondentes a ela renunciarão ao amor da mãe principalmente por temerem as represálias paternas. O pai é a importante figura de proteção e de segurança nas famílias convencionais e não é difícil imaginar como os filhos podem temer suas reações de violência e agressividade. Temem as represálias físicas e também as de natureza material – temem a perda dos seus privilégios, de seus brinquedos, de suas férias, etc. Não abrem mão do amor da mãe porque acham que o pai tem mais direito a ela. Abrem mão apenas porque temem as reações do pai. É importante ressaltar que aqueles meninos capazes de se colocar no lugar do pai e de sentirem culpas também têm medo das represálias que possam vir dele. Desenvolver a capacidade de refletir de um modo que podemos chamar de "moral" não significa desaparecimento dos medos. Significa que aos freios externos ligados ao medo se somam os freios internos ligados à culpa.

A verdade é que por medo, por culpa, ou por ambas as razões, os meninos esperneiam, se revoltam, tentam evitar o inexorável e depois acabam tendo que aceitar a

dolorosa ruptura amorosa com a mãe. É claro que ainda continuam ligados a ela, mas de uma forma mais amena, mais superficial e reservada. Ainda recorrem a ela por razões práticas e é evidente que o processo de afastamento é gradual e lento. Os processos não são diferentes quando a mãe está casada com outro homem que não o pai do menino. Apenas são mais evidentes as hostilidades, mais acirradas as disputas. O epílogo é o mesmo, até porque o menino percebe que este é o destino de todos os seus colegas. Aqueles que já se afastaram mais das mães passam a ridicularizar os que ainda são muito apegados a elas, e isto é também um forte estímulo para que se complete a renúncia. Não estou tratando aqui de situações de exceção, até porque não é este o propósito deste livro. É claro que há condições familiares diferentes, sendo a mais comum aquela em que a figura paterna está ausente. E isto pode acontecer porque a mãe se divorcia e não volta a se casar – e o pai efetivo não participa muito da vida cotidiana dos filhos, ou porque não quer ou porque não pode – ou porque o pai morreu e a mãe não voltou a se casar. Nesta situação existe uma tendência para o prolongamento do vínculo afetivo do menino com a mãe. A partir dos 8-9 anos de idade é ela quem começa a se preocupar com este fato e suas conseqüências – sempre o mesmo pavor: de que o filho cresça homossexual – e trata de empurrá-lo para o convívio dos amigos. Estes reforçam a tese da necessidade da independência do menino que, finalmente, renuncia à mãe certamente com menos dor e menos dramaticidade do que acontece na triangulação edipiana. Não deixa de ser triste percebermos que, não houvesse a terrível disputa entre pai e filho por volta dos 6-7 anos de idade deste, o epílogo seria idêntico e muito menos doloroso poucos anos depois. Sim, porque é evidente que o menino iria perceber sozinho que, por muitas razões, teria que se afastar da mãe. Situação emocional mais delicada acontece quando o pai morre – ou os pais se separam – exatamente no período da máxima rivalidade entre ele e o filho. Se, em plena "guerra", acontecer algo de concreto com o pai, é evidente que existirá enorme tendência no filho para se sentir culpado pelo acontecido. Nos de razão abstrata mais desenvolvida, é claro que os sentimentos de culpa serão de maior monta e trarão conseqüências mais dramáticas – inclusive com sinais externos de inadequação, como perturbação do sono, do apetite, do rendimento escolar, regressões, etc. Nas crianças onde predomina a razão concreta, a culpa será de menor intensidade, mas de alguma forma também existirá. A ausência do pai tenderia a prolongar o elo do menino com a mãe, ao passo que a culpa tenderia a determinar

a rápida renúncia. Não há condições para qualquer generalização nestas condições e em cada caso, devido a outras circunstâncias, a evolução é de um modo. É interessante que se perceba que o narcisista é aquele onde a abstração se interrompeu em virtude da dor que ela causa e não por alguma outra razão mais definitiva. Desta forma, o processo de se colocar no lugar do outro poderá ressurgir a qualquer momento. E se a situação já for de dor, se ela não puder se evitada em hipótese alguma, é provável que a abstração reapareça. Vale reafirmar também o inverso: pessoas predominantemente generosas, que se guiam por suas convicções e valores internalizados são também muito sensíveis às situações de medo, especialmente medo de represálias. Tudo é uma questão de grau: no generoso predomina a abstração e a tendência para abrir mão do que lhe pertence e no narcisista predomina a razão concreta e a tendência para o egoísmo. Quando estas duas tendências se equilibram, então estamos diante de uma pessoa justa. E como são poucas!

Tenho insistido em falar das questões relativas ao desenvolvimento moral e à internalização de valores através de processos do tipo pena e culpa de uma forma entremeada com a resolução do conflito edipiano para que fique mais clara a razão pela qual Freud estabeleceu o conceito de Super-Ego. E também para poder colocar minhas opiniões pessoais a respeito, que não são exatamente as aceitas pela psicanálise. Não há dúvidas de que o processo de introjeção de valores se dá no mesmo período em que o menino percebe a natureza do seu conflito com o pai. Ambos se dão em virtude da mesma evolução do processo racional, ao qual tenho chamado de desenvolvimento da capacidade abstrata da razão. Insisto em registrar de novo que a formação de um conjunto de valores no interior de nosso mundo psíquico – e que corresponderia ao Super-Ego – não se dá em todas as pessoas. Não existe no narcisista, que só muito superficialmente parece se comportar segundo um código interior. Na realidade, estas pessoas respeitam os códigos externos e apenas por medo de represálias externas.

É claro também que os códigos externos são muito semelhantes aos códigos internalizados pelas pessoas em uma mesma sociedade; isto porque são aquelas que têm código interno as que se ocuparão da elaboração das leis e se preocuparão em construir as normas práticas necessárias à vida em comum; é evidente que elas estarão de acordo com o que se passa dentro de suas próprias mentes. Também me parece mais do que evidente que o código de valores das pessoas que desenvolvem a abstração é sempre muito similar.

Poucas são as situações dúbias para aqueles que pensam em si mesmos e também nos direitos dos outros; poucos são os dilemas de ordem moral, pois na maior parte das vezes é fácil percebermos quem tem mais direitos a uma dada situação ou a um dado objeto. E quase todos concordam no estabelecimento das regras básicas da moral mesmo que não sofram a influência uns dos outros ou de códigos já estabelecidos. Tudo isto para afirmar que não me parece necessário atribuímos aos sentimentos de culpa do filho em relação ao pai a internalização de valores similares aos dele. Até porque os valores do pai são os mesmos do grupo social como um todo; e mais, se o menino construir, através da abstração, seus próprios valores, chegará a resultado muito parecido.

Porém, o que é indiscutível também é que, a partir da resolução do triângulo amoroso, o menino tende a se identificar de modo muito intenso com a figura do pai. Tende a imitá-lo e a querer agradá-lo. Não é impossível que introjete também alguns de seus valores de um modo pouco crítico. A introjeção de valores sem lógica e sem passarem pelo crivo da reflexão crítica corresponde à construção dos chamados preconceitos. Por processos sofisticados de reflexão ou por medo de represálias – o menino aprende a não matar, não roubar, não ferir os direitos dos outros. Por imitação e desejo de agradar ao pai – e também ao seu meio social – o menino aprende a ver certas raças como inferiores, a ter raiva de certos povos, a não gostar de certos times de futebol, a desprezar pessoas que se vestem de um modo extravagante, etc. Numa frase, os verdadeiros valores de ordem moral se construiriam de todo o modo; o que deriva da vontade de agradar o pai é a introjeção de seus valores mais superficiais, é a introjeção de seus preconceitos; desta forma, absurdos lógicos podem se transmitir com facilidade de uma geração para a outra e para a outra. No final das contas temos pessoas com verdadeiro sentido moral internalizado e que internalizaram também alguns dos preconceitos do pai, e pessoas que têm uma conduta moral superficial de respeito às regras por medo de represálias e onde também existem imitações superficiais e rígidas dos preconceitos do pai. O que é indiscutível é que a partir do fim do período edipiano – época que vai dos 6 aos 9 anos de idade do menino – surge uma forte tendência em todos no sentido de imitar a figura do pai.

E por que isto? Ainda por medo de suas reações agressivas, por medo que ainda não nos tenha perdoado pelo "crime" de termos amado sua esposa? Por que agora, superado o grande impasse que nos distanciava dele e determinava a hostilidade inevitável, podemos

pretender uma relação de amor com ele, podemos lutar para sermos finalmente amados por ele, fazendo tudo de acordo com as suas opiniões e convicções? Por culpa do "mal" que causamos a ele, culpa esta que exige agora a reparação e esta nos leva a idolatrar e imitar o pai para agradá-lo? Por que percebemos cada vez mais claramente que existem dois mundos, o masculino e o feminino, e temos que nos aproximar da figura do pai para estarmos de acordo com o padrão de conduta próprio do nosso mundo?

Como sempre, acredito que não temos que escolher uma entre estas possibilidades. Podemos perfeitamente supor que cada uma delas contribua um pouco para o estabelecimento deste comportamento. Para os meninos o pai passa a ser o herói, o ídolo. Papai sabe tudo, papai pode tudo. "Meu pai fez isto e aquilo; é mais capaz, mas valente do que o seu". "Meu pai vai me levar ao cinema; ele é melhor do que o seu". Há uma disputa entre os meninos para ver qual pai é mais importante, qual pai é mais amigo, mais companheiro. Não acredito que este processo agrade nem um pouco às mães, que parece que perderam o seu filho, agora só voltado para imitar o pai. Quando o marido é grosseiro e agressivo com ela, assim também se tornam muitos dos filhos. Imitam o pai em tudo, mesmo nos seus comportamentos inadequados e inconvenientes. Apesar da dor, as mulheres preferem assim, porque significa que o menino está no caminho da normalidade, ou seja, no caminho da heterossexualidade.

Acredito que, nesta idade dos 8-9 anos os meninos também já sabem que correm o enorme risco de não evoluírem espontânea e naturalmente para a heterossexualidade. O fantasma da homossexualidade passa a persegui-los também. Se isto até então era enorme preocupação dos pais, agora são eles mesmos que estão aflitos com sua masculinidade. E certamente esta é uma das fortes razões – de porte idêntico à culpa e desejo de reparação, ou ao desejo de ser amado pelo pai – para o menino tratar de imitar a figura do pai, a figura do homem que deu certo! Este tema nos leva para a questão seguinte na vida dos meninos, para uma condição na qual eles tentam se entender e se afirmar no relacionamento com os seus semelhantes.

O ambiente familiar vai perdendo gradativamente a importância, com exceção da vontade de se aproximar do pai e da inexorável rivalidade entre irmãos. Neste último aspecto, as brigas e disputas são máximas quando o irmão é também do sexo masculino. Antes disputavam o amor da mãe. Agora disputam o amor e a admiração do pai. Brigam o

tempo todo, pelos motivos os mais banais. Só se aproximam e conseguem se entender melhor na ausência dos pais. Aí parece que se sentem muito desamparados, condição na qual aparece a ternura que também os une, além do fato de buscarem proteção e aconchego um no outro. É claro também que nestas ocasiões estão ausentes as figuras que geram a rivalidade, coisa que predispõe ao surgimento do elemento afetivo.

Não será possível o entendimento do que se passa nesta fase, que se estenderá até o surgimento dos sinais da sexualidade adulta, se não fizermos uma breve menção ao outro.

O elemento erótico que começa a ganhar corpo em todos nós desde os 4-5 anos de idade, que é o prazer exibicionista. Se trata de uma sensação difusa de excitação sexual que deriva de chamar a atenção, atrair para si olhares. As suas primeiras manifestações, nos meninos, derivam de exibir o próprio pênis, já tratado como algo precioso a partir das constatações de existência dos dois sexos. O prazer de exibir o pênis deriva também, segundo acredito, do fato de que aprendemos desde cedo que temos que cobrir nossas zonas erógenas; desta forma, é agradável transgredir porque significa exibir algo de especial – o fato de ser proibido faz da exibição algo especial.

O prazer erótico de chamar a atenção e atrair olhares se estende, aos poucos, para as roupas que o menino usa, para seu relógio novo, para tudo o que é colocado sobre o seu corpo. A sensação de excitação é derivada da existência de observadores e é por isso que as crianças – sim, porque o prazer exibicionista é idêntico nas meninas – adoram mostrar tudo o que têm de novo. Não se apaziguam enquanto não recebem sinais de que estão sendo admirados e olhados de um modo especial pelo fato de estarem usando algum adorno novo. A sensação de excitação deste tipo é de duração efêmera; mais ou menos rapidamente nos habituamos ao fato de estarmos usando, por exemplo, um relógio novo e a partir daí apenas um outro objeto poderá nos provocar a sensação de sermos especiais, de estarmos sendo olhados de uma forma especial.

Este prazer sexual derivado de se exibir, chamar a atenção e atrair olhares corresponde ao ingrediente básico do que costumamos chamar de vaidade humana. Em suas manifestações iniciais está em direta relação com a exibição do corpo e seus adornos. Com o passar dos anos, o prazer exibicionista contamina todas as áreas de nossa existência e de nossa subjetividade, de modo que a vaidade será importante fator na forma como nos relacionamos com o trabalho, com os esportes, com a conquista sexual e econômica, na

maneira de pensarmos o amor e mesmo em nossas reflexões acerca da conduta moral. De todo o modo, o objetivo da vaidade é nos sentirmos especiais, únicos. É nos sentirmos destacados. É nos sentirmos admirados; é olharem para nós com sinais que indicam que ficaram particularmente bem impressionados com o fato de sermos de uma dada forma ou possuímos uma dada posição, ou um dado objeto.

Ser admirado é bastante diferente de ser amado, apesar de que ao longo da vida a confusão a respeito destas emoções só cresce. Ser admirado é ser visto como especial, como único, como superior. Ser amado é ser pessoa adequada para, através, por exemplo, da aproximação física, provocar a sensação de aconchego na outra pessoa; e isto, por si, independe da existência de fatores que provocam admiração. Uma das peculiaridades da nossa cultura – agora se alterando um pouco, mais lentamente do que se pensa – é permitir bastante mais liberdade para o exibicionismo físico das meninas do que dos meninos. No caso destes, outra vez, o pavor é que o prazer de chamar a atenção do ponto de vista físico desemboque na homossexualidade.

Parece inacreditável, mas não seria absurdo generalizarmos e afirmarmos que o padrão de masculinidade se construiu, não em oposição à feminilidade, mas com o intuito de impedir a homossexualidade! A masculinidade se constrói em oposição à homossexualidade e a feminilidade se constrói em oposição à masculinidade. Assim, é claro, pensaram os homens. E que forma mais torpe de refletir e de construir modelos. O homem é capaz de edificar obras monumentais e desenvolver teorias fascinantes. Mas no que diz respeito a si mesmo e à sua vida algumas vezes age e pensa de uma forma muito precária. Cabe realmente perguntarmos: tanto pavor da homossexualidade está, pelo menos, justificado? Veremos mais para adiante.

O uso de roupas mais extravagantes por parte dos homens é aquisição recentíssima e ainda assim a maior parte deles continua preferindo os trajes discretos e austeros que voltaram à moda nos últimos anos, depois de superada a fase "libertária" dos anos 60. Os meninos percebem, observando os pais e também os meninos mais velhos, que deverão encontrar outras formas de chamar a atenção, de se destacar, que não através do exibicionismo físico. Dos mais velhos aprendem que um homem terá que ser respeitado. E esta é outra palavra que envolve muitos ingredientes e pode significar várias coisas. Mas, na sua forma mais singela, creio que significa não se deixar subjugar, não ser ofendido sem

pronta e adequada reação. Se pensarmos nas atividades dos meninos, todas elas de natureza altamente competitiva, exatamente de acordo com o mundo masculino adulto, ser respeitado significa antes de tudo não ter medo de violências físicas.

Assim sendo, a competência para situações agressivas passa a ser percebida como um dos ingredientes fundamentais da virilidade. O menino, quando agredido, deverá responder prontamente com violência maior ainda, a ponto de ser o vencedor naquela disputa. Se agir desta maneira, será admirado, será valorizado. Se sentirá forte interiormente. Se sentirá envaidecido pela admiração que desperta nos outros meninos e isto tenderá a levá-lo a repetir estas façanhas sempre que possível. Tratará de provocar situações de violência para poder se exibir como o vencedor. Se exibir como o mais forte. Será admirado e muitos outros meninos terão medo dele. Se sentirá respeitado, ou seja, despertará uma mistura de admiração e medo. Será um homem de verdade, pois cada vez que for agredido – fisicamente e depois também por palavras que provoquem a sensação de humilhação – combaterá até vencer o seu agressor. Quando crescer, estará apto a desempenhar o papel de protetor de sua esposa, exatamente como se ainda estivéssemos no tempo das cavernas.

Não creio que seja exagero afirmarmos que a principal característica da masculinidade nesta fase dos 9 aos 13 anos de idade seja a competência para lidar com situações de agressividade. É daí que deriva também o maior destaque, juntamente com a capacidade de se desempenhar com maestria nos jogos competitivos. A não ser em muito poucos ambientes, a competência intelectual e o bom rendimento escolar, atitudes de ternura e a capacidade de ser solidário e gentil com as pessoas representam valores infinitamente mais baixos do que ser um ganhador nas atividades esportivas e um ganhador nas inevitáveis brigas entre meninos. Eles andam em grupos mais ou menos heterogêneos – onde as meninas não entram ou participam como criaturas inferiores – e a liderança fica para o mais forte. O destaque, a satisfação da vaidade está claramente acoplada à competência agressiva e competitiva.

E o que acontece com os menos capazes nesta área? Se sentem humilhados. Se sentem por baixo, inferiores. Muitas vezes se sentem pouco competentes para a função de macho. E o que define a competência para situações agressivas? Em primeiro lugar, a força física, extremamente variável de pessoa para pessoa. Numa mesma idade existem meninos

mais baixos e mais altos, mais magros, mais gordos e também mais fortes, aqueles que têm muito boa saúde e os que vivem com alergias, bronquite asmática e outras doenças comuns e de aparecimento freqüente. É evidente, portanto, que a superioridade física de alguns meninos – e que depende fundamentalmente de fatores biológicos – já define uma posição de vantagem para eles. O inverso ocorre com os mais fracos, que mais tarde buscarão outras formas de destaque; nesta fase, são os perdedores e saem bastante humilhados, com marcas fortes que carregarão, às vezes, para o resto da vida.

Além da força física, a competência para situações agressivas depende da intensidade do medo em cada pessoa e também da capacidade de cada um de lidar com esta emoção. O medo é a repercussão psíquica dos mecanismos físicos que nos preparam para a luta ou para a fuga. É uma sensação desagradável, rica em sinais físicos do tipo: taquicardia, suor frio, aumento da freqüência respiratória, vontade de urinar e evacuar, etc. Algumas pessoas provavelmente sentem mais medo do que outras e aquelas que experimentam esta sensação de forma muito intensa poderão desenvolver uma tendência para evitar as situações em que ela possa aparecer. Passam a temer a sensação de medo e tratam de encaminhar suas vidas no sentido de fugir das situações que o provoquem. Outras vezes o medo é de intensidade normal, mas a pessoa é que é pouco competente para lidar com ele e tende também a evitar até mesmo as situações onde a sensação está associada apenas a uma brincadeira. Algumas pessoas adoram sentir um medo de intensidade pequena e em situações lúdicas, como são certos brinquedos de parques de diversão – montanha russa, roda gigante, etc. – ou certos filmes de terror. Outros, os que lidam pior com a emoção, têm pavor até mesmo destas situações. De toda a forma, o medo é uma das nossas emoções básicas e muito pouco conhecemos sobre ele. Sua importância para a vida é enorme e não é o caso aqui de dissecarmos todas as suas influências na nossa formação e também durante nossa vida adulta.

Além da força física e da capacidade de administrar o medo que as situações de confronto determinam, há ainda um outro fator que influi decisivamente na competência para situações agressivas e que tem uma importância capital para o nosso futuro desenvolvimento. É a nossa maior ou menor capacidade de nos colocarmos no lugar do outro. Quando nossa razão abstrata se estabelece de um modo estável, sentimos pena com grande facilidade; basta que alguém perto de nós esteja sofrendo. Se nos colocarmos como

os causadores de sua dor, a pena – que já é uma sensação terrível – se transforma em culpa, uma tristeza interior sem fim. Ora, quando assistimos a um desses valentões tratarem com violência física e também humilharem uma outra criança nos colocamos no lugar da vítima, pois é ela que está sentindo a dor. Supomos seu sofrimento e nos entristecemos com isto. Se tivermos alguma chance de interceder a seu favor, faremos o possível para evitar-lhe maiores dores. Senão, apenas nos entristecemos por ela.

Agora vejam só o que acaba acontecendo: pessoas com grande capacidade de se colocar no lugar do outro se tornam pouco competentes para o revide mesmo quando são devidamente provocadas e agredidas. Ao menos enquanto estiverem com o controle de suas emoções, pois a partir de um certo nível de provocação todos nós, como os mamíferos em geral, partimos para o tudo ou nada. Para matar ou morrer. Ao imaginarem a dor que vão provocar no outro com a sua resposta agressiva, não conseguem executá-la. Ficam paralisadas. São agredidas e se tornam incapazes de reagir. Muitos dos meninos mais competentes para a abstração – e, portanto, para suportar dor e frustração – se tornam incompetentes para se defender. São chamados de covardes e depois de maricas, de bicha. São tratados como medrosos porque tendem a evitar situações de briga física em virtude de sua incompetência. Poderíamos pensar que eles têm medo de apanhar. De fato, ninguém gosta de ser agredido, de estar sujeito às dores que a agressão determina. Mas é importante perceber que o seu maior medo é de bater e não de apanhar! Isto provocaria sentimentos de culpa, dor interior percebida como mais difícil de suportar do que a dor física. Se tornam os perdedores neste duro jogo competitivo dos anos que antecedem a adolescência. Acabam por se achar inferiores, menos competentes do que aqueles que lidam bem com as situações agressivas. Crescem humilhados, alimentam esperanças de vinganças, de dias mais favoráveis a eles. Crescem cheios de dúvidas acerca de sua própria maneira de ser.

A preocupação com o outro, a generosidade, que tanto orgulho poderia lhes proporcionar, acaba sendo vivenciada como covardia, incompetência, medo e fraqueza. Muitos colocam em dúvida sua competência para exercer as funções da masculinidade e esta dúvida, associada a outros fatores, poderá influir decisivamente sobre sua evolução sexual. Ao mesmo tempo, presenciamos o fenômeno inverso com os menos tolerantes a frustrações e que desenvolveram apenas a razão concreta. Estas criaturas persistem na postura egocêntrica e egoísta original e desenvolvem muito pouca capacidade para

administrar suas emoções, especialmente quando se trata de situações agressivas. Reagem rápida e violentamente quando são contrariadas; não suportam perdas e não têm grande controle sobre si mesmas. Quando agredidas, reagem com extrema violência e competência. São pessoas que explodem e reagem com grande intensidade até mesmo diante de pequenas contrariedades. Não que não tenham medo; inclusive têm muito mais medo de apanhar do que o tipo mais generoso; não têm medo de bater, pois não são paralisados pelo sentimento de culpa. São "bons de briga" e estão totalmente de acordo com o padrão de virilidade exigido neste período. Se sentem mais competentes e se orgulham de sua força. Se sentem respeitados e gostam de provocar o medo dos outros meninos. Aquilo que poderia ter sido percebido como uma limitação – a pouca competência para sentir frustração e a paralisação da forma abstrata de pensar – de repente não o é mais. Parece que a persistência do padrão imaturo e egoísta funciona melhor na vida prática. O que poderia ser motivo de vergonha se transforma em motivo de orgulho. Crescem com um bom juízo de si mesmos, principalmente no que diz respeito à sua masculinidade; estão de acordo com o que se espera de um homem. No fundo sabem que alguma coisa está errada, mas o resultado final parece ser satisfatório.

Assim sendo, em virtude do fato de que ser competente para situações agressivas é a maior exigência que os meninos têm no início de sua vida social mais intensa com outros meninos, se compõe uma importante inversão de valores. Os que mais evoluíram emocionalmente se sentem por baixo, incompetentes. Os que não ultrapassaram a fase de construção da razão abstrata e da internalização dos valores de ordem moral se sentem por cima, prestigiados, respeitados. É importante dar o devido peso a este equívoco – um dos muitos que podemos encontrar em nossa psicologia – principalmente se levarmos em conta que, a partir da ruptura da relação amorosa com a mãe, ser admirado passa a ser tão – ou mais – importante do que ser amado. Nos nossos primeiros anos de vida a grande meta é a de sermos amados; fazemos qualquer tipo de concessão para não perdermos o afeto da mãe. A partir do surgimento da vaidade e da sofisticação de nossas experiências, o desejo de ser amado vai sendo substituído gradativamente pelo desejo de ser admirado, alimento da nossa vaidade. Na realidade gostaríamos de ser amados e admirados. Mas se tivermos que optar, preferimos a admiração. Ou seja, os que melhor se saíram nas fases anteriores à da

violência e da competição são os que saem desta fase mais humilhados e mais desprestigiados.

Esta inversão de valores não é a única consequência grave derivada desta importância exagerada atribuída à competência agressiva. Cabe aqui também pensarmos um pouco sobre a agressividade como processo biológico, intrínseco à nossa natureza animal. Não tenho dúvidas disto e não estou supondo, em momento algum, que foi a norma cultural aquela que inventou a nossa agressividade. Porém, como tantas outras características de nossa biologia, ela pode ser estimulada ou desestimulada – e até mesmo reprimida. Quando a norma cultural estimula a agressividade nos meninos e a desestimula nas meninas, esta reação às situações de ofensa e discórdia se torna muito maior no sexo masculino. Nos animais, a agressividade é uma reação às situações de ameaça – ou uma ação determinada pela fome, sede, etc. Nos humanos acredito que seja o mesmo. Porém, nós podemos reagir também a ameaças e ofensas abstratas, definimos como agressão, por exemplo, situações nas quais nos sentimos humilhados; coisas deste tipo não existem nos outros animais onde o funcionamento da razão é mais singelo, menos sofisticado. Em virtude disto, somos criaturas com um potencial agressivo mais amplo do que os outros mamíferos; estimular esta emoção em nossa espécie, especialmente nos homens, representa um perigo enorme. Nossa história, com suas guerras e massacres, são a comprovação do que estou tentando dizer.

Gostaria agora de fazer algumas breves considerações sobre a questão da sexualidade durante o período infantil e, em particular, sobre esta fase que vai dos 8 aos 12-13 anos de idade. Já afirmei que as primeiras manifestações deste instinto são de natureza auto-erótica. Ou seja, é agradável e excitante o toque, a manipulação das partes do corpo sensíveis a este tipo particular de estímulo – as zonas erógenas. Já defini também o prazer exibicionista, a sensação erótica difusa – não relacionada à estimulação das zonas erógenas – que aparece lá pelos 5 anos de idade e que depende da criança chamar a atenção, atrair olhares, se sentir especial. Não creio que seja apropriado falarmos em ausência de sexualidade na infância, o que no passado definia as crianças como ingênuas, "puras", angelicais. Porém, também não acho adequado atribuir a este instinto grande importância durante o período infantil. Isto aconteceu na psicanálise em virtude da não separação entre o sexo e o amor como dois instintos autônomos. As questões amorosas são essenciais

durante os nossos primeiros anos de vida e não penso o mesmo do sexo. A excitação sexual é apenas uma sensação agradável, como regra provocada pela própria criança, sozinha. É um fenômeno pessoal e não tem um objeto específico do desejo. O amor é que é interpessoal e tem um objeto do desejo muito definido. A estimulação erótica é fenômeno solitário, comprometido justamente com os processos de individuação, de independência. O amor é fenômeno que envolve outra pessoa e está comprometido essencialmente com os processos de integração, de dependência de uma pessoa – e depois de um grupo. Estes dois instintos básicos definem nossa dupla tendência, uma para a individualidade e outra para gostarmos de nos sentir parte de um todo maior. O erotismo da vaidade, que busca o destaque, pede para que nos sintamos especiais, únicos. O amor pede para que nos sintamos aconchegados, parte igual de um todo maior. A conclusão óbvia destas observações cotidianas, e que podem ser confirmadas pela introspecção, é a de que não só sexo e amor não são o mesmo instinto como estão, na sua essência, em oposição. Ao menos durante a infância. A adolescência corresponde a um período bastante complexo, onde haverá uma tendência para a integração destes dois instintos.

De todo o modo, a sexualidade infantil é um processo individual e está totalmente descomprometida do amor. A partir de certas observações acerca da vida sexual dos adultos, tanto quando assistem encontros sexuais entre os pais como através dos filmes que assistem na televisão, existe nos meninos – e também nas meninas – uma tendência para a imitação destes comportamentos. Não creio que existam verdadeiros desejos de compartilhar as intimidades físicas. Existe a curiosidade e a vontade de imitar os mais velhos. Surgem as experiências de trocas de carícias entre as crianças, que passam a "brincar de médico", ou de "papai e mamãe". As trocas de estímulos sexuais não provocam prazeres diferentes daqueles que a criança obtém quando se toca por si mesma. A brincadeira é interessante porque parece que estão se comportando como os adultos. Não creio que se divirtam tanto quanto os adultos! Por isso mesmo não tendem a persistir demais nestas práticas; rapidamente mudam para outros jogos e não dão nenhum sinal de terem atribuído alguma importância especial ao acontecido. Os meninos não se sentem obrigados a terem atitudes mais atenciosas para com as meninas com as quais estiveram trocando carícias eróticas, não têm que telefonar para elas no dia seguinte, mandar flores,

etc. E nem as meninas estão esperando estes procedimentos tão indispensáveis na vida posterior.

Nos últimos anos da infância os meninos estão bastante isolados das meninas – isto era um procedimento mais radical até há alguns anos, com tendência forte para se alterar nos nossos dias. Estão entretidos nos seus jogos violentos, nas suas atitudes e disputas agressivas e competitivas. Têm pavor da homossexualidade e se sentem viris quando se sobrepõem aos outros meninos. É curioso que ser homossexual nesta idade não significa ter interesse em trocar carícias com pessoas do mesmo sexo. Significa ficar por baixo, ser o perdedor na disputa. Significa ser o mais fraco e ser humilhado pelo mais forte. Assim, o menino mais forte, que seja capaz de derrubar um outro mais fraco, abaixar o seu calção e roçar o seu pênis na bunda do que está por baixo é o macho. Aquele que se subjugou é "bicha". Ou seja, ser o homossexual significa ser o perdedor na disputa agressiva. É evidente que certas trocas de carícias entre dois meninos pode ser também gerador de sensações eróticas agradáveis. Pode surgir uma tendência para se perpetuarem as buscas deste prazer, inclusive no que antigamente se chamava de "troca-troca": numa primeira fase um menino ficava por cima e o outro por baixo e no momento seguinte a situação se invertia. Ambos experimentavam os dois tipos de prazer. Ambos cresciam com dúvidas acerca de sua virilidade, pois quem gosta destes tipos de carícias, muito macho não deve ser! O mais curioso é que todo o pavor – dos pais e depois dos meninos – ligado à homossexualidade não foi suficiente para impedir estas práticas na grande maioria dos meninos, ao menos até há algumas poucas gerações.

Não deixa de ser impressionante também o fato de que práticas homossexuais nesta idade estão em franca sintonia com a questão da agressividade e das disputas competitivas próprias desta idade. Existe prazer em ser aquele que humilha, pois este é o que roça o seu pênis no outro menino. Existe prazer também em ser humilhado, pois sua bunda é acariciada e isto também provoca sensações agradáveis. Prazer erótico associado à humilhação e à dor persiste, em grau variado, durante nossa vida adulta e corresponde ao que chamamos de masoquismo. Prazer erótico associado a humilhar e agredir também persiste como resíduo em todos nós – em alguns não apenas como resíduo – e corresponde ao sadismo. De todo o modo, o que quero deixar registrado aqui, com toda a veemência, é o

fato de que, por caminhos ainda mais ou menos obscuros, a sexualidade masculina fica fortemente associada à agressividade.

O elo entre competência agressiva e virilidade se fecha de vez para muitos meninos. Passam a fazer todo o sentido os palavrões que eles ouviram desde pequenos da boca de outros meninos e também de muitos adultos, especialmente dos homens. Palavrões são palavras que descrevem situações sexuais e que são empregados com significado agressivo. Me perdoem a grosseria, mas tenho que exemplificar apesar de saber que estes termos destoam aqui e, do mesmo modo que uma nota que desafina no solo de um cantor, pode provocar uma certa irritação. Apenas um exemplo: "foda-se" é usado como sinônimo para "quero que se destrua, que se arrebente, que fique por baixo e humilhado". A existência de palavras deste tipo em nossa linguagem cotidiana – e usadas com enorme frequência – significam, com clareza indiscutível, a presença desta associação da sexualidade à agressividade. E isto mostra também como temos sido – principalmente os profissionais de psicologia – superficiais e levianos na análise desta associação tão óbvia, que nos aparece diariamente sob a forma de expressão idiomática. Deveríamos ser mais atentos a estas coisas, pois elas correspondem a "pontas de iceberg", elas denunciam importantes e intrincadas correlações. Deveríamos levar a sério os ensinamentos de Freud; não no sentido de sabermos o que ele já descobriu, mas sim no sentido de usarmos a forma de raciocinar que ele nos ensinou para descobrirmos o que ainda nos falta saber.

É minha opinião que a sexualidade infantil não está, a não ser excepcionalmente, atrelada aos processos amorosos. A sexualidade dos meninos está solta, se exercendo com autonomia até os 6-7 anos de idade. A partir dos 7-8 anos de idade, quando se instala esta prévia do que virá a ser a vida adulta – competitiva e agressiva – a sexualidade se acopla aos processos agressivos. Ou seja, chegamos à adolescência com a sexualidade comprometida com a agressividade. Não só a sexualidade e o amor não são parte do mesmo instinto como nem mesmo estão acoplados no fim da nossa vida infantil. A sexualidade está comprometida com a agressividade e não com o amor; está pois, em franca oposição a este instinto.

Não nos faltará oportunidade de discutir com detalhes esta terrível consequência da supervalorização da agressividade como parte da masculinidade. Esta consequência é, a meu ver, tão grave quanto as guerras e massacres que já fomos capazes de fazer – e ainda

poderemos vir a fazer. Ela é responsável pela perpetuação da guerra entre os sexos, da luta familiar, das dificuldades de entendimento entre homens e mulheres. Às vezes penso que esta associação de raiva e agressividade ao sexo não chega a se desfazer totalmente, ao menos em muitas pessoas. Os machões têm raiva das mulheres e as desejam; mas gostam mesmo é dos homens, seus amigos. Os homossexuais têm raiva dos homens e os desejam; gostam e são amigos das mulheres. Tudo pode parecer muito confuso, mas tentaremos contribuir com alguma luz para desfazer este emaranhado nos próximos capítulos.

Eu não poderia terminar a narração da triste epopéia edipiana dos meninos sem fazer algumas observações acerca do que acontece com suas manifestações amorosas e também com o surgimento das dúvidas metafísicas. A ruptura do elo amoroso com a mãe se dá de modo extremamente dramático. A ideia de se vincular de novo, com a mesma intensidade, a alguma outra pessoa aparece, para a maioria dos meninos, como algo muito ameaçador, como algo impossível de acontecer. De fato, não são poucos aqueles que, mesmo na vida adulta, desenvolvem um verdadeiro pavor de se envolver sentimentalmente de modo intenso e para valer. Muitos vão preferir vínculos mais frouxos, menos essenciais. Muitos vão preferir mais do que tudo serem amados ao invés de amarem; mesmo achando esta condição insatisfatória, consideram-na mais segura. Estarão menos ameaçados de terem que viver outra ruptura de dor equivalente. Não é difícil concluir que aqueles meninos mais narcisistas, menos tolerantes a dores e frustrações, são os que, na vida adulta, tenderão para uma atitude de maior medo do amor e preferirão mais o papel de serem amados do que o de amar.

Mas mesmo os meninos mais competentes para lidar com frustrações saem desta fase bastante escaldados do ponto de vista sentimental. Todos tendem a se aproximar do pai e finalmente tentar se sentir queridos por ele. Afinal de contas, a causa da rivalidade e das hostilidades se extinguiu. Porém, a maior parte dos pais não consegue superar seus ressentimentos em relação aos filhos e continuam a ter atitudes exageradamente exigentes e severas. Os meninos se esforçam cada vez mais para agradá-los, coisa que, como já vimos, reforça muito a tendência deles se compenetrarem da necessidade de se comportarem exatamente de acordo com o padrão de masculinidade dos pais e também do grupo social como um todo.

Ao invés de tenderem para a busca de outros envolvimento intensos, os meninos evoluem para o estabelecimento de elos mais frouxos e em maior número. Se formam os grupos de amigos, agora envolvendo sentimentos e também já com critérios mais definidos de escolha. Os colegas de brincadeira das épocas anteriores são escolhidos ou por parentesco ou por vizinhança. Agora não; já surgem preferências devidas a afinidades, a maneiras de ser e de pensar mais parecidas. Já existem os favoritos, os amigos mais íntimos; aqueles com quem a gente discute mais abertamente as nossas angústias e incompetências; aqueles nos quais a gente confia mais e não teme que as confidências feitas a eles serão objeto de ironias. Os meninos têm um ou dois amigos mais chegados, dos quais sentem alguma saudade, e vários outros que fazem parte da turma, com os quais têm elos mais frouxos. As amizades, que aparecem de forma discriminada nesta fase, correspondem a ligações amorosas importantes, mas bastante menos ameaçadoras do que os vínculos familiares. Envolvem menos dependências práticas; não têm a ver com as questões de sobrevivência; não envolvem o direito de um tentar influir sobre o comportamento do outro, como é o caso da relação dos pais com os filhos. São relações muito gratificantes, muito menos exigentes, de cujo prazer usufruímos ao longo de toda a nossa vida. Mudam os amigos, mas sempre temos pessoas que nos dão especial prazer no convívio e com as quais nos sentimos seguros e razoavelmente aconchegados.

Amizades várias substituem o elo amoroso inicial. É neste período que os meninos ensaiam suas primeiras tentativas de se resolverem fora de casa, com outras pessoas que não os parentes. Há grande evolução da individuação. Eles começam a gostar de sair com outros meninos, passam o fim de semana na casa deles. Os pais ficam um pouco magoados com isto; se sentem abandonados. Tanto esforço, tanta dedicação e agora eles preferem outras companhias. Mas sabem que é assim mesmo, que os filhos crescem e vão cuidar de suas vidas; ao mesmo tempo que ficam tristes, também se sentem alegres ao perceber que os meninos estão evoluindo e se tornando mais independentes. Esta é outra tristeza inexorável: os filhos, que chegam para perturbar o equilíbrio psíquico do casal, se tornam parte essencial da vida afetiva dos pais – apesar de todos os contratempos; quando partem deixam para trás uma dor imensa neles!

A sensação de desamparo determinada pela ruptura do elo afetivo com a mãe se atenua parcialmente através das relações com os amigos. Ao mesmo tempo, com o

desenvolvimento da razão e a capacidade de refletir de modo cada vez mais sofisticado, o menino percebe que ele e sua família são parte de uma cidade, de um estado, de um país. Ser parte de um todo maior do que sua família e o grupo de amigos e se sentir integrado a este todo através de afinidades de língua, de hábitos, de compartilharem a mesma história e a mesma bandeira, também provoca uma importante diminuição do desamparo. São os sentimentos de nacionalismo, que surgem de modo claro – e até um pouco exaltado neste período de nossa vida. Este sentimento tem desdobramentos de todo o tipo, de modo que o menino também é fã de um dado time de futebol e, percebendo que seus pais são membros de um partido político, de uma igreja, também se integram nestes sub-grupos.

Aprimoramentos maiores da razão e a acumulação de maior quantidade de dados permitem ao menino perceber que somos mortais, que o nosso país está integrado ao planeta Terra, este ao sistema Solar e este ao Universo. Todas estas descobertas são extremamente apavorantes e surgem na sua mente perguntas do tipo: "Donde viemos"? "Para onde vamos"? Estas dúvidas provocam, tudo de novo, a brutal sensação de desamparo e também uma certa consciência da insignificância da nossa condição. Se o desamparo físico já estava se atenuando através da crescente competência para a auto-suficiência e para o estabelecimento de vínculos amorosos do tipo da amizade e também pela sensação de integração nos grupos sociais maiores, surgem agora estas novas questões que provocam a sensação de desamparo por razões metafísicas. Fomos abandonados pelos deuses? Ou não? Surge a especulação religiosa. Surge o interesse pela religião. Surge o desejo de se aproximar de Deus, de se sentir protegido e aconchegado por Ele. A questão é tratada de modo peculiar em cada família. Mas é indiscutível que, em todos nós, surge uma tendência mística, que poderá ser estimulada ou reprimida.

A questão religiosa será de grande importância em certas fases da vida, ao passo que passará a segundo plano em outras. Terá uma evolução muito variável em cada pessoa, de extremo interesse e importância para a psicologia.

#### IV - SURGEM OS PRIMEIROS PÊLOS: É A PUBERDADE

As crianças têm, como regra geral, um modo de ser alegre, inquieto e brincalhão. Nem por isso deveríamos subestimar seus sofrimentos e angústias. Estas se manifestam principalmente no período noturno, quando as atividades cessam e a introspecção encontra espaço para se manifestar. Ou então durante o sono, através dos sonhos e pesadelos que expressam inseguranças, desamparo e ameaças de todo o tipo. E é neste clima íntimo, bastante tumultuado, que surgem os primeiros sinais da sexualidade adulta. Crescem os primeiros pêlos na região do bigode. Surgem alguns na área pubiana, nas pernas e axilas. Começa o período de crescimento mais rápido e os meninos ficam muito desajeitados, como se ainda não estivessem acostumados com a sua nova dimensão. Os braços crescem mais ou menos rapidamente e esbarram em objetos que se projetam para o chão; ainda não sabem movimentar este novo corpo, que se torna estabonado.

Os meninos estão se tornando adolescentes. Sua voz começa a se alterar, a engrossar; porém, os falsetes são freqüentes e aí parecem ter voz "de mulher". As ironias e as "brincadeiras" do período anterior, todas elas extremamente maldosas e humilhantes, continuam. Quase todas as "brincadeiras" entre os meninos têm a ver com sua competência para as funções sexuais masculinas. Aqueles menos dotados serão os "afeminados", os que quando crescerem serão "gay". Ou seja, o filme de terror em que se constituem os últimos anos da infância dos meninos – ao menos para os mais sensíveis e delicados – continua, agora com dramaticidade e pavor ainda maiores. O rapaz, com seu corpo grande e desajeitado, não consegue andar de uma forma firme e dura como convém a um homem e ele é tratado pelos colegas como "bicha". Se suas manifestações puberais estão um pouco atrasadas em relação à média dos seus colegas, ele já ficará em pânico e pedirá aos pais para consultar um médico. Os pais consentem imediatamente, pois vivem pânico equivalente: será que o menino conseguirá se estabelecer como homem, viril e másculo, ou será homossexual? E muitos médicos receitam hormônios masculinos para precipitar a puberdade e fazer daquele menino um rapaz como os outros, ainda que isto se dê interferindo e desrespeitando o seu momento biológico natural de se tornar adulto.

As meninas, que como regra se desenvolvem sexualmente um pouco antes dos meninos, começam a dar sinais de interesse por alguns meninos, ao passo que os outros são

objeto de um certo tipo de desprezo – até meio arrogante – que eles não conheciam. No período infantil os fortes, os legais, os especiais, são os meninos e elas sempre estão tentando se chegar a eles. Com a puberdade parece que as coisas se invertem. Elas se interessam só por alguns meninos, pelos que mais se destacam ou porque são muito bonitos, ou porque são os líderes do grupo, ou porque são mais competentes em alguma atividade esportiva, ou porque são os mais falantes e engraçados.

Os meninos vão crescendo, seu pênis se entumece e surgem as primeiras ejaculações. De repente percebem que seus olhos se tornam particularmente atraídos pelo corpo feminino. Os seios, os quadris alargados, as formas recém-adquiridas pelas meninas lhes despertam grande fascínio. O fascínio provoca fortes "arrepios" pelo corpo todo. Provoca também a ereção! Mesmo se já haviam compreendido intelectualmente que era exatamente isto que acontecia com os rapazes – e também com os homens adultos – não deixa de ser surpreendente sentir o processo da excitação sexual. Sentir em todos os seus órgãos, em toda a extensão de seu corpo, é algo muito diferente de ter informações racionais. E como é intensa a sensação! É muito mais intensa do que as manifestações eróticas até então experimentadas. E o que é mais importante: a sensação deriva da presença do corpo feminino, da forma como as moças se movimentam, de como escondem ou mostram partes do seu novo corpo, do jeito como elas olham e de como elas riem. A surpresa é enorme, pois na infância a excitação era derivada de estimulações das próprias zonas erógenas ou da troca de carícias. A visão do corpo feminino como fator de excitação não existia. As meninas não eram importantes para os meninos. A vida deles girava em torno dos pais e em torno da disputa entre os meninos. De repente, aquelas formas arredondadas, aquele jeito dengoso de andar provocam uma brutal sensação de excitação, um desejo quase que irresistível de se aproximar, de se esfregar, de tocar aqueles seios. Não adiantaria ousar chegar perto, pois seriam repelidos com veemência por elas, tratados como criaturas grosseiras. Mas o desejo é tão intenso! Só há uma saída para este impasse: a imaginação. À noite, na cama, o rapaz pensa numa determinada moça que lhe chamou particularmente a atenção. E só de imaginar o seu corpo lá está de volta a ereção. Mexe no pênis enquanto imagina ela dando sinais de que ele pode se aproximar, de que sua aproximação é desejada. Chega mais perto, toca seus seios, passa a mão pelas suas coxas,

lhe beija a boca. A excitação é brutal e ele não se controla mais. Ejacula. Está descoberta a masturbação, prática que o acompanhará, com frequência variada, ao longo de toda a vida. As moças passam a ser o grande tema de conversa entre os rapazes. Discutem as suas peculiaridades físicas, o jeito delas se portarem, as que dão sinais de maior disponibilidade. Falam sobre suas experiências masturbatórias, sobre o tamanho dos seus pênis quando eretos. E já se estabelecem novos ingredientes para a velha disputa: quem tem pênis maior? Quem ejacula mais vezes em um dado tempo? Quem ejacula com mais vigor, expelindo o esperma para mais longe? O pênis e suas proezas passam a ser motivo de grande orgulho para alguns e de brutal vergonha e humilhação para outros. Aqueles que consideram que foram mal dotados pela natureza passam a evitar situações em que teriam que expô-lo. Fogem das práticas esportivas e dos clubes porque a ideia de serem objeto de ridicularizações no vestuário corresponde a uma humilhação insuportável.

Com o amadurecimento sexual, parece que amadurece também o seu ingrediente exibicionista, gerador da vaidade; estar por baixo passa a ser vivido como uma dor dramática, muito maior do que aquela experimentada durante a infância; a humilhação passa a ser, portanto, o que mais se tenta evitar. Com a puberdade se tornam menos frequentes as disputas físicas, as brigas. A disputa passa a ser relacionada com os sinais externos de competência sexual. Nos primeiros anos de vida adulta a disputa entre os meninos é mais importante do que o empenho em abordar as meninas.

É totalmente irrelevante para a psicologia masculina, ao menos nesta fase, qual a importância que as meninas atribuem ao tamanho de pênis. Eles decidiram que os mais dotados serão aqueles que mais agradarão a elas e jamais se interessaram em – ou tiveram coragem de – perguntar a opinião delas a respeito. Aliás, quando estamos muito aflitos com nossos conflitos íntimos em geral nos esquecemos totalmente de prestar atenção nos outros e em suas dificuldades. Para podermos tentar entender o que está acontecendo ao nosso redor teremos que dispor de alguma folga em relação ao nosso mundo interior. Se toda a nossa energia estiver sendo utilizada para a nossa "sobrevivência pessoal", não poderemos nos ocupar dos que nos cercam. Acredito que, num primeiro momento, seja o que ocorre com os rapazes. Têm que conseguir se estabelecer como homens primeiro entre os homens para depois poderem se ocupar das mulheres.

E não é nada fácil, especialmente para o que se sente menos dotado, para o que têm pênis menor e ejacula com menor vigor ou em tempo maior – sim, porque nesta fase ejacular rápido pode ser sinal de virilidade. Tem que conseguir se convencer que não é obrigatório que se torne homossexual. Tem que se convencer que haverá de existir algumas moças capazes de apreciá-lo apesar de suas limitações sexuais. Se for a algum banheiro público – ou vestiário do clube ou da escola – tenderá a olhar para o pênis dos outros homens para ver se o seu é realmente muito menor do que a média. Apenas entre parêntesis, é bom que se diga que os pênis quando eretos têm diferenças de tamanho menor do que o que se verifica quando estão em repouso; isto pode agravar ainda mais a questão dos banheiros públicos. Ao ficar olhando muito para os outros homens, se sentirá mais constrangido e com medo. Será que não é mesmo homossexual, será que não está olhando para os outros homens com olhos de desejo?

Não, não é nada disto; o desejo surge quando olha para as moças, quando vê fotografias de lindas mulheres nuas – um dos fascínios da adolescência de todos nós. Então será bissexual? Não, estava apenas olhando os outros homens para se certificar de que não é tão diferente da média. De qualquer forma, o resultado desta epopéia dos vestiários masculinos é que muitos homens nunca mais conseguirão se sentir bem em banheiros públicos. E nalgum lugar do seu cérebro poderá ficar também a ideia de que não são completamente viris; de que têm traços homossexuais. Os rapazes que têm pênis maior, que foram mais competentes para os jogos agressivos nos últimos anos da infância, que são mais sociáveis e mais bonitos se sentem mais confiantes e são os que saem na frente na corrida da abordagem das moças. Os outros agem com mais cautela e tratam de observar mais cuidadosamente como é que as coisas funcionam. Se sentem igualmente atraídos por elas, mas têm um medo brutal de serem rejeitados, o que seria a suprema humilhação; especialmente se existirem outros rapazes por perto, que evidentemente não perderiam a oportunidade de ironizá-los mais ainda. Os que já se sentem com coragem tentam se aproximar das moças. Algumas vezes são bem recebidos e outras vezes são rejeitados. A rejeição provoca imensa dor e estes rapazes mais ousados não são os que suportam melhor as frustrações. Aos poucos vão percebendo, ainda que de modo pouco nítido para a consciência e para a razão, que não despertam nelas o mesmo impacto visual que elas provocam neles. Acham que se elas estivessem tão atraídas por eles quanto eles estão por

elas, não teriam condições para recusar a aproximação. Mesmo sendo razoavelmente bem sucedidos em algumas aproximações, começam a acumular algum tipo de frustração, de ressentimento.

Quando falo em sucesso na aproximação não estou me referindo a poderem ter grandes intimidades sexuais com as moças; falo dos 13-14 anos de idade. É evidente que as moças vivem também seus conflitos e contradições acerca do surgimento de sua sexualidade e que não cabe aqui relatar em detalhes. Apenas vale registrar que elas se sentem muito envaidecidas e também excitadas ao se perceberem tão interessantes aos olhos dos rapazes. Ficam excitadas e também muito assustadas, pois não se sentem competentes para administrar sua própria sexualidade. Seus temores são relacionados com a perda de controle sobre si mesmas. Temem o desgoverno sexual do mesmo modo que os rapazes temem a homossexualidade. Isto leva a grande maioria delas para atitudes de recato e para só permitirem contatos muito superficiais com os rapazes que despertam a sua admiração e o seu interesse.

Os rapazes que cresceram com maiores inseguranças sexuais se colocam de uma forma muito mais tímida e comedida em relação às moças. Em geral têm muito medo de deixar que elas percebam seus interesses mais claramente sexuais. Temem ofendê-las agindo de modo mais explícito, pois elas agem de um modo que permite que eles pensem desta forma. Demonstrar desejo sexual pelas moças significaria estarem considerando a elas como "vulgares"; ao menos é o que depreendem do comportamento da maioria delas, que prefere ostentar uma atitude de recato – apesar de que este recato nem sempre é muito coerente com o modo como se vestem e se movimentam, com atitudes que visam despertar o desejo dos homens. Temem também, e talvez mais do que tudo, a rejeição delas. Não se acham à altura delas. Se sentem inferiorizados em relação aos outros rapazes e também em relação a elas. As desejam tanto e não percebem que estejam sendo desejados. Se sentem mal, por baixo. Mesmo os rapazes mais bem sucedidos nesta fase inicial da vida adulta sentem que há algo de estranho nas relações deles com as moças. Estamos nos referindo ao aspecto essencialmente sexual. Poucos rapazes se apercebem exatamente do que se trata. Apenas sentem que desejam mais do que são desejados. Alguns sentem que não são desejados de forma alguma. Não percebem o problema como universal, como uma diferença biológica entre o masculino e o feminino, que é como eu vejo a questão. Não

percebem que a visão é um fator de excitação muito mais forte no homem do que na mulher, que o desejo visual masculino é imediato e indiscriminado. Tiram suas conclusões particulares: "eu não sou uma pessoa interessante para as mulheres; outros rapazes são mais atraentes do que eu; isto se deve ao fato de eu ser mais feio do que eles". E a grande maioria dos rapazes implica com alguma parte do seu corpo. Uns acham que são pouco atraentes porque têm nariz grande; outros porque são mais gordos do que deveriam; outros são magros demais e com pouca musculatura; uns são baixos demais e outros altos e desengonçados. Às vezes é o cabelo que não agrada. Ficar diante do espelho significa buscar uma explicação para o fato das moças não olharem para ele. Olham também o perfil, talvez pela primeira vez; acham tudo horrível. Se ouvem a própria voz no gravador, levam um susto e também com isto implicam. Uns mais e outros menos, todos os rapazes acabam por constatar que a condição masculina não é tão vantajosa assim. Imaginam como se sentem as moças – as mais atraentes, é claro – que estão sempre sendo assediadas. Elas sim é que estão numa situação confortável, com sua vaidade incrivelmente gratificada. Eles andam na rua e fazem ruídos para as moças; dão sinais de interesse e desejo. Elas nem mesmo se dignam a olhar para eles; mas se pode perceber que se sentiram gratificadas pela paquera. Nunca acontece o contrário, nem mesmo para o rapaz mais bonito. Nunca as meninas fazem ruídos para ele na rua. Elas esperam que ele se aproxime e neste caso ele terá melhor sorte do que a grande maioria dos seus colegas. Mas a iniciativa terá que ser dele. Se uma mulher o abordar diretamente, com sinais de interesse sexual, será uma prostituta. Terá que pagar para se sentir atraente. Terá que pagar para ser tratado pela mulher de um modo que é típico dos homens.

Não há como escapar da conclusão; as mulheres têm uma arma a mais do ponto de vista sexual. Estão numa situação mais confortável; estão menos sujeitas à rejeição e não têm que correr o terrível risco da humilhação de serem desprezadas. Pode ser que seja uma situação desvantajosa em certas ocasiões, onde elas têm que agir com recato mesmo quando não é assim que gostariam; mas o simples fato de correr menos risco de humilhações já garante um privilégio muito grande. Não se deve confundir os pensamentos masculinos a respeito da situação da mulher com os fatos e nem com o ponto de vista das mulheres. Os homens fazem o seu próprio juízo acerca da posição relativa do seu sexo em relação ao feminino e concluem que a condição do homem, do ponto de vista sexual, é de

inferioridade. Os homens desenvolvem uma sensação de vergonha, de fraqueza, diante da mulher. Se sentem fracos especialmente quando demonstram interesse sexual por ela; e são muitos os que tratam de esconder este desejo – esta segunda intenção – quando se aproximam exatamente com este intuito, justamente para não estarem sujeitos a rejeições e humilhações maiores. Se sentem fracos e por baixo principalmente diante das mulheres mais belas e atraentes. Quanto maior for o desejo maior será a sensação de inferioridade. Muitos preferirão se aproximar de mulheres menos atraentes, deixando as mais belas apenas para as fantasias durante a masturbação. Temem o fracasso sexual diante das mais atraentes, justamente por se sentirem tão inferiorizados. Admiram muito as mulheres atraentes e não podem deixar de desenvolver uma certa inveja em relação a elas.

O mito da superioridade masculina, cultivado durante a infância, cai por terra. Os homens se conscientizam disto de alguma forma e se sentem perdedores. Sentem isto como derrota individual e não como um problema de todos os homens, já que a respeito de suas sensações sexuais mais íntimas não costumam conversar com os amigos. Não querem que ninguém saiba que se sentem inseguros e perdedores diante das mulheres, especialmente das mais atraentes. Tratam de manter a mesma postura de superioridade que aprenderam na infância. Perdem a guerra mas não perdem a pose. Muitos homens adquirem um hábito que se perpetua, que é o de contar vantagens sobre seus feitos sexuais. Alguns exageram o que realmente existiu. Outros inventam tudo. Aqueles que não agem desta maneira podem se sentir mais ainda inferiorizados. Se sentem diminuídos em relação a outros homens, que parecem terem tido um destino mais favorável no que diz respeito às mulheres. Ou seja, existem questões sexuais dos homens em relação às mulheres e também muitos problemas de ordem sexual relativos à continuidade das vivências competitivas entre os homens. O homem terá que prestar contas de sua competência como macho para as mulheres e também para os outros homens!

O surgimento da sexualidade adulta agrava a rivalidade entre os homens, rivalidade esta que o menino já havia sentido do pai em relação a ele – e que depois se tornou recíproca – por razões amorosas. Rivalidade que era o ingrediente fundamental dos grupos de meninos na pré-adolescência, e que caracteriza os jogos típicos deste período. É como se a fase anterior fosse apenas um treinamento para o que haveria de acontecer com a maturidade sexual. A disputa pelas fêmeas é uma das peculiaridades do comportamento dos

machos nas outras espécies de animais das quais descendemos, de modo que não é impossível que existam ingredientes biológicos similares em nossa espécie. Porém, depois de todo o processo civilizatório ao qual estivemos sujeitos a partir do estabelecimento da vida em grupo, a disputa pelas mulheres mais atraentes se tornou bastante mais sofisticada, de modo que a força muscular é hoje um ingrediente pouco relevante. Isto principalmente devido ao fato de que cabe à mulher o direito de decidir a quem ela permitirá a aproximação. A consequência desta conquista feminina é a de que os homens terão que se tornar mais competentes nos assuntos que elas apreciam. Terão que despertar a admiração delas. E a rivalidade será direcionada para estes temas. Assim sendo, a competência agressiva só continuará a ser de grande valor e indicativo de virilidade se as mulheres assim o considerarem.

Não é o propósito deste livro discutir a psicologia feminina, a não ser no que seja essencial para a compreensão do comportamento dos homens. Em relação à agressividade masculina penso que as mulheres vivem uma fase de conflitos. Ao longo de milênios apreciaram esta competência ainda que com reservas, pois muitas vezes foram vítimas dela – em virtude da necessidade de se sentirem protegidas. Homens mais violentos eram mais adequados para esta tarefa. Hoje em dia isto é irrelevante e há tendências para que outros valores masculinos sejam admirados. Porém, em muitas mulheres se pode detectar resíduos deste anseio de serem protegidas pela força física dos homens e isto poderá levá-las imperceptivelmente a ainda valorizarem este tipo de competência masculina. É evidente que isto leva muitos homens a continuar buscando se aprimorar nesta área, sempre com o intuito de agradar a elas.

De toda a forma, o conceito genérico é o seguinte: os homens buscarão se aprimorar aquilo que desperta a admiração feminina; e estes serão os temas de suas disputas e rivalidades. Se a rivalidade entre os homens é bastante acentuada de uma forma geral, que dizer da rivalidade entre irmãos? Se os dois forem adolescentes simultaneamente e isto não é raro – e se um dos dois estiver mais de acordo com o que encanta as moças, o "perdedor" neste jogo se sentirá incrivelmente humilhado e desenvolverá hostilidades brutais em relação àquele que tem sucesso. Sofrerá muito por causa da inveja e detestará o irmão mais ainda. Sonhará vinganças e desejará que desgraças aconteçam a ele. A partir destes episódios, a vida em família se torna muito mais tumultuada. O mais tímido ficará trancado

em seu quarto, sempre infeliz e irritadiço; o mais bem sucedido irá para a rua, com mais frequência do que os pais gostariam, negligenciando os estudos e outras atividades produtivas. Os irmãos brigarão ininterruptamente pelos motivos mais banais. Não é exagero quando se diz que é difícil ter filhos na idade da adolescência!

Se a minha descrição acerca do que acontece na mente dos rapazes a partir do surgimento do desejo sexual está meio caótica, então eu consegui atingir o meu objetivo. É exatamente assim que eles se sentem. Se sentem perdidos, confusos, perplexos. Não conseguem entender exatamente o que se passa com eles e muito menos conseguem saber como se posicionar diante das mulheres e da vida em geral. Ficam tristes, inseguros e desconfiados. Desenvolvem um estado de frustração interior e já aprenderam que não devem deixar que os outros rapazes – e muito menos as moças – percebam como estão se sentindo. Ficam, pois, com dois problemas: suas inseguranças, sentimentos de inadequação e de inferioridade por um lado; e, por outro lado, a necessidade de camuflar o que está se passando efetivamente com eles. Em sociedade tentam se mostrar alegres, confiantes e comunicativos. Em casa, se trancam no quarto e amargam solitariamente suas frustrações. É a partir desta fase que a vida social passa a conter um ingrediente fundamental de hipocrisia e de superficialidade. As pessoas só falam banalidades ou então contam fatos e feitos – verdadeiros ou falsos – capazes de engrandecê-las e despertar a admiração dos ouvintes. A vaidade já havia dado sinais de sua existência há alguns anos. Mas é durante a puberdade e a adolescência que ela surge em sua plena expressão. Durante a infância, o prazer de se exibir e se destacar como uma pessoa única e especial compete com o prazer amoroso, que é o de se sentir aconchegado, parte integrante de um todo maior. Há um antagonismo entre ser especial e ser parte de um todo; ser uma criatura integrada significa ser igual aos outros. Nas crianças o desejo de ser igual – e, portanto, ser amada predomina sobre o desejo de ser especial. Não existe este conceito adulto de que ser amada depende de ser admirada como criatura especial.

A criança é amada pelos adultos e também por outras crianças por que ela é uma pessoa gostosa e não em virtude de propriedades raras e extraordinárias. As coisas que as distinguem das outras crianças provocam hostilidades e chacotas. A criança não gosta de ser a mais rica do seu grupo, aquela que mora na casa maior, porque isto provoca inveja e traz consigo agressões e desprezo. A criança também não gosta de ser a mais pobre do seu

grupo, pois ela se sentirá inferiorizada e poderá ser objeto de ironias por parte dos outros membros da turma. Ser igual aos outros predomina sobre o desejo de ser especial; isto até a puberdade. Ser especial faz a criança se sentir muito mais solitária, abandonada. O amor vale mais do que o prazer sexual da vaidade. Com a explosão erótica da puberdade as coisas se complicam e este equilíbrio, onde predomina o amor, se rompe. O desejo sexual é muito forte e buscar sua realização se torna objetivo número um. A masturbação é agradável e resolve as necessidades fisiológicas; mas não satisfaz psicologicamente. A intimidade sexual com as meninas é também uma necessidade intelectual, pois é essencial que o rapaz se sinta competente deste ponto de vista para se livrar de uma vez por todas do fantasma da homossexualidade.

Aliás, exatamente esta necessidade é também a que gera um certo medo nas primeiras abordagens: e se o rapaz não tiver sucesso? O pavor do fracasso é enorme, porque significaria que sua virilidade não está tão sólida e pode ser que ele seja um homossexual. Se levarmos em conta apenas este aspecto, já temos argumentos suficientes para defendermos o ponto de vista de que não há razão alguma em se apressar a iniciação sexual dos rapazes. É preciso que sua autoconfiança cresça e que eles estejam em condições de vivenciar suas primeiras relações com serenidade – ao menos relativa. Num ambiente latino, como o do Brasil, a minha experiência como psiquiatra mostra que os pais – inclusive as mães – estão com mais pressa de verem seus filhos consumir a relação sexual do que os jovens.

De alguma forma, os rapazes percebem que desejam as meninas de uma maneira diferente daquela que são desejados. Podem não ter consciência clara do que se passa. Podem, como já escrevi há pouco, supor que isto não é genérico e que eles é que não são desejados, mas que há outros rapazes que são desejados. Neste caso, seus sentimentos de inferioridade e de humilhação crescem muito. E este caso é, de longe, o mais freqüente. Não conhecem a teoria psicológica. Não sabem que Freud supôs que, com a passagem da posição quadrúpede dos outros mamíferos para a nossa postura bípede, o estímulo erótico do macho deixou de ser olfativo e se tornou visual. Não sabem, portanto, que os homens têm um desejo ativo e fundamentalmente visual ao passo que as mulheres se excitam ao se perceberem desejadas; e, com a evolução, apenas quando são desejadas por homens que elas admiram. Como sair desta terrível situação de humilhação? Tentar ser de modo que

agrada as moças e desperta o interesse delas. Tentar se conduzir de um modo parecido com aqueles rapazes que são capazes de encantar as moças. Tentar imitar os que são mais bem sucedidos. Minhas lembranças pessoais acerca desta fase são terríveis. Fui uma criança gorda desde os 7 anos de idade e não emagreci durante a puberdade. Não era obeso, mas me achava um monstro. Principalmente por este motivo me achava muito feio e pensava que era esta a principal razão do pouco interesse das moças por mim. Eu tinha alguns amigos magros e elegantes, que gastavam horas no espelho se preparando para os bailes. Não me dedicava a estas atividades aparentemente porque eu não valorizava estes hábitos "burgueses" – me considerava um idealista – mas acredito que havia uma grande dose de sentimentos negativos ligados à ideia de que esforços deste tipo seriam inúteis. Não suportava minha imagem no espelho e tinha pavor de ir a bailes e ser rejeitado pelas moças na hora de tirá-las para dançar.

Os bailes daquela época – anos 50 – refletiam bastante mais claramente o drama dos rapazes adolescentes do que os de hoje. O clima de intimidade e naturalidade entre rapazes e moças vem crescendo muito nos últimos 15 anos e espero que os jovens de hoje tenham seu sofrimento atenuado; porém, há ainda muito de parecido, ao menos nos casos que tenho podido acompanhar. Quando a música parava, as moças iam para as mesas, onde muitas vezes suas mães estavam sentadas – ou algum adulto responsável. As mesas ficavam num lado do salão e os rapazes, aos bandos, todos de terno e gravata, se postavam do lado oposto. Dali se podia olhar para as moças e fazer um juízo de qual interessava mais. Ali se conversava e se ficava sabendo quais as moças que mais rejeitavam e quais as que aceitavam dançar mais próximas, até mesmo deixando os rostos se encostarem. A música reiniciava e acontecia uma corrida disfarçada; os rapazes tentavam andar o mais rápido possível para chegar primeiro junto da moça que os interessava. Se perdessem a corrida, tentavam outra moça. Se chegassem tarde à mesa desta, ficavam com a cara "no chão" e se recolhiam, envergonhados, a algum canto. Se ouvissem um "não" direto e frontal ficavam vermelhos, sentiam tonturas e parecia que iam desmaiar. A humilhação era brutal! A saída era chegar ao balcão do bar e tentar tomar alguns goles de "cubra libre" roubados de algum rapaz mais velho.

Fui rejeitado algumas vezes. Poucas vezes. Não porque eu fosse um moço interessante e sim porque parei de me arriscar. Me achava tão incompetente do ponto de

vista físico que nem ousava abordar as moças que não me conhecessem. Me achava muito sem graça do ponto de vista social. Sim, porque sempre me faltou aquela capacidade de contar longas histórias – contá-las com humor, ricas em detalhes; especialmente aquelas nas quais o personagem principal fosse eu mesmo. Ficava impressionado com a capacidade de alguns amigos de sempre terem assunto para conversar, mesmo quando acabavam de conhecer uma moça. Eu não tinha nunca nada para falar. Parecia que minha cabeça se transformava, de uma hora para outra, em um livro em branco. Fiquei quieto no meu canto, profundamente frustrado e com enormes sentimentos de inferioridade. Fiquei observando e tentando entender melhor das coisas para ver se depois conseguiria achar um lugar ao sol para mim. Fazia a única coisa para a qual me sentia competente: estudava. Estudava e olhava as mulheres com desejo. Sonhava com um futuro melhor para mim neste setor. Ah! Também existiam as prostitutas, mas isto eu conto daqui a pouco.

O prazer de se destacar, próprio da vaidade, se reforça terrivelmente pelas experiências de humilhação. A dor de se sentir incompetente, inferior, é muito intensa e gera uma reação no sentido contrário, que coincide com o anseio espontânea da vaidade. Podemos dizer que as coisas sérias da vida são aquelas nas quais, quando fracassamos, sentimos forte dor. As coisas do amor são sérias desde o início da vida de cada um de nós, uma vez que o abandono é um sofrimento terrível. A partir da adolescência se torna sério tudo aquilo que puder ofender nossa vaidade, nosso orgulho. É claro que o amor continua a ser coisa séria, ao longo de toda a nossa vida, pois as perdas são sempre dolorosas. Passamos a ter dois aspectos sérios: o amor e o sexo. Frustração amorosa provoca sensação de abandono, ao passo que frustração sexual provoca sensação de humilhação.

A vontade de se destacar cresce, e ter sucesso em alguma atividade passa a ser uma necessidade imperiosa entre os rapazes. Têm que chamar a atenção das moças e melhorar sua posição em relação a elas; se sentem muito por baixo pelo fato de desejarem mais do que se sentem desejados; têm que conseguir reverter isto. Esta vontade de se sair bem em alguma atividade gera grande energia e persistência dirigida para este objetivo. Surge uma determinação de chegar a um dado objetivo que corresponde ao que chamamos de ambição. A ambição nada mais é de que a vontade de se destacar, de satisfazer a vaidade e impressionar as mulheres; ao menos numa primeira fase. A ambição visa atingir objetivos

capazes de despertar a admiração. Admiração feminina numa primeira fase e admiração de todos num momento posterior.

Tenho falado pouco do relacionamento do adolescente com os pais. A verdade é que neste período do surgimento do desejo sexual e dos conflitos íntimos que eles geram, as figuras familiares passam a contar muito pouco. A vontade de agradar o pai e despertar sua admiração ainda persiste, mas está terrivelmente obscurecida pela necessidade de encontrar um espaço para si no convívio fora de casa. A figura paterna voltará a assumir grande importância num período posterior. O que costuma acontecer é uma grande revolta dos jovens em relação aos pais, provavelmente relacionada com as frustrações interiores que temos tentado descrever. A raiva e a frustração se expressam mais facilmente nos relacionamentos mais sólidos, uma vez que no convívio social as pessoas devem tratar de ser mais cordiais e educadas. Sempre me impressionou muito esta tendência das pessoas de tratarem com mais grosseria os mais queridos e importantes e com mais delicadeza os menos importantes do ponto de vista emocional; os parentes podem ser tratados de qualquer modo porque serão capazes de compreender e perdoar; será mesmo?

Esta revolta irracional contra as figuras paternas, que tanto os amargura e entristece, tem mais um ingrediente, que é a ânsia de independência. O jovem se torna cada vez mais motivado a pensar e agir conforme seus critérios, num esforço de melhorar sua precaríssima auto-estima. Agir de acordo com seus pontos de vista se confunde um pouco com agir em oposição aos pontos de vista dos pais. Esta confusão poderá conduzir a vários erros e radicalizações que só serão melhor compreendidas com a maturidade; aliás, será nesta fase, a partir dos 25 anos de idade, que a importância da figura paterna tende a se reacender. O que costumamos chamar de conflito de gerações é, pois, um processo muito pouco racional e que, como grande regra, culmina com a reaproximação dos jovens aos seus pais e aos seus códigos de valores e padrões de vida. Este conflito é mais aguçado em alguns períodos da história onde estejam em vigor ideias muito conservadoras e onde ideias novas e extravagantes estejam sendo geradas, e que logo aparecerão como muito atraentes para os jovens; foi o que aconteceu nos anos 60. Mas o conflito aparece também na direção oposta, ainda que de forma mais atenuada: pais mais liberais determinarão tendências mais conservadoras nos filhos adolescentes. O importante é ser contra a opinião da família, pois isto é vivido como independência, como individualidade. Tem que se opor aos padrões

familiares, mas terá que se destacar segundo os padrões do seu grupo, e principalmente segundo os critérios das moças. É evidente também que estes últimos são os mesmos valores respeitados pelo grupo todo. Mas, para os rapazes, se destacar surge associado ao desejo de despertar a admiração das moças.

Os critérios de valor variam dos 13-14 anos de idade até os 20-22 anos, que é o período que estamos tentando descrever. Não tenho tido grande preocupação em respeitar a ordem em que acontecem as coisas durante a adolescência por duas razões: porque se trata de um período caótico por excelência e também porque as experiências individuais são extremamente variadas. Por exemplo, alguns rapazes têm sua primeira namorada aos 14 anos e outros aos 20. Alguns têm experiência sexual aos 15 e outros aos 22. Uns se sentem prestigiados aos 16 e humilhados aos 20, enquanto que para outros ocorre o contrário.

Como regra geral os primeiros valores têm a ver com a aparência física dos rapazes e com sua habilidade para sustentar conversação superficial e bem humorada. Rapazes bonitos, extrovertidos e mais ousados na abordagem são os que mais facilmente têm sucesso nos primeiros anos da sexualidade adulta. A ousadia na abordagem é importante fator de sucesso porque as moças se sentem sexualmente excitadas ao se perceberem claramente interessantes e desejadas. Os rapazes mais introvertidos tratam de esconder seu interesse sexual por medo da rejeição; e acabam sendo rejeitados porque não dão os sinais de desejo que tanto agradam às moças – mesmo quando elas dizem que não gostam de ser "objeto sexual". Desta forma, se pode dizer que os rapazes mais bonitos estão em grande vantagem; especialmente aqueles que são do tipo mais agressivo, e que têm mais autoconfiança na sua competência como macho. Eles tomam a ofensiva na abordagem das mulheres, que são tratadas como uma presa, como algo a ser conquistado. Estes rapazes mais narcisistas se põem pouco no lugar do outro e só vêem a questão do seu ponto de vista. Algumas vezes são rejeitados e isto lhes provoca grande ofensa. Tratam de sofisticar suas armas, suas estratégias de abordagem. Se dão bem com frequência cada vez maior e vão gostando mais e mais deste jogo erótico. Não raramente se viciam neste prazer que lhes gratifica a vaidade e se tornam "paqueradores profissionais" ao longo de suas vidas.

Rapazes bonitos, menos agressivos e menos extrovertidos agem de modo diferente. Sabem que são bonitos e esperam mais sinais de interesse das moças. Esperam delas sinais semelhantes aos que dão a elas; o que como regra não acontece. Podem perceber também

que despertam o desejo de outros homens. Daqueles que evoluíram para um encaminhamento homossexual do seu desejo. Se se sentirem gratificados em serem eles os desejados, poderão aceitar este tipo de aproximação. Senão ficam na situação equivalente à dos rapazes mais tímidos e inseguros. Quando é este o caso, não raras vezes atribuem a alguma imperfeição física a razão de não serem desejados pelas moças como gostariam.

Com o passar dos anos, outros valores passam a concorrer com a beleza e a extroversão. Serão valores relativos, isto é, agradarão e despertarão a admiração de algumas moças e não interessarão a outras. A inteligência, a meiguice, o caráter, a posição social e econômica e a competência esportiva estão entre estes valores cuja importância é crescente com o amadurecimento das moças. Na vida adulta, a inteligência é o grande valor para muitas mulheres, assim como a competência do homem para ter sucesso profissional e economicamente. Infelizmente, são poucas as que valorizam a meiguice e o caráter acima destas outras competências, de sorte que são poucos os homens que se empenham em cuidar de sua subjetividade. De todo o modo, a valorização de outras propriedades além da beleza e da extroversão abre espaço para a existência de algum sucesso entre aqueles mais tímidos e com aparência física normal. Este sucesso reforça a ambição, pois o esforço vai sendo cada vez mais recompensado. A vaidade destes homens tenderá para se transferir para os setores que estão gerando esta gratificação, a de despertar o interesse das mulheres. Ela reforça a ambição na mesma direção e não é raro que eles se viciem neste prazer, que poderá ser o do trabalho, da acumulação de conhecimento, da acumulação de dinheiro, etc.

Aos poucos, com o passar do tempo, cada rapaz vai encontrando os seus caminhos para despertar a admiração das mulheres, o que facilita sua aproximação física e também sentimental. Não sem mágoas e ressentimentos contra elas, pois vêem que elas não tiveram que passar por tantas dificuldades e nem tiveram que se empenhar muito para serem atraentes e interessantes para eles. A situação é desigual e – aos olhos dos homens – favorece as mulheres. Os ressentimentos têm a ver com o fato deles se sentirem por baixo e isto traz consigo a inevitável consequência: a inveja. A inveja masculina só pôde ser observada nos últimos anos, pois no passado a cultura impunha tantas repressões e limitações à mulher que ela ficava efetivamente numa situação de grande inferioridade; nestas condições, não poderia existir a inveja. Acontece que colocar a mulher numa condição tão ruim já era expressão de agressividade derivada da inveja. Todo o machismo é

expressão da inveja, é parte do desejo de oprimir a mulher para subtrair dela sua condição de superior. Superior aos olhos dos homens, independentemente de qual seja o ponto de vista da mulher. Apenas um exemplo: as mulheres se queixam quando os homens as tratam como objeto sexual; os homens dariam o braço esquerdo para se sentirem objeto do desejo sexual das mulheres! É perigoso uma mulher tentar entender a condição masculina tomando por base suas próprias sensações. Acontece o mesmo no sentido contrário. O que é o sonho mais agradável para um sexo poderá ser pesadelo para o outro.

Os rapazes vão aprendendo as regras deste jogo adulto e não podem deixar de sentir inveja da condição feminina. Tudo parece tão mais fácil para elas. Sua vaidade está satisfeita o tempo todo, pois sempre que passam chamam a atenção e atraem olhares de interesse e desejo. Os homens se esforçam para abordá-las e elas podem ficar na confortável condição de passividade. A passividade pode ser sentida como inferioridade por parte das mulheres, mas os homens consideram esta condição, do ponto de vista sexual, é claro, extremo privilégio. Eles têm que se destacar em outras áreas para neutralizar o poder sensual feminino. Elas tratam de estudar e se aprimorar, mas como prazer próprio e não para impressionar os homens; a estes elas já impressionam apenas por serem atraentes. Eles vão buscando destaque nas áreas mais favoráveis e não deixarão de sentir que este sucesso é a sua arma; é o que provoca a admiração feminina; é o instrumento que terão para se posicionar na guerra entre os sexos que ainda terá muitas outras batalhas. Os homens são encantados pelas mulheres e têm também bastante raiva delas!

Esta já é a segunda vez que encontramos a sexualidade masculina se entrelaçando com elementos hostis. A primeira foi na pré-adolescência, onde competência, agressividade e virilidade se acoplaram de modo bastante intenso. Não é impossível, pois, que tenhamos que pensar que ao menos uma pitada de raiva seja ingrediente importante na prática sexual masculina. Com mais ressentimentos e raiva do que com amor, o rapaz se vê em condições de ter algum tipo de intimidade sexual com uma mulher que lhe despertou o desejo.

Neste aspecto, os tempos mudaram muito desde a minha mocidade. As moças não sentem mais tanta necessidade – e nem sofrem tanta pressão para isto – de se conservar virgens até o casamento. Quando superam os seus problemas próprios do início da vida adulta, se tornam mais disponíveis para as intimidades físicas. Umas mais cedo e outras mais tarde. Desde que haja alguma afinidade também no plano sentimental – não é

necessário nenhum grande envolvimento passional – perdem suas inibições e finalmente se criam as condições para que o rapaz tenha sua primeira relação sexual. Foi bem sucedido! Que alívio! Pode se considerar um homem. Foi aprovado no mais difícil de todos os testes: o de virilidade. Não é homossexual. É uma pessoa "normal". Cabe colocar aqui uma observação de Freud mais ou menos com o seguinte sentido: são tantas as dificuldades, tantos os obstáculos a serem transpostos para que um homem consiga ser bem sucedido sexualmente que é incrível que existam tão poucos homens impotentes!

As primeiras relações sexuais de um rapaz estão mais vinculadas à necessidade de desempenhar adequadamente o seu papel do que associadas à busca de prazer. A preocupação é com o seu próprio desempenho, sensação que acompanha todos os homens ao longo da vida. Quando ele se sentir mais seguro é que poderá se ocupar de sofisticar as intimidades na direção do prazer máximo. Quando estiver mais seguro ainda é que poderá se preocupar em dar prazer à mulher de forma mais adequada. Isto tudo vai acontecendo com o tempo, especialmente para aqueles que vão tendo experiências gratificantes. Sobre as dificuldades sexuais masculinas, falarei em outro capítulo.

É assim que as coisas acontecem hoje em dia. Rapazes e moças do mesmo nível social se encontram, se encantam, desenvolvem uma certa intimidade intelectual e sentimental e têm suas primeiras experiências sexuais. No meu tempo – anos 50 e no Brasil – as coisas não eram assim. Existiam as prostitutas. Existiam e ainda existem neste país, onde a iniciação sexual de muitos jovens ainda é igual à que se passou comigo. As prostitutas ainda existem no mundo inteiro, mas são freqüentadas mais por homens maduros do que por adolescentes. Eu adorava passear pelo centro de São Paulo, onde elas estavam mais concentradas. Me sentia um homem andando por lá. Me comportava como se tivesse grande familiaridade com o lugar e com o sexo. Sentava nalgum bar, tomava um refrigerante e ficava olhando figuras pobres e nem sempre bonitas. Me despertavam o desejo. Eu voltava para casa e me masturbava pensando naquela que tinha me impressionado mais. Voltei muitas vezes até que a coragem me chegou lá pelos 15 anos de idade, durante umas férias na praia. Foi no cais do porto de Santos; lugar sujo e repelente. As condições eram as mais adversas, mas eu consegui realizar minha tarefa! Muitas vezes, em épocas posteriores, me surpreendi pensando sobre a cena – uma cama suja de solteiro num hotel assustador, meu primo com outra mulher na cama ao lado – e me considerando

uma pessoa muito grosseira por ter conseguido ter uma relação sexual naquelas condições tão grotescas. Eu, que me sinto tão delicado e sentimental por dentro, tinha obrigação de ter fracassado naquela atmosfera! Ou o desejo era muito intenso ou minha delicadeza não é tão verdadeira; ou as duas coisas.

Por muitos e muitos anos as prostitutas continuaram a me encantar; não apenas porque eram as únicas mulheres com as quais eu podia ter relações sexuais – alguns rapazes tiveram mais sorte e competência do que eu e conseguiram ter parceiras sexuais não pagas, mesmo naquela época. Me encantava aquele clima de vulgaridade. Me encantava a atitude de provocação sexual, a extravagância e a coragem de se exhibir daquelas mulheres. É óbvio que me encantava o fato delas mexerem comigo, me chamarem, me convidarem para ir com elas para a cama. Não perguntavam nada para a gente. Não era necessário ser bonito, competente nos esportes, magro. Não era necessário falar muito, não era necessário ser fluente para contar casos e ser engraçado. Bastava ter algum dinheiro e estavam dispensados todos os rituais de sedução e conquista que sempre me irritaram – talvez, em parte, por causa da minha pouca competência para exercê-los com eficiência. Não havia riscos de rejeição e não se corria o risco da humilhação. E mesmo se a "performance" sexual não fosse brilhante, isto não era ameaçador porque ninguém ficaria sabendo. Não havia nenhuma preocupação em agradar a mulher, já gratificada com o dinheiro; para um rapaz que se inicia isto é um grande alívio, pois sua inexperiência não permite mesmo grande competência para este fim. Não há dúvidas de que a situação do homem com as prostitutas é bastante mais fácil e confortável do que com as outras mulheres – com exceção daqueles que se sentem muito incomodados pelo fato de terem que pagar pelos seus favores. Não há nada de estranho, portanto, que esta profissão continue a existir até hoje, mesmo quando a maior parte das mulheres se dispõe às práticas sexuais. As prostitutas se colocam de uma forma muito peculiar em relação aos homens, bastante diferente do comportamento das outras mulheres. E agradam muito a um grande número de homens. Não quero ser simplório e simplista; estou fazendo estas observações acerca da prostituição apenas levando em conta a psicologia do homem e, em particular, dos que adoleceram no período anterior à revolução sexual. O tema é extremamente complexo e suas implicações para a saúde pública, para a sociologia e para a psicologia feminina não foram mencionadas, mas não estão sendo subestimadas.

É muito difícil descrever com precisão um período da vida caracterizado por grandes e rápidas mudanças que ocorrem de uma forma entrelaçada. Tenho sido negligente em relação ao tempo em que elas ocorrem, porque senão teria me perdido completamente; o objetivo maior é o de tentar transmitir o clima emocional próprio da época em questão. Já registrei a importância do surgimento do desejo sexual adulto, a sensação de inferioridade masculina em relação às mulheres – especialmente às mais atraentes – e suas conseqüências nas relações entre os homens, relações estas que já tinham um caráter altamente competitivo nos últimos anos da infância. A vaidade também ganha contornos adultos e determina uma ânsia de sucesso e destaque que tem por objetivo chamar a atenção das mulheres. A vida em família se prejudica pelo desejo de auto-afirmação e autonomia dos jovens e estes, sem se aperceberem de modo claro, se sentem mais abandonados, mais desamparados. A vida em grupo, que continua a existir na adolescência, atenua parcialmente o desamparo e talvez seja de onde o jovem tira forças para se opor às regras da família. Mas o afastamento do núcleo afetivo original gera uma sensação de vazio e de insegurança muito forte; mais forte do que o aconchego que pode obter da relação com os amigos. O aconchego grupal é prejudicado pelo agravamento da competição entre os rapazes que estão visando algum tipo de destaque especial capaz de melhorar sua posição em relação às moças. A própria atividade sexual agrava a sensação de solidão. Na masturbação o processo é óbvio. Nas relações com mulheres que interessam apenas sexualmente o fenômeno não é diferente: o desejo determina a atração e a aproximação; uma vez que surge a ejaculação e o desejo desaparece, nada mais une o rapaz àquela moça e a sensação de vazio e de estar só predomina, provocando uma espécie de dor na boca do estômago; a vontade de ir embora dali cresce brutalmente; cresce o desejo de se afastar daquela mulher o mais rápido possível e de se reencontrar próximo de amigos ou mesmo de parentes.

A intimidade sexual não gera aconchego, não atenua o desamparo. Ao contrário, dá a nítida dimensão de como se está sozinho. Isto, é claro, quando se está com alguém que não desperta outros sentimentos além do desejo erótico. Ou seja, por vários motivos vai ressurgindo a vontade de estabelecer um vínculo afetivo especial. O grupo de amigos não satisfaz mais tanto e a família não representa mais aconchego significativo. É evidente também que aqueles rapazes que têm um relacionamento familiar mais gratificante – ou

porque seus pais são efetivamente mais companheiros ou porque têm menos tendência para se rebelar – sentem menor anseio de buscar outro tipo de solução para seu desamparo; para estes as soluções da infância ainda são satisfatórias. Não se deve pensar nisso como defeito ou imaturidade. Tudo é faca de dois gumes. As pessoas buscam novas soluções quando as antigas se tornam muito insatisfatórias; nestas condições, muitas vezes o sofrimento derivado do desamparo provoca tendência para uma busca pouco criteriosa, com maior chance de erros. Quando a vida em família é gratificante, pode haver uma tendência para a acomodação nesta situação e para uma exagerada negligência na busca de novos relacionamentos. O que é pior? Não sei; porém, sou inclinado a achar que se ter uma família compreensiva e carinhosa é uma grande dádiva, algo que compensa as eventuais desvantagens. De todo o modo, vai se compondo um claro desejo de uma solução mais gratificante para a questão sentimental. O desejo sexual já determina uma forte atração pelas moças. Aparece como saída lógica o acoplamento amoroso a uma moça que desperte também o erotismo. A ideia de se resolver o desamparo através de um elo amoroso especial e único é aquela que tem estado em vigor nas nossas sociedades, de modo que a influência cultural também se exerce nesta direção. Se estivemos, no início da vida, acoplados às nossas mães e depois fomos forçados a nos afastar delas para tentarmos nos sustentar emocionalmente através de vínculos múltiplos e mais frouxos, agora somos de novo impulsionados para um acoplamento forte e único. E quem tem coragem de ousar isto de novo, depois do que aconteceu na primeira vez em que estivemos em situação similar? Quem correrá o risco de nova rejeição, nova ruptura?

As lembranças dramáticas da nossa infância, da dor que passamos ao termos que abrir mão do amor da mãe, ainda estão muito vivas, guardadas nalgum lugar do nosso cérebro. A ideia de se acoplar de um modo sólido e estável a alguma moça parece lógica e atraente; porém, os riscos de abandono, as inseguranças e os ciúmes parecem ameaças muito dramáticas. Qual a solução? Viver uma relação amorosa apenas no mundo da fantasia, da imaginação. Este tipo de saída não é raro quando existe um impasse determinado por um desejo que se acompanha de forte medo. O desejo é inibido pelo medo no que diz respeito à sua execução prática, no que se refere à sua real realização. O desejo se transforma então num sonho. No mundo imaginário, totalmente sob nosso controle, não há motivos para o medo, uma vez que este deriva de não podermos dominar as atitudes e

reações do outro. Na vida real o outro poderá agir de forma a provocar em nós a dor e o sofrimento que tanto tememos. No mundo imaginário o outro se comporta exatamente como desejamos.

O rapaz acha uma moça particularmente interessante, bonita e sensual. Se apaixona por ela. Passa longas horas trancado em seu quarto imaginando como seria a vida junto dela. Se vê de mãos dadas com ela passeando pelos parques e jardins; ousa abraços e beijos mais sensuais e supõe que ela agirá com recato e timidez; isto o conforta, pois parecerá que ela é muito confiável e que não dará atenção ao assédio de outros homens. Olha para ela e se derrete em sentimentos de ternura. Diz coisas lindas, parecidas com aquelas que ele está ouvindo nas letras das suas músicas prediletas. Recebe dela sinais de amor e admiração. Recebe juras de amor eterno. Sonham juntos com a futura vida em comum, com o casamento e até com os filhos que terão. Se mostra forte e protetor, afastando dela todas as dificuldades e perigos. É o seu herói, o seu príncipe encantado. Ela o admira por isto e ele se sente totalmente gratificado. Se sente preenchido. Nada mais lhe falta. É uma pessoa feliz. Desperta do seu devaneio – "sonhou" tudo isto acordado – e se percebe de novo sozinho. Se dá conta de que nem sequer teve coragem de confessar à moça seus sentimentos. Ela nem sabe do seu amor, de quanto tem sofrido pela sua ausência. Não sabe e nem poderia saber, pois ele mal olha para ela. Quando ela passa por perto seu coração dispara e seu rosto se ruboriza. Perde toda a espontaneidade e se tiverem oportunidade de conversar não virá nada de interessante à sua mente para poder tentar falar. Ela só poderá imaginar que com ele se passa o inverso: que não acha graça alguma nela. Talvez saiba, por terceiros, do seu interesse. Talvez algum amigo – e confidente – em comum tenha sido o pombo correio, o mensageiro. Ela não se interessou por ele. Ou porque não o considera à sua altura, ou porque sabe que se houver disponibilidade de sua parte poderá acontecer um verdadeiro namoro e ela também tem medo da situação real. O rapaz sofre, se entristece pelo amor não correspondido. Se existirem outras moças interessadas nele, isto não o consolará. Ele queria aquela que lhe parece especial; e esta não o quer. Esta moça especial se interessa por um outro rapaz que não quer saber dela; este, por sua vez, está muito encantado por uma outra moça que está apaixonada por um outro rapaz. Estão todos amando em fantasia. Estão todos, de alguma forma, se armando de coragem, se preparando para a vida real. Estão fazendo treinamentos prévios, ensaiando situações, testando sua

competência para o sofrimento e a dor de amor. Alguns já têm vivências sexuais com moças que não lhes despertaram interesse sentimental. Outros estão se guardando para a iniciação acoplada ao amor. Os rapazes confidenciam suas amarguras e frustrações aos amigos mais chegados e tratam de contar vantagens quando estão em grupos maiores. Os jovens sofrem, mas seu coração está repleto de esperanças e de sonhos.

Muitas vezes os rapazes têm amigas. Isto é mais comum entre aqueles que têm irmãs e algumas de suas amigas se tornam íntimas deles. Chegam a confidenciar com elas sobre suas frustrações amorosas. Quando se afeiçoam a elas não sentem interesse sexual por elas. E nem sempre elas são feias e desinteressantes. Parece que a intimidade intelectual determina uma inibição no desejo sexual. É assim que as coisas acontecem na vida real, apesar de que a ideia da associação entre amor e sexualidade é aquela que costuma ser verbalizada. É difícil entendermos com precisão o que se passa nestas condições. O depoimento dos rapazes nos esclarece muito pouco. Afinal de contas, dois jovens atraentes e que se dão bem do ponto de vista emocional deveriam ter também interesses sexuais recíprocos. Eles apenas dizem que não sentem desejo por elas. Não sabem explicar o porquê disto e nem se interessam em buscar entender o que se passa. Se satisfazem com a ideia de que o desejo nem sempre parece e que ele envolve "mágicas" inexplicáveis. São só amigos e pronto! Não posso deixar de me interessar por esta "mágica" inexistência do desejo. Não posso deixar de me preocupar muito com este fato aparentemente irrelevante, uma vez que ele denuncia um dos aspectos que eu considero fundamental para a vida afetiva e sexual da maior parte dos homens. O desejo sexual não acompanha as afinidades intelectuais e o bom entendimento com o sexo oposto! É isto mesmo! Ao menos como regra geral. Quando um rapaz se afeiçoa a uma moça – porque teve oportunidade de conviver com ela fora das situações de conquista – o seu desejo sexual fica inibido. Trata a questão com naturalidade; considera-a como amiga e isto explica a ausência do desejo. Ou então atribui à ausência do desejo o fato de vê-la apenas como amiga. A intimidade é boa, as afinidades são muitas, o entendimento é fácil e, o mesmo tempo, o desejo sexual é inexistente.

Se quisermos generalizar, podemos dizer que o maior fator de tensão entre rapazes e moças durante a adolescência é a existência do desejo sexual. Ou, se preferimos: se não houver tensão – disputas, jogos de conquista, antagonismos – não haverá desejo. Tudo isto

muito de acordo com os condicionamentos anteriores, que já descrevi à exaustão, através dos quais a sexualidade está acoplada à agressividade. Na ausência de tensões agressivas não há desejo sexual. Se não há desejo sexual, não se compõem as fantasias românticas. A situação fica confusa, porque o rapaz tem amigos e amigas com as quais confia e é íntimo e se encanta por alguma moça que lhe desperta o desejo; e o desejo se abastece das tensões e disputas; e o desejo se abastece também da rejeição da moça, pois com isto o sentimento pode continuar a ser vivido apenas em fantasia. Se a moça que desperta o entusiasmo do rapaz se mostrar disponível a ele, seu interesse imediatamente desaparece; isto acontece tanto porque seus temores de um amor real são enormes como também porque o desejo se atenua em virtude da ausência de disputas.

Não são situações nada fáceis de serem resolvidas. Vários são os encaminhamentos destes conflitos. Alguns amigos tentam transformar suas relações em namoros, apesar do pouco interesse sexual. Fazem isto muitas vezes porque acham esta via mais conveniente, mais fácil. Isto, é claro, quando já estão mais corajosos e prontos para viver o amor como fato real. Esta ideia de conveniência – de estarem fugindo da luta e das disputas pela conquista de mulheres que poderiam interessar mais do ponto de vista sexual persegue a intimidade de muitos rapazes. Se sentem muito bem com suas namoradas, estão aconchegados e bem realizados do ponto de vista afetivo, mas no fundo se consideram fracos, covardes. As intimidades sexuais se tornam gratificantes, mas a intensidade do desejo não costuma ser muito forte; e isto também faz com que eles se considerem perdedores. Vivem relacionamentos afetivos baseados em afinidades; relacionamentos ricos e consistentes; podem se sentir confiantes e confiar nas suas namoradas. Se sentem bem, mas a ideia de terem fugido das dificuldades, das disputas, os persegue, prejudicando sua capacidade de usufruir das delícias deste tipo de amor. Estes pensamentos negativos estragam uma boa parte da alegria que podiam ter. Daqui a pouco poderei demonstrar que vivem um relacionamento amoroso da melhor qualidade e não se dão conta da preciosidade que lhes caiu nas mãos.

Aqueles rapazes que já se vêm com coragem para transformar seus sonhos românticos em realidade tratam de se aproximar daquelas moças que lhes despertam o desejo sexual e também que têm um modo de ser agradável e interessante. O fato de desejarem de modo intenso uma moça e perceberem que a recíproca não é verdadeira faz

com que muitos rapazes se sintam inseguros e tenham grandes dificuldades na abordagem justamente daquelas que mais os interessam. Para que finalmente consigam se chegar é preciso que se sintam superiores em outros aspectos. Várias são as conseqüências deste processo. A primeira, e mais desastrosa, é que as mulheres mais belas e atraentes são as que provocam maior sensação de inferioridade nos homens. E se elas forem também inteligentes, persistentes, cultas e de caráter aí sim é que os homens se apavoram mais ainda e não conseguem se sentir à altura delas. São exatamente estas mulheres as que mais dificuldades têm em encontrar parceiro amoroso à altura, ao menos durante os anos da mocidade. Além disto, e voltando ao ponto de vista masculino, existe uma tendência em muitos rapazes de se acoplarem a mulheres que não estão no mesmo nível intelectual e moral que eles; isto porque, quando existe igualdade de condições, eles se sentem por baixo devido ao fato de desejarem com mais intensidade do que se sentem desejados. Os homens se sentem desta forma independentemente do que se passa na mente feminina. Não se trata de quanto a mulher deseja o homem e sim de quanto o homem se sente desejado. Quando o homem não se sente em superioridade em relação à mulher, existe uma tendência para a inibição de seu desejo sexual. Talvez este seja mais um fator inibidor nos relacionamentos entre amigos e amigas, onde as afinidades nos outros setores da subjetividade derivam de uma relativa igualdade no plano intelectual. Não nos faltará oportunidade de, quando tratarmos das dificuldades sexuais masculinas, desenvolvermos melhor este aspecto da fragilidade dos homens que foi levantado pela primeira vez por Freud em 1912 num dos seus ensaios sobre a psicologia do amor – já sabemos que os termos sexo e amor eram usados por ele de modo indiscriminado.

Os rapazes se aproximam das moças que os atraem para se testarem e para ver se podem com elas. Precisam se sentir o cavaleiro. É possível que isto não derive apenas das sensações de inferioridade sexual, mas também seja uma defesa contra o medo do amor que restou neles em virtude das dolorosas experiências infantis. Se sentir por cima poderá dar uma sensação de que dificilmente serão rejeitados. Poderão sentir que têm um relativo controle da situação e que o relacionamento só terminará por sua iniciativa. Ficam melhor protegidos, com menor risco de abandono. Têm menor chance de terem que experimentar as dores da ruptura amorosa contra a sua vontade. Acredito também que esta sensação de superioridade cria condições para que a sexualidade vá se desvinculando lenta e

progressivamente das suas alianças com a agressividade e passe a se acoplar ao fenômeno amoroso.

Além destes ingredientes relacionados com a sexualidade e que determinam o surgimento do interesse afetivo, existe um outro de natureza eminentemente intelectual. O encantamento amoroso é um processo extremamente intrigante que faz com que uma pessoa, inicialmente neutra, se transforme, ao longo de poucas horas ou dias, em alguém absolutamente essencial e único. Uma vez estabelecida esta transformação, se compõe um elo de interdependência muito similar ao que o menino teve em sua ligação original com a mãe. Não é difícil entendermos que todo o elo amoroso adulto reproduz as características do primeiro amor. Isto tanto no sentido das gratificações, do aconchego, como no sentido de seus ingredientes frustradores, tais como possessividade, ciúmes, exigências enormes, etc. Todo objeto do amor, na fase adulta dos rapazes, é um objeto substituto da mãe. Nem por isso cabe a suposição usual de que os rapazes procuram nas moças aquelas que sejam parecidas com suas mães. Isto às vezes acontece, mas não é por este caminho – o da busca de figuras semelhantes à mãe ou opostas a ela – que se chega a um entendimento mais claro das "razões do coração". O que, então, determina o encantamento amoroso, do ponto de vista da razão? Platão achava que o amor deriva da admiração; e minha opinião é a mesma. Acredito, como ele, que se possa estabelecer com clareza e lógica o processo que determina a transformação de uma pessoa inicialmente neutra em alguém único e especial. E se as coisas não são extremamente simples é porque os ingredientes sexuais aos quais já me referi confundem um pouco o panorama.

O amor do menino pela mãe é físico, biológico. Quando, na vida adulta, um rapaz busca um novo objeto do amor que tem por finalidade atenuar a sensação de solidão e desamparo, provocando a mesma sensação de aconchego que sua memória guardou dos primeiros anos, sua escolha será intermediada pela razão. A busca de um objeto do amor é um anseio espontâneo, quase que instintivo. Mas o tipo de moça que despertará o seu interesse dependerá da sua racionalidade. E o fator racional que determinará a escolha é a admiração. O rapaz poderá sentir desejo sexual independentemente de admirar uma moça. Mas não se encantarà por ela se não admirar nela determinadas propriedades. É evidente também que os critérios de admiração são extremamente variados de pessoa para pessoa e também variam conforme a idade e a maturidade em cada pessoa. Também é fácil

compreender que a beleza e a sensualidade de uma mulher despertam muita admiração de um rapaz, de modo que o elemento sexual não se desvincula totalmente do ingrediente puramente intelectual. Não é raro inclusive que, nesta fase da vida, estes aspectos exteriores e superficiais das mulheres predominem em importância sobre os de natureza interior, mais ligados às peculiaridades intelectuais e de caráter. Podemos ousar e fazer a seguinte generalização: os rapazes, por razões variadas, não fazem um bom juízo de si mesmos nestes anos da adolescência. Alguns têm sentimentos de inferioridade em virtude de sua aparência física; inclusive em virtude de não estarem muito satisfeitos com o tamanho do seu pênis. Outros se acham tímidos e muito inferiorizados em relação a outros mais ousados na abordagem das moças. Outros se percebem pouco persistentes e pouco determinados e se sentem por baixo daqueles que conseguem se dedicar com mais afinco aos estudos ou a algum trabalho. Outros se sentem inferiorizados por se saberem mais egoístas e incompetentes para lidar com frustrações. Outros ainda se sentem menos capazes por se saberem pouco competentes para dizer não a terceiros e para defender melhor seus direitos. A ideia de Adler da universalidade do sentimento de inferioridade está muito de acordo com a realidade, ao menos a dos adolescentes e adultos jovens.

E agora vejam a consequência deste sentimento depreciado de si mesmo na questão do amor: se um indivíduo não gosta do seu jeito de ser, tenderá para admirar aquelas pessoas que sejam o seu oposto. Se o amor deriva da admiração, o encantamento amoroso se dará, como grande regra geral, entre pessoas diferentes, opostas. Um rapaz mais tímido, menos agressivo, mais discreto e introvertido, mais sistemático e organizado tenderá para se encantar por uma moça mais exuberante, mais agressiva, extrovertida, desorganizada e sem persistência. Um rapaz mais egoísta tenderá para se aproximar de uma moça mais generosa. E vice-versa. Afora o caso dos namoros que se iniciam a partir de relacionamentos de amizade, onde as afinidades é que estão presentes, quase todos os namoros dos primeiros anos da vida adulta se dão desta forma, ou seja, por oposição. Este amor entre pessoas opostas, que tão comumente se encontra também entre adultos e que é o mais usual entre pessoas casadas, está a serviço de várias causas. Uma delas é que a quantidade de atritos e de brigas é bastante grande, coisa até certo ponto conveniente porque impede a constituição sólida do elo e com isto determina uma intensidade afetiva menor. A intensidade menor está a serviço do medo do amor – quando mais forte o elo

maior o pavor relacionado com sua ruptura – e também defende a individualidade que, nos primeiros anos da vida adulta, busca desesperadamente se estabelecer. Amor e individualidade compõem um antagonismo que só muito poucas pessoas conseguem ultrapassar, ainda assim em etapas bem posteriores. A outra razão para que a ligação entre opostos seja a mais freqüente e a mais conveniente para a adolescência, além daquelas determinadas pelo sentimento de inferioridade e pelo medo de um elo amoroso mais intenso, tem a ver com a sexualidade. Já vimos que é difícil este instinto se expressar em um clima de companheirismo e aconchego. Nossa sexualidade cresceu acoplada à agressividade e à disputa. O encantamento entre pessoas muito diferentes é determinado pela admiração. Admiração de propriedades que não temos e que detectamos no outro. Propriedades que não temos e que gostaríamos de ter. A admiração é, pois, a matriz do amor e também está na raiz da inveja. Amamos uma pessoa porque ela possui propriedades que admiramos. Invejamos a mesma pessoa porque admiramos nela propriedades que gostaríamos de possuir e não possuímos.

No amor entre pessoas diferentes coexistem, pois, amor e inveja. O amor cria momentos de ternura e aconchego. A inveja gera críticas indevidas, recriminações de todo o tipo, competição e brigas por motivos banais. A inveja está ligada ao nosso universo agressivo e pode, portanto, trazer consigo os nossos anseios eróticos. O amor traz o aconchego e a inveja traz o desejo sexual; isto como regra geral, porque em alguns casos a inveja e o desejo agressivo contra o outro podem determinar exatamente o bloqueio do desejo, cujo objetivo seria o de assim magoar o parceiro. Por este caminho do amor entre opostos vai se buscando uma aproximação entre amor e sexualidade, cuja síntese efetiva tão raramente se estabelece entre os homens. Ainda que movido pelas disputas da inveja, o sexo consegue fazer parte integrante de um relacionamento amoroso.

E assim os rapazes vão chegando aos seus 20 anos de idade. A maior parte deles acumulou uma razoável experiência sexual que lhes deu uma certa segurança e alguma confiança acerca de sua virilidade; sempre sobram algumas dúvidas, mas bastante menores do que as que tinham no início da puberdade. Do ponto de vista sentimental se satisfazem com estas ligações entre opostos; toleram bem as inseguranças e ciúmes que o vínculo afetivo determina e tratam de desenvolver em paralelo sua individualidade e também outros relacionamentos de amizade. Já aprenderam as regras do jogo da vida adulta e sabem que a

realização profissional está a serviço da busca de satisfações íntimas, mas também é indispensável para se ter uma boa posição perante as mulheres. Sua vaidade física vai se transferindo cada vez mais para o mundo do trabalho e reforça a ambição profissional, coisa que nossa cultura tem tratado como grande virtude.

Desnecessário dizer que poucos são os jovens que conseguem determinar seus projetos e planos para o futuro sem levar em conta a opinião que as mulheres terão deles. É certo que se preocupam também em impressionar os homens. Mas agradar às mulheres é fundamental! Precisam delas para o amor. Precisam se sentir bem recebidos sexualmente. Precisam arrumar um modo de serem atraentes para elas e, com isto, reverter a inferioridade biológica. Precisam se sentir superiores em relação às mulheres nos outros setores da vida para poderem ter competência e segurança nas relações sexuais. De uma forma ou de outra, estão totalmente rendidos aos encantos femininos. Têm raiva disto. Se revoltam contra isto e, com frequência, são estúpidos e agressivos com as mulheres. Todo tirano é fraco.

## V - E A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA?

Vamos tratar agora de uma das questões mais intrigantes da psicologia masculina e para a qual não dispomos de explicações que satisfaçam a todos os que têm se dedicado ao tema. Esta é mais uma razão para eu me sentir à vontade para desenvolver meus pontos de vista, colecionados a partir do trabalho psicoterapêutico com centenas de homossexuais. Minhas vivências pessoais não são de valia neste caso, pois faço parte daquele grupo majoritário de homens que desenvolveu um brutal preconceito em relação à aproximação física com outros homens. Incorporei as regras da cultura. Ela ditava – e dita – normas rígidas para a conduta dos meninos e rapazes com o intuito de impedir contatos eróticos prazerosos entre dois corpos masculinos. Aprendi que um homem não beija outro homem; meu pai me beijou pela primeira vez quando eu tinha mais de 30 anos de idade. Aprendi que era melhor evitar qualquer tipo de contato físico com amigos, pois se isto fosse gostoso eu estaria em maus lençóis.

Sempre estranhei o fato de que com as moças as coisas eram diferentes. Elas andavam de mãos dadas, se abraçavam e se beijavam sem nenhum pavor de se tornarem homossexuais. Se dois rapazes fossem vistos praticando os mesmos gestos de carinho estavam com o seu destino traçado: seriam tratados para sempre como homossexuais. E, o que é pior, se sentiriam assim interiormente. Aos homens não é permitido nenhum deslize, ao passo que as moças podem passear tranqüilamente pelas carícias homossexuais sem serem definidas como tais. Mais uma vez aparece claro para mim como a mulher é criada com maior liberdade neste setor. Ela pode transitar por áreas que não são suas sem serem estigmatizadas, sem serem rotuladas. Para os homens a conduta sexual é uma questão de "honra". E, como dizia Schopenhauer, a honra envolve um processo curioso: quando se faz tudo segundo os códigos oficiais não se acumula honra; apenas se conserva a que se tem. Qualquer transgressão significa a perda definitiva de toda a honra. Uma simples calúnia pode acabar com a honra de uma pessoa. No passado, esta sensação íntima de orgulho derivada da própria integridade só poderia ser resgatada pelo duelo. Se o indivíduo fosse capaz de matar o caluniador, teria a sua honra de volta. Quando um rapaz encosta em outro e sente algum tipo de excitação sexual, ele imediatamente fica desonrado. Não é à toa que todos tememos tudo o que seja mais íntimo do que um aperto de mão.

Tanto pavor, tanto preconceito e tantas recomendações para se evitar isto ou aquilo não podem ser em vão. Tudo isto deve significar que evoluir na direção homossexual é uma coisa fácil para o erotismo masculino. Pode acontecer com grande facilidade e tem que ser evitada com grande energia. Se pode medir a facilidade com que um rapaz pode evoluir para a homossexualidade pelo tamanho do rigor e das proibições que a cultura faz contra ela. Se mede a força do acelerador pelo tamanho do freio! Sabemos que houve épocas na história de certos povos em que a homossexualidade masculina se tornou norma usual e isto também confirma a hipótese de que se trata de um encaminhamento que pode acontecer com facilidade. Nossa permissividade sexual a partir dos anos 60 fez com que o número de homossexuais aumentasse muito e rapidamente, o que outra vez significa que basta reduzir a repressão para que o fenômeno se manifeste com frequência crescente.

Apesar de toda a minha educação preconceituosa a respeito do assunto, gostaria de afirmar desde o início que não sou contra e nem a favor da homossexualidade. Não a considero doença e apenas a vejo como uma das possibilidades de evolução do erotismo masculino. Por outro lado, minha formação biológica não me permite ver esta possibilidade como tão natural quanto a heterossexualidade. Considero, pois, a homossexualidade como uma fácil e comum alteração da rota natural da nossa sexualidade; esta alteração de rota desemboca em uma solução bastante estável e agradável, tanto assim que poucos são os homossexuais que querem reverter suas opções sexuais. Se fosse uma má opção não seria tão estável e as pessoas estariam buscando novas soluções para seus conflitos, coisa que raramente ocorre.

Ainda como introdução à questão, quero afirmar que minha opinião é a de que não se deve buscar explicações muito complexas e excepcionais para esta alteração de rota. Isto por duas razões: a primeira deriva do fato de que o temor deste tipo de evolução é universal na nossa cultura, o que vale dizer que suas causas devem ser usuais e genéricas. Parece, pelo que se pode depreender da atitude dos pais, que se o menino tiver uma experiência homossexual ele poderá gostar das sensações eróticas. E se gostar tenderá para buscar repetições. Nada pode ser mais simples e provável de acontecer do que isto. E a cultura deverá fazer de tudo para impedir que estas experiências aconteçam. A segunda razão deriva da análise da história; para que, em poucas décadas, toda uma comunidade de homens passe a ter vivências homossexuais, é preciso que haja fatores simples e comuns a

todos os homens. Se estivéssemos lidando com uma alteração de rota que dependesse de experiências traumáticas muito especiais e raras, o número de homossexuais teria que ser menor e sua frequência não poderia variar em um espaço de tempo muito curto.

Vou repassar os aspectos da evolução masculina que, acredito, possam influenciar no sentido de se estabelecer a opção homossexual durante os primeiros anos da vida adulta. Não creio que seja necessário que todos estes ingredientes estejam presentes em todos os homossexuais. Contarei a história de um rapaz que tenha tido todas as dificuldades e peculiaridades que influem no assunto, mesmo sabendo que nem sempre existem todos estes episódios e que por muito menos alguém já poderá se tornar homossexual. Mencionarei no final a questão da bissexualidade e também a da homossexualidade determinada por circunstâncias, como é o caso de homens nas cadeias, no serviço militar, etc.

O primeiro período difícil e confuso é o dos 2 a 4 anos de idade. O menino se dá conta, perplexo, de que existem pessoas com pênis e pessoas sem pênis. As com pênis são os homens e estes se vestem de um dado modo, têm certas atividades que lhe são próprias, usam determinadas palavras e têm voz mais grave, são mais fortes e mais peludos. As sem pênis são as mulheres, vestidas de uma maneira mais variada, se ocupam mais das coisas da casa e das crianças, têm voz mais aguda, são mais meigas, mais delicadas e são criaturas que usam roupas e cremes que as fazem mais coloridas. O menino tem pênis e é estimulado para se comportar de um modo parecido com o dos homens. Deverá ser como o pai e como os irmãos.

Este processo de curiosidade infantil de mapear o corpo masculino e o feminino corresponde à vontade de desvendar esta coisa estranha de que existem dois modos diferentes de se ser humano. É o interesse de entender o que distingue as duas classes de criaturas e conhecer suas diferenças anatômicas. O menino quer tocar o pênis do seu pai e também os seios de sua mãe. Quer ver tudo e saber para que servem estas partes do corpo que estão quase sempre cobertas. Não entende porque são tratadas de modo tão especial, com tanto recato. Aos poucos se habitua a isto e também passa a sentir vergonha quando é visto nu; se todos se envergonham de sua nudez ele também deverá se sentir assim; até porque são comuns as ironias a respeito das partes do corpo que costumamos esconder.

O cérebro de cada criança já está em funcionamento, acumulando informações e tirando suas primeiras conclusões. Já se fazem as primeiras deduções, ou seja, o fruto da correlação entre os fatos e informações acumuladas. O processo é simples naquelas crianças de inteligência mais simples que, como regra, são induzidas com facilidade a concluir de acordo com o que lhes é ensinado. Mas há outros espíritos mais sofisticados e, desde cedo, mais irreverentes. Questionam as conclusões que lhes são propostas e querem entender as coisas por sua própria conta.

Estas criaturas mais auto-suficientes e mais confiantes no seu próprio modo de pensar podem tirar conclusões muito peculiares dos fatos que lhes são apresentados. Isto não significa que concluam com mais sabedoria. Apenas não se sujeitam com tanta facilidade às conclusões que lhes são fornecidas como as mais adequadas. O menino de boa inteligência compreendeu que existem dois sexos e um universo de atividades próprio de cada um deles. Do ponto de vista sentimental é incrivelmente mais ligado à mãe do que ao pai. Gosta mais dela, do seu colo e dos seus carinhos. Isto é especialmente mais provável quando o pai é uma criatura agressiva, competitiva e também mais distante. O menino é induzido a se identificar com o modo de ser dele; mas ele é uma pessoa complicada. O pai age de um modo estranho, ainda difícil de ser identificado como hostilidade competitiva derivada da disputa pelo amor da mãe. O menino se sente tão melhor quando está com a mãe, que o cerca de atenções e de carinhos e pode não achar muita graça no modo de ser de seu pai. Pode inclusive ter raiva dele pelo fato de não se sentir amado ou não se sentir tratado de uma forma gratificante; ou por se sentir vítima de violências e repressões maiores do que considera razoável. O menino ama a mãe e tem raiva do pai; mas ainda assim é compelido a ser como ele.

Não se deve cometer o erro ingênuo e primário das generalizações precipitadas. Não se pode afirmar que sempre que o pai é uma figura muito agressiva e hostil em relação a um filho homem, este tenderá para a homossexualidade. Este mesmo pai poderá ter três filhos e apenas um se encaminhar para esta rota. Tudo depende do modo como a subjetividade de cada criança registra e "metaboliza" os fatos aos quais ela está submetida. O que pode ser vivenciado como hostilidade insuportável por uma criança poderá ser sentida como agressividade "normal" por outra. Cada criança é de um modo. Aliás, isto determina uma das regras que considero fundamental no processo educacional: antes dos pais

estabelecerem as normas para a educação de cada um dos seus filhos, deveriam prestar mais atenção no seu modo peculiar de ser; para os mais delicados e inteligentes é necessário um tratamento mais brando, ao passo que os mais agressivos exigem atitudes pedagógicas mais enérgicas. Nosso menino mais inteligente e mais questionador poderá, pois, achar muito desagradável o modo de ser do seu pai, este mesmo pai que seus irmãos podem achar um pouco bravo, mas assim mesmo legal. Poderá se revoltar a ponto de se tornar absolutamente sem vontade de ser como ele. Isto impedirá sua inclinação para seguir a norma cultural que propõe este caminho; se recusará a se identificar com o padrão masculino. Ao mesmo tempo este menino é muito ligado à mãe e, por várias razões, tenderá a se apegar cada vez mais a ela. Fará isto não só porque aí se sente aconchegado, mas também porque não gosta da companhia do pai, de quem tem raiva e também medo. Não se identificando com o modo de ser dos meninos, vai se desajustando também em relação aos irmãos e aos colegas. Quanto mais solitário fica, mais próximo tenderá a se colocar no relacionamento com a mãe. Amará a mãe com intensidade brutal, o que aumentará a hostilidade do pai contra ele. Isto incrementa sua raiva e se compõe uma tendência para a perpetuação do círculo vicioso. Ficando mais próximo da mãe do que do pai ou dos outros meninos, tenderá a se familiarizar com atividades próprias do mundo feminino. Acabará se interessando pelo seu universo de ocupações. Estará, mais próximo da cozinha, da máquina de costurar, das bonecas. Na medida em que se recusa a se identificar com o universo masculino, tende a desembocar no feminino. Aliás, nem existem outras alternativas à disposição. O menino imita os trejeitos da mãe, sua forma de falar, de andar, de movimentar as mãos. Se torna meigo e de gestos delicados. Interessado por brincadeiras típicas das meninas, que ensaiam suas futuras funções de mães e esposas. Se afasta cada vez mais dos meninos, pois se sente diferente deles. Rejeita-os e se sente rejeitado por eles.

É evidente que a família já está absolutamente em pânico e preocupada com o modo de ser do menino, que se interessa por atividades "de mulher" e tem gestos e trejeitos típicos do feminino. Algumas pessoas poderão pensar que não tem jeito, que alguns nascem desta maneira e que a homossexualidade é uma característica biológica que se manifesta desde muito cedo. A maior parte dos pais, porém, busca orientação de profissionais. Ouvem de tudo, uma vez que pouco sabemos de definitivo a respeito. É provável que o pai será estimulado a ficar mais com o filho e a levá-lo para os jogos de futebol e forçar seu

interesse para as atividades masculinas. Tentará, fazer isto. O menino terá alguma boa vontade, apesar da raiva já acumulada contra ele. O pai agirá com energia e agressividade em outras ocasiões e o menino terá sua raiva e revolta contra ele confirmadas. Se perceber que seus trejeitos afeminados provocam a ira e a vergonha do pai, poderá agir de uma forma ainda mais exagerada nesta direção com o intuito de magoá-lo. Este, por sua vez, perderá a paciência com facilidade crescente e tratará de impor modos de "macho" ao menino. A rebeldia deste último se aguça e ele se torna cada vez mais delicado. Deste esforço de resolução costuma resultar um forte agravamento nas relações entre pai e filho e uma grande radicalização de posições, que impulsionam o menino mais ainda para o "mundo das mulheres".

O universo dos homens é rico em atividades interessantes, do mesmo modo que acontece com o "mundo das mulheres". Apesar da tendência masculina para depreciar este último, é possível que alguns meninos achem mais graça nele do que no dos homens. Se for este o caso, não é impossível que se acheguem mais às suas mães e irmãs mesmo quando não têm nenhuma relação particularmente hostil com seus pais. Neste caso foi apenas por causa de sua inteligência e modo de concluir sobre as coisas que preferiu se aproximar mais deste setor de atividades. Enquanto existirem universos masculinos e femininos muito estanques e delimitados, sempre poderão existir crianças de um sexo que achem mais graça no mundo do outro sexo. Se houver oposição familiar a isto, como é a regra, aí sim poderá haver acirramento das hostilidades cujo resultado será uma tendência para a radicalização na direção oposta à vontade dos adultos.

Este menino mais delicado, rico em trejeitos que na nossa cultura são típicos das mulheres, vai para a escola por volta dos 5 anos de idade. Não tem nada contra os meninos, mas se sente melhor com as meninas, pois têm mais interesses em comum. Se seu pai é mais violento, inibiu suas reações agressivas um pouco por medo e um pouco por não querer ser parecido com ele. Os outros meninos o provocam e ele não é competente para se defender. Apanha e volta para casa chorando. Recebe algum consolo da mãe. Do pai ouve recomendações de que deve reagir à altura. Não consegue agir assim, um pouco por medo e um pouco por não querer ser parecido com ele. Se afasta cada vez mais dos meninos e se achega mais ainda às meninas. Participa de suas brincadeiras. Foge dos jogos competitivos que começam a ser a atividade principal dos meninos a partir dos 7 anos de idade. Não se

interessa pelos esportes que praticam e se torna incompetente para eles. Se retrai e se volta para outros interesses mais solitários: leitura, música, dança. A família se preocupa cada vez mais. Algumas vezes fazem de conta que não está acontecendo nada de especial, que isto é fase e daqui a pouco as coisas se acertam. Não querem ver a seriedade do problema, pois não sabem como agir diante da situação. Outras vezes encaminham o menino para algum tipo de tratamento psicológico, esperando que a ajuda profissional o conduza à identificação com o padrão de comportamento próprio do seu sexo. Na maior parte das vezes o trabalho psicológico é ineficaz, uma vez que a complexa gama de emoções antagônicas entre pai e filho persiste e predomina como fator perpetuador da identificação com o papel feminino. Os problemas de relacionamento com os meninos na rua e na escola se agravam. Estes se apercebem cada vez mais das diferenças no modo de ser do menino mais delicado e constata sua pouca competência para se defender da violência física e das ofensas verbais. Começam a tratá-lo por apelidos. É a "bicha", o "veado", o "fresco". O menino é ridicularizado pelos colegas e se sente brutalmente humilhado. Já sabe que se se queixar em casa ouvirá mais recriminações e censuras. Suporta com grande dor as humilhações e não consegue reagir. Teme que tudo o que fizer provocará ainda mais a ironia dos moleques. Apanha e não reage. Acumula crescente raiva dos outros meninos e sonha vinganças. Se sua raiva inicial era contra o pai, agora tem raiva de todos os meninos que não respeitam seu modo de ser. Mas nem por isso se modifica. Nem por isso se empenha em se transformar em um menino com gestos e posturas mais típicos da população masculina. Ao contrário, parece que sente algum prazer em ser diferente dos outros, ainda que isto lhe provoque humilhação e dor. Aparentemente é dócil e pouco competente para situações violentas. Por dentro, desenvolve fantasias de vingança. Se imagina poderoso e com condições de humilhá-los a todos. Um dia chegará em que poderá reverter a situação e colocar para fora toda a sua ira e revolta. O ódio contra os homens se generaliza.

O menino se afasta cada vez mais dos do seu sexo e começa a se conscientizar de uma forma mais clara de que há algo de diferente no seu modo de ser. Não é um homem como os outros. Deve ser um homossexual mesmo. E que fazer se sempre foi assim? Não adiantará muito lutar contra os fatos. Vai se acostumando a esta ideia, vai aceitando cada vez mais calmamente o seu "destino". Se ser homem significa ser e agir como aqueles

moleques, então ele não é mesmo uma pessoa "normal". Olha ao seu redor e percebe que existem homens adultos com postura afeminada como a sua. São os homossexuais. Não há dúvidas de que será um deles! Ou então ele é apenas mais sensível e delicado que a média dos garotos e isto não quer dizer nada. Quando crescer as coisas se acertarão. Sua mente vai oscilando entre estas hipóteses. Nos últimos anos da infância já existem os meninos que assumem maior liderança no grupo. São os mais competentes para as práticas competitivas que estiverem em moda na época. São os mais fortes, os que são "bons de briga". Despertam a admiração das meninas, especialmente quando são também meninos bonitos. Reúnem em torno de si os meninos mais parecidos com eles e formam o grupo dos "mais fortes". O nosso menino evidentemente está excluído do grupo. Terá um ou outro amigo mais chegado, certamente mais parecido com o seu modo de ser. Os outros, mais machões, não querem nem se aproximar dele, pois poderão ser ridicularizados por causa disto. "Quem anda com bicha deve ser bicha também". É tratado como um leproso. Nas disputas entre os meninos, e também entre os que já estão iniciando a puberdade, o perdedor é o que fica por baixo na simulação da situação erótica imitada dos adultos. O nosso menino sempre estará nesta condição. Estará sempre humilhado. Será aquele de quem tentarão abaixar o calção para que sua bunda fique à mostra. E o vencedor roçará o seu pênis nela. Se o vencedor já tiver ereção, poderá tentar penetrá-lo. Isto em algum lugar discreto ou mesmo diante dos outros meninos. Se houver a penetração, coisa nada incomum, a sensação poderá ser prazerosa. Sim, a penetração anal é muito agradável para o menino – isto é a regra; é claro que existem exceções e quando a experiência é por demais dolorosa existe forte tendência para evitar repetições, compondo uma tendência para fugir de situações homossexuais. A penetração anal é agradável para o adolescente e para a maioria dos homens adultos, pois o orifício externo do ânus é região muito sensível a estímulos eróticos, assim como a região inicial do reto onde está a próstata. Por esta segunda razão, a penetração anal é mais agradável para os homens do que para as mulheres.

Muitas das histórias de homossexuais incluem alguma experiência de penetração anal durante a infância e o início da puberdade. O relato é de sensações agradáveis, excitantes, mesmo quando o evento se deu quando o menino tinha 5-6 anos de idade. Nestes casos, relatam sensação parecida com o prazer da evacuação. Também é fácil compreendermos que quando existem estas experiências de penetração anal agradável

poucas são as dúvidas que restam dentro da mente do menino – ou do rapaz – de que ele é homossexual. Se a situação em que ele foi penetrado é de humilhação, não é impossível que esta sensação se associe ao prazer erótico, compondo o ingrediente fundamental do masoquismo. Se a associação entre sexualidade e agressividade é uma constante na formação dos meninos, no caso dos homossexuais me parece que esta associação é muito mais evidente. Fatores de natureza sexual são a causa de muitas das humilhações e ofensas que sofreram. É possível que seus sonhos de vingança contra os rapazes sejam também de natureza sexual. Já mostrei como os rapazes que melhor se saíram da fase infantil enfrentam enormes e dramáticas dificuldades durante a puberdade e a adolescência. Os que crescem com razoável auto-estima esbarram com obstáculos que nem sempre conseguem ultrapassar com eficiência. Imaginem então as dificuldades e os problemas ligados ao surgimento da sexualidade adulta em um rapaz que teve história de vida similar à que venho narrando. É evidente que o caso que estou descrevendo é bastante radical, onde tudo o que de mais significativo para impedir a auto-estima como macho está acontecendo. Mas mesmo naqueles onde as marcas traumáticas da infância são mais suaves, a puberdade traz desafios quase que insólúveis.

A chegada da puberdade e o surgimento do desejo sexual intenso trazem para o rapaz mais delicado as mesmas impressões confusas e inexplicáveis que são próprias de todos os rapazes. As moças passam a ter um papel importante que não tinham até então. São desejadas e por isso mesmo sofisticam sua preocupação com a aparência física; se aprimoram na arte de provocar os homens. Os rapazes também se preocupam muito com sua aparência física; acham que se forem belos despertarão o desejo feminino da mesma forma que são despertados; isto não acontece e eles não sabem que se trata de um fenômeno geral, sobrando a hipótese de que eles é que não são interessantes. Os mais autoconfiantes tentam suas primeiras investidas, assumindo o papel ativo, o daquele que tem que tomar a iniciativa da abordagem. Os mais tímidos esperam pra ver se entendem melhor a situação e tentam se armar de coragem para o futuro. Todos têm medo da rejeição feminina. Todos têm muito medo de se testarem sexualmente e de fracassar.

E o nosso rapaz? Nunca se entendeu com o papel masculino. Agora muito menos: tomar a iniciativa de abordar uma moça correndo o risco de ser humilhado também por ela? Nem pensar nesta hipótese. Está farto de humilhação. Precisa de sucessos, de

acontecimentos favoráveis. Precisa de reforços para sua auto-estima, que não poderia estar pior. Além do mais, como o desejo sexual está fortemente associado à raiva e à agressividade, ele muitas vezes já aparece direcionado para a figura masculina e não para as moças. Ele não cresceu achando as moças burras e desinteressantes. Não cultivou o desprezo e o rancor contra elas que os meninos "normais" desenvolveram. Sempre teve simpatia por elas e por suas atividades. Não raras vezes, portanto, o desejo visual pela figura feminina já aparece em segundo plano mesmo no início da adolescência, ao passo que o desejo pelo homem é mais forte, mais vivo. Quando isto acontece, se confirma mais uma vez a hipótese de que ele é homossexual mesmo e que não há nada que possa fazer.

O rapaz observa a condição masculina de ter o desejo ativo e ter que tomar iniciativas. Observa também a condição feminina de ser objeto do desejo. Prefere, é claro, a segunda posição. Mais uma vez se confirma para ele a ideia de que o papel feminino é o mais interessante, o mais adequado ao seu modo de ser. Não sabe que, neste ponto de vista, não está sozinho. Todos os rapazes consideram a condição feminina como a privilegiada. Talvez por isso nossa cultura sempre tenha tido medo da evolução homossexual dos rapazes. Desejar mais do que se é desejado provoca grande frustração. Se não se desenvolver uma ideologia que prove as vantagens e as superioridades da condição masculina e se não se tratar de incutir isto na cabeça dos meninos desde que são pequenos, ao chegarem na puberdade vão se reconhecer em condição inferior e vão se revoltar contra sua situação de homens. Os rapazes têm que crescer achando que é muito melhor ser homem para que possam digerir a óbvia inferioridade da sua condição sexual adulta. Acredito mesmo que muitos rapazes que não tiveram os atropelos infantis ligados a não identificação com o papel masculino lá pelos 4 anos de idade, passam a se revoltar contra esta condição nos anos da adolescência, desenvolvendo grande mágoa pela condição ativa do macho e preferindo a passividade feminina. Engrossam as fileiras dos que poderão evoluir na direção homossexual. A simples ideia de uma aproximação sexual do nosso rapaz com uma moça poderá deixá-lo em pânico. Um pânico não muito diferente daquele que está presente em todos os outros rapazes: o pavor do fracasso, a humilhação derivada de não ser capaz, o pânico de que a moça conte para os outros rapazes o sucedido. Ele sabe do seu pânico, mas não sabe que os outros também sentem o mesmo. Mais uma vez acha que é diferente, que não é por aí o seu caminho, o seu "destino". Estes temores não são

compartilhados. Todos os têm, mas se esforçam por se mostrar corajosos e ousados aos olhos dos outros. Ao se masturbar, o pânico poderá impedir que as fantasias heterossexuais sejam excitantes, o que mais uma vez confirma sua "vocação" homossexual. Surgem as fantasias homossexuais e estas fluem com maior facilidade. Aqui, não existe o pavor do fracasso, pois já estão todos no mesmo barco; afinal, todos já perderam a "honra" e não têm que provar mais nada para ninguém. A partir de tamanho pânico em relação às possibilidades heterossexuais, se compõe uma verdadeira fobia – medo de coisas ou situações que não são efetivamente ameaçadoras. A fobia sexual das mulheres determina o total desaparecimento deste tipo de desejo e reacende as fantasias e interesses por figuras masculinas. O desejo que não se expressa numa direção se transfere todo para a outra rota. É conveniente acrescentarmos mais um ingrediente às características do nosso rapaz: ele cresceu e se tornou bonito. Este fato é relevante e acrescenta mais dois elementos ao modo com vê a si mesmo e aos seus relacionamentos. Por um lado, sua frustração por não ser desejado pelas moças pode se tornar mais evidente, uma vez que ele percebe que as moças bonitas são as mais cobiçadas pelos rapazes. Rapazes bonitos chamam a atenção delas, mas não fazem com que elas os assediem da forma como são assediadas. Por outro lado, ele percebe que está sendo olhado com olhos de desejo por outros homens, mais velhos, e que já dirigiram o seu desejo na direção homossexual. O agradável papel passivo de ser o objeto do desejo pode, então, se exercer. É, sem dúvida alguma, mais um importante fator na decisão de aceitar a rota homossexual. Se nas relações com as mulheres existem problemas de toda a ordem, no domínio da homossexualidade se sente numa condição privilegiada. Se realiza, ainda que apenas neste domínio, o sonho de quase todos os homens, que é o de ser o "objeto sexual". Parece, de repente, que sua história de vida faz sentido. Nunca se identificou com o papel masculino. Sempre preferiu a passividade associada à feminilidade. Nunca se interessou por jogos competitivos e sempre foi perdedor nas situações violentas. Não foi competente para o papel ativo de assediar as moças porque se adapta mesmo é à condição passiva, a de ser procurado. Seu corpo é de homem e sua alma é feminina! Cresceu com raiva dos homens que sempre o humilharam. Não se entende com eles e se dá bem com as mulheres. Não há mais o que pensar. É um homossexual. Se o nosso rapaz se recusou à identificação com as figuras masculinas desde a infância, seus modos e gestos serão mais delicados, tratados na nossa cultura dicotomizada e polarizada como

afeminados. Se sua revolta contra a condição masculina é mais tardia, ligada às dificuldades competitivas da pré-adolescência e às frustrações sexuais da adolescência, seus modos serão mais próximos do estereótipo masculino, ainda que discretamente mais delicado. Definem-se assim os dois tipos mais comuns de homossexuais: aqueles que mais copiaram o padrão feminino do comportamento e os de atitudes corporais mais másculas. Estes últimos recusam o papel masculino apenas no que diz respeito à sexualidade, ao passo que os primeiros o recusam integralmente.

Conforme tenho reiterado várias vezes, o fato do desejo sexual acompanhar mais o comportamento agressivo do que o afetivo é uma característica dos condicionamentos impostos à psicologia masculina. Na condição homossexual esta associação do sexo com a agressividade é ainda mais forte. Muitos rapazes homossexuais não conseguem suportar a presença e o convívio com rapazes "normais", ao mesmo tempo que sentem fortes desejos por eles. Se tornam inibidos em sua presença em parte pelo próprio fato de sentirem o desejo – do mesmo modo que os rapazes se sentem diante de mulheres muito atraentes – e em parte pela raiva que estes indivíduos evocam. Foram os seus agressores, os algozes que os tiranizaram e atormentaram durante toda a sua história. Por outro lado, se relacionam com enorme facilidade com as moças; isto porque não as desejam e também porque se sentem identificados com elas em suas preocupações e anseios. Por alguma circunstância, acaba acontecendo a intimidade física com algum outro rapaz. Isto poderá se dar logo no início da puberdade - afora o que já pode ter acontecido na infância – ou por volta dos 18-20 anos de idade; o mais importante fator que define a época do acontecimento é a definição e aceitação interna da condição homossexual; se o rapaz resiste à ideia de se encaminhar nesta direção, evita a intimidade física; ao se aceitar como tal, está pronto para as vivências práticas. E, como grande regra, a experiência de troca de carícias é extremamente gratificante. Apesar da dificuldade de se aferir a intensidade de sensações subjetivas, parece adequado considerar que o prazer obtido nas trocas de carícias entre dois homens – ou entre duas mulheres – é equivalente ao prazer que se extrai das intimidades entre um homem e uma mulher.

Nós, os homens "normais", temos uma visão extremamente preconceituosa a respeito da questão homossexual. E não poderia ser diferente, pois este foi o nosso grande fantasma. Não aceitamos sequer um abraço mais prolongado de um amigo sem nos

sentirmos constrangidos. Temos pavor fóbico de todo o tipo de intimidade física com outro homem. E claro que temos também enorme dificuldade de avaliar a situação homossexual como prazerosa. A verdade é que, do ponto de vista tátil, que é por onde a excitação, inicialmente visual, se continua a partir de um certo ponto do encontro erótico, não há a menor diferença se é uma mão – ou uma boca – masculina ou feminina que está nos fazendo os agrados. Se estivéssemos de olhos vendados, numa situação experimental, não seríamos capazes de distinguir se estamos sendo tocados por mão masculina ou feminina.

Ambos os carinhos seriam igualmente prazerosos. O que torna o toque homossexual repugnante para os não iniciados é o preconceito. Ou seja, não há nenhum impedimento biológico para o pleno prazer nos contatos homossexuais. O que limita estas práticas é o forte preconceito que uma dada cultura constrói a propósito do tema. Está, pois, plenamente justificado o pânico que nossos pais – e depois nós mesmos como pais – tinham acerca dos riscos da homossexualidade. Onde há fumaça há fogo! É preciso construir uma forte barreira contra esta tendência quando uma sociedade pretende se opor à homossexualidade como prática usual. Sim, porque senão quase todos os rapazes teriam experiências com parceiros do mesmo sexo durante os primeiros anos da adolescência. Nesta fase eles podem ser muito humilhados e rejeitados pelas moças; estão numa posição difícil de ter que tomar iniciativas sem saber se serão bem recebidos. Estão com medo de fracassar nas primeiras relações sexuais. Enfrentam, enfim, um sem número de problemas em relação às mulheres. Tantos problemas na rota heterossexual; tantas facilidades na rota homossexual; prazeres equivalentes; é preciso um forte preconceito para que os rapazes se disponham a ir pelo caminho mais difícil.

As questões sentimentais correspondem a um tema bastante complexo nos relacionamentos homossexuais, especialmente durante os anos da mocidade. Retornemos ao nosso rapaz. Seu relacionamento com figuras masculinas é bastante difícil. Ingredientes agressivos determinam o tom das suas relações com os homens. Isto pode ser confortável no sentido de ajudar a estimular o desejo sexual. Mas do ponto de vista sentimental as raivas e ressentimentos representam um freio difícil de ser superado. É mais fácil para ele ser íntimo, amigo, confidenciar-se com uma mulher. Porém, em relação a ela não sente desejo sexual e isto torna o romance inviável; afora, é claro, as restrições que ela também possa ter em relação a ele. Suas relações de amizade masculinas serão com outros homens

que se encaminharam na direção homossexual. Com alguns se dará bem, se sentirá seguro e confiante. Estes poderão despertar emoções do tipo amoroso; mas também por eles terá muito pouco desejo sexual, do mesmo modo que já descrevi a respeito das amizades sinceras entre um rapaz e uma moça. Com outros terá relacionamentos mais tumultuados, ricos em desconfianças e ciúmes. A sexualidade poderá se exaltar, mas a intimidade espiritual própria dos bons relacionamentos amorosos não vai se estabelecer. Minha experiência mostra que estes elos menos satisfatórios são mais estáveis entre homens e mulheres do que entre homossexuais, talvez por serem estes últimos menos tolerantes para situações pouco gratificantes neste setor. Esta menor tolerância pode estar relacionada com o fato de sonharem menos com relacionamentos estáveis, com o casamento; isto porque a associação de amor a casamento é mais típica das relações heterossexuais que visam a construção da família e a reprodução. Estes namoros também são muito perturbados pelos ciúmes, especialmente os relacionados com a vida sexual. Não há dúvidas de que as oportunidades para aventuras eróticas rápidas e sem compromisso são muito mais freqüentes para os homossexuais. Aliás, este é talvez o maior fator perpetuador desta condição, aquilo que faz com que os homossexuais resistam mais à ideia de reverterem suas opções sexuais. O nosso rapaz vai a um cinema, se senta calmamente; em poucos minutos percebe que um outro rapaz está olhando para ele. Se sentir desejo poderá se levantar e ir ao banheiro. Será imediatamente seguido pelo outro. Lá se encontrarão, terão todo o tipo de intimidades em muito poucos minutos, ejacularão e voltarão calmamente cada um para o seu lugar para assistirem o filme. É evidente que os temores atuais em relação à AIDS determinaram mudanças nestas condutas e impuseram uma grande dificuldade para este livre exercício da sexualidade que até então não tinha nenhum tipo de impedimento.

É desnecessário que eu me estenda muito a respeito da impossibilidade de práticas deste tipo existirem entre um homem e uma mulher, a não ser se o processo for intermediado pelo dinheiro. Para as mulheres, este tipo de intimidade física sem nenhum tipo de envolvimento ou intimidade emocional absolutamente não interessa. Os homens se frustram com isto, pois sentem, em virtude de sua biologia, o desejo apenas ao olharem as mulheres atraentes. Terão que se empenhar na aproximação, terão que se fazer interessantes, terão que se esforçar por cativá-las para que depois possam ter a intimidade sexual, ejacular e experimentar o alívio derivado do fim do desejo. A facilidade com que

existem os encontros sexuais entre dois homens reflete o modo biológico de ser da sexualidade masculina. A realização de quase todos os desejos que surgem é muito mais freqüente na situação homossexual. Estes realizam entre eles a fantasia erótica de todos os homens, que é a de poderem se achegar fisicamente às mulheres com a máxima facilidade. Esta fantasia parece ser uma espécie de nostalgia da selva primitiva onde isto acontecia. Os homossexuais vivem as delícias da promiscuidade sexual e da falta de regras, só que entre homens. Aliás, viviam, até que um estranho vírus estabeleceu limites também para eles. A AIDS é, pois, do ponto de vista psicológico, gerador de uma frustração e de limitações que os homossexuais desconheciam. Ora, com estas condições de facilidade para as práticas sexuais é evidente que os ciúmes têm bons motivos para serem exaltados. Também é fato que as vantagens da vida de "solteiro" entre homossexuais faz com que sua tolerância para relacionamentos insatisfatórios seja bastante diminuída. É difícil se conseguir pensar em fidelidade sexual em relações homossexuais, mesmo quando a afetividade está bastante bem realizada e o vínculo é de boa qualidade. Para este fator complicador, que é o ciúme, sobre o qual ainda teremos oportunidade de refletir com mais vagar, ainda desconhecemos o remédio. Devo dizer que se alguma saída existe para que possamos um dia atenuar esta dolorosa e opressiva emoção, ela reside na nossa capacidade de sentir com clareza as diferenças entre sexo e amor.

Os homossexuais, como regra, foram mais humilhados e agredidos que a média dos rapazes. Cresceram sonhando com futuras vinganças. A humilhação ficou muito associada à questão sexual, especialmente à situação homossexual passiva. Quando um rapaz tem intimidades sexuais com outro e assume o papel ativo, o daquele que penetra, ele poderá sentir prazer sexual associado também ao estar se vingando. Agora é ele quem está por cima, o cavaleiro. Naquele instante é ele quem está no papel do "macho"; o outro está se sujeitando a ele. O que está sendo penetrado, o passivo, é o que está sendo humilhado. Isto é como o "ativo" vê as coisas; mas não corresponderá obrigatoriamente, ao que se passa na mente do outro. O que está "por baixo" poderá se sentir como o que está sendo desejado, como aquele que detém o poder. Na realidade poderá se sentir "por cima" ao ficar "por baixo"! Tudo está acontecendo daquele modo porque ele assim o deseja; então é ele quem está em comando. O "ativo" pensa que manda, mas na realidade é o "passivo" quem está

dirigindo o processo. O "ativo" se satisfaz com as aparências, ao passo que o "passivo" tem um modo de pensar muito mais rebuscado ou, se preferirem, sofisticado. Não são raros os homossexuais "passivos" que só gostam de ter intimidades sexuais com indivíduos usualmente heterossexuais. Aparentemente querem reproduzir a sensação de humilhação que permeou sua infância. É como se tivessem aprendido a sentir prazer sexual apenas quando humilhados, quando estão "por baixo" daqueles que tanto o oprimiram. Uma análise mais cuidadosa nos mostra que, além de um eventual aumento do prazer ligado à situação servil, existe uma forma bastante elaborada de vingança contra o opressor histórico. Aquele "machão" está agora sentindo desejo por ele, está nas suas mãos! Aparentemente está dominando, mas na realidade está sendo dominado. Está também agindo como homossexual, pois está tendo prazer erótico com um homem. Sua reputação como "macho" está sendo abalada, especialmente se o "passivo" tratar de contar para outras pessoas o que se passou entre eles – coisa nada incomum. Está sendo trazido para o domínio das "bichas", está vindo exatamente para o que mais temia. Está sendo "desonrado", está sendo humilhado muito mais do que pode imaginar. É assim que as coisas se passam na subjetividade do "passivo", que elaborou uma forma extremamente complexa de vingança.

É sempre muito surpreendente nos apercebermos como podem ser tortuosos os caminhos da mente humana. Como as aparências podem estar em franca oposição ao que se passa no íntimo das pessoas. Aquelas criaturas menos competentes para reações agressivas diretas e frontais acabam por utilizar a inteligência para encontrar saídas para as suas limitações. Buscarão outros meios de revidarem as ofensas que receberam. Encontrarão os modos de saírem da condição de humilhados e de impor aos seus oponentes dor igual. Nunca se deve subestimar aquelas pessoas mais dóceis e menos agressivas. Elas encontrarão uma forma de revidar, de dar vazão aos seus rancores e mágoas. A propósito, um dos caminhos possíveis para isto é o do humor. E como são agudas e cortantes as ironias maldosas de certos homossexuais! Quero deixar bem claro que não estou querendo atribuir aos homossexuais maior agressividade e nem um caráter mais maldoso e cruel. A associação da sexualidade à agressividade é própria de todos os homens, ao menos durante os primeiros anos da vida adulta. Quero apenas dizer que ela está presente também nesta condição e que, por se tratar de criatura menos competente para a agressividade frontal, ela

tende a se expressar por vias indiretas. O mesmo ocorre com os homens "normais" menos agressivos e também com as mulheres mais doces e meigas. Do mesmo modo que entre os heterossexuais, a ruptura da associação de sexo com agressividade e sua posterior transferência para o domínio do amor é tarefa árdua e que demanda muitos anos. É apenas em etapas posteriores da vida que poderemos encontrar pessoas mais desarmadas e menos ressentidas. Entre os homossexuais esta condição é também muito rara, pois depende de um desenvolvimento intelectual e emocional muito complexo e desgastante. A maioria das pessoas apenas vai vivendo e poucos se ocupam de uma efetiva evolução. É uma lástima. Aliás, um dos meus maiores objetivos é o de estimular as pessoas para a reflexão e para o auto-conhecimento. Não acredito que uma atitude muito imediatista e pragmática conduza a uma velhice mais serena, que deveria ser uma das nossas metas. Se é verdade que a homossexualidade não é geradora de novos problemas e conflitos, também é verdade que esta opção não resolve nenhum dos dilemas fundamentais da psicologia masculina. Na nossa cultura o exibicionismo físico masculino sempre foi refreado, sendo que nas últimas décadas a liberdade dos homens aumentou um pouco. A grande preocupação com a aparência física, o chamar a atenção e atrair olhares de admiração ou de desejo – que é o objetivo da nossa vaidade – era tido como coisa própria do universo feminino. Talvez tenha sido fonte de grandes frustrações masculinas esta imposição de ter que se comportar e se vestir de forma discreta e austera. Aqueles que se encaminham na direção homossexual se desobrigam de respeitar as normas da masculinidade e podem exercer sua vaidade física de uma forma mais espontânea. Muitos são os que exageram e imitam os trejeitos femininos de uma forma que beira o ridículo. Acredito que, nestes casos, exista de novo um ingrediente agressivo, onde chocar e provocar indignação predomina sobre o objetivo de atrair olhares de desejo. Podendo se exhibir mais livremente, tendo muito mais facilidade no encontro de parceiros sexuais fortuitos e gratuitos, libertos das amarras de um estereótipo masculino sempre exigente e repressivo, os homossexuais dos anos 60 e 70 se sentiram como criaturas mais realizadas do que os heterossexuais. Se sentiram mais livres e com uma qualidade de vida erótica mais gratificante. Deixaram de ser perseguidos e oprimidos pelo meio social, que se tornou bastante mais permissivo a todas as novidades e a todas as formas de expressão individual. Parecia que haviam descoberto uma forma de vida mais rica e uma forma de expressão sexual mais intensa e com menos barreiras. Foi por isso que

se auto-denominaram "gays", criaturas alegres; seus "guetos" eram festivos, cheios de bares, saunas e outros tipos de pontos de encontro. Como costuma acontecer com os grupos minoritários, passaram a se sentir especiais, superiores. A vaidade humana é que determina esta tendência das pessoas de transformar suas opções de vida em alguma coisa extraordinária, e também de olhar como desdém para aqueles que não conhecem o "verdadeiro caminho da felicidade". A ruptura com os estereótipos masculinos de postura e de forma de se vestir tem sido de grande valia também para os heterossexuais. A liberdade que os homens têm, hoje em dia, para usar roupas coloridas, sandálias, bolsas, etc. sem serem objeto de ironia e sarcasmo derivou da imitação que fizemos das "extravagâncias" dos homossexuais. Devemos a eles, e à sua ousadia, o início de um processo de crítica deste padrão de masculinidade que escraviza todos os homens, que nos transforma em "soldados de chumbo". Temos que aprender a andar sem mover os quadris para os lados. Temos que aprender a movimentar as mãos e os braços sem que se formem determinados ângulos. Temos que falar de um modo firme e impositivo mesmo quando somos meigos e delicados. Não deixa de ser ridículo pensarmos que se nossa mão se abrir ou se fechar formando um ângulo maior do que 30 graus com o ante-braço isto significa que temos tendências homossexuais. Até 30 graus é heterossexual e inclinação maior do que isto é ser "desmunhecado", "bicha"! Não é o homossexual que é o afetado e sim o heterossexual que é o contido, aquele que foi criado para viver dentro de uma camisa-de-força.

Existem, é claro, os homossexuais afetados. Estes não só romperam com os estereótipos da masculinidade, mas também decidiram imitar os estereótipos da feminilidade. Acredito que nestes casos a inveja pela condição feminina seja mais do que evidente. O objetivo é o de se movimentar com trejeitos e se vestir com extravagância para atrair olhares de desejo, para poder ficar na confortável condição sexual de passividade, biologicamente destinada às mulheres. Uns rebolam e se movem de forma a imitá-las – o que é totalmente diferente de abandonar os "trejeitos" do macho. Outros gostam de se vestir com roupas femininas. Outros ainda usam recursos médicos para desenvolver os seios, para reduzir a quantidade de pêlos do corpo. Outros vão ao extremo de recorrer a cirurgias para a construção de órgãos sexuais femininos! Qualquer que seja o grau, o caminho percorrido é um só: identificação com o estereótipo feminino.

Voltemos, pois, a descrever os dois tipos diferentes de homossexuais: aqueles que recusam os excessos da "camisa-de-força" da masculinidade, mas continuam aceitando sua condição de homens. E aqueles que se "identificam" com o padrão feminino e buscam ao máximo imitar o modo de ser das mulheres. É interessante compreendermos que a negação da masculinidade tal como ela nos é proposta não tem que desembocar forçosamente na busca da feminilidade tal como a cultura nos propõe. Masculinidade e feminilidade são apenas estereótipos, padrões preconceituosos e estáticos de conduta e têm que ser revistos e repensados, especialmente para aquelas pessoas para quem a liberdade individual é uma condição psicológica importante ou mesmo essencial. Na questão da sexualidade existem dois ingredientes bastante distintos. Um deles tem a ver com o corpo como um todo; tem a ver com a postura. É o nosso componente exibicionista; é a nossa vaidade. Está relacionado diretamente com a visão; depende de chamarmos a atenção e despertarmos desejo e admiração. Este aspecto exibicionista determina um erotismo difuso, que muitas vezes é o início do processo de excitação. Nossa biologia define também o despertar da excitação masculina apenas através de um estímulo visual. Acredito que, em sua forma original, o homem é despertado pelo corpo feminino. Se houver algum tipo de interferência psíquica – entre as várias que citei páginas atrás – o despertar da excitação pelo corpo de uma mulher poderá se inibir e este processo poderá ser deslocado para o corpo de um homem. Este fenômeno é essencialmente masculino; as mulheres se despertam sexualmente ao se perceberem desejadas; ou se excitam através do prazer exibicionista, de modo similar ao que acontece com os homens. Acredito que a valorização do corpo masculino por parte das mulheres se dá de forma diferente daquela que acontece com os homens; aliás, não vejo razão alguma para que o processo erótico feminino seja pensado tomando-se por base o modo de ser dos homens; acho mesmo que este caminho é primário e "machista", pois o padrão de referências da mulher tem que ser ela própria e não o homem. O outro ingrediente da sexualidade está essencialmente relacionado com os estímulos tácteis. O toque das zonas erógenas determina a excitação. Este processo é, em si, indiscriminado; ou seja, pouco importa quais sejam as peculiaridades do que provoca o estímulo tátil. O toque poderá ser efetuado pela própria pessoa, como na masturbação. Poderá se dar pelo contato com corpos de outros animais, como não é raro entre os adolescentes de zonas rurais em povos menos desenvolvidos. Poderá acontecer pelo contato com objetos inanimados, como

já foi moda quando homens solitários se serviam de bonecas infláveis. Poderá se dar entre um homem e uma mulher. Poderá se dar também entre dois homens ou entre duas mulheres. O que determina, em cada indivíduo, os estímulos tácteis aceitáveis e inaceitáveis é a sua razão. Sua reflexão lógica ou seus preconceitos. Preconceitos à parte, os estímulos tácteis derivados do roçar do pênis num corpo feminino ou masculino são registrados pelo cérebro da mesma forma. Acredito que esta seja a razão para o brutal temor que os homens heterossexuais têm de qualquer tipo de intimidade física com outro homem. Poderão sentir a inevitável excitação e isto os deixará em pânico, pois abalará todas as suas convicções acerca de sua virilidade. Posto de outra forma, podemos dizer que nós, os heterossexuais estritos, só conseguimos nos conservar desta forma graças a muito esforço! Não podemos facilitar, pois senão descobriríamos as delícias do contato entre dois corpos do mesmo sexo. Isto do ponto de vista da estimulação táctil, que é a que predomina a partir do instante em que os corpos se aproximam. A estimulação táctil entre dois homens é prazerosa mesmo quando as excitações visuais derivam essencialmente da observação do corpo feminino. É necessário, pois, um forte preconceito contra todo o tipo de intimidades entre os homens para que a heterossexualidade estrita se sustente. E existem várias situações de exceção onde o preconceito poderá se enfraquecer, condição na qual a possibilidade de intimidades homossexuais se torna iminente. É o caso, por exemplo, das condições onde não existam mulheres.

No Exército, na Marinha, nas cadeias e em determinadas situações de trabalho, bandos de homens poderão ter que conviver entre si por longo tempo. Acabam se tocando, e em condições de grande carência sexual. A condição extrema é a das cadeias, onde poderão permanecer longe das mulheres por anos; aqui há também maior facilidade para os contatos físicos, pois espaços minúsculos são ocupados por muitos indivíduos. De repente, num contato casual ou principalmente durante o sono – onde as barreiras e preconceitos poderão ser mais fracos do que os desejos – surge a excitação. O companheiro ao lado, onde o pênis roça, poderá estar sentindo emoções idênticas. Pronto, estão criadas as condições para intimidades eróticas entre homens. É interessante registrar também que aqueles homens que têm experiências homossexuais em circunstâncias onde não têm a opção heterossexual – como é o caso da cadeia, por exemplo – não se consideram, em absoluto, "desonrados". Não acham que se tornaram menos "machos" por causa disto. Até

pelo contrário, podem entender sua conduta como sendo bastante viril, pois um "homem de verdade" não pode se privar muito longamente de contatos sexuais. Ao voltarem às condições normais de vida, retomam imediatamente sua conduta sexual anterior. Os marinheiros têm experiências homossexuais em alto mar. Quando o navio aporta, tanto os que atuaram como "ativos" quanto os "passivos" saem correndo para os prostíbulos atrás das mulheres. Podemos pensar da seguinte forma: não é aquele que teve algum tipo de experiência homossexual o que se considera obrigatoriamente como tal; assumir-se como homossexual parece ser uma decisão racional que depende da existência de uma clara preferência por parceiros masculinos em situações em que seja possível escolher entre os dois sexos.

Não são necessárias, portanto, muitas condições especiais e nem graves conflitos emocionais para que pessoas normalmente heterossexuais desenvolvam o prazer nas intimidades homossexuais. Não estou subestimado a importância dos fatores infantis e da adolescência, mas eles influem essencialmente na questão inicial, da postura e da forma como se dará o exibicionismo; eles influem na reafirmação ou na vontade de demolição do preconceito social contra a homossexualidade. A grande verdade é que se não houver um preconceito fortíssimo – ou se ele se enfraquecer por força das circunstâncias – a troca de carícias entre homens tenderá à se generalizar, gerando prazeres tácteis idênticos aos que se podem obter nos contatos heterossexuais. Se a seqüência de raciocínios que estou desenvolvendo estiver próxima da verdade, cabe deduzir que a questão da homossexualidade é, em si, extremamente simples e lógica. Não tem nenhum sentido considerar esta condição como uma doença. Poderia mesmo ser considerada como uma simples opção, apesar de que não acredito que seja isto o que acontece na prática. A extrema complexidade do problema do encaminhamento e orientação da sexualidade deriva de outros fatores e não da existência de possibilidade de prazer na troca de carícias com qualquer dos sexos. Deriva essencialmente da própria existência do preconceito e do temor que temos da homossexualidade, além das complicadas vivências que os rapazes têm nos primeiros anos da adolescência em suas relações com as moças.

Vamos nos ater um pouco mais na questão do preconceito. Ele gera uma atitude rígida dos pais no sentido de impor a todos os meninos o estreito padrão de conduta que é tido como próprio do macho da nossa espécie. Aqueles meninos que não forem capazes de

se adequar ao padrão exigido se sentirão pouco viris, além de que serão tratados de modo irônico por seus colegas; isto provocará maior revolta e uma tendência, em muitos deles, de se rebelar mais radicalmente ainda contra estes mesmos preceitos e normas. Alguns não se adequarão ao padrão mais do que tudo por se rebelar contra ele, especialmente se já houverem outras razões emocionais, derivadas de um convívio tumultuado com o pai – ou com os pais. Uma vez não estando de acordo com o que se considera o modo de ser masculino, estes moços chegarão à adolescência mais inseguros e atemorizados do que a média. Como os outros, se sentirão por baixo, inferiorizados, em relação à privilegiada condição sexual passiva da mulher. Por estarem mais inseguros, a maior parte deles nem sequer ousará os contatos físicos com elas; acabarão por ter intimidades tácteis com outros rapazes que, por serem prazerosas, darão a impressão de que a homossexualidade é o seu "caminho natural".

Pode parecer ironia, mas a grande causa determinante da "opção homossexual" é o brutal preconceito que uma dada sociedade tem contra ela! O preconceito determina um padrão de masculinidade muito estrito, muito exigente e muito limitador da liberdade e da espontaneidade dos meninos, além de privilegiar os mais agressivos e competitivos. Se não houvesse o preconceito contra a homossexualidade, o padrão de masculinidade seria muito menos exigente e menos limitador. Os meninos não teriam que se adequar a estas limitações e isto não geraria revoltas e sensações de incompetência. Chegariam mais seguros à adolescência e teriam melhores condições de lidar com suas dificuldades. O universo masculino e o feminino não seriam tão discrepantes, de modo que meninos e meninas teriam crescido mais próximos, mais amigos. A sexualidade estaria menos acoplada à agressividade e à competitividade, de modo que as relações sexuais e intimidades afetivas poderiam se vincular com mais rapidez. Acredito que este ambiente mais natural e menos exigente permitiria que o grande fator biológico que determina a heterossexualidade como primeira opção pudesse se exercer em todos os rapazes; o fator biológico em questão é o desejo visual ativo despertado pelo corpo da mulher.

E por que então não atuamos na direção de acabarmos com estes rígidos padrões de masculinidade? Por que não deixamos nossos filhos à vontade para andar, dançar e se movimentar do jeito que bem lhes aprouver? Porque morremos de medo que eles cresçam como homossexuais! Está composto um círculo vicioso complexo, que imporá o caminho

da homossexualidade para um grande número de rapazes, mas que gerará o preconceito na maior parte deles. Como não temos meios de acabar com o preconceito contra a homossexualidade de uma hora para a outra, como não podemos marcar um dia para podermos libertar todos os meninos da "camisa-de-força" repressora de sua espontaneidade, sempre existirão ambientes familiares onde a questão será tratada como sempre foi e estes estarão coexistindo com famílias mais liberais e permissivas. Os filhos destas últimas poderão ser mais livres, espontâneos e delicados; porém, serão chamados de "bicha" pelos filhos das primeiras famílias. Isto determinará as dores da humilhação e poderá impulsioná-los na direção da homossexualidade.

Ou seja, numa primeira fase na qual os preconceitos se afrouxam é quase inevitável que um número crescente de rapazes evoluam na direção homossexual. Porém, com o passar das décadas, haveria uma tendência para a consolidação de uma forma de educação mais liberal e permissiva para os meninos. Haveria uma diminuição desta tendência para a radicalização do que seja o masculino e o feminino; haveria o crescimento de crianças de ambos os sexos participando das mesmas atividades, se vestindo de modo similar. Homens e mulheres cresceriam mais próximos e, na adolescência, se estranhariam menos. Acredito que, aos poucos, a tendência para a opção heterossexual – a mais biológica – se consolidaria para a grande maioria dos rapazes. Assim sendo, acredito que a absoluta liberalização da educação dos meninos e a total aceitação da homossexualidade seria o caminho para a resolução dos conflitos íntimos dos homens que, em muitos, determina a "opção" homossexual. Se continuarem a existir homens com preferência homossexual, aí sim poderemos usar a palavra opção sem aspas. Lamento, que este processo de liberalização tenha se perturbado nos últimos anos pela disseminação da AIDS. Repito, mais uma vez, o débito que nós, os heterossexuais, temos em relação aos homossexuais pelo afrouxamento – ainda que relativo – de nossas repressões no que diz respeito ao exibicionismo físico; eles, com sua coragem e extravagância, vão na frente e nós os imitamos timidamente com alguns anos de atraso.

Reafirmo minhas esperanças e otimismo. Acredito que não devemos interromper este processo emancipatório generalizado que se iniciou no fim dos anos 60. Apesar das turbulências inevitáveis pelas quais estamos passando, está em pleno curso uma revolução nas nossas vivências interiores que determinarão resultados frutíferos para o modo de vida

de nossos descendentes. Não acho que caibam atitudes covardes e conservadoras. Temos que olhar de frente os nossos conflitos e nossas contradições, tanto como indivíduos quanto como sociedades. Temos que nos conhecer melhor e também temos que tratar de compreender nossos semelhantes. Temos que dar um fim aos nossos preconceitos de todo o tipo e temos que tratar de substituí-los por conceitos lógicos, adaptados às novas realidades que nós mesmos construímos.

Temos que combater também a tendência dos homossexuais de desenvolverem preconceitos contra os heterossexuais. Esta reação usual, do tipo "olho por olho, dente por dente" também não leva a parte alguma. Temos que combater os preconceitos de todo o tipo que se instalam no próprio seio da ciência, perturbando enormemente sua evolução. Apesar de tudo o que é dito, a maior parte dos psicoterapeutas ainda tende para, ao se depararem com um cliente homossexual, "tratar" esta pessoa visando a "normalização" de suas vivências nesta área. As observações breves que se seguem têm por objetivo buscar uma rota livre destes dois preconceitos antagônicos.

Apesar da homossexualidade não exigir "tratamento", pois não é uma doença, se um indivíduo desejar se tornar capaz para vivências heterossexuais o caminho é simples e fácil. Depende de um apurado trabalho de entendimento de todas as variáveis que expus ao longo deste capítulo e da adequação destes conceitos genéricos às vivências específicas daquela dada pessoa. Depende da disposição de enfrentar os medos e os preconceitos construídos em relação à situação heterossexual. Depende de perceber que muitos dos preconceitos que se formam estão a serviço de encobrir o medo daquela dada situação. O preconceito contra a homossexualidade encobre o medo que os homens "normais" têm de gostar das intimidades físicas com outro homem. O preconceito contra a heterossexualidade encobre o medo que os homossexuais têm de não serem capazes de desempenhar com naturalidade e eficiência a esperada performance do "macho". A resolução dos temores heterossexuais depende da atenuação desta preocupação exagerada que os homens têm de se desempenhar sexualmente perante uma mulher e da coragem para partir para as experiências concretas de trocas de carícias com uma mulher que seja amiga e leal. Depende de se conseguir serenidade suficiente para se poder sentir os estímulos tácteis e se deleitar com eles; se trata, pois, de reduzir a ansiedade que a situação neva provoca; se trata de poder relaxar e gozar dos prazeres do sexo. O processo é, pois, muito simples, ao menos em teoria. Do

mesmo modo que em muitos outros experimentos que envolvem a superação do medo – medo de voar, de animais, etc. – exige uma absoluta determinação racional, exige a vontade de superar aquele obstáculo. E os homossexuais têm, como regra geral, vontade de "se curar", de ter experiências sexuais com mulheres? Não. Ou será que dizem que não têm vontade, mas a realidade é que o medo lhes parece tão grande a ponto de ser um obstáculo intransponível? Pode ser este o caso algumas vezes, mas não creio que seja esta a condição mais comum. Minha experiência terapêutica, atendendo centenas de homossexuais que me procuraram pelos motivos os mais variados, diz que maioria deles está contente com sua condição, com suas experiências, com seus prazeres e razoavelmente adaptada às suas dificuldades.

Não há nada que nos permita afirmar que a condição heterossexual seja mais gratificante e satisfatória. Não há como fazer a propaganda da heterossexualidade! As relações entre homens e mulheres são tão perturbadas por tensões e agressividades quanto aquelas que existem entre homens. A sexualidade, em ambos os casos, está essencialmente relacionada a ingredientes de violência e disputa; só raramente está acoplada ao amor e à amizade tanto numa condição como na outra. A facilidade para o encontro de parceiros eróticos é bastante maior entre os homossexuais e esta vantagem é em parte neutralizada pela hostilidade social que eles ainda sofrem. A vida amorosa é difícil em ambos os domínios, tumultuada por exigências absurdas, possessividades e ciúmes. Afinal de contas, por qual razão um homem que está adaptado à sua condição de homossexual vai se dispor a enfrentar o simples, porém doloroso, caminho de se tornar heterossexual, se as dificuldades que vai encontrar depois são tão parecidas? Para se casar e ter filhos? Para estar de acordo com o modo de ser da maioria? Para alguns estas razões serão suficientes; para outros não. Não cabe a ninguém julgar; só o indivíduo pode decidir. Se ele estiver disposto a se "curar", não terá dificuldades maiores. Se ele não tiver esta vontade, nada no mundo o fará mudar de conduta.

Alguns homossexuais acham importante se "curar" do medo que desenvolveram em relação às mulheres no que diz respeito às intimidades sexuais. Depois que conseguem estar com elas sem grande ansiedade e sem a exagerada preocupação masculina com o desempenho sexual – coisa que não existe na situação homossexual e que a faz, por este ângulo, bastante mais confortável – vivenciam agradáveis e gratificantes prazeres eróticos.

Uma parte deles, sempre por uma deliberação da razão, da vontade, se fixa neste tipo de relacionamento; ou se fixa a uma mulher em particular, quando o envolvimento é também amoroso. Uma parte dos que perdem o medo passam a ter intimidades físicas tanto com homens como com mulheres; estes, chamados bissexuais, têm prazeres equivalentes nos dois tipos de contato e não vêem razão alguma para fazer uma opção radical. Os que não desenvolveram nenhum grande medo de mulheres e nem se deixaram escravizar pelos brutais preconceitos contra a homossexualidade, aos quais estivemos submetidos nos anos de nossa formação, têm comportamentos bissexuais desde os primeiros anos de adolescência. Alguns permanecem assim ao longo da vida. Outros se fixam na direção homossexual ou heterossexual conforme evoluírem seus envolvimento sentimentais.

## VI - SUCESSOS E FRACASSOS SEXUAIS NA VIDA ADULTA

Depois de terem percorrido o tumultuado percurso que vai desde o nascimento até os anos da puberdade, encontramos, lá pelos 18-20 anos de idade, três tipos fundamentais de homens: os que conseguiram se construir dentro dos limites que a cultura considera adequação ao padrão masculino, os que não se saíram tão bem nesta tarefa, mas que ainda buscam um espaço para exercer sua masculinidade, e os que desistiram de ser "homens normais" e se encaminharam na direção homossexual. A estes últimos estive me dedicando no capítulo que passou. Agora é a vez de conversarmos sobre a vida sexual daqueles que se fixaram na rota heterossexual. Minha intenção é a de descrever os processos da vida sexual masculina que se manifestam ao longo de toda a vida adulta e que não tenham relação com a questão amorosa, uma vez que os aspectos da vida sentimental serão tratados logo mais adiante, em capítulo independente. Isto porque devemos fazer uma clara distinção entre o que seja o desejo sexual como parte do processo afetivo e o que seja o desejo sexual como fenômeno independente do amor. Esta separação entre "transar" e "fazer amor" é bastante nítida na subjetividade masculina, coisa que nem sempre acontece entre as mulheres. Quando um homem olha para uma mulher, ela pode lhe despertar o desejo sexual mesmo quando não exista nenhum tipo de intenção ou de interesse sentimental. Poderá se sentir sexualmente excitado mesmo se estiver bastante bem resolvido do ponto de vista amoroso. Se trata de um processo orgânico bastante simples, similar à excitação que o cheiro de uma cadela no cio provoca no cachorro. O objetivo é também muito simples: se chegar à mulher, tocá-la, penetrá-la, ejacular e saciar seu desejo, e ir embora. Outras vezes a mulher, além de despertar o desejo sexual, tem um modo de ser, de se vestir, de falar, etc., capaz de provocar um interesse mais global, que ultrapassa a simples vontade de aproximação física. E isto dependerá das características da mulher e também da disposição do homem de se interessar por um relacionamento mais estável e de contornos mais sentimentais. Um homem poderá se aproximar de uma mulher bastante estimulante do ponto de vista intelectual e humano e apenas ver nela um objeto sexual; isto se estiver bloqueado para as coisas do amor ou se o seu objetivo naquele instante for apenas o de saciar seu desejo erótico. Quase sempre os homens, ao abordarem uma mulher, não dão claros sinais acerca de qual seja sua real intenção. Consideram que suas chances de sucesso na abordagem

aumentam quando chegam com um discurso mais romântico. Agem assim mesmo quando a intenção é meramente sexual, coisa que poderá causar grandes sofrimentos para as mulheres com as quais se relacionam. Este assunto é bastante complexo e devemos ir por partes, bem devagar, tentando esclarecer cada detalhe do processo.

Nosso homem padrão agora é um rapaz de aparência física razoável, simpático, extrovertido, bom contador de casos, especialmente daqueles que não denunciem muitos dados acerca de sua subjetividade; foi criança e adolescente "bom de briga", dos que "nunca levou um desaforo para casa". Nas disputas infantis foi o vencedor, aquele que ficava "por cima" dos meninos mais delicados e que roçava o pênis na sua bunda. Nos esportes típicos dos meninos e rapazes foi jogador destacado. Nos estudos ou no trabalho é mediano; jamais se orgulharia de ser um bom estudante. Se orgulha mesmo é de ter um pênis de bom tamanho e de ser capaz de ejacular 3 ou até 4 vezes em algumas poucas horas. Sabe que tem algumas dificuldades interiores, tais como uma pouca tolerância para frustrações e contrariedades, coisa que o obriga a abandonar as atividades para as quais não tem tantas facilidades. É, pois, pouco persistente; ri daqueles rapazes que gastam horas a fio tentando resolver algum problema de matemática; mas o riso é de despeito. Sabe que é egoísta, que tenta sempre levar vantagens, receber sem retribuir. Se acha esperto por isto em muitas ocasiões; em outras, se acha fraco, humilhado, por baixo, pois quem recebe mais do que dá é o fraco, é o pobre.

Independentemente das dúvidas interiores acerca de seu valor, tem, como regra geral, um juízo razoável de si mesmo nos primeiros anos da vida adulta. Devo dizer, apenas de passagem, que este bom juízo de si mesmo não se sustentará ao longo dos anos da vida adulta e muito menos na maturidade. Se comporta de um modo ousado, pomposo; é vaidoso e cuida muito de sua aparência física. Aceita razoavelmente bem – isto, é claro, em aparência – o fato de que aos homens cabe a iniciativa de abordar as mulheres. Passa a vida fazendo gracejos para elas, aprimorando os meios para fazê-las rir e se disporem a conversar com ele. Às vezes suas observações acerca de uma mulher com a qual cruza na rua é de caráter maldoso e cruel, coisa que denuncia uma certa revolta e frustração interior em relação a elas. Age assim principalmente se estiver junto com outros homens. Todos riem da grosseria e da eventual reação de indignação da mulher. Nosso homem padrão parece não se aborrecer e nem se sentir humilhado com as inúmeras recusas que recebe. É

como se a mulher fosse um ser inferior, uma simples presa; e "o que vem de baixo não atinge". Vez por outra recebe sinais de que pode se aproximar; parece que a mulher achou graça nele e aceitou conhecê-lo. Para ele a conversa flui com facilidade. Tratará de ser engraçado, terá milhões de casos para contar, para entretê-la. Fará também algumas perguntas para saber quais são as características dela, não tanto por curiosidade e real interesse, mas principalmente para se posicionar de uma forma mais adequada em relação a ela com o intuito de cativá-la. Se ela for do tipo mais romântico, encaminhará o seu discurso nesta direção. Se lhe parecer mais interesseira, tratará de contar para ela seus sucessos, suas posses reais ou mentirosas. Fará qualquer negócio para despertar a admiração dela e não terá nenhum escrúpulo em mentir tantas vezes quantas forem necessárias. Será galanteador e não perderá nenhuma chance de elogiá-la, de dizer o quanto ela é bela, o quanto ela o impressionou. Sabe que isto estimulará a vaidade dela e que assim ela ficará mais facilmente encantada e disponível para suas investidas. Convidará a moça para jantar e agirá de modo romântico durante as conversas, não sem reiterar o quanto ela é bela e interessante. Depois do jantar, a parada em algum bar para um drinque, para dançar. Durante a dança, sussurros românticos serão intercalados com estímulos eróticos que demonstrem o seu interesse e provoquem a excitação sexual dela. A partir daí ela estará totalmente rendida e a noite terminará com os dois na cama. Ele se mostra carinhoso, gentil, super-preocupado com o prazer sexual dela. Ela fica em êxtase. Ele ejacula muitas vezes e ela se sente orgulhosa de ser capaz de despertar tanto desejo. Se despedem de modo carinhoso e ele promete que irá procurá-la no dia seguinte, para dar continuidade ao "romance".

Ela fica esperando pelo telefonema durante todo o dia. Ele evidentemente não a procura. Ela se sente péssima, acha que não o agradou; se for um pouco mais vivida, percebe que caiu novamente num "conto do vigário". Ele desaparece por vários dias. Ela não suporta mais a espera, a sensação de humilhação de ter sido desprezada, e o procura. Ele a atende de um modo cordial, mas bastante diferente daquele primeiro encontro. Dá desculpas mentirosas para seu desaparecimento, alimenta esperanças nela de que em breve vão se encontrar de novo. Pede para que ela o procure na semana seguinte. Ela o faz e ele se regozija com isto; afinal de contas, agora é ela quem está correndo atrás dele; foi capaz de inverter a situação original e agora é ele quem está sendo "paquerado". Saem de novo e

ele renova todo o seu entusiasmo romântico até que se sacia sexualmente. A partir daí vai embora e outra vez espera que ela o procure. Se isto acontecer, poderá sair com ela mais algumas vezes. Se não, não tem importância, pois já está se interessando por outras tantas mulheres com as quais agirá exatamente da mesma forma.

O prazer masculino raramente se esgota aí, nesta caça à mulher que termina com o êxtase sexual e com a deliciosa sensação de se sentir procurado, quando não perseguido de modo insistente. Para que o ciclo se feche é absolutamente necessário que seus amigos saibam de todos os detalhes deste processo. Se ele não tem pudores em mentir para as mulheres acerca de seus interesses românticos e acerca de posições sociais e econômicas que não possui, também não se envergonhará de mentir para os amigos acerca das "virtudes" da mulher e muito menos de suas excepcionais competências eróticas. E quando as mulheres o procuram com insistência depois da primeira noite, adora contar para os amigos que elas ficaram apaixonadas por ele, o que reafirmará suas excepcionais competências como macho. O nosso homem fará de tudo para que a mulher se envolva sentimentalmente com ele, pois isto a deixa totalmente dependente e nas suas mãos. Poderá humilhá-la por várias ocasiões uma vez que costumamos achar que por amor é legítimo suportar humilhações – coisa com a qual eu absolutamente não concordo. Não sentirá nenhum remorso por estar provocando tamanho sofrimento à mulher, por tê-la enganado. Pensará que as mulheres são todas burras mesmo e que o azar é delas de não perceberem que se tratou apenas de atitudes estratégicas para poder possuí-las sexualmente. Aliás, este tipo de pessoa mais egoísta não sente remorsos em geral, pois sua capacidade de se colocar no papel do outro há muito se extinguiu devido às dores internas que isto provoca. Na realidade, não tem nenhuma consideração pelas mulheres como seres humanos. Elas são apenas interessantes pelo fato de provocarem o desejo sexual e, logo que este se extingue, quer mais é que elas se danem. Acreditou no discurso oficial de que as mulheres são seres inferiores e se irritou muito ao perceber, com a puberdade, quão forte era o poder delas pelo fato de serem atraentes. Desenvolveu as técnicas para neutralizar a superioridade feminina e para vencê-las nesta guerra dos sexos. Quanto mais elas ficam magoadas, mais contente ele fica. É assim que se sente o invejoso quando consegue se impor ao que lhe parece portador da vantagem que o humilha. Agora quem ficará humilhada é a mulher e esta é a sua vingança.

O caráter agressivo deste processo de conquista sexual, que tantos homens adoram, é mais do que evidente. A sexualidade está claramente acoplada a este intuito vingativo que deriva da frustração masculina de não ser desejado do mesmo modo que deseja. Arma-se toda uma estratégia para reverter esta condição biológica e fazer com que as mulheres é que corram atrás do homem. A saciedade sexual que os homens experimentam depois da ejaculação é certamente um importante ingrediente que permite esta reversão. O chamado "período refratário", descrito por Masters e Johnson, que se segue à ejaculação, corresponde a uma fase de desinteresse sexual. Este período não existe na fisiologia do orgasmo da mulher, de modo que há uma tendência para que ela se mostre ainda mais interessada na continuação das carícias mesmo depois da ejaculação do homem. Ele, por seu lado, está totalmente desinteressado. Neste momento se sente de novo como o superior: ele, displicente; ela, amorosa. É como se as coisas se invertissem depois do ato sexual. Não é à toa que durante muitos anos as mães falaram para suas filhas: "não se entregue a ele, pois se isto acontecer ele não vai mais querer saber de você"! Esqueceram de completar: "E você estará mais interessada nele do que antes". Este é o jogo. E, apesar de sua simplicidade e da sua repetição quase que sem variantes, é enorme o número de mulheres que, até hoje, não se apercebem do processo e se espantam quando a coisa evolui para o desinteresse do homem. É como se elas acreditassem sempre que, desta vez, ele está falando a verdade e está verdadeiramente interessado. Ou querem uma boa desculpa para os seus anseios eróticos que não "devem" se expressar sem uma aparência de romance, ou então são de uma ingenuidade surpreendente. Do ponto de vista do homem, este processo de repetições está a serviço de expressar suas raivas contra a figura feminina. São justamente os grandes conquistadores, aqueles que aparentemente mais gostam de mulher, os que mais precisam magoá-las, humilhá-las. Se gostassem verdadeiramente delas teriam um comportamento bastante diferente daquele que eu descrevi até aqui. A mim me surpreende muito saber que este tipo de homem desperta o interesse de um grande número de mulheres ainda nos dias de hoje.

Talvez tenha sido em virtude desta forte associação do desejo sexual ao ódio e desejo de vingança contra as mulheres que tenha levado muitas pessoas a considerar a existência de um ingrediente homossexual latente na subjetividade do conquistador. A necessidade destes homens de exibir seus feitos para outros homens e despertar a

admiração deles poderia contribuir para reforçar este argumento. Não considero apropriada a formulação, e nem gosto de pensar em homossexualidade como processo "latente". Na minha maneira de pensar, a homossexualidade masculina está essencialmente associada ao ódio contra os homens e não contra as mulheres. O que é fato indiscutível é que o homem conquistador tem grande desprezo pela mulher como ser humano e a vê como uma criatura que lhe desperta a inveja por ser muito desejada. Quer magoá-la, quer se sobrepor a ela; quer caçá-la para poder "comê-la" e depois jogar fora os seus ossos.

Esta competência do nosso homem padrão de conquistar um sem número de mulheres desperta efetivamente grande admiração e inveja naqueles homens que são menos competentes para esta prática. E isto faz um bem enorme para a sua vaidade. Faz com que se sintam especiais, mais bem dotados para este setor fundamental da psicologia masculina. Aqueles que não são capazes de despertar a admiração por outros tipos de destaque que não este, passam a buscar cada vez mais esta gratificação essencial para o ele através do aprimoramento e sofisticação da "arte" da conquista. Se transformam, como já disse, nos "conquistadores profissionais". Se tornam viciados neste tipo de gratificação da vaidade; se ficam vários dias sem se exercitar no jogo da conquista erótica, começam a se sentir deprimidos, interiorizados; saem à caça e, ao terem sucesso, readquirem o humor e a auto-confiança. Tudo se passa exatamente como em qualquer outra forma de vício. Quando têm gratificações vindas de outras fontes, ficam menos dependentes deste jogo; quando estão mais infelizes e mais frustrados se dedicam à conquista com maior intensidade e com empenho total.

Nosso homem é muito preocupado em impressionar sexualmente as mulheres. Na sua cabeça, ele é vencedor quando consegue percebê-las totalmente rendidas aos seus encantos eróticos. Para ele é fundamental que a mulher se "satisfaça", que a mulher tenha, se possível, vários orgasmos. Não porque ele esteja preocupado com sua real satisfação e prazer; apenas porque ele sabe que isto a deixa em suas mãos. Sabe que isto aumenta muito as chances de que ela corra atrás dele nos dias subsequentes. Sabe que isto pode induzi-la a se apaixonar por ele e fazer qualquer tipo de concessão para tê-lo por perto. Sabe que é possível que ela comente sua performance com as amigas e isto o deixará com maior prestígio aos olhos delas, o que é ótimo para a sua vaidade. É importante que se perceba de modo claro que as várias ejaculações em pouco tempo e as acrobacias sexuais de todo o

tipo estão apenas a serviço do exibicionismo do homem e a serviço de seus anseios agressivos e dominadores. Pessoas egoístas não se preocupam efetivamente com o que vai pela cabeça do outro. Estão interessadas apenas em seus prazeres e na imagem que despertarão nas outras pessoas. Não falam isto de modo claro e ostensivo, mas eu posso lhes afirmar que é só isto o que se passa em suas mentes.

Enquanto isto, há um bom contingente de homens entristecidos, solitários e com fortes sentimentos de inferioridade e de inadequação. São aqueles que nem de longe conseguem competir com a capacidade de abordar, seduzir e conquistar do nosso homem padrão, por um lado, e nem evoluíram na direção homossexual, por outro lado. Se consideram pessoas tímidas, ou seja, aquelas que não conseguem agir de modo natural e espontâneo diante de outras pessoas desconhecidas, especialmente se forem do sexo oposto. Com enorme facilidade ruborizam, gaguejam, derrubam o que têm na mão. Suam frio, especialmente nas mãos, diante de mulheres mais atraentes. Ficam tanto mais desajeitados quanto mais uma dada mulher lhes chamou a atenção. Parece que, ao contrário dos conquistadores que agem com profundo desprezo por elas, têm pelas mulheres uma admiração e uma veneração tal que se sentem imediatamente por baixo e paralisados na presença delas. Se o conquistador subestima as mulheres, os tímidos as super-estimam.

As mulheres são as "deusas", as "musas" inspiradoras dos poetas, a maior dádiva que um homem pode desejar. Não há como não se sentir totalmente inibido diante de tamanha beleza e sensualidade. O desejo sexual não desperta o impulso para a aproximação. Ao contrário, quanto maior for o desejo, maior será a inibição. A sensação de inferioridade diante delas é patente, absolutamente consciente; não são capazes de usar o disfarce típico dos machões, que as tratam com aparente desprezo. A sensação de humilhação, de estar por baixo, aumenta ainda mais se a mulher perceber que ele a está desejando, de sorte que este tipo de homem faz de tudo para parecer que não tem interesse maior por ela. Evita até mesmo olhá-la com muita insistência. É evidente que tal atitude frustra muito a mulher que, ferida na sua vaidade, não se reconhece como interessante aos olhos dele. Talvez seja exatamente este o objetivo do homem mais tímido, talvez seja a sua única "vingança". Mas a verdade é que acaba se tornando ainda menos interessante aos olhos da maior parte das mulheres, pois elas se excitam sexualmente ao se perceberem muito desejadas. Talvez algumas poucas tomem o desinteresse do homem como um desafio e se dediquem

exatamente à sua conquista; porém, não creio que seja este o objetivo da maior parte dos homens tímidos. Este contingente de homens não se caracteriza apenas pela timidez. São os que não se sentiram suficientemente dotados para o papel do macho típico da nossa cultura. Já foram crianças mais delicadas, bastante menos agressivas do que a média. Como regra, desenvolveram a capacidade de se colocar no papel do outro, tendendo para sentir pena e culpa. Desequilibraram a balança da justiça na direção da generosidade. Cresceram com mais medo das situações de violência por não se sentirem tão capazes para o revide. Foram os "perdedores" em muitas situações de disputa infantil e tiveram suas bundas roçadas pelo pênis dos "vencedores". Na adolescência acharam que as dimensões do seu pênis não eram exatamente o que gostariam e se sentiram inferiorizados também por isso. Apesar de tudo, neles surgiu forte o desejo visual pelas mulheres; ousaram algumas aproximações e tiveram sucesso. Não são os machos mais competentes, mas são machos. Muitos se acham feios e por isso mesmo muito desinteressantes para as mulheres, especialmente para as mais atraentes aos seus olhos.

Estes homens que se sentem assim fascinados pelas mulheres e ao mesmo tempo evidentemente inferiorizados em relação a elas tendem, ao menos nos anos da mocidade, a se aproximar daquelas que eles admiram menos; ou seja, as menos atraentes. Parece que só se sentem à altura destas; as outras são demais para eles e não se sentem com coragem para abordá-las. Como estes homens respeitam as mulheres como seres humanos, qualquer tipo de rejeição vindo delas lhes provocará uma enorme dor, uma humilhação brutal. Evitam a todo o custo esta condição e talvez seja principalmente por isso que não ousam sequer demonstrar às mulheres mais atraentes que estão interessados por elas. Na verdade, se consideram perdedores por antecipação. O processo é mais ou menos assim: se um homem dá para si mesmo uma nota de avaliação 6 não poderá pretender abordar uma mulher à qual ele atribua uma nota 9, pois nestas condições se sentirá por demais inferiorizado, além de achar que ela não irá se interessar por ele. Tentará se aproximar das mulheres às quais atribui uma nota discretamente inferior à sua, digamos 5. A nota que o indivíduo se atribui leva em conta vários ingredientes de sua personalidade: inteligência, aparência física, posição social, extroversão, etc. A nota que este mesmo indivíduo atribui à mulher, ao menos inicialmente, leva em conta essencialmente sua aparência física e sensualidade. Se considerá-la fisicamente com direito a nota 6, precisará se sentir superior a ela em todos os

outros itens que consideram relevante. Ao conhecê-la mais intimamente, se sentirá tanto mais confortável quanto mais se reconhecer mais inteligente, mais culto e preparado, de melhor caráter, etc. Se admirá-la demais tenderá a fugir dela; se não valorizá-la tanto, tenderá a insistir na aproximação. Se valorizá-la muito e apesar disto insistir na aproximação física, terá problemas. Poderá não ter ereção.

Foi a partir do estudo destes curiosos mecanismos que Freud concluiu que existe no homem uma tendência universal para a "depreciação do objeto do amor" – leia-se "desejo sexual" ao invés de "amor". A tendência não é, em absoluto, universal; ela é própria apenas deste tipo mais delicado de homem, deste tipo de homem que tende a idolatrar a figura feminina e depois tem que encontrar um meio de se sentir superior a ela. De todo o modo, estes fenômenos explicam a enorme freqüência de ligações incrivelmente desiguais entre homens e mulheres, onde estas últimas são muito inferiores aos seus pares em todos os outros pontos de vista que não o da aparência física. Estes homens mais delicados não são competentes no jogo da conquista. Não sabem abordar as mulheres. Não sabem o que dizer de interessante quando têm alguma oportunidade de conversar com elas. Não conseguem manifestar claramente seu interesse e desejo sexual – coisa que tanto envaidece às mulheres – por medo da rejeição e também por medo de estarem sendo inconvenientes. Estes homens são aqueles que se põem no lugar das outras pessoas e supõem o que elas podem estar sentindo. Se acharem que sua aproximação provocará irritações e aborrecimentos para a mulher, aí é que não ousarão mesmo a abordagem. Não conseguirão jamais agir com insistência – o que também envaidece muitas mulheres – pois isto lhes parece desrespeito aos direitos da mulher. Percebem as atitudes dos homens mais capazes para a conquista e se sentem bastante inferiorizados também em relação a eles, pois estes sim sabem o modo certo de tratar as mulheres. Admiram sua ousadia e invejam o sucesso que têm, justamente com as mais belas.

O sentimento de inferioridade deles vai crescendo com o passar do tempo. Só conseguem ousar se aproximar de moças de condição social e intelectual bastante inferior. Nestas situações se sentem um pouco mais confortáveis e é com estas mulheres que, com maior freqüência, têm suas primeiras experiências sexuais e de conquista. Tais conquistas não fazem nenhum benefício para o Ego; a vaidade não se gratifica deste tipo de sucesso, pois se trata de mulheres que estes homens não consideram como valorizadas. Saem com

elas apenas porque não se sentem com coragem para abordar aquelas que efetivamente lhes provocam o interesse e o desejo. O mesmo acontece no convívio com as prostitutas. Se sentem bem com elas, pessoas que não os rejeitam e que deles apenas querem o dinheiro. Se sentem bem; sexualmente se satisfazem. Mas do ponto de vista da auto-estima estas experiências não acrescentam nenhum ponto a mais, não alteram a nota. O que teria realmente valor seria poder despertar o interesse daquelas mulheres mais valorizadas. E quem tem coragem de chegar perto delas?

Os homens mais delicados não desenvolveram a raiva contra as mulheres que o nosso homem padrão tem. Assim sendo, seu desejo sexual não está acoplado ao ódio e sua abordagem sexual não visa a conquista, o usufruto dos prazeres carnavais e depois o desprezo e a rejeição, que é como agem os machões. A conquista erótica visa a troca de intimidades de todo o tipo e, nestas condições, existe sempre o risco do envolvimento amoroso. No caso dos machões este risco não existe porque a raiva contra a figura feminina bloqueia qualquer tendência nesta direção. Aos olhos dos homens mais delicados, o nosso homem padrão goza de incríveis vantagens justamente por estar imune ao amor. É evidente que, em outro momento da vida, aquilo que parece um grande privilégio poderá se transformar em brutal desvantagem; porém, do ponto de vista do jogo da conquista erótica, o fato de não se correr o risco do envolvimento amoroso determina uma grande liberdade e uma enorme facilidade para as estratégias de sedução. E são justamente as mulheres mais interessantes e mais atraentes aquelas que poderiam determinar maior tendência para o encantamento amoroso. São elas, pois, as que mais devem ser evitadas, ao menos quando não existem planos de se apaixonar. A experiência nos ensina que, mesmo com todas as resistências que a razão impõe ao amor, muitos rapazes deste tipo se envolvem sentimentalmente em idade bastante precoce, e nem sempre com as mulheres mais adequadas. São eles os que tendem a se casar mais precocemente, pois são criaturas que levam muito a sério as coisas do amor. São presa fácil de um tipo de mulher bastante sedutor e ardiloso; de um tipo psicológico feminino bastante similar ao nosso homem padrão.

O medo de envolvimento amoroso em determinadas fases da vida está plenamente justificado, pois, para as pessoas mais sérias, ele tem desdobramentos às vezes bastante, nocivos para outros planos. Muitos rapazes acabaram por abandonar suas rotas pessoais e profissionais para poderem se dedicar a atividades pouco atraentes, apenas com o intuito de

ganhar a vida para poderem se casar precocemente. Às vezes o medo existe porque se está em situações onde o envolvimento amoroso não poderá ter continuidade – como é o caso de encontros em locais de férias, entre pessoas que moram em cidades distantes – condição na qual as dores derivadas da ruptura do elo e as saudades serão de tal monta que não compensarão os momentos que passou feliz. Para homens já casados, o temor de se envolver em relações extraconjugais que provoquem uma grande desordem na sua vida também se justifica totalmente, e os impede de facilitar oportunidades para contatos desse tipo. Muitas vezes o que predomina não é o medo do homem se envolver, e sim o pavor de que a mulher se apaixone por ele. Isto que é um grande prazer e um enorme estímulo à vaidade do homem padrão, aparece como um pesadelo para o homem mais generoso. Ele tem a capacidade de se colocar no lugar do outro e supor o seu sofrimento. Se se sentir o causador da dor do outro sofrerá brutalmente em virtude do sentimento de culpa. O homem padrão faz de tudo para cativar a mulher; mente, se promove, promete amor eterno, etc; quando consegue envolvê-la se sente realizado; se ela sofre por causa dele, se sentirá o máximo, além de que fazer sofrer o "inimigo" é uma grande vitória. O homem mais delicado fará de tudo para não enganar a mulher, com a finalidade de não se sentir culpado com sua eventual dor; não conseguirá conquistar a maioria delas justamente em virtude de sua honestidade. E se, apesar de tudo, ela se encantar por ele, se sentirá culpado mesmo quando não tenha feito nada para que isto acontecesse. Estes homens se sentem "responsáveis por aquelas que cativam". A rigor, terão que ser grosseiros e desagradáveis, que é para não cativar as mulheres nem mesmo por engano.

Quando acontece de alguma mulher se apaixonar por um homem mais delicado – e que não tem interesse sentimental por ela – ele entra em pânico. Se sente ameaçado, perseguido. Não sabe se desvencilhar da situação. Não quer magoar a mulher e evita ser firme com ela; com isto ela acha que se insistir mais um pouco terá chances de "conquistá-lo". Quando ela insiste, ele se sente ainda mais perseguido. Em virtude de se sentir responsável pelo sentimento que ela nutre por ele – coisa que não corresponde à verdade na maior parte dos casos – tenta agir de modo carinhoso e delicado; isto é percebido pela mulher como sinal de fraqueza e também como indício de que ele não é tão indiferente aos seus encantos. A simples ideia de estar envolvido em uma situação deste tipo – como a

descrita no filme "Atração Fatal" – faz com que a maioria dos homens de maior sensibilidade e caráter prefira abrir mão de vivências eróticas mais extravagantes.

Abrem mão de aventuras sexuais com mulheres que lhes despertaram o interesse por medo das conseqüências, por se saberem pouco capazes de lidar com situações que envolvam sentimentos de culpa e também situações que envolvem ameaças e medo de represálias. Se acovardam e tratam de ser "bem comportados". Evitam ser muito gentis e costumam construir uma postura social mais formal e reservada; isto quando já conseguiram vencer a timidez própria dos primeiros anos da adolescência. Se reconhecem incompetentes para o jogo erótico, para a "caça às mulheres" que parece ser o "esporte favorito" de tantos homens durante toda a vida. Morrem de inveja destes homens conquistadores, apesar de que muitas vezes o discurso referente à conduta deles é de desprezo e desaprovação – sempre um sinal denunciador da inveja. A bem da verdade, quase nenhum homem consegue deixar de se sentir por baixo diante de um outro que seja muito mais bem sucedido do que ele em relação às mulheres. Isto se passa mesmo quando este homem bem sucedido no jogo da conquista possa ser desprezível em relação a outros valores da nossa cultura. Isto acontece mesmo quando se sabe que é pessoa sem caráter, mentirosa e que não só não se preocupa com a dor que impõe à mulher como até mesmo se deleita com isto. Sim, porque o fato é que estes homens vivem experiências eróticas "fascinantes" e os mais generosos sentem grande mágoa pela pobreza de suas vivências sexuais.

Os homens mais delicados não se conformam com o fato de tantas mulheres atraentes preferirem os "bandidos" ao invés dos "mocinhos". Não podem deixar de colocar em dúvida a validade de suas condutas mais íntegras, pois neste assunto tão essencial quem leva vantagens é o homem padrão. Este homem padrão que já o humilhou quando criança e durante a adolescência, contra o qual desenvolveu secretas hostilidades, continua a humilhá-lo agora porque é capaz de agir com as mulheres de uma forma que ele não consegue. Ele não quer se transformar em grosseiro e mentiroso, mas também não quer pagar um preço tão alto pela sua integridade. Não é consolo saber que em outras áreas de atividade ele esteja se dando melhor do que os seus oponentes. Ele quer sucesso com as mulheres; mas não quer magoar e enganar ninguém. Não vê saída para este dilema, até porque, em virtude de seu temperamento, o usual é que as mulheres se apaixonem mesmo

por ele, condição que cria o impasse mais apavorante. Não há mesmo muito o que fazer, a não ser dirigir os objetivos mais para o plano sentimental e tratar de encontrar uma mulher com a qual se realize também sexualmente. Porém, mesmo quando isto acontece, sobra sempre a inveja do homem padrão pela sua capacidade de conquistar dezenas de mulheres a cada ano.

Devo dizer também que nem sempre os homens mais delicados têm consciência de que um dos grandes limitadores que têm neste jogo é o seu caráter e a pouca competência para não se sentirem responsáveis por aqueles a quem cativam. Muitas vezes pensam que sua inibição e timidez derivam apenas de sentimentos de inferioridade, de se acharem fisicamente pouco interessantes e de conversa pouco agradável. Quando esta sensação predomina, imaginam que outras conquistas, profissionais e econômicas, criarão condições melhores nos anos da maturidade. Agem de modo recatado por várias décadas e aguardam com impaciência a hora oportuna, o momento em que se sentirão mais confiantes para se deleitarem com as conquistas sexuais múltiplas, para poderem sentir os prazeres que o homem padrão sente desde a mocidade.

Pessoalmente, não tenho dúvidas de que a disputa pelas mulheres mais atraentes acirra bastante a rivalidade entre os homens, rivalidade estimulada já desde a infância. O homem padrão quer continuar a ter sucesso nas conquistas pelo prazer que isto lhe dá e também para impressionar e se sentir vencedor sobre o tipo mais delicado que, em muitos aspectos, lhe é superior. Os mais generosos se ressentem de sua condição de inferioridade em relação às mulheres e tratam de usar todo o seu potencial para, um dia, se sentirem a cavaleiro daqueles homens que tanto os humilharam. Esta disputa se estende para todos os setores da vida, mas é interessante colocar um exemplo que envolva a própria atividade sexual. Conseguir conquistar a mulher de um "amigo", conhecido ou rival corresponde a um prazer erótico de proporções incrivelmente maiores do que a simples conquista de uma mulher disponível e desacompanhada. Se um homem mais tímido tem um primo que é o protótipo do conquistador de sucesso e se a namorada deste último se tornar sua amiga e depois aceitar intimidades físicas, existirá o prazer sexual derivado destas últimas, associado ao prazer derivado de estar podendo sobrepujar aquele que tanto o humilha e ofende com suas "competências". Não é impossível que, em muitos casos, este último prazer seja de porte maior do que o sexual. Como regra, não existe clara consciência destas

intenções agressivas derivadas da inveja e tudo se passa como se tivesse surgido um grande interesse amoroso – ou sexual – absolutamente possível de acontecer entre pessoas que tiveram a oportunidade de conviver socialmente (o que para as pessoas mais tímidas corresponde a uma condição muito mais favorável do que a abordagem de uma mulher desconhecida). É evidente também que não se deve generalizar de modo precipitado; muitos são os casos em que um encontro amoroso genuíno se estabelece em condições deste tipo, onde as pessoas puderam se conhecer mais intimamente porque antes conviveram como amigos.

A partir das observações que fiz acerca da vida sexual dos homens fora dos limites das relações amorosas, parece bastante evidente que intimidades físicas livres e espontâneas ainda estão longe de ser uma realidade. Projetos culturais, do tipo "amizade colorida", surgidos a partir do início da revolução sexual dos anos 60, precisariam encontrar homens – e provavelmente também mulheres – bastante mais sofisticados e evoluídos. Experiências sexuais mais livres teriam que significar inexistência de acoplamento deste instinto a ingredientes de outra natureza. Seria necessário que o envolvimento sexual não estivesse a serviço dos anseios agressivos de muitos homens e nem dos fortes desejos amorosos de outros. Seria necessário que a troca de carinhos e de intimidades intelectuais recuperassem a leveza e o descompromisso das intimidades entre crianças. Para que isto acontecesse, teríamos que "desaprender" muitas das coisas que fomos obrigados a registrar em nosso cérebro. Tenho certeza que a tarefa também exigiria muitas mudanças interiores nas mulheres, pois nelas também os esquemas mórbidos da cultura influenciaram. De todo o modo, o projeto continua me parecendo atraente; quem sabe um dia, com muito esforço e introspecção, seremos capazes de realizá-lo. Quem sabe um dia homens e mulheres serão capazes, em primeiro lugar, de ser amigos. E quem sabe um dia os amigos vejam como extremamente natural que, entre outras trocas de intimidades, possam trocar carícias eróticas. Por que não?

Para podermos completar o quadro da vida sexual adulta dos homens, teremos que fazer referências a mais um aspecto essencial: as dificuldades nesta área e suas repercussões psicológicas. De início é importante registrar que o número de homens com problemas na área sexual cresceu bastante nos últimos 20 anos; não creio que tenha havido apenas uma atitude mais ativa e sincera de procurar ajuda. Acredito que temos vivido

décadas de maiores dificuldades para o lado dos homens, principalmente em virtude de uma postura mais ativa e reivindicadora por parte das mulheres. Os homens foram pegos desprevenidos. Não tinham jamais se ocupado das reclamações de suas mulheres – ou das mulheres em geral. No que diz respeito à sexualidade, esta foi a primeira vez que as mulheres se posicionaram de uma forma mais efetiva. Colocaram sobre a mesa as queixas que tinham: os homens são muito individualistas, estão preocupados apenas com o seu prazer, não sabem como agradar uma mulher, não sabem conduzi-las ao orgasmo, este último nem sempre se atinge durante a penetração, e assim por diante.

Os homens ficaram perplexos. Estavam sendo acusados de incompetentes exatamente no setor onde são mais suscetíveis e delicados. Não podiam deixar de levar em consideração os argumentos, no mais das vezes justificados, das mulheres; mas nem sabiam que era tão importante assim estimulá-las de forma mais variada e criativa; pensavam que a coisa era mais simples, que deveriam se satisfazer e que as mulheres competentes os acompanhariam; as que não fossem assim é porque tinham algumas dificuldades pessoais que eles deveriam relevar, pois eram boas mães, boas esposas, etc. Na vida doméstica deveriam ser respeitosos e recatados; com as "outras" mulheres poderiam dar maior vazão às suas fantasias. Foram, educados para agir desta forma e assim fizeram até que o rumor das reivindicações femininas os derrubou.

De repente, teriam que ser competentes também para satisfazê-las. Não bastava mais ter a ereção e ser capaz de ejacular em um tempo razoável – nem muito longo e nem muito curto. Era preciso que conseguissem "extrair" ao menos um orgasmo do corpo delas. E este rapidamente passou a ser mais um importante ingrediente da virilidade. A preocupação masculina com o desempenho sexual – cujo fracasso vem sempre acompanhado pelo "fantasma" da homossexualidade – se tornou maior; se sentiram mais exigidos. Um número maior de homens foi incapaz de atuar adequadamente. Se sentiram fragilizados e mais inseguros. Daí ao efetivo fracasso sexual é um passo.

É importante ressaltar que as dificuldades sexuais masculinas ocorrem principalmente entre os mais delicados, aqueles que tendem para respeitar e valorizar as mulheres. O nosso homem padrão raramente se intimida diante delas, pois aprendeu a tratá-las apenas como objeto do seu prazer e do seu ódio. Mesmo quando se preocupa em satisfazê-la, faz isto apenas em nome de sua vaidade pessoal. Poderíamos afirmar que, para

estes homens, dar prazer a uma mulher é a mais recente manifestação do machismo. O homem mais agressivo raramente deixa de ter ereção na "hora necessária". Quando isto acontece, em geral é devido a algum fator externo, do tipo exagerada ingestão de álcool. Não terá problemas em futuras relações, a não ser que se sinta muito preocupado com o fracasso ocorrido. Se ficar muito preocupado com sua competência, tenderá a ficar muito ansioso e esta emoção poderá gerar novas dificuldades. Se entrar em pânico terá outros fracassos. O trabalho terapêutico para a resolução deste tipo de dificuldade, derivado apenas de uma exagerada preocupação com o desempenho sexual, é simples e os conhecimentos recentemente acumulados pelos especialistas nesta área são suficientes para garantir a recuperação da naturalidade nos encontros eróticos.

Alguns rapazes mais sensíveis têm problemas de ereção na primeira tentativa de relacionamento sexual. Isto lá pelos 15-17 anos de idade. Não apresentavam nenhum sinal de dificuldades durante as experiências de masturbação, cujas fantasias demonstram a importância que atribuem ao fato das mulheres estarem gratificadas com suas carícias, felizes por estarem ali com eles; a maior fonte de excitação destes rapazes é perceberem que estão sendo capazes de agradar e excitar as parceiras; as fantasias eróticas denotam, pois, uma grande dependência que estes rapazes têm das reações femininas. Se a iniciação não se der em condições muito favoráveis, que é o que costuma acontecer quando ela acontece em idade mais precoce, as chances de fracasso são enormes. O rapaz fica muito ansioso, preocupado com as respostas da companheira e também com as condições objetivas em que se encontram. Fica com medo de não ser capaz de satisfazê-la e só isto poderá ser o suficiente para que as respostas fisiológicas espontâneas se inibam. Outras vezes o grande fator da inibição poderá ser uma atitude mais ousada, ativa e, às vezes, agressiva por parte da mulher. Se parecer, aos seus olhos, que ela está muito mais à vontade e segura do que ele, ele poderá se sentir incompetente, por baixo. A ereção não surgirá. A vergonha vai tomando corpo nele. Ruboriza, começa a suar desproporcionalmente, pensamentos terríveis de que ele não é um verdadeiro homem ganham força em sua mente. Tenta se masturbar e nada acontece; esconde o pênis para que a mulher não seja testemunha do seu fracasso. Morre de medo de que ela venha a fazer algum tipo de ironia capaz de humilhá-lo, de feri-lo mortalmente – e isto às vezes acontece. Busca desesperadamente uma desculpa "razoável" para poder se livrar da situação. Sai dali fugido, se sentindo o último

dos homens. Por longo tempo, que pode se estender até há vários anos, não ousará nada do ponto de vista sexual, pois a simples ideia de que aquela "catástrofe" possa vir a se repetir provoca um pânico incontrollável.

A grande maioria dos rapazes que eu conheci que tiveram experiências iniciais deste tipo só voltaram a ousar aproximações sexuais como parte de envolvimento sentimentais. Aqui as condições são bastante menos rígidas, pois as intimidades eróticas vão acontecendo aos poucos, de uma forma gradual e lenta. Com isto, podem se sentir menos exigidos. Além do mais, o usual é que as moças tenham atitudes de insegurança e recato que são extremamente reconfortantes para o rapaz inseguro. Eles, até certo ponto e de modo inconsciente, buscam se aproximar daquelas moças que dão sinais de pouca espontaneidade e de pouca experiência nestes assuntos. Em geral se aproximam de moças bastante mais jovens, recém-saídas da puberdade; gostam de ser o seu primeiro namorado, pois se sentiriam muito ameaçados se elas tivessem outras experiências e pudessem ter elementos de comparação para o seu desempenho. De todo o modo, esta condição é bastante favorável para que possam acontecer intimidades melhor sucedidas. Quando é este o caso, a auto-estima do rapaz se alenta e talvez ele se sinta seguro até mesmo para ousar outras experiências. Quando ele se sente seguro com aquela dada moça e não se vê com coragem para outras aventuras, tenderá a se envolver ainda mais do ponto de vista sentimental e a apressar a decisão de se casar com ela. É claro também que será apenas com grande ajuda da Divina Providência que um matrimônio que se inicie desta forma será bem sucedido.

Os homens mais delicados poderão ter problemas de ereção em fases posteriores da vida, mesmo quando tenham sido bem sucedidos nas experiências iniciais da adolescência. E as razões serão sempre similares às descritas acima, afora, é claro, as condições eventuais ligadas à excessivo cansaço, abuso no uso do álcool ou outras drogas, condições objetivas impróprias, etc. Sempre que se sentir inferiorizado em relação à mulher, terá tendência para ter o processo sexual inibido. Sempre que ela for muito ousada e rica de iniciativas terá medo dela, de sua "voracidade" e se inibirá. Sempre que isto acontecer, ficará muito preocupado com o seu desempenho nas ocasiões seguintes, e isto criará um importante agravante para suas angústias e inseguranças, com chances de perpetuar a impotência. Algumas vezes a inibição sexual se dá em virtude do homem estar profundamente magoado e decepcionado com a sua companheira. É evidente que esta dificuldade só acontece em

relacionamentos afetivos estáveis, onde uma tentativa sexual em pleno vigor da mágoa poderá ser condenada ao fracasso. Muitos são os homens que não se permitem recusar a situação sexual, partindo da premissa de que o verdadeiro macho não perde nenhuma oportunidade de se satisfazer. Aceitam o relacionamento sexual apesar de todas as suas mágoas – no que fazem muito mal – e são surpreendidos pela recusa do pênis em participar deste equívoco. Se vocês quiserem ir se familiarizando com a forma como conduz os tratamentos de todos os tipos de impotência sexual, me baseio na ideia de que o pênis tem sempre razão! Ele só participa das festas para as quais foi convidado e nas quais se sente absolutamente à vontade... E de nada adianta tentar impor alguma coisa ao pênis, pois ele é anarquista por vocação e se rebela contra qualquer tipo de ordem.

A forma mais intrigante e surpreendente de impotência sexual durante os anos da vida adulta – e para aqueles homens que antes não haviam experimentado nenhum tipo de dificuldade – é aquela que aparece nos primeiros tempos de um encantamento amoroso de grande intensidade. Na paixão a mulher é vista como a maior de todas as maravilhas. É a musa perfeita do poeta, deusa que deveria estar num pedestal. A idealização da mulher é máxima; ela ganha nota 10. O homem? Será que merece tamanho privilégio? Será digno da mais perfeita das mulheres? Claro que não; sua nota é inferior à dela. Se sente por baixo e tem as suas funções sexuais inibidas. É possível que isto tenha ocorrido com os poetas românticos do século passado e que tenham se baseado nas suas vivências pessoais para afirmar que o verdadeiro amor é puro e assexuado. Com o passar das semanas, esta tendência para a idealização da mulher diminui um pouco e surgem as condições para uma avaliação mais correta, para uma atribuição de notas mais justas. Se o homem se sentir à altura daquela mulher, sua sexualidade se normalizará espontaneamente – desde que não tenha se afligido demais e não fique agora excessivamente preocupado com seu desempenho. Se continuar a se sentir não merecedor dela, a inibição sexual persistirá. Poderá se sentir inferior a ela por um erro de avaliação, ou porque ela é mais virtuosa – segundo os critérios dele. Se ela for efetivamente mais virtuosa, a inibição sexual tenderá para se perpetuar e a melhor coisa que as pessoas envolvidas têm a fazer é se separar. Se é ele que está se subestimando indevidamente, a sexualidade se normalizará à medida em que ele for capaz de aprimorar sua auto-avaliação.

O homem não consegue vivenciar seus fracassos sexuais com naturalidade. Sempre que isto acontece, voltam à sua mente todas as angústias e medos próprios dos anos de formação. Voltam todas as dúvidas acerca de sua virilidade; os temores de que, no fundo, seja homossexual ressurgem com toda a força. Com frequência, se deprime muito com o revés. E a depressão é um importante fator perpetuador da impotência, uma vez que diminui todos os "apetites" do ser humano. Desta forma, o aspecto mais importante dos procedimentos terapêuticos nestas condições reside em se conseguir tratar a questão com naturalidade e não com uma grande catástrofe. É preciso que o indivíduo deixe de se sentir como a criatura mais vil apenas porque não teve ereção num dado instante. É preciso que o homem se convença de que sua honra não pode estar condicionada aos movimentos involuntários do pênis. Para que o terapeuta possa transmitir isto ao seu paciente, é absolutamente indispensável que ele, terapeuta, esteja totalmente convencido disto; e isto é mais raro do que se pensa quando o terapeuta é um homem; foi submetido a todas as pressões sociais às quais seus clientes estiveram sujeitos. É preciso, pois, que o terapeuta seja capaz de "fracassar sexualmente" em paz, para que seja capaz de transmitir isto às pessoas que o procuram.

Depois da aceitação serena do acontecido, a etapa seguinte é a de detectar as razões que determinaram a inibição do processo natural de excitação. A serenidade é absolutamente necessária, pois senão o indivíduo não é capaz de raciocinar com calma e muito menos considerar a hipótese de que existem razões lógicas para o que sucedeu. Dentro do raciocínio "machista" no qual fomos criados, não há razão no mundo que possa justificar tamanha vergonha; o homem tem que ser capaz de desempenhar sempre, em qualquer tipo de condição objetiva e com qualquer tipo de mulher. As razões mais frequentes para a determinação da inibição do desejo já foram apontadas acima. O importante é que o indivíduo considere que estas razões são "motivo suficiente" para o que aconteceu; como a "tragédia" é vivida como brutal, pode parecer que as razões apontadas sejam consideradas como muito banais, insuficientes para provocar o colapso. Machismo à parte, estas razões são mais do que suficientes.

Quase sempre o homem pressente que terá dificuldades. Isto significa que algo em sua mente lhe diz que a situação – ou a companheira – é imprópria. Como uma das regras da virilidade é não "desperdiçar" nenhuma possibilidade sexual, insiste e vai para a cama

assim mesmo. E fracassa. Não deveria ter deixado de ouvir sua "voz interior", governada pelo bom senso e em conexão direta com os "centros psíquicos" que regem a performance sexual. Estes "centros psíquicos" não são submetidos à razão e à vontade. São submetidos ao bom senso; aprovam as condições favoráveis e gratificantes; reprovam as situações inadequadas. Se a razão, governada pelos preconceitos machistas, insistir em fazer acontecer aquela intimidade física que foi reprovada pelo "centro psíquico" sexual, o resultado será um só: absoluta incapacidade para a ereção. Não adianta querer comandar o pênis; é necessário aprender a sua linguagem e respeitá-la sempre. Qualquer tentativa autoritária redundará em fracasso sexual.

O "centro psíquico" que rege a sexualidade não é machista e não se governa por preconceitos. É governado, como já disse, pelo bom senso. Se achar que a situação é conveniente e sem riscos, libera o desejo. Se achar o contrário, inibe. Por exemplo, no caso das paixões, as intimidades iniciais são prejudicadas também pelo bom senso. A inibição do desejo é bem-vinda, pois haveria uma tendência para a pessoa se descontrolar e se envolver emocionalmente de uma forma muito rápida e nem sempre muito crítica. A razão se descontrola e se envolve com tudo. O pênis não; ele se inibe diante de tão intensa entrega e, com isto, cria condições para o homem refletir melhor sobre a situação e o futuro daquele envolvimento. Age com muito mais bom senso do que a razão!

Uma vez compreendidos estes fenômenos e a necessidade de respeitá-los se não quiser mais ter experiências de fracasso, é hora do homem tratar de recuperar a naturalidade sexual para que as próximas experiências não sejam prejudicadas pela excessiva preocupação com o desempenho. Técnicas de relaxamento, de recuperação da espontaneidade de ficar junto da mulher sem achar que tem que ter imediata ereção, fazem com que a ansiedade e o medo se reduzam aos poucos e o desejo pode voltar a se expressar. Estes procedimentos dependem muito de uma atitude compreensiva da mulher, coisa que em geral acontece. Se o indivíduo, ainda assustado por fracassos recentes, for para a cama com uma nova parceira, é absolutamente indispensável que ela esteja a par do que tem acontecido com ele; caso contrário, a ansiedade de desempenhar a contento crescerá muito e com toda a certeza sobrepujará o desejo, coisa que leva à repetição da impotência, mesmo quando as condições objetivas e a companhia sejam adequadas.

Me parece essencial afirmar aqui que a resolução deste tipo, de longe o mais comum, de dificuldade sexual masculina é extremamente fácil de ser tratado e resolvido. Basta que se conduza a questão para longe dos preconceitos machistas tradicionais e para longe da postura catastrófica que os homens costumam ter quando se sentem com problemas na área da sexualidade. Esta atitude reflete apenas a fragilidade masculina quanto a este aspecto da vida; é o "tendão de Aquiles" de quase todos os homens, de modo que qualquer problema neste setor é capaz de desmontar toda a estrutura da personalidade deles. Serve apenas para mostrar que, do ponto de vista sexual, o sexo frágil é o masculino!

Temos que tratar com mais vagar da questão da ejaculação precoce, tema de aflição e de frustração para cerca de 5% dos homens. Ao menos num primeiro momento, não creio que se deva considerar esta condição como uma efetiva dificuldade sexual. Penso que se trata de uma variação biológica. Algumas pessoas respondem mais rapidamente aos estímulos sexuais do que outras. Acredito que estas variações de resposta às excitações eróticas existam também nas mulheres, de sorte que umas atingem um estado orgástico muito mais rapidamente do que outras.

No início da adolescência, como já vimos, não são raros os confrontos sexuais entre os rapazes. Aqueles que têm o pênis maior, que se excitam mais rapidamente, ejaculam mais rapidamente e com um jato mais potente são considerados como os mais viris. A rápida resposta ejaculatória aos estímulos sensoriais é, pois, tida como uma virtude nos primeiros tempos da puberdade. Esta resposta rápida é espontânea em alguns rapazes, que também quando se masturbam ejaculam ao fim de poucos movimentos de roçar o pênis contra a mão, o colchão ou qualquer outro objeto que seja usado para este fim. Uns têm resposta mais rápida e outros mais lenta. Ao menos até a poucas décadas, a resposta mais rápida era tida como bom índice de virilidade. Nos eventuais encontros com prostitutas a facilidade para ejacular era estimulada e aplaudida pela mulher, e isto por razões óbvias. A ejaculação rápida e fácil começa a ser problemática quando estão em jogo mulheres com as quais se está preocupado. Se um rapaz sai para dançar com uma namorada nova e ejacula nas calças durante uma música mais lenta, certamente ficará desconcertado, envergonhado mesmo. Se o casal estiver no carro, nas adoráveis trocas de agrados tão comuns nestas condições e a ejaculação vier antes da hora ideal, o constrangimento certamente estará presente. Sim, porque, de uma certa forma, a ejaculação do homem é sempre o momento do

"fim da festa"; o período refratário, de desinteresse sexual, poderá ser pequeno, mas sempre existe. Se o casal estiver na cama e a ejaculação surgir ainda durante as carícias que antecedem a penetração, a decepção bilateral será bastante evidente.

Aos poucos, o rapaz que se sentia confiante sexualmente e até mesmo mais viril do que a maioria dos seus colegas vai se sentindo inseguro. Sua ereção é plena, seu desejo muito intenso, mas não consegue se conter e ejacula antes da hora ideal. Tem dificuldades para dar prazer à mulher, condição hoje indispensável para a plena satisfação de qualquer tipo de homem. É verdade que em poucos minutos terá uma outra ereção e que nesta segunda oportunidade poderá ter a vivência da penetração vaginal. Mas, ainda assim, sua segunda ejaculação será mais rápida do que o desejado. Mesmo se sua companheira for discreta e compreensiva, perceberá sinais de decepção no seu rosto. É como se ele fosse o maior dos egoístas, só preocupado com o seu próprio prazer. Quase todos os homens que ejaculam rapidamente apesar de não gostar de números, alguma vez li que se considera que a ejaculação é precoce quando o indivíduo não sustenta pelo menos 30 segundos de movimentos de penetração vaginal antes do clímax – tendem a se tornar muito generosos e tolerantes nas outras áreas do relacionamento humano, especialmente com as mulheres. É como se estivessem em débito para com elas. Têm que ser muito bons nos outros aspectos da vida, pois não são adequados do ponto de vista sexual; aqui, se sentem – e muitas vezes são tratados como – extremamente egoístas. Vão se sentindo cada vez mais inseguros e incompetentes e desenvolvem um perfil de personalidade humilde e depressivo muito típico daqueles que vivem longos períodos de impotência sexual.

Aos poucos, uma simples variação biológica ligada à velocidade de resposta a um estímulo erótico vai se transformando intimamente numa sensação de inadequação; o indivíduo vai se sentindo incapaz, impotente. Cada vez mais se sente muito ansioso diante da situação sexual, especialmente diante de mulheres ainda desconhecidas. Estes homens tendem a se fixar mais ou menos rapidamente a uma companheira que os aceitem com suas "deficiências" sexuais, apesar de "cobrarem" atitudes generosas em outras áreas da vida como uma espécie de indenização pelos prejuízos sexuais que toleram. Esta condição ganha estabilidade, mas em hipótese alguma abre perspectivas para uma reversão do processo. O homem se sentirá explorado nos outros setores do convívio e isto provocará uma forte raiva pela mulher; não pode se queixar muito, pois afinal de contas não é "macho" o suficiente

para isto. A raiva contra a mulher poderá gerar a perpetuação da ejaculação rápida, ou determinar uma tendência para fazê-la mais rápida ainda. Não quer agradar a mulher em hipótese alguma, pois ela o tem humilhado muito com sua prepotência e com as exigências desmedidas. Está composto um círculo vicioso para o qual eu nunca vi saída a não ser com a separação do casal.

Quando este tipo de homem se aproxima de alguma mulher com a qual não tenha tido ainda nenhuma relação sexual, o faz de uma forma extremamente insegura. Já chega como um perdedor, morrendo de medo de decepcioná-la. Em geral não deixa que ela saiba antecipadamente de suas "dificuldades", pois sempre nutre alguma esperança de que "desta vez será capaz de se controlar melhor". Fica ansioso e preocupado com o seu desempenho, condição na qual ejacula mais rápido ainda. Se coloca de uma forma envergonhada diante da mulher, que não poderá deixar de manifestar alguma decepção; não raras vezes tratará de dar algum tipo de desculpa mentirosa, como se estivesse surpreso, pois "isto nunca me aconteceu antes". Se ficar muito ansioso e deprimido, tenderá a ter maiores dificuldades para uma segunda ereção e, se esta existir, ejaculará rapidamente outra vez. Sairá do encontro bastante humilhado, se sentindo realmente um incompetente. Evitará futuros contatos com esta mulher, pois considera que a decepcionou brutalmente. Se for casado, vivendo a incômoda situação descrita acima, tenderá a se acomodar a ela por achar que não lhe resta outra saída, outra alternativa.

Muitos homens que ejaculam após uma quantidade maior de estímulos eróticos, e que são tidos como os "normais" quanto a este aspecto, podem ter experiências esporádicas de ejaculação prematura. Isto acontece quando estão mais ansiosos com a situação, ansiedade esta não tão intensa a ponto de inibir a ereção. Por exemplo, se um homem sair com uma prostituta e tiver um certo medo de contrair alguma doença venérea – e nos dias de hoje também a AIDS – isto poderá provocar uma tendência para a rápida ejaculação; é como se quisesse permanecer exposto ao perigo da contaminação pelo menor tempo possível. Se estiver com muito desejo, não tendo tido nenhum tipo de descarga sexual por vários dias, isto também poderá acontecer. Se estiver aborrecido com sua esposa e ela provocar um contato sexual, poderá ejacular logo como uma forma de se "livrar" da situação o mais rápido possível. Como em todos os outros casos de dificuldades sexuais masculinas, sempre existirá uma razão lógica e clara para o acontecido.

O aspecto mais fascinante da questão da ejaculação precoce tem a ver com sua "cura", ou seja, com a capacidade do indivíduo "aprender" a responder mais lentamente a estímulos sexuais. Não estou falando dos truques que as pessoas costumam fazer, como, por exemplo, pensar em outras coisas – de preferência coisas tristes e preocupantes – durante as carícias eróticas para que a resposta não seja tão rápida. Não estou falando também de truques equivalentes propostos por alguns profissionais da área, tais como o uso de pomadas anestésicas no pênis, anéis colocados na sua inserção pélvica, etc. Estas estratégias me parecem todas absurdas, sempre tentando soluções superficiais e primárias para processos que, ou são biológicos, ou têm relação com o que há de mais consistente no nosso mundo interior. Foram os pragmatismos deste tipo que transformaram a sexologia, uma disciplina que pretendeu ganhar a dignidade de uma especialidade autônoma, num amontoado de procedimentos banais e de maus resultados terapêuticos. Estou me referindo ao verdadeiro desaparecimento da tendência para a rápida ejaculação. Minha experiência clínica com estes problemas é grande, pois desde 1969 venho me dedicando muito ao atendimento de pessoas com problemas sexuais. A condição na qual a ejaculação precoce desaparece com maior frequência é quando o homem se apaixona por uma mulher e se sente correspondido por ela. Neste caso podemos afirmar que o amor opera milagres! Aqui não existe a tendência da mulher de querer ser agradada nos outros aspectos da vida em comum. Pelo fato dela amar este homem – e o ama independentemente do modo como ele ejacula – o que ela quer mesmo é agradá-lo, servi-lo, paparicá-lo de todas as formas que puder. Se rompe o equilíbrio no qual o homem é o generoso na vida cotidiana e o egoísta na cama. A mulher é também muito generosa na vida prática do dia a dia e isto provoca no homem um enorme desejo de agradá-la também no plano sexual. De repente, como num passe de mágica, sua ejaculação se torna extremamente tardia; seu pênis pode permanecer ereto e sujeito a estímulos tácteis por dezenas de minutos sem que surja sequer a vontade de ejacular.

Como hipótese explicativa, penso neste processo como algo parecido com o que acontece com a criança pequena quando "aprende" a controlar a urina durante as horas do sono. Complexas alterações da fisiologia do rim, da bexiga e das artérias que levam o sangue ao rim, se processam de um dia para o outro e, de repente, a criança acorda seca de manhã, depois de 8 horas sem urinar. E tudo isto se passa apenas em virtude do desejo dela

de agradar para continuar a ser amada pela mãe. Ora, parece que quando o homem ama uma mulher e quer agradá-la – além de, é claro, querer conservar o seu amor – se torna fácil para o psiquismo alterar um fenômeno inato e fazer com que a resposta ejaculatória se torne mais adequada ao desejo masculino de ser capaz de dar prazer à mulher. Mas isto só acontece quando a mulher é amada! Processo semelhante ocorre nos homens que ejaculam em tempo "normal" quando eles se apaixonam e são correspondidos. O tempo de resposta ejaculatória se expande, sempre com o intuito de poder retribuir também na área sexual os carinhos e as atenções que estão recebendo o tempo todo da pessoa amada. Se o homem, nestas condições, por alguma razão se preocupar com as mudanças que ocorreram na sua resposta ejaculatória – e não entender isto como uma manifestação do desejo de dar prazer à mulher amada – poderá ter problemas derivados de ter achado que há algo de errado com ele. Isto poderá levar à perda de ereção ou a um retardo ainda maior da resposta ejaculatória. Como sempre, é a compreensão do processo e a capacidade de se apaziguar através do diálogo com a companheira o que conduz à resolução do problema. A lógica e a simplicidade dos problemas da sexualidade masculina mostram que o "centro psíquico" que comanda o pênis é, de longe, mais rico em bom senso do que a nossa razão machista. É preciso que se compreenda a honestidade e a pureza da linguagem do pênis para se superar os problemas sexuais.

Algumas rápidas observações serão suficientes para mostrar como as chamadas "perversões sexuais", que melhor seriam definidas como comportamentos extravagantes, podem ser facilmente explicadas a partir das considerações teóricas acerca da base biológica e da forma como nossa sexualidade é envolvida pelos processos culturais que foram colocados de modo diluído ao longo do que já escrevi. Estas "extravagâncias" são raras hoje em dia, mas alguns casos ainda tive a oportunidade de atender. O exibicionismo todos conhecem: ao prazer de se exhibir se soma o desejo de provocar o medo na mulher, de assustá-la. Não é improvável que o exibicionista é que morra de medo de se aproximar, de fato, da figura feminina. O medo poderá advir do fato de se sentir inferiorizado em relação a ela, pelo fato de desejá-la mais do que se sente desejado. Ao invés de sentir o medo, se deleita em provocá-lo na mulher. Ao invés de ser objeto do desejo, se compraz em ser o objeto do medo. O sado-masiquismo corresponde à associação da sexualidade aos fenômenos da agressividade e da humilhação, tão próprios das disputas entre meninos na

fase pré-puberal. Sobram resíduos deste tipo de prazer erótico associado à violência em todos nós. Porém, em algumas pessoas, as delícias da excitação sexual se acoplam de modo intenso e exclusivo às práticas violentas, única condição na qual as pessoas experimentam uma excitação sexual de monta. Não é difícil também percebermos que estas satisfações são mais freqüentes entre aqueles meninos mais delicados, os que foram os perdedores nas disputas infantis; isto especialmente no que diz respeito ao masoquismo, que talvez seja o grande ativador do sadismo. Na realidade, o sádico satisfaz o capricho do masoquista. Práticas masoquistas são muito freqüentemente acopladas ao comportamento homossexual, como também correspondem a fortes fantasias e práticas entre os homens heterossexuais mais delicados.

O "voyeur" tem, do mesmo modo que o exibicionista, medo de se aproximar da mulher. O medo deriva de se sentir inferiorizado; portanto, é a "extravagância" mais comum no tipo de homem mais delicado. Todo o processo deriva da importância da visão no despertar do desejo sexual masculino. Em virtude do medo, o indivíduo se deleita apenas ao olhar buracos de fechadura, casais tendo intimidades e que são observados com lunetas que procuram janelas abertas, etc. Se trata de uma condição confortável, pois a excitação permite a masturbação e ejaculação, fim do processo sexual. Os medos não têm que ser enfrentados e a pessoa terá prazeres eróticos sem ter que se relacionar afetivamente com a mulher. Não tenho notícias da existência de comportamentos do tipo de "voyeur" em mulheres, ao menos como conduta persistente e estável. É mais um ingrediente a favor da tese de que a visão tem uma importância no despertar do erotismo masculino diferente da que existe na mulher. Peças íntimas femininas, especialmente aquelas próprias de mulheres mais vulgares, podem despertar a plena excitação de certos homens, sendo que provocam algum tipo de estimulação erótica em todos eles. Subentendem a mulher, a mulher "vulgar"; aquela que se deleita com os prazeres da sexualidade sem nenhum tipo de censura ou limite, ao menos na imaginação dos homens. Conduzem os homens, nas suas fantasias, aos tempos anteriores à vida em grupo, onde eles abordavam todas as mulheres que os interessavam e eram sempre bem recebidos. Na imaginação masculina, a mulher que usar aquele tipo de calcinha ou de cinta-liga é exatamente uma daquelas que, mesmo hoje em dia, "dá para todo o mundo". E não conheci nenhum homem que, apesar de muitas vezes

agir como se reprovasse, não tivesse enorme admiração e fascínio por estas mulheres assim ousadas.

## VII - O HOMEM AMA, SE CASA E É PAI. COM FREQUÊNCIA SE DIVORCIA

Esta curiosa tendência que existe nos seres humanos adultos de buscar uma outra criatura para com ela estabelecer uma ligação especial já foi detectada há muitos séculos. Este foi o tema, por exemplo, de um encontro de homens voltados para o saber e para a filosofia há quase 25 séculos atrás e que foi magistralmente descrito por Platão em "O Banquete". Cada um dos participantes do banquete deveria dar sua interpretação a respeito do tema: o que é o amor? A fala mais impressionante é a de Aristófanes, que tentarei sintetizar a seguir de uma forma livre, mas fiel ao texto original.

Na origem, isto é, há muitos e muitos anos atrás, o homem não era como o conhecemos. Era um animal grande, que tinha duas cabeças, dois troncos, quatro braços e quatro pernas. Este animal era sereno, auto-confiante, muito auto-suficiente e orgulhoso de si mesmo. Tãmanha era a sua auto-confiança que cometeu um grave erro: resolveu desafiar os deuses. Zeus, furioso com esta prepotência dos homens pensou em destruí-los a todos. Depois decidiu que não faria isto, mas que os enfraqueceria definitivamente: e os partiu ao meio. Cada uma destas metades – com uma cabeça, um tronco, dois braços e duas pernas – ficou fraca, cabisbaixa e muito insegura; estas metades correspondem ao que chamamos hoje de seres humanos. Estas criaturas fracas e tristes passaram a buscar desesperadamente o reencontro com suas metades perdidas. A esta força que busca reconstruir o animal duplo original – o andrógino – é que chamamos de amor.

Já escrevi e falei sobre o mito do andrógino centenas de vezes. Porém, cada vez que penso sobre o assunto me surpreendo com a extraordinária capacidade de intuição da nossa espécie, com a competência que temos de, ao contarmos uma simples história, nos aproximarmos das nossas maiores e mais escondidas verdades. Se pensarmos um pouco sobre o que acontece durante os meses de gravidez, podemos ver que, especialmente nas últimas semanas, lá existe um animal do tipo do que foi descrito por Aristófanes: a mulher e o seu feto compõem um animal que tem duas cabeças, dois troncos, quatro braços e quatro pernas! A mulher grávida se sente completa e feliz e este estado se interrompe quando ela é partida ao meio, ou seja, no momento do parto. A mulher se sente enfraquecida e triste, ao passo que ao bebê só interessa buscar reencontrar sua "metade perdida".

O mito do andrógino coincide exatamente com minhas observações de que o amor é uma espécie de nostalgia da agradável e aconchegante sensação derivada da simbiose uterina. É a busca da sensação de paz e harmonia que experimentamos no útero e depois nos braços de nossas mães. É um anseio que, para a maior parte das pessoas, persiste durante toda a vida adulta. É um forte atenuador da sensação de abandono e desamparo que nos persegue ao longo de toda a nossa estada na Terra. Buscamos "eleger" uma pessoa que, em nossa vida adulta, será capaz de provocar a mesma sensação de aconchego que, na infância, sentimos com a mãe. Ainda no "O Banquete", Sócrates – que era o mais ilustre dentre os presentes – afirmou que o amor deriva da admiração. Ou seja, o critério que usamos para "eleger" uma pessoa para amarmos é o da admiração. Todo objeto do amor na fase adulta é um substituto da mãe, escolhido segundo critérios derivados da admiração. Nossa vontade de aconchego e amor é uma espécie de imaturidade emocional, algo que trazemos da infância como coisa mal resolvida. A forma como escolhemos a parceria para a aventura amorosa é racional e os critérios são próprios de cada fase de nossa vida adulta. Não tem nenhum cabimento, a meu ver, continuarmos pensando que o "coração tem razões que a própria razão desconhece". Se tomarmos esta ideia de Sócrates de que o amor deriva da admiração como ponto de partida de nossas observações, poderemos percorrer um caminho racional e lógico muito interessante, através do qual será fácil provar que as escolhas amorosas não são casuais. Este é um dos temas aos quais mais tenho me dedicado e meus primeiros livros – já com quase 15 anos de idade – correspondem à busca obsessiva das "razões do coração". Será um prazer voltar a este tema, acrescentando a ele algumas observações mais recentes e também discutir essencialmente suas peculiaridades do ponto de vista masculino.

Antes de mais nada, eu gostaria de afirmar que os homens têm uma vocação e um anseio para o amor no mínimo tão intenso quanto o que se pode constatar nas mulheres. Nem poderia ser diferente, pois os meninos tiveram uma ligação afetiva muito intensa com suas mães, das quais foram forçados a se afastar. Podem ter mais medo de novas relações de plena intensidade do que as mulheres, mas em hipótese alguma sonham menos com isto. Podem ter mais vergonha de manifestar toda a sua tendência romântica, até porque isto acabou sendo catalogado como mais uma "coisa de mulher"; mas não se pode considerar que este recato corresponda a um verdadeiro desinteresse. Muitos homens podem usar um

discurso romântico superficial e falso apenas com o intuito de seduzir sexualmente uma dada mulher, mas isto não quer dizer que não tenham desejos amorosos genuínos e sinceros.

A bem da verdade, quase tudo o que se escreveu sobre o amor e suas dores, sobre os encontros e desencontros e suas frustrações, foi obra masculina. O romantismo do século passado, período em que a união entre um homem e uma mulher ganhou a força e o vigor tal como conhecemos e vivenciamos até hoje, foi a obra de poetas apaixonados por mulheres idealizadas e inatingíveis. As letras de músicas populares e do folclore de todos os povos falam do amor à pátria, do amor a uma mulher e dos seus dissabores; foram elaboradas principalmente pelos homens que, por estas vias, sempre externaram suas aspirações românticas. Acredito que seja de grande importância distinguirmos o amor do casamento, ao menos ao nível da discussão teórica. O amor é um anseio de acoplamento entre duas vidas, mas no sentido do aconchego e da atenuação da dor do desamparo. O casamento é uma sociedade civil que, ao menos do ponto de vista histórico, sempre esteve a serviço da reprodução, da perpetuação de patrimônios e privilégios e também de tornar a luta pela sobrevivência mais fácil para homens e mulheres. Apesar de ser bastante lógica a ideia de que dois jovens deveriam se unir a partir de um encontro amoroso, para que a luta pela vida fosse mais agradável, além de mais fácil, o casamento baseado no amor e na livre opção dos jovens é uma aquisição cultural bastante recente. Até há poucas décadas – e até hoje em certos grupos sociais – a norma para a união dos jovens eram os arranjos entre suas famílias. As conveniências de ordem prática sobrepujavam de longe em importância a questão do amor.

O casal, unido pelas razões práticas que pareciam adequadas aos seus pais, trataria depois de desenvolver um elo também de natureza sentimental. E é bem provável que isto tenha acontecido com uma frequência maior do que podemos supor, uma vez que a vontade de aconchego sempre existiu e, na falta de outra alternativa, se passava a gostar e a sentir falta da companhia do cônjuge que tinha sido arranjado pelos mais velhos. O casamento, sim, é que sempre foi um anseio maior nas mulheres do que nos homens. E isto por razões perfeitamente compreensíveis se olharmos o mundo tal como ele era até os anos 60. A única possibilidade de poderem se libertar da tirania dos pais era através do casamento; eles prendiam suas filhas com todas as forças, pois tinham pavor de que elas se "perdessem"; ou

seja, tinham pavor de que elas deixassem de ser virgens. Caso isto acontecesse, jamais conseguiriam se casar decentemente. E como iriam se sustentar? O mundo do trabalho era quase que exclusivamente masculino. E se engravidassem? Nem pensar em fazer um aborto. Mas que destino poderia uma moça pleitear para si se tal tragédia acontecesse? Nenhum; ela estaria totalmente condenada a uma vida marginal, à rejeição absoluta das "pessoas de bem". Resumindo, podemos dizer que o casamento era o modo pelo qual as moças se afirmavam como criaturas decentes e se estabeleciam como criaturas socialmente respeitadas e valorizadas. Estavam livres dos riscos de um "deslize" sexual e de suas dramáticas conseqüências. Além do mais, tinham encontrado o caminho para a resolução de suas necessidades materiais, pois a elas bastaria estimular os maridos para o trabalho e cuidar da casa e das crianças. Isto para nos atermos apenas à vida da classe média urbana das décadas que antecederam à revolução sexual.

A vida de solteiro dos rapazes era bastante diferente da moças e bastante mais agradável. Existiam as prostitutas para satisfazer seus fortes desejos eróticos. Sempre existiram moças que, mesmo sendo de "boa família", eram mais indulgentes com as investidas sexuais deles. Podiam passear mais livremente, freqüentar os bares e beber com os amigos. Podiam continuar morando na casa dos seus pais até que terminassem os estudos e comesçassem a trabalhar. Mesmo trabalhando, podiam guardar para si a maior parte do que ganhavam. Podiam ter uma vida bastante mais atraente do que aquela que teriam a partir do casamento. O aconchego amoroso era bastante razoavelmente resolvido com os afetos familiares e com uma namorada que era visitada 2 vezes por semana. Ela era a inspiração de seus esforços, alguém com quem ele iria se casar. Mas não tinha pressa, pois sua vida prática iria piorar muito. Cito outra vez Schopenhauer que disse que "o casamento é uma instituição que interessa a duas classes de pessoas: às mulheres e aos padres"! Isto, é claro, foi dito no século passado.

A ânsia de se casar sempre foi maior, portanto, nas moças e nas suas famílias. Quando acontece delas se apaixonarem, parece que esta forte emoção empurra mais ainda na direção de uma enorme vontade de se casar. No homem, o amor também o leva a cogitar em casamento, mas não com a mesma rápida associação, como se as duas coisas fossem uma só. Os homens resistem mais à ideia do casamento e, apesar das coisas terem se alterado totalmente nas últimas 2 décadas, as mulheres parecem que ainda não se

desligaram totalmente de seus condicionamentos milenares. E é bem possível que hoje o casamento seja até pior para as mulheres do que para os homens e, apesar disto, ainda são elas as que mais se apressam em transformar o amor em sociedade civil. Entendem a disposição masculina de se casar como uma grande prova de amor. Entendem também suas resistências ao compromisso formal como desamor. É hora de repensarmos de forma mais séria as associações do amor com o casamento. Reafirmo que, do ponto de vista do amor, não vejo diferenças maiores entre os anseios masculinos e os femininos.

Para um melhor entendimento da questão do amor e que ainda significa também a questão do casamento é necessário que retomemos o tema da generosidade e do egoísmo entre os homens. Não quero dizer que não existam também mulheres generosas e egoístas e que estas últimas não sejam em número maior do que as primeiras, exatamente como acontece entre os homens. Apenas a ênfase será dada sobre os comportamentos masculinos. As descrições são radicais, buscando os tipos extremos; é certo que a grande maioria das pessoas tem posturas intermediárias; porém, quase todos nós tendemos mais para um dos lados da balança da justiça, balança esta que raramente se encontra em equilíbrio. A radicalização visa o esclarecimento e não a defesa de uma forma maniqueísta de pensar ou o desejo de catalogar as pessoas em duas categorias antagônicas. Entre os dois extremos existem todas as posições intermediárias e cada um poderá se colocar, com honestidade, no devido lugar.

Os tipos mais egoístas são aqueles que ficaram assim porque não têm grande competência para tolerar dores e frustrações. Não suportando as dores derivadas, por exemplo, de se colocar no lugar do outro e imaginar seu eventual sofrimento, param com este processo mais sofisticado de utilização da razão e conservam apenas a visão egocêntrica da vida. Se reconhecem fracos quanto a este aspecto, pois não tolerar bem sofrimentos leva a pessoa a poder se arriscar pouco; esta é apenas uma das restrições à plena vida que deriva da tendência para evitar o sofrimento, a rejeição, a crítica e todo o tipo de dor psíquica. Quando são contrariados e experimentam algum tipo de dor, imediatamente reagem com violência; têm, pois, respostas agressivas muito rápidas e fáceis; só se refreiam se o medo de represálias for muito grande. Não suportam reconhecer seus erros, de modo que sempre preferem atribuir suas dificuldades a alguma outra pessoa

ou situação externa. Vivem com o dedo apontado para fora, procurando os "culpados" por seus fracassos. Por isso mesmo, vivem com o coração cheio de raiva.

Estes meninos assim mais agressivos são justamente os que se saem melhor durante os últimos anos da infância; são os "machões", os vencedores. Por dentro sabem que estão cheios de fraquezas, mas aproveitam suas vantagens nos jogos competitivos para construírem uma imagem de sucesso. Agem como se tivessem uma ótima imagem de si mesmos; falam como se fossem os campeões. Por muitos anos conseguem enganar os que com eles convivem, pois parece mesmo que são pessoas que se amam. Até Freud se enganou em relação a eles! Estas pessoas, chamadas de narcisistas, são crianças fracas que não podem ser contrariadas. São crianças mimadas, mesmo quando têm 30-40 anos de idade e mesmo quando tiveram uma infância extremamente sofrida. São fracos e gostam de se colocar socialmente como fortes. Fazem pouco e adoram exagerar suas poucas conquistas. Nestas pessoas, a associação entre agressividade e sexualidade é máxima. Raiva é o que não lhes falta! Acontece que não são muito ousadas para as coisas do amor, pois neste setor podem ocorrer algumas das maiores dores que temos que experimentar em vida; dores derivadas de rupturas de vínculos. A raiva contra as mulheres já derivava do desprezo que aprenderam a ter por elas durante a infância. Perceber que elas se encontram em superioridade sexual, pois despertam o desejo masculino, provoca a inveja e reforça a raiva. A raiva reforçada aumenta o desejo sexual por elas; surge o aprendizado de como envolvê-las e seduzi-las, valendo para isto qualquer tipo de recurso, inclusive e principalmente o da mentira. São mais ousados na paquera porque correm menos riscos, uma vez que não se sentem com medo de se envolver e também porque desconsideram as mulheres como seres humanos. Conseguem bons resultados neste jogo de conquistas eróticas e isto lhes dá a sensação de que, de fato, não são tão fracos e incompetentes quanto pensavam. Nos anos da mocidade, sua auto-estima efetivamente cresce e a pose de sucesso e de amor por si mesmo passa a ter algum fundamento, passa a descrever algo que realmente acontece no seu mundo interior.

A mocidade corresponde aos anos dourados deste tipo de rapaz, o bom esportista, o bom conquistador das mulheres, o que é competente para as conversas superficiais e para contar casos intermináveis nos quais ele é o herói. Seus medos e inseguranças maiores em relação às coisas mais sérias da vida não estão em evidência, pois esta não é a fase na qual

rapazes e moças valorizam este outro tipo de coragem. O rapaz narcisista é, é claro, bem vestido e está sempre na moda. Cuida de sua aparência física, de modo que não será gordo demais e nem o contrário. A vaidade física se expressa adequadamente e este é exatamente o tipo de rapaz que tem quase todas as moças a seus pés. Ele é o sucesso e isto faz com que se sinta mais seguro, atenuando seus sentimentos de inferioridade e de incompetência que, mais tarde, voltarão à cena. Sai com muitas moças e, aos poucos, percebe que elas também são de dois tipos: umas são mais recatadas, mais sinceras e mais amorosas, ao passo que outras são mais extrovertidas, mais capazes para dissimular e também menos amorosas. Sente desejo sexual por ambas, pois sua raiva se estende a todas as mulheres. Quando decide namorar, prefere aquelas do primeiro tipo, pois não gosta de se sentir ameaçado e muito menos de correr o risco de eventuais traições. A escolha deste tipo de rapaz é mais racional, pois sua capacidade para se envolver de modo pouco crítico é inexistente; morre de medo de sofrimento; prefere, pois, o tipo de moça mais confiável e que seja capaz de se apaixonar por ele de uma forma mais intensa e dedicada. Poderá até mesmo achar mais atraente o outro tipo de moça, mais parecida com o seu modo de ser – pois ele sabe que não é confiável – mais jamais se envolverá a sério com uma delas.

Me parece evidente também que seus sentimentos de inferioridade influem na escolha, apesar de que nesta fase estão atenuados. O egoísta admira aquelas pessoas mais consistentes e que possuem um código moral introjetado. Sabe que não possui esta estrutura ética e sabe também que não conseguiu construí-la porque ela implica em várias renúncias e sacrifícios que não tem competência para tolerar. Assim sendo, a moça mais meiga, mais confiável, mais discreta e amorosa o interessa por todas as razões possíveis, que vão desde a admiração até os aspectos práticos e lógicos, uma vez que estas moças são mais generosas e terão prazer em servi-lo e satisfazer seus caprichos. As razões que levam estas moças a se encantar pelos homens mais egoístas e grosseiros não serão discutidas aqui, mas se aproximam das causas que levam os rapazes mais generosos a se envolverem justamente com as mais narcisistas; a isto nos dedicaremos em breve.

Desta forma, se compõe um tipo de ligação afetiva bastante comum e que com freqüência se transforma em ligação conjugal. Um homem mais egoísta, mais agressivo talvez por isso mesmo sentido pela mulher como melhor protetor – e aparentemente mais forte se une a uma mulher mais discreta, mais meiga e mais generosa. Ela o ama

perdidamente e ele gosta de ser amado. Ela poderá se sentir um pouco frustrada por não se sentir tão amada quanto gostaria, mas na realidade talvez nem tivesse coragem para esta troca tão intensa que deriva de um amor bilateral. Ele é implicante e autoritário, possessivo e ciumento e ela interpreta isto como prova de amor. Ele a restringe por insegurança e também por inveja – não pode suportar o crescimento dela, pois isto o humilharia – e ela se sente protegida e amada. Ele não é nada confiável e isto a deixa em permanente estado de insegurança quanto à sua lealdade, desafio atraente para muitas pessoas; é como se ela tivesse que conquistá-lo de novo a cada dia. Ele é fraco e sempre que se sente por baixo e inseguro age com agressividade e violência. Ela, no fundo, sabe da verdade e se sente importante em poder ajudá-lo. Há muitas coisas que não vão bem, mas ela tem esperanças no futuro. No fundo, ele é uma boa alma; só tem algumas imaturidades e isto, quem sabe, ele logo vai conseguir resolver. Ela o ajudará a crescer; sua bondade e dedicação serão as suas armas para ajudá-lo a florescer. Tolerar tudo porque acredita que o futuro será recompensador.

Além do mais, gosta de ser a generosa, a que se sacrifica e renuncia, pois isto a faz sentir forte, superior. Ela, que é tímida e pouco agressiva, admira a capacidade dele de ser mais sociável e de agir com violência quando a situação exige. Ele enfrenta dificuldades no trabalho e quase sempre se considera vítima de alguma adversidade ou perseguição do chefe. Nunca é ele o causador das divergências e tensões; ele é sempre a vítima. Ela o consola e o aconselha; sofre junto com ele e juntos sonham com dias melhores e com a realização profissional e econômica tão necessária para ele. Neste tipo de ligação conjugal, a vida sexual costuma ser bem sucedida por vários anos. O homem narcisista não tem dificuldades nesta área e quase sempre está disponível para as trocas de carícias. Não é parte de sua formação recusar oportunidades eróticas. Suas raivas contra a mulher, tão necessárias para a estimulação sexual, se reavivam constantemente, agora derivadas principalmente da inveja. Ela é boa e dedicada, muito mais do que ele é capaz de ser; isto o agrada, pois, satisfaz suas necessidades e seu egoísmo; porém, isto o humilha, porque o faz sentir inferiorizado e por baixo. A mulher generosa, por sua parte, faz de tudo para agradar o homem, inclusive do ponto de vista sexual. Além disto, costuma ter grande facilidade para a entrega amorosa, coisa que leva consigo a sexualidade; isto porque nestas pessoas o sexo está acoplado ao amor. Não tem problemas para atingir o orgasmo e, com facilidade,

se adapta aos gostos do marido. Como está sempre um pouco insegura quanto ao amor dele, uma pitada de ciúme costuma aumentar ainda mais o seu desejo de uma vida sexual rica e gratificante. As coisas só se alteram quando ela, anos mais tarde, começa a se decepcionar com o marido, começa a perder as esperanças de que um dia ele venha a ser diferente, mais maduro e carinhoso.

O homem narcisista não costuma modificar muito seus hábitos de vida depois do casamento. Poderá se tornar um pouco mais doméstico por alguns meses, mas rapidamente volta a sentir necessidade do convívio com os amigos e também de novas conquistas sexuais. Não tem problemas em mentir e nem tem freio de ordem moral que o impeçam de atuar desta forma. Não sendo pessoa voltada para a noção de justiça, pode muito bem concluir que o homem tem todo direito às aventuras extraconjugais e que a mulher não poderá jamais pretender direitos iguais. Para o egoísta, privilégios e direitos especiais são totalmente razoáveis e lógicos. Afinal de contas, elas são muito românticas e têm que viver a sexualidade apenas com quem amam. Agora, ele não é assim; não se envolve e suas aventuras são totalmente diferentes, pois não tem conseqüências sentimentais. A mulher tem que ser pura e o homem é um eterno conquistador. Esta é a conclusão que o conforta e não tem nenhum interesse em discutir o assunto em maior profundidade. Não está interessado também em saber se isto magoa e ofende à sua mulher, pois não tem o costume de se colocar no lugar da outra pessoa.

O narcisista é um marido que está sempre interessado em sair para festas e reuniões de todo o tipo, pois todo o dia é dia de se tentar conquistar mais uma mulher. Nas suas relações de trabalho sempre tenta abordar as moças que lhe parecem mais atraentes e disponíveis. Gosta do jogo e se sente gratificado em sua vaidade quando é bem sucedido na conquista. Não perde o hábito juvenil de gostar de se exibir para os amigos como o macho que tem sucesso com as mulheres. Se a mulher viaja nas férias com as crianças, sai à caça imediatamente. Se viaja sozinho por razões de trabalho, já começa a dar em cima das mulheres disponíveis no avião. Não perde uma oportunidade para ter este tipo de gratificação para o seu Ego. Até certo ponto, se vicia neste tipo de prazer derivado do sucesso na conquista, que se transforma num ingrediente tão necessário à sua auto-estima quanto o álcool pode ser indispensável para quem se torna dependente dele.

Por falar em crianças, este homem não costuma ser um pai tão destrutivo quanto poderíamos esperar. É verdade que, em virtude do temperamento explosivo, muitas vezes age de modo arbitrário e com violência desproporcional. Quando isto acontece, é ele o que vai depois atrás dos filhos chorando e pedindo desculpas! É verdade também que, em virtude da forma inconstante e instável de ser, às vezes ri com complacência e outras vezes pune com rigor o mesmo tipo de comportamento dos filhos. Mas, como não é muito ligado na sua esposa do ponto de vista amoroso e como acha muita graça na sua vida extra-conjugal, não fica tão enciumado quando ela se dedica aos filhos. Se comporta, como regra e na maior parte do tempo, como quem fica feliz por tê-la assim voltada para as crianças. A admira muito por isto e, é claro, a inveja um pouco mais.

Um aspecto interessante da psicologia de muitos destes homens é que, às vezes, conseguem amar os filhos de uma forma intensa e desarmada, como não são capazes de fazê-lo com nenhum outro ser humano adulto. Acredito que o que se passa é o seguinte: o anseio amoroso existe neles, da mesma forma que nas outras pessoas; não se permitem a soltura sentimental porque não suportariam o risco de dor e de sofrimento que uma eventual perda determinaria; acreditam que os vínculos familiares, especialmente com os filhos, têm uma estabilidade e uma garantia maior de perpetuação, condição na qual se sentem mais confiantes para abrir o coração e amar de verdade. Também é importante registrar que estes pais usualmente se tornam muito possessivos e dominadores, pois temem que, com o crescimento, os filhos possam vir a abandoná-los. Não têm grande interesse no progresso emocional dos filhos, pois isto implica no risco de perdê-los.

De toda a forma, não são estes os pais que determinam os conflitos triangulares edipianos de maior dramaticidade. Isto se dá tanto porque não são tão ligados às suas esposas – apesar de serem muito exigentes de suas atenções quanto porque se divertem muito fora de casa com os amigos e com outras namoradas; e também porque tendem a se apegar sentimentalmente aos filhos, que muitas vezes se transformam na sua grande paixão, no único tipo de encontro no qual se soltam, se divertem e sentem prazer em agradecer.

E assim o nosso casal vai levando a vida, aparentemente em concórdia. A ordem é perturbada periodicamente por agressões e explosões do homem em relação à esposa. Ela, a vítima de suas necessidades de rebaixá-la, é a que sempre se empenha para o restabelecimento da ordem e da harmonia. O homem se considera um bom pai e um bom

marido, especialmente quando é ele o único – ou o maior – responsável pelo sustento da família. Os filhos vão crescendo, as condições econômicas vão se estabilizando e o cotidiano tende para uma certa monotonia, coisa que o leva cada vez mais para fora de casa, para a vida de homem solteiro que jamais abandonou por completo. Mulheres diferentes entram e saem da sua vida com grande velocidade. De vez em quando se fixa mais em alguma, quase sempre um tipo de pessoa mais parecido consigo mesmo. Esta mulher o deixa mais inseguro e desconfiado e isto pode estimular muito o seu impulso sexual. Pode se sentir com apetite para ter várias relações sexuais em pouco tempo, coisa que faz muito bem para a sua vaidade e pode torná-lo mais dependente desta mulher. Não cogita jamais em se separar e casar com ela, pois está muito satisfeito com o fato de ter se casado com uma pessoa confiável, generosa e toda voltada para ele e para os filhos.

O que acaba acontecendo, hoje em dia com uma frequência muito maior, é que sua esposa começa a dar sinais de insatisfação. E o primeiro destes sinais é a clara diminuição do interesse sexual por ele, acompanhada por uma dificuldade crescente para atingir o orgasmo. Ela pode tentar esconder este fato por algum tempo, sempre com a finalidade de poupar ao marido esta contrariedade. Já se habituou a isto, a se empenhar para que as brigas não sejam tão frequentes. É verdade que esta política é pouco eficaz, pois o marido parece ter necessidade de explodir de tempos em tempos; se não houve motivo real, não lhe custará nada inventar algum pretexto. A própria mulher se surpreende com as alterações das suas respostas sexuais e pode levar algum tempo para relacioná-la com o fato de estar cansada de ser rebaixada e tratada com periódica desconsideração. Poderá demorar mais um certo tempo para perceber que suas esperanças de que as coisas irão se modificar, que o marido irá amadurecer, estão se evaporando. Finalmente ela percebe que não acredita mais nele e que os seus sentimentos amorosos estão se dissolvendo. Já não o admira mais. Tal constatação é motivo de grande tristeza para este tipo de mulher, cujo sustentáculo emocional mais importante é o amor. Ela se sente vazia, frustrada, insatisfeita. Busca saídas para melhorar sua condição. Se não trabalha fora de casa, é a hora em que isto passa a interessá-la sobremaneira. Se já trabalha, trata de fazer alguns cursos ou procurar outro tipo de atividade. Sem que tenha consciência clara da situação, aos poucos está se preparando e se fortalecendo com a finalidade de se divorciar.

A partir da constatação de que não ama mais o marido, torna-se impossível para ela suportar suas arbitrariedades; não sabe mesmo explicar como é que pôde tolerar seu gênio agressivo por tantos anos. O marido naturalmente se opõe com todas as forças a todos os projetos de emancipação da mulher. Sabe que isto ameaça muito a estabilidade do seu casamento. Teme que ela, se sentindo mais forte, escape do seu jugo. Teme mais ainda que ela se envolva com um outro homem, pois sabe que ela ficaria extremamente suscetível aos apelos deste novo amor. Nenhum homem se oporia ao desejo feminino de trabalhar fora se não vislumbrasse a possibilidade de, através deste caminho, perdê-la. Perdê-la porque ela se sentirá mais segura ou perdê-la para outro homem. E é evidente também que são justamente aqueles que sabem perfeitamente que não têm sido bons companheiros os que mais temem que isto aconteça. Sim, porque o nosso marido egoísta costuma ser extremamente ciumento; logo ele, que tem telhado de vidro. Sabe que sua mulher é muito boa e um tanto ingênua; morre de medo de que algum outro homem, manipulador e mentiroso como ele, venha a ser capaz de envolvê-la.

Esta mulher, mais dia, menos dia, vai decidir se separar. Quando se sentir mais segura, ou em virtude de uma melhora na sua auto-estima ou porque está envolvida com outro homem, vai chegar em casa e dar um basta àquela situação que pode estar boa para o marido, mas não para ela. E, apesar de tudo, o marido egoísta vai levar um susto; afinal de contas, ele estava se sentindo bem no casamento! Jamais se preocupou em saber se isto era verdade também para sua mulher, que, por temperamento, era de pouco se queixar. Ele, que se queixa por tão pouco, não poderia imaginar que ela estivesse assim infeliz. Imediatamente age como quem está arrependido. Se "conscientiza" de tudo o que vem fazendo de errado, pede "mais uma chance". Sabe que foi um grande egoísta, que esteve mais preocupado com ele mesmo e com o trabalho, que negligenciou a mulher e os filhos. Promete que daqui para diante tudo vai ser diferente. Faz todo o tipo de pressões possíveis e imagináveis; age como um verdadeiro artista. Se a mulher não estiver muito firme, cederá às suas pressões. Quando isto acontece, as coisas se tornam mais agradáveis e amenas por algumas semanas; logo que ele percebe que ela já se acomodou e não pensa mais em abandoná-lo, tudo volta a ser como antes. Ela toma fôlego, se refaz do tombo e, em pouco tempo, volta à carga.

Ele representa de novo o papel do vilão arrependido, faz mil elogios a ela e implora de novo o seu perdão. Se desta vez ela não ceder, ele muda de estratégia: se torna violento e ameaça de todos os modos possíveis; não terá nada na partilha; vai querer os filhos para si; vai matá-la; ou então vai se matar. Se ela se mantiver impassível e determinada, ele não terá dúvidas: ela tem um outro homem. Se não fosse por isto ela não resistiria às suas pressões. Se ele não consegue mais influenciá-la é porque agora um outro homem a está dominando. Se torna mais violento – ou melodramático ainda e, se for este o caso, ela acabará confessando o crime.

Nosso vilão, de uma hora para outra, se transforma em vítima. O bom pai e o marido dedicado foi traído pela mulher ingrata! Ele é bom; ela é que não presta. Ela é que não foi digna da confiança que ele depositou nela. O fato dele ter tido outras mulheres não significa nada para ele; a mulher infiel é que está querendo destruir a família, a sagrada família pela qual ele tanto se bate. Envolve os pais dela, os amigos e também os filhos em toda a sua trama. Se coloca como o defensor da causa nobre e ela é a vilã, aquela que quer destruir tudo. E como ficarão as crianças? Pobres criaturas que têm que ser preservadas deste tipo de dor a qualquer custo. Ele, num gesto de "grandeza", se coloca como quem está disposto a perdoá-la; se propõe a aceitá-la de volta, mesmo tendo ela cometido o crime que cometeu. Se ela ceder a esta pressão psicológica total estará perdida, pois agora voltam a viver juntos e ele jamais deixará de "jogar na sua cara" tudo o que de "errado" ela fez e como ele foi magnânimo por ter sido capaz de relevar tudo isto. Ela acabará por não suportar mais a situação e voltará à carga no intuito de se separar.

Se agora ela não ceder à pressão psicológica e finalmente se decidir pelo divórcio, encontrará no marido um inimigo eterno. Ele jamais a perdoará pela humilhação imposta à sua dignidade. Não se trata de perda amorosa e sim de orgulho ferido. Fará tudo o que estiver ao seu alcance para tentar prejudicá-la; tratará de difamá-la para os parentes e amigos. Agirá de modo desleal do ponto de vista financeiro; como "vítima", terá o "direito" ao maior pedaço de bolo na hora da partilha, coisa absolutamente de acordo com o seu egoísmo e com sua incapacidade de dar algo daquilo que considera seu. Tentará colocar os filhos contra a mãe, mostrando a eles o "crime" da infidelidade cometido por ela e atribuindo a ela a culpa pela dissolução da família que tanto convinha a ele e às crianças.

Não falará mais a respeito de seus erros e suas culpas. Agora foi o pai e o marido exemplar, traído pela "víbora", que é a causadora de todos os males.

Parece mais ou menos evidente que "os opostos se atraem", conforme afirma a sabedoria popular. Parece também que, com o passar dos anos o fator de atração, ao menos para aquele que está sendo lesado, vai se apagando. Parece mais ainda: que, aos poucos, o fator de atração vai se transformando em fator de repulsão, justificando uma afirmação que tenho feito repetidas vezes que é a seguinte: as pessoas se divorciam exatamente pelas mesmas razões que se casam; ou seja, pelas diferenças de temperamento.

É importante deixar registrado também que a história que eu narrei – e que apesar de falar de personagens indefinidos corresponde a um grande número de casamentos que todos nós conhecemos bem – tem um final conforme o descrito apenas quando a mulher consegue reunir forças suficientes para se rebelar. Esta é uma das grandes conquistas dos tempos modernos, onde a possibilidade de buscar a independência econômica cria as condições objetivas e subjetivas para a recuperação da auto-estima da mulher totalmente oprimida e massacrada pelo marido. O trabalho é grande reforçador da subjetividade, além de gerar os recursos financeiros indispensáveis à rebelião. Na medida em que a mulher se relaciona com outras pessoas e com responsabilidades maiores e se percebe mais competente do que esperava, ela vai se sentindo mais forte interiormente; isto provoca o início de um importante processo de conciliação consigo mesma, uma tendência a se atribuir valor. E quem tem valor não precisa se submeter à tirania de ninguém.

Voltemos ao nosso narcisista, agora divorciado. Seu cotidiano muda muito menos do que se pode imaginar. Apenas ativa mais um pouco a vida de homem solteiro que ele sempre viveu em paralelo com a familiar. Convive com os amigos, frequenta os bares da moda, especialmente aqueles que hoje existem para pessoas solteiras. Continua conquistando mulheres, envolvendo-as com suas mentiras e seus discursos românticos, vai para a cama com elas e depois se afasta. Tem uma caderneta cheia de telefones de amigas e amigos e são raras as noites que passa sozinho. Aliás, este tipo de pessoa não suporta muito bem o convívio consigo mesmo. Entra em pânico quando se vê sem alguém com quem conversar; é por isso que conversa com qualquer tipo de pessoa e a respeito de qualquer assunto. Independentemente de suas insatisfações íntimas e da consciência de suas limitações, age como criaturas alegres, simpáticas e extrovertidas. À primeira vista são

criaturas cativantes, bons parceiros para o aperitivo do fim da tarde. Depois de um certo número de meses – ou anos desta vida de solteiro alegre e bem sucedida, nosso homem acaba enjoando. Não todos, é claro; alguns acabam por se posicionar desta forma de uma maneira definitiva; são parte daquele grupo que é contra o casamento, e que o considera como uma instituição falida; não por razões derivadas de sérias reflexões, mas apenas porque se deram mal e não estão dispostos a correr riscos de rejeição outra vez. Aqueles que se cansaram deste tipo de vida saem em busca de uma nova companheira fixa, com a qual pretendem construir uma família. Acabam por se envolver com uma mulher em tudo muito parecida com a primeira: mais recatada, meiga e muito apaixonada por ele. Outra vez se coloca na posição daquele que é amado mais do que ama, condição percebida como mais confortável e menos ameaçadora.

A relação se inicia de um modo gratificante. Nosso homem trata de ser um pouco mais atencioso e dedicado. Continua muito ciumento, agora até com bons motivos para agir assim em função do que se passou no primeiro casamento; além disto, como regra, se casa com uma mulher bastante mais moça do que ele – o que garante sua ingenuidade e também uma tendência ainda forte para se encantar por este tipo de homem. Com o passar do tempo, volta a reincidir em todos os seus erros: refaz a vida extraconjugal tanto com os amigos como com outras mulheres; trata de criticar e rebaixar a mulher sempre que pode; se coloca frontalmente contra sua vida profissional e tudo o que possa fazê-la mais independente e com boa auto-estima; tem explosões de agressividade por motivos banais; etc. Ao fim de alguns anos, o novo relacionamento já começa a dar sinais de deterioração; a insatisfação da nova mulher cresce e o ciclo de separação se refaz de modo idêntico. Este nosso homem narcisista, em virtude de sua incapacidade de aprender das experiências e de evoluir emocionalmente, terá que passar pela mesma estrada tantas vezes quantas se dispuser a se casar; a não ser que encontre uma mulher suficientemente fraca, submissa e com disposição para a renúncia e o sacrifício, para ter que tolerá-lo "até que a morte os separe".

Se este nosso homem machão típico corresponde a um dos extremos, vamos agora nos ater ao outro extremo, que é o do homem generoso, delicado e pouco agressivo. Entre estes dois pólos estamos quase todos nós. Relembro mais uma vez que a descrição dos casos extremos apenas é feita com o intuito de exemplificar melhor. A maior parte dos

homens egoístas e prepotentes têm também grandes qualidades, coisa que, aliás, aumenta as dificuldades que suas mulheres têm de julgá-los adequadamente e de eventualmente conseguirem se separar deles. Em relação ao nosso homem generoso, seus problemas e deficiências serão mostrados com maior clareza ao longo da descrição que farei. O objetivo final de todo este processo de análise dos tipos humanos mais freqüentes é o de ajudar as pessoas a se conduzirem para o ponto intermediário, o meio termo, o ponto do bom senso e da justiça.

O generoso foi, quando menino, menos competente para as situações agressivas. Isto se deve em parte porque talvez seja mais sensível às situações que provocam o medo; foi uma criança cheia de medos: medo do escuro, medo de "almas do outro mundo", medo de ladrão, etc. Se torna menos agressivo também em virtude do desenvolvimento da capacidade de se colocar no lugar do outro; fica cheio de pena e rico em sentimentos de culpa. Reafirmo que esta função sofisticada da razão, de ser capaz de imaginar o que se passa na mente do outro, é um processo onde o erro é fácil; com freqüência se supõe sofrimentos que não estão existindo no outro; se sofre e se fica com pena à toa, muitas vezes em decorrência de atitudes exageradas do outro ao manifestar uma eventual "dorzinha". Como o generoso é pessoa rica em medo, as represálias externas também o assustam muito. O resultado final é o de uma pessoa muito inibida e muito bem comportada – como regra, seguindo os padrões vigentes. O generoso, quando age de um modo impróprio, se enche de remorsos; isto acontece principalmente quando acha que prejudicou alguém, que foi o responsável por sua dor. Tolerava bem as coisas que são feitas contra ele, mas não suporta ser o causador de danos a terceiros. Não suporta ver a infelicidade do outro, pois lhe causa pena. Não é preciso muito para que se sinta o responsável por tudo o que há de errado no mundo. Vive com o dedo apontado para si mesmo. Sua pergunta mais freqüente é: "Onde foi que eu errei"? "O que foi que eu fiz de errado desta vez"? Seu coração está cheio de pena e de culpa.

O adolescente deste tipo é tímido e inseguro porque cresceu cheio de dúvidas acerca de sua virilidade. Percebe que deseja as mulheres mais do que é desejado por elas e atribui isto às suas incompetências ou às limitações físicas pessoais. Percebe que os rapazes mais agressivos se lançam na luta pela conquista delas e não se vêem com coragem para isto. Não pode agir deste modo assim invasivo e desrespeitoso; não pode se impor às mulheres;

não poderia tolerar também mais uma experiência de rejeição, ele que já se acha feio e desinteressante. Admira e valoriza as mulheres como criaturas superiores; superiores principalmente pelo fato de serem belas e sensuais. Quanto mais as admira, mais se sente inferior. Inferior em relação a elas e também inferior em relação aos outros rapazes mais egoístas, que são competentes e bem sucedidos na conquista.

Nestes homens, a associação da sexualidade à agressividade é bastante menos intensa. Têm, como os homossexuais, mais raiva dos homens agressivos que os humilharam. O que predomina aqui é o sentimento de inferioridade, a sensação interior de incompetência e de fraqueza. Apesar da generosidade e da pouca agressividade ser louvada como virtude por alguns setores da comunidade, na prática se constata que ela é limitadora do que se espera de um verdadeiro homem. Na realidade, nossa cultura valoriza ao mesmo tempo, dois códigos antagônicos: as "virtudes" da generosidade são louvadas pelo pensamento religioso, ao passo que a ambição, competitividade, garra e agressividade são as "virtudes" práticas que levam o homem ao sucesso. Há dois tipos de homens e parece que cada um deles faz a propaganda do seu modo de ser. Porém, durante a adolescência e nos primeiros anos de vida adulta o rapaz generoso reconhece o seu modo de ser como defeito, como limitação.

Nosso rapaz não poderá, pois, admirar uma moça mais tímida, recatada, meiga e amorosa. Ela seria muito parecida com ele e ele acha o seu jeito de ser o que há de pior. Poderá ser amigo dela, se tiverem oportunidade de conviver mais intimamente. Não terá sentimentos amorosos por ela e nem se sentirá particularmente atraído sexualmente. E isto acontecerá por várias razões: em primeiro lugar, porque não são estas as moças que se colocam da forma mais sensual e atraente, pois são tímidas e recatadas; em segundo lugar, porque neste nosso rapaz o desejo sexual tende a acompanhar o amor e não são estas as moças que eles admiram; em terceiro lugar, porque parece que agir de modo sensual para com este tipo de moça é ofendê-la, uma vez que ela parece não gostar deste tipo de intimidade.

O rapaz generoso acha graça mesmo é naquelas moças extrovertidas, que exibem de modo exuberante seus dotes físicos e que adoram provocar o desejo nos homens. Elas parecem ter uma ousadia e uma sensualidade que os alucina. Elas são alegres e cheias de vida; ao menos é o que demonstram. Estão cheias de amigas e de amigos e adoram festas;

quando têm jeito, gostam também de se exhibir dançando. São bonitas e sabem disto; estão acostumadas a receber facilidades, uma vez que os homens estendem "tapetes vermelhos" para que as mulheres atraentes possam passar. Cresceram muito paparicadas; naturalmente são egoístas e não suportam ser contrariadas; quando isto acontece, agem com agressividade descontrolada e são hábeis em todos os tipos de chantagem capazes de provocar sentimentos de culpa, que é o ponto fraco das pessoas generosas.

Não há como resistir, não há como não ficar encantado, eletrizado mesmo, por uma moça assim sensual e desinibida. Nosso rapaz, carente em experiências sexuais gratificantes, pois sua timidez só lhe permitiu algumas poucas vivências sexuais e com mulheres não tão interessantes, antevê as delícias da intimidade erótica com ela. Pelo que demonstra, ela deverá ser muito "quente", livre e capaz de se interessar por todos os tipos de trocas de carícias. Além do mais, é bonita e isto faz bem à sua vista e também ajuda a melhorar sua imagem pública; desfilas com uma mulher atraente faz bem à sua vaidade; poderá até mesmo despertar a admiração dos machões que tanto o ironizaram. A moça tem "defeitos"; é um pouco autoritária e agressiva; mas será que isto é realmente defeito ou ele é que é tolerante e medroso demais? Esta dúvida é forte em sua mente. Ela é um pouco exigente demais e por demais materialista e disto ele não gosta muito. Mas é porque ela é muito imatura. Com os anos, com a convivência, ela irá progredir e deixará de ter estes e outros procedimentos infantis. Apesar das reservas, se apaixona por ela. Nosso homem generoso ama mais do que é amado. Se deleita com o fato de poder amar, de se dar inteiro e de dar para a mulher amada tudo o que puder. Tem uma certa gratidão por ela, pelo simples fato de tê-lo aceito ao seu lado. Sente que lhe deve tudo e ela, egoísta e exigente, acha muito natural toda esta dedicação. Ela será a "musa" inspiradora do poeta; para ela trabalhará e oferecerá a ela os frutos de seu esforço e de suas vitórias. A ela cabe receber todas estas prendas; como regra, acha pouco e dá sinais permanentes de insatisfação, de que merece mais. Isto o deprime e reforça suas sensações de inferioridade, o que talvez seja exatamente o objetivo dela. Se esforçará mais ainda, para ver se agora será capaz de satisfazê-la. Mas que nada; ainda é insuficiente. A rejeição o estimula cada vez mais e isto acaba por se transformar em grande fonte de energia.

Este tipo de namoro, que acaba em casamento, é tumultuado desde o início, rico em brigas e desencontros. Nada satisfaz a mulher, que se comporta o tempo todo como quem

está fazendo um grande favor de estar ali. Quase sempre diz que não agüenta mais e que quer se separar. O homem entra em pânico, pois acha que não pode perder uma criatura tão preciosa e faz de tudo para demovê-la desta ideia. Ela concede e fica com ele mais um pouco, não sem fazer maiores exigências e cobranças. A vida sexual costuma ser muito decepcionante para o nosso homem, que esperava daquela mulher sensual e provocante um desempenho extra-ordinário. Na hora das intimidades, ela se mostra tímida, reprimida e com enorme dificuldade para atingir o orgasmo. A penetração vaginal não a agrada e é preciso um prolongado processo de estimulação do clitóris para que ela chegue ao clímax. Logo que isto acontece, ela se desinteressa e trata de fazê-lo ejacular o mais rápido possível. Também neste setor, tão importante para o nosso homem rico em sentimentos de inferioridade, parece que ele nunca é capaz de agradá-la de uma forma adequada.

Mesmo quando estas dificuldades aparecem com clareza durante o período de namoro – algumas mulheres só demonstram estas características imediatamente após o casamento – o homem se dispõe a assumir o compromisso matrimonial. É um otimista e acha que "quando casar sara". Tem esperanças de que ela irá evoluir, pois "bem no fundo de sua alma existe uma criatura boa e de bom coração"; ele será capaz de ajudá-la a se resolver; ele será o seu salvador! Um dia conseguirá satisfazê-la tanto nos aspectos da vida prática quanto do ponto de vista sexual. Ele se esforçará muito neste sentido e será capaz de despertar a devida admiração nela; e quando isto acontecer, ela se renderá aos seus encantos, será toda dele e se entregará sem as reservas que agora se manifestam. Tudo dependerá dele conseguir se aprimorar cada vez mais.

Nosso homem se dedica de corpo e alma ao casamento. Trabalha muito, mas sempre em prol da família; quer dar tudo e mais um pouco para a esposa, pois acha que este é o caminho para resolver suas frustrações e as restrições que ela vive apontando nele. Não tem vida pessoal fora de casa. É o tipo do homem que vai da casa para o trabalho e do trabalho para casa. Se afasta de todos os amigos, até porque sua mulher implica com todos eles. Apesar dela parecer tão segura e dar sinais de que merecia um marido melhor, é extremamente ciumenta e cria caso com todas as pessoas de quem o marido gosta e com quem se relaciona bem inclusive com alguns parentes próximos. Aliás, parece que a especialidade deste tipo de mulher é implicar e se indispor com todas as pessoas; até quando tem algumas amigas mais antigas, aos poucos vai se "decepcionando" com todas

elas. Seu código de valores é curioso: são "boas" as pessoas que satisfazem todos os seus caprichos e "más" aquelas que dizem não a alguma de suas vontades.

Busca com grande frequência as relações sexuais com aquela mulher sensual e que tanto desejo lhe desperta. Na maior parte das vezes é rejeitado. Ela está com dor de cabeça; está irritada com alguma pessoa que a contrariou; está com raiva do marido porque ele não agiu de acordo com sua vontade. O nosso homem é respeitoso e jamais forçaria a mulher a satisfazer os seus desejos. Tolerar tudo isto, mas se sente profundamente humilhado, pois a rejeição sexual é o que mais pode fazê-lo se sentir por baixo, destruído na sua precária auto-estima. A mulher sabe disto e, através deste e de outros comportamentos, dá claros sinais de que deseja ver o marido inseguro, condição na qual ela se sente menos ameaçada de perdê-lo. Sim, porque com o passar dos anos ele vai ficando cada vez mais forte e capaz – e o faz para agradá-la e impressioná-la – e ela cada vez mais dependente e fraca. O que dá é o rico e o que se fortalece. O que recebe é o pobre e cada vez mais se enfraquece.

Quando a mulher percebe que a rejeição sexual está exagerada, trata de aceitá-lo para um relacionamento. Faz isto de má vontade e as intimidades são medíocres. Porém, de alguma forma isto atenua a insatisfação masculina e diminui a tensão do casal. Chegam os filhos e o nosso homem generoso sofre muito com isto. É muito dependente da mulher do ponto de vista sentimental. Sabe que as crianças serão mais um fator para a diminuição de sua já pobre cota de atenções e dedicações. Serão rivais seus e terão da mãe os carinhos que ele deseja para si. Sofre muito intimamente mas, na prática, é um pai ativo e cooperativo. Ajuda a cuidar deles, até porque a mulher egoísta não é muito dada a esforços e sacrifícios. Se levanta durante a noite para atendê-los, isto com a finalidade de "poupar" a esposa, "muito cansada" por ter cuidado deles durante o dia. É bom pai no sentido prático, mas do ponto de vista emocional é mais ligado na esposa e não raras vezes age de modo muito repressor em relação aos filhos; isto acontece principalmente quando eles perturbam a intimidade do casal. A mulher tem uma atitude dúbia: é muito amorosa com os filhos, podendo se dar a eles de uma forma mais livre porque não teme tanto perdê-los; ao mesmo tempo os afasta, de modo sutil, do pai, até mesmo com a finalidade de acusá-lo de pouca dedicação o que, é claro, gera fortes sentimentos de culpa; eles passam a fazer parte de uma guerra surda que se estabelece entre marido e mulher, onde os filhos são "propriedade" dela e não devem amar o pai mais do que a ela. Estas atitudes complicam ainda mais a situação

emocional do nosso homem em relação aos filhos, com os quais só costuma se entender melhor à medida em que eles crescem. Os detalhes da complexa relação dos pais com os filhos varões já foram expostos nos capítulos iniciais deste livro e não cabe aqui repeti-los. Voltemos ao nosso casal, onde o homem se dedica de corpo e alma no sentido do aprimoramento da relação e a mulher, menos envolvida sentimentalmente e mais dependente do ponto de vista prático, se aperfeiçoa na tarefa de fazê-lo permanecer inseguro e dependente dela do ponto de vista emocional. Estas mulheres não costumam ter atividades significantes no mundo do trabalho, acostumadas que foram a obter tudo o que desejam com facilidade pelo fato de serem sensuais e atraentes. Nem por isso são esposas e mães prendadas; na realidade não gostam de atividades exigentes, não suportam responsabilidades, porque não suportariam a dor em caso de fracasso; não têm, pois, competência para sacrifícios e renúncias. São parasitas e sabem disto. Por isso mesmo são tão dependentes do marido para questões de sobrevivência.

A grande exigência que fazem dele não deriva apenas de quererem as coisas e delas só poderem lhes chegar através dele; querem mais é que ele se sinta incompetente e fraco, condição na qual não terá forças para abandoná-las. Acredito que, a partir de um certo momento da vida conjugal, todas as suas atitudes estão comprometidas com a política de enfraquecer o marido para poder conservá-lo. Inclusive a rejeição sexual. Sim, porque se o homem der sinais de desinteresse sexual por ela, sua estratégia se altera de uma hora para a outra e aí é ela que o deseja com voracidade. Se as causas para estas inibições fossem mais profundas, é evidente que não poderiam existir mudanças tão rápidas.

Nosso homem, de início ingênuo e de boa vontade, aos poucos vai percebendo melhor o que está se passando. Nota, por exemplo, que sua mulher não consegue ficar feliz com os seus feitos, com as suas conquistas. Que será isto? Será inveja? Não, não é possível; ela sempre foi tão exigente, tão reivindicadora e agora se aborrece com as conquistas. Mas só pode ser inveja! E é isto mesmo o que ocorre. Ela é a que não faz nada e só reclama e leva vantagens, mas quem está realmente progredindo e se desenvolvendo é ele. E isto a incomoda porque se sente por baixo e também porque fica ameaçada de perdê-lo. Quanto mais ele progride, mais as dificuldades sexuais dela se manifestam; exatamente o contrário do que ele imaginou. E isto significa que a inibição sexual dela é uma forma de agredi-lo; e a vontade de magoá-lo deriva também da inveja. Ele vai, aos poucos, percebendo tudo com

mais clareza. Não foi capaz de ajudá-la a crescer e o seu crescimento a incomoda. Tem uma inimiga dentro de casa. Sua admiração por ela se esvai e junto com ela o amor. Continua a fazer tudo o que pode para progredir, agora não mais para agradá-la e para que ela finalmente o ame; quer se destacar e ter sucesso para que ela morra de inveja dele; agora quer mesmo é se vingar dela e de tudo o que ela o fez passar. O generoso não sabe ser agressivo e vingativo de forma direta; por isso mesmo se torna um mestre nas respostas indiretas e sutis. Se vinga da mesma forma; apenas é mais requintado.

Este tipo de homem é daqueles que se sentem melhor consigo mesmos com o passar dos anos. É o perdedor no jogo da vida durante os anos da mocidade. Porém, quando têm uma atividade profissional compatível com a sua natureza, tiram daí importantes reforços para sua auto-estima. Ao se perceber invejado por sua mulher, que é o seu oposto, isto também o fortalece bastante. Fica muito triste ao perceber que seus sentimentos por ela esfriaram, mas não costuma manifestar de modo claro suas insatisfações. Aprendeu a ser dissimulado, a só reclamar quando acha que esta forte o suficiente para poder se comportar adequadamente. Ele, que era um marido fiel e dedicado, começa a se interessar pelas outras mulheres. Não tem grande coragem para abordá-las e nem se sente tão seguro assim neste setor da vida psíquica, pois as rejeições domésticas são muito eficazes no sentido de reforçar seus sentimentos de inferioridade como macho.

Aos poucos começa a se ocupar deste problema, achando mais prudente ir devagar. Gostaria de ser como alguns dos seus amigos, mais ousados e conquistadores. Mas para isto não se vê preparado. Começa a freqüentar prostitutas, para ver como se sai sexualmente com elas. Gosta do jeito de ser delas, criaturas alegres e sexualmente desinibidas. Se sente cada vez mais à vontade e vai se sentindo seguro na medida em que elas não dão sinais de que ele é incompetente. Depois de um certo tempo, ousa se aproximar de uma moça que lhe pareça mais simples e menos sofisticada. Também se dá bem nesta situação e sua auto-confiança vai crescendo. Percorre uma escala, com dificuldades crescentes para uma pessoa insegura e inibida; e vai tendo sucesso. Repassa as etapas daquilo que deveria ter sido sua vida de adolescente e vai se sentindo cada vez mais com direito a um tipo de mulher diferente daquela com a qual se casou. Percebe que as moças mais recatadas muitas vezes são as mais exuberantes na hora das intimidades eróticas e que as mais extravagantes nem sempre correspondem ao que elas prometem pelo modo como se vestem e se comportam.

Vai entendendo cada vez melhor das coisas relativas ao sexo e ao modo de ser das mulheres. Vai se sentindo cada vez mais seguro e consciente de que os anos lhe tem sido favoráveis. Finalmente se acha em condições de se aproximar de uma mulher que lhe pareça encantadora e rica em qualidades; na prática, significa uma mulher que seja o oposto da sua esposa e, por isso mesmo, mais parecida com o seu próprio modo de ser. É o mais significativo indício de que sua auto-estima se alterou e de que agora admira e valoriza pessoas como ele. É um marco na sua evolução emocional, pois significa aceitação de si mesmo; é evidente também que este processo veio acompanhado de algumas alterações no seu modo de ser; já não é tão ingênuo, tão bonzinho; já aprendeu a dizer não quando lhe pedem absurdos; ainda é mais generoso do que gostaria, mais medroso do que pretende ser; mas tem esperanças de que irá cada vez mais estar de acordo com seus planos; tem razões para este otimismo, pois reconhece que evoluiu muito nos anos que já se passaram e que tudo leva a crer que continuará a se modificar positivamente.

Encontra uma mulher como aquela que está procurando. Se for correspondido, se apaixonará perdidamente por ela. Ficará naquele estado de êxtase próprio da paixão. Sentirá tudo aquilo que os poetas e trovadores sempre cantaram. Terá a sensação de ter finalmente encontrado a felicidade absoluta, aquela condição em que nada mais interessa a não ser estar ao lado da pessoa amada que, por sinal, sente tudo da mesma forma. O dinheiro, o prestígio, a carreira promissora, nada disto tem valor. A opinião das outras pessoas não interessa mais. Não há nada que esteja faltando. O tempo pode parar, pois viver é ficar nos braços de alguém único e especial. A ternura é tanta, a admiração pela mulher é tamanha e a gratidão pelo fato dela o tratar tão bem é tão forte que o desejo sexual desaparece. É uma deusa e não uma mulher! Não se sente à altura dela e nem com direito a tanta felicidade, ao menos nos primeiros tempos. Aos poucos esta inibição desaparece e as intimidades sexuais ricas em sentimento são tão intensas e gratificantes que nada do que já foi vivido poderá ser comparado ao que se tem neste tipo de convívio. A comunicação é fácil e total; não há censura ao que é dito porque a pessoa amada não o critica em nada; exatamente o contrário do que está acostumado a viver. Parece que ele e a amada falam a mesma língua, se entendem sem dificuldades e sem mal-entendidos. A comunicação não verbal é plena e um fala aquilo que o outro estava pensando em dizer.

Quando estão juntos, é o paraíso. Quando se separam, a dor é brutal. A insegurança, o medo de que o outro já não esteja sentindo o mesmo amor, provoca enorme pânico. O casal apaixonado não pode ficar mais do que algumas horas longe sem se comunicar. Se telefonam o tempo todo, mesmo quando existem as dificuldades próprias das ligações clandestinas. O homem apaixonado se sente vitalizado. Seu apetite desaparece por completo. Dorme poucas horas e acorda totalmente refeito e já cheio de lembranças amorosas. Tem muito medo de que algo o impeça de continuar a ser a pessoa mais feliz da Terra. O grande pavor é o de desapontar a pessoa amada e então não ser mais merecedor da sua admiração. Sempre que estão para se encontrar o seu coração bate em disparada, não por razões de amor e sim por causa do pavor de que ela não apareça ou venha para lhe dizer adeus.

A dependência que se estabelece neste tipo de vínculo amoroso, no qual ambos são mais generosos e se amam com correspondência, é total. Lembra a dependência que o bebê tem da mãe; ambos agem como o bebê e se alternam no papel de mãe. A linguagem também é bastante denunciadora da existência de fortes ingredientes regressivos; os que se amam se tratam com palavras no diminutivo, fazem "beijo" para falar um com o outro, exatamente como quando tentamos nos comunicar com um recém-nascido. A vontade de morder e de "engolir" o outro é enorme. A possessividade é brutal e os ciúmes são de intensidade máxima. Não cabe nada e nem ninguém entre eles; nem pais, nem amigos e muito menos filhos.

Este nível de regressão e de dependência emocional é bastante apavorante, pois faz com que uma criatura que, graças a enormes esforços, finalmente conseguiu se sustentar sobre as próprias pernas, se perceba novamente nas mãos de outra pessoa. É bem verdade que está dependendo de alguém de caráter, e que só teve atitudes da mais absoluta confiabilidade e dedicação; é verdade também que a dependência é bilateral e isto atenua um pouco o medo. Mas de todo o modo fica bastante claro o quanto o amor se opõe à construção da individualidade; como a ameaça quando ela já existe. A situação só não é mais dramática porque a amada não exige muito, ama exatamente aquilo que ele é. Mas há um enorme pavor em decepcionar o outro, o que faz com que a paixão – amor de intensidade máxima associada a uma série de sensações de medo – seja um fenômeno

extremamente exigente. É uma sensação maravilhosa, mas bastante difícil de se sustentar porque ameaça um pouco demais a individualidade.

Além da ameaça à individualidade, o amor provoca mais um tipo de medo: o da felicidade! Há quase dez anos descrevi, pela primeira vez, esta sensação de iminência de catástrofe que acompanha os nossos momentos mais felizes. Nem quando fazemos todos os tipos de rituais supersticiosos – bater na madeira, fazer figa, orar, etc. – nos sentimos protegidos do risco de tragédia que nos aparece nestas condições. É como se a felicidade fosse um grave crime, punível com a pena de morte. Nos sentimos sufocados e o medo pode ser tão grande que tendemos para agir no sentido de destruir aquilo que nos faz feliz. No caso do amor, pretextos externos – filhos, preservação da família e do patrimônio, preocupação com a dor dos outros, etc. – podem ser usados com o intuito de justificar uma atitude de separação daqueles que estão apaixonados e não têm coragem para enfrentar este tipo inesperado de medo. Já descrevi exaustivamente este aspecto fundamental de nossa subjetividade em alguns dos meus livros anteriores.

O homem generoso raramente se separa para ficar sozinho. E isto acontece por várias razões. A principal delas deriva do fato de que não acha muita graça na vida de solteiro, tal como ele observa na maior parte das pessoas que estão nesta situação. Não é do tipo extrovertido, não gosta de festas, não é muito competente para as paqueras e para a conquista – e mesmo quando se sente mais seguro e autoconfiante não acha muita graça neste tipo de "esporte" e tende para se interessar por um tipo de vida mais regrado e rotineiro. Além disto, sabe que terá muitas dificuldades para resistir a todas as pressões e chantagens emocionais que a esposa fará quando se perceber realmente ameaçada de perdê-lo; apesar dela falar a três por quatro em separação e de viver criticando o seu modo de ser, é dependente e insegura. Sabe também que terá problemas grandes com os filhos, pois ela os usará como arma para tentar impedi-lo de partir. Terá que dividir o patrimônio que foi construído graças ao seu esforço e será forçado a sustentá-la por vários anos depois da separação, quando não por toda a vida. Além do mais, a vida conjugal insatisfatória prejudica mais a mulher do que o homem; este tem sempre uma série de pretextos para justificar longas ausências de casa; "razões de trabalho" poderão fazer com que chegue em casa mais tarde, ou seja "obrigado" a sucessivas viagens. O homem constrói sua vida em paralelo, sem que lhe pareça tão indispensável a separação; a não ser quando a vida em

comum se torna absolutamente insustentável, como acontece, por exemplo, quando a mulher se torna alcoólatra ou viciada em algum tipo de droga.

É muito raro que este tipo de casamento termine por iniciativa da mulher e que o nosso homem se veja forçado a ficar só. Ou seja, a grande maioria dos homens divorciados, e que vivem da forma típica para esta condição, é do tipo egoísta, é o macho conquistador que não tem interesse em se envolver emocionalmente. Seria bastante interessante que as mulheres generosas percebessem isto de uma vez por todas, pois lhes evitaria muitos desgostos e sofrimentos! Mulheres egoístas podem se envolver com outro homem generoso, mas só quando ele for mais bem sucedido do que o seu marido; nestas condições, e só nestas, se separam, sempre para se casar com alguém que lhes pareça mais conveniente e vantajoso. Mas isto é raro, pois a maior parte dos homens generosos já são casados com mulheres deste tipo e não se interessam mais por mulheres assim agressivas, dominadoras e ciumentas. Só vi acontecer coisa assim quando esta segunda mulher egoísta é excepcionalmente bonita e atraente, condição que pode muito bem ofuscar o bom senso de muitos homens.

Não quero dizer com isto que a mulher egoísta seja uma esposa fiel. Isto poderá acontecer, mas não por motivos éticos, uma vez que já sabemos que estas criaturas não são governadas por tais princípios. A mulher egoísta gosta mais de se exhibir e de chamar a atenção dos homens do que das intimidades sexuais propriamente ditas. Isto se deve a razões da sua psicologia que não cabe aqui analisar. Porém, vez por outra se envolve emocionalmente e quase sempre com homens que sejam o oposto do seu marido. Se envolve, portanto, com um homem mais parecido consigo mesma. A regra geral é que este seja um homem também egoísta, mas mais fraco do que ela. Ele será mais jovem e inseguro, ou de condição social inferior, ou muito mais pobre. Será sempre alguém que se tornará dependente dela. É a oportunidade que ela estava necessitando para poder atuar no papel da criatura generosa e protetora. Ela, que se sente humilhada e por baixo na relação com o marido, estará por cima e humilhando no seu outro relacionamento. É evidente também que este outro envolvimento não pode ganhar autonomia; ela depende do marido e é dele que tira as forças que repassa para o amante! Por mais que esteja encantada pelo seu "novo amor", com o qual tem uma vida sexual exuberante, porque não o inveja e não tem razão para sabotá-lo, jamais vai cogitar a sério de se separar do marido para viver com ele.

O amante existe porque existe o marido. Se este o deixar, o amante não lhe interessará mais. Terá que procurar um outro marido protetor.

O amante é um tipo peculiar de homem egoísta, que assume o papel de fraco e necessitado de proteção. É uma estratégia curiosa e bastante bem sucedida, especialmente se ele for bonito e cativante. Nunca poderá ser o marido, pois não tem qualidades para isto, no sentido de não ser competente para sustentar a mulher em nenhum sentido da palavra. Mas a sua fragilidade e impotência desperta o anseio generoso, especialmente naquelas mulheres que estão recebendo muito de seus maridos e não conseguem retribuir a eles por causa da inveja que eles lhes despertam. Algumas mulheres generosas também se apaixonam, quando jovens, por estes "menestréis" de segunda categoria e que, numa análise mais acurada, são um tipo bem educado de "gigolô".

Bem, voltemos ao nosso homem apaixonado. Se ele ou a sua amada não estiverem prontos para enfrentar os medos associados ao pleno envolvimento sentimental, acabarão por se perder um do outro. A dor derivada desta ruptura, em pleno vigor do encantamento amoroso, é indescritível. A tristeza e a saudade costumam acompanhar as pessoas por anos a fio. O homem ficará totalmente deprimido por muito tempo, totalmente sem forças para qualquer outra tentativa de se reconstruir. Se sua esposa tiver sabido do que se passou com ele, o que é o mais comum, usará isto como pretexto para oprimi-lo mais. Porém, não se incomodará, pois já está mesmo totalmente arrasado.

Ele percebe o erro que cometeu em não ousar e viver o grande amor a qualquer risco, isto se é que foi ele que se acovardou. Se o medo maior foi da mulher amada, imagina que um dia encontrará outra que não titubeie em ficar com ele mesmo nas condições objetivas mais adversas. Muitos se acomodam e não ousam mais nada neste setor. Passam-se alguns anos e aquele que não se deu por vencido e que, após a máxima depressão, teve suas aventuras eróticas sem conseguir realmente se envolver, de repente se apaixona novamente. Desta vez não há o que o segure. A mulher pode fazer as chantagens sentimentais que quiser, pode até ameaçar o suicídio, que ele não vai desistir de seguir o seu caminho. Arcará com todos os ônus da separação e também será tratado como o vilão da história, como aquele que está querendo "destruir a família"; depois de tudo o que tolerou, ainda terá que sair no papel do monstro, do destruidor. E o pior é que as pessoas acreditam nesta visão superficial das coisas; mesmo as pessoas boas costumam ver as

coisas por este ângulo, acostumadas que estão a se identificar e a sentir pena daquele que está sofrendo. Acontece que o que está sofrendo agora foi o causador de muito sofrimento para todo o mundo no passado; é necessário que se faça uma contabilidade mais honesta e não se interprete as coisas em função de uma análise do momento. A mulher "abandonada" envolverá todas as pessoas em favor da sua causa, ou seja, de fazer com que o marido se "arrependa" e volte para o "lar"; pede a todos que ajudem a preservar sua família e a estabilidade emocional dos seus filhos; o marido é um homem bom; apenas está "enfeitiçado" por aquela "vagabunda" que quer "construir sua felicidade em cima de cadáveres". Mas quanta hipocrisia! Eu já ouvi este tipo de discurso centenas de vezes e tenho certeza de que cada um de vocês já ouviu o suficiente destes absurdos. Já é tempo de deixarmos de ter paciência com este tipo de sofisma; já é tempo de denunciarmos com maior vigor a má fé destas falas, especialmente quando elas envolvem a vida emocional dos filhos.

Felizmente, nada disto impede o nosso homem de ir embora e tratar de viver plenamente sua paixão. É evidente que a vida cotidiana atenua a intensidade deste sentimento; isto ao longo dos anos, anos adoráveis e de grande sensação íntima de felicidade. Também é importante dizer que o que sobra, depois de amenizado o amor e seus medos, é um vínculo muito sólido e gratificante. Sobra uma verdadeira aliança, um real parentesco. As afinidades e semelhanças no temperamento, no caráter e nos gostos são, sem dúvida alguma, um importantíssimo fator gerador de uma qualidade de vida em comum gratificante. Nosso homem generoso se aproxima mais ainda do ponto de justiça, uma vez que tudo o que der à sua nova mulher irá voltar sob a forma de dedicação dela a ele. Perceberá também que a felicidade não é tão ameaçadora assim e que os temores deste tipo são irracionais e ilógicos; ganhará força para combatê-los também em outras situações, o que poderá ser um avanço psicológico essencial para a sua realização em outras áreas.

O novo casal terá problemas de todo o tipo, especialmente aqueles relacionados com os eventuais filhos dos primeiros casamentos. Já me referi a estes ciúmes e possessividades quando tratei dos conflitos edipianos que, nestas condições, serão de máxima intensidade para os adultos. O caráter regressivo que o amor tem se manifesta de forma mais clara justamente nas ligações de melhor qualidade e que são também as de maior intensidade sentimental. Surgem, ao longo dos anos de vida em comum, os conflitos derivados do

ressurgimento dos anseios individualistas e é função das pessoas envolvidas neste processo encontrar boas e novas soluções para estes dilemas. Não adianta buscarem informações a respeito de como se resolvem estes conflitos na literatura e nem mesmo com a grande maioria dos psicoterapeutas. Poucas foram as pessoas que ousaram transformar suas paixões em vida conjugal; e isto só começou a acontecer com alguma frequência de algumas décadas para cá. Ainda não dispomos de conhecimento sobre o que acontece no desdobramento destas histórias, de modo que o campo está aberto para todo o tipo de experimentação e para a busca de caminhos adequados para cada par. Do meu ponto de vista, isto torna a aventura amorosa ainda mais fascinante e atraente.

## VIII - O HOMEM NO TRABALHO

Agora vamos nos dedicar um pouco mais atentamente ao modo como os homens se relacionam com o trabalho, atividade à qual costumam dedicar mais da metade do tempo que dispõem, afora as horas de sono. Para muitos, é a área à qual atribuem a máxima importância. É onde se desgastam emocionalmente de uma forma dramática. Muito mais do que um meio de vida, costuma levá-los à morte precoce. Quase todas as doenças degenerativas precoces têm relação com o estado de tensão psíquica. Ah! É bom que se lembre que a vida média dos homens é de 7 anos a menos do que a das mulheres exatamente em virtude da forma como eles se relacionam com o trabalho. Se trata de uma disputa constante, onde um eventual fracasso tem conseqüências sentidas como dramáticas e humilhantes. Todo o dia é dia de guerra; o indivíduo se vê cercado de inimigos prontos para destruí-lo. Não há sossego e nem estabilidade; tudo é muito perigoso.

Vamos tentar entender porque o homem transformou neste terror a simples necessidade de gastar energia física com o objetivo de tirar da Terra o seu sustento e sua sobrevivência material. Sim, porque neste setor da atividade só ele esteve envolvido; as mulheres foram alijadas do mundo do trabalho coletivo, ficando apenas com as tarefas domésticas. A responsabilidade pelo que aí existe é, pois, exclusivamente masculina. Se houver influência feminina, ela se deu pela forma como os homens pretenderam impressioná-las; e isto é problema deles. Registro com tristeza o fato de muitas mulheres estarem entrando neste mundo do trabalho criado pelos homens sem criticá-lo; estão apenas tentando se adaptar e ter sucesso segundo as regras que aí estão; isto é uma pena, tanto para elas – que também estarão submetidas às mesmas tensões emocionais e aos seus desdobramentos – como para a vida em grupo, pois está sendo perdida uma ótima oportunidade para uma postura de renovação das relações humanas com o trabalho. Cabe a ressalva de que apenas farei referências às condições de trabalho e de educação das crianças nas classes sociais mais favorecidas e de melhor condição, o que corresponde a uma percentagem pequena da população nos países do terceiro mundo, mas à grande maioria das pessoas nos países desenvolvidos.

Desde muito pequenos, os meninos observam o modo como seus pais chegam em casa à noite. O humor deles é fortemente influenciado pelo que aconteceu durante o

expediente de trabalho. Meu pai era médico e desde que me conheço por gente me lembro de como a casa se alvoroçava quando era a hora dele chegar. Ele nunca estava bem, ao menos nos primeiros minutos. Ou estava deprimido porque tinha tido poucos clientes no consultório; ou estava exausto porque tinha trabalhado demais! Eu deveria ficar quieto e não perturbá-lo em qualquer das duas eventualidades; parece também que ele nunca tinha tido o número adequado de clientes. Minha mãe não trabalhava fora de casa e sua missão maior era a de receber o "guerreiro" que chegava exausto e abatido. Porém, mesmo nas casas onde a mulher também tinha atividade profissional as coisas não eram e, até certo ponto, ainda não são – muito diferentes. É como se a mulher tivesse uma relação menos desgastante com o trabalho; parece também que o humor delas estava menos dependente dos sucessos e fracassos neste setor da vida.

No ambiente familiar, a impressão que passa para as crianças é que o trabalho do homem é sempre o mais "importante". Não é fácil para uma criança entender o significado desta palavra e mesmo hoje tenho alguns problemas para defini-lo. À primeira vista pode significar algo relativo à utilidade e à sofisticação da atividade; ser médico é desempenhar uma função "importante", pois se lida com a vida das pessoas, enquanto que ser comerciante seria uma atividade de "importância" menor. Porém, parece que o mais adequado seria pensarmos que a atividade é "importante" quando ela interfere muito intensamente sobre o estado de espírito de quem a exerce, ao passo que é sem "importância" aquele trabalho que não interfere muito sobre o ânimo. De todo o modo, as crianças crescem com a noção de que o trabalho é coisa mais importante para os homens do que para as mulheres. A educação transfere isto para a geração seguinte, pois, como regra, os pais cuidam de preparar mais seriamente os filhos para as atividades socialmente valorizadas. Hoje já não é tão claro este tipo de discriminação, mas quando eu era criança os meninos tinham que pensar em ser médicos, engenheiros ou advogados ao passo que as meninas deveriam se preparar para ser professoras, enfermeiras e secretárias. Estas últimas funções eram tidas como de "importância" menor, eram tratadas como sendo atividades secundárias, de menos prestígio social.

De todo o modo, creio que podemos generalizar da seguinte forma a questão das exigências familiares em relação ao futuro profissional dos filhos: os meninos têm que trabalhar muito em alguma atividade destacada e tratar de conseguir ser um sucesso no seu

setor; é aconselhável que as meninas estudem direito e se preocupem em se preparar para terem uma atividade da qual possam tirar o seu sustento. A diferença, em termos de exigência, é enorme. O menino, quando vai à escola, deverá ser um aluno destacado; se possível, deverá ser o primeiro em sua sala. É bom que a menina seja uma boa aluna; ser a primeira da classe alegra os seus pais, mas não se trata de nada tão essencial. A bem da verdade, as famílias sabem que as moças mais dotadas de inteligência e mais determinadas para o trabalho são aquelas que terão maior dificuldade de "encontrar" um marido; e esta ainda é a grande preocupação dos pais: a de que elas se casem e tenham filhos!

Se o menino é um aluno medíocre e seu rendimento é sugestivo de que não será capaz de fazer uma "carreira brilhante", a dor dos pais é muito grande. É como se o seu orgulho, a sua vaidade, ficassem ofendidos pelo fato de terem gerado um filho menos dotado para o sucesso; se sentem deprimidos e envergonhados mesmo quando o menino é calmo, bem disposto e dá todos os sinais de ser uma criança feliz. Mais importante do que ser feliz é ter sucesso profissional, é ser motivo de orgulho para a família. Quando algum orientador pedagógico sugere que talvez aquele menino ou rapaz – possa se dar melhor num curso profissionalizante ou nalguma área de atividade onde seja menos exigido intelectualmente, a família parece que recebeu a notícia do falecimento de algum parente muito querido. Não podem se conformar em ter um filho que seja marceneiro, garçon, alfaiate, etc. Não podem imaginar que alguém possa ser feliz sem ter uma posição social de destaque, apesar de todas as evidências que mostram exatamente o contrário. Agora, se é a menina a que tem problemas de aprendizado, não se exasperam e nem sempre se envergonham. Não faz mal, pois ela poderá ser uma "boa mãe, que é o que mais conta para uma mulher".

A exigência que se faz sobre o menino, no sentido de ser capaz de desempenhar suas responsabilidades escolares acima da média, coincide com o que o menino percebe em casa; seu pai se empenha por se destacar no trabalho; luta e sofre muito para conseguir isto; quando não é capaz de vencer, se sente arrasado. Tudo isto vai se construindo na mente dele, o quebra-cabeças vai se montando, apesar de ainda não parecer muito lógico. Afinal de contas, os homens são da "categoria superior" de criaturas e a eles cabem mais responsabilidades e desafios. Para se ter os "privilégios" ainda profundamente vagos e indeterminados – de ser da classe superior de pessoas é preciso que se carregue a parte

maior dos pesos e das responsabilidades. E a coisa não é tão simples, pois o menino deverá ser um aluno destacado, mas também deverá se destacar nas atividades esportivas, deverá ser competente para os jogos agressivos e competitivos, deverá agir de modo viril e não ter medo de brigas. Se for um ótimo aluno, mas um mau esportista e uma criança mais delicada e voltada para as leituras e para a música, também não estará agradando os pais; estes estarão preocupados com seu futuro sexual. Tem que ser macho, competitivo, agressivo e sofisticado intelectualmente; tem que ser tudo isto. E as meninas? Podem ser do jeito que quiserem; podem ser meigas e femininas, mas podem ser também mais peraltas e agressivas; é bom que sejam estudantes exemplares, mas não é grave se não forem; são criaturas de quem se espera menos. Pode ser que isto as faça menos preparadas para o jogo profissional, mas que a qualidade de vida que serão capazes de viver é melhor não tenho dúvidas. Pode ser que os homens tenham criado este tipo de educação mais permissiva para as mulheres com o intuito de enfraquecê-las, tê-las sob jugo e controle; mas me parece bastante claro que pagaram um preço muito alto por isto.

Ser macho é mais essencial do que ser bem sucedido. Mas logo que os pais têm certeza de que o filho não será homossexual, tudo o que esperam dele é que seja "melhor" do que a média dos meninos naquelas atividades que a cultura valoriza, e que em geral estão relacionadas com a competência para ser um vencedor no mundo do trabalho. É verdade que, hoje em dia, algumas famílias são exigentes em termos de rendimento escolar, e depois profissional, também com relação às suas filhas; é verdade também que algumas moças, mesmo que não tão exigidas, tomam o sucesso como meta pessoal. Mas isto ainda é a exceção; não cabe também nos objetivos deste livro a discussão exaustiva desta questão polêmica, pois felizmente estou me dedicando apenas à psicologia masculina. O básico é, pois, reafirmar que os meninos chegam à adolescência já conscientes de que se espera muito deles e que ele deverá se empenhar muito no sentido de ser um "grande homem" e não apenas um homem.

A puberdade e os primeiros anos da vida adulta já foram descritos por mim à exaustão, ao menos no que diz respeito à importância do surgimento dos desejos sexuais adultos e do ressurgimento do anseio amoroso. O rapaz agrega mais um importante ingrediente para o seu quebra-cabeças que pede o sucesso profissional: quer impressionar as mulheres. Quer ser admirado, quer ser cobiçado, quer ser amado por elas. Percebem que

elas admiram mais os homens de sucesso. Se "derretem" diante de um artista de cinema, não apenas porque ele é bonito, mas também porque ele é famoso. Se encantam com os esportistas de sucesso, com os milionários que são notícia graças às suas extravagâncias. Suspiram de emoção diante de um cantor e compositor que está na moda. Olham com fascínio para o escritor, para o filósofo, para todo o tipo de homem que se destaca, que se distingue da média.

A exigência familiar para que ele não seja um rapaz mediano, comum, parece que ganha uma explicação razoável. Pessoas "normais" não despertam a mesma admiração, não são objeto de exclamações que denotam fascinação. O desejo de chamar a atenção e atrair olhares, próprio da nossa vaidade, ganha agora um novo e monumental impulso, pois ser admirado pelas mulheres significa ter a porta de acesso a elas finalmente aberta. E nada pode parecer mais atraente a um adolescente sedento de prazeres carnavais do que ser assediado e ser desejado pelas mulheres mais belas e sensuais. Sua vaidade ficaria alimentada também pela admiração – e, é claro, inveja – que despertaria nos outros homens, todos eles seus concorrentes e rivais. Cada adolescente construirá seus devaneios de acordo com suas aspirações maiores. Aquele mais voltado para o romance se imaginará como um missionário que dedicará sua vida à causa do bem comum e à salvação dos oprimidos. Será um político carismático e idôneo. Será um humanista, um intelectual que irá desvendar os mistérios da existência. Será um "herói" e terá direito à sua "princesa". Será o "príncipe encantado" de alguma moça extraordinariamente bela e sensual; ela olhará para ele com aquele olhar de admiração que tende para o lado do amor e ele se sentirá totalmente recompensado pelos seus esforços e sacrifícios.

O jovem mais voltado para as coisas do sexo poderá se imaginar com um empresário incrivelmente rico e bem sucedido, famoso por sua ousadia e coragem de empreender mesmo em condições de maior risco. Poderá ser o grande atleta, vencedor de Olimpíadas, que aparece em entrevistas e comerciais de televisão. Será uma pessoa extraordinária que despertará mais do que tudo aquele olhar de admiração mais para o lado erótico em tantas e tão belas moças. Isto sim é que parece ser uma vida fascinante e rica de emoções fortes. Quase ninguém sonha em ser bancário, em ser professor em uma pequena cidade do interior, em ser um funcionário público. Parece que ninguém busca paz de espírito, serenidade e segurança; ninguém quer ser mediano, pois isto é confundido com

"mediocre". Estão todos em busca de glórias extraordinárias, cada um de acordo com o seu temperamento e suas convicções íntimas; isto apenas faz com que haja mais de um modelo de sonho; mas em todos existe o desejo de grandeza, de destaque.

Agora sim a palavra "importante" começa a ser melhor e mais profundamente entendida. Significa ter destaque social, ser especial e despertar a admiração das pessoas; e, em particular, das mulheres. Não tenho a menor dúvida de que a grande maioria dos homens faz o que faz e vive do modo como vive fundamentalmente com o objetivo de impressionar as mulheres, especialmente aquelas que lhes despertam o desejo sexual ou a vontade de aconchego amoroso. Se as mulheres parassem de valorizar o sucesso profissional dos homens e se interessassem por vagabundos e miseráveis, não tenham a menor dúvida que um enorme número de homens, de um dia para o outro, se tornariam mendigos. E mais, depois de algum tempo os próprios homens tomariam esta mudança como iniciativa sua, como novo valor seu, sempre com o intuito de camuflar a total dependência que têm da admiração feminina.

É evidente que existe uma preocupação de impressionar também os outros homens e isto pode parecer até mais importante do que chamar a atenção das mulheres. Acredito que o maior desejo masculino, ao menos no início deste processo de luta pelo destaque social, seja o de se afirmar perante os outros homens como aquele que tem mais sucesso com as mulheres. A primeira fonte de disputa entre os homens está relacionada com sua capacidade de interessar as mulheres. Depois, por muitas razões, esta disputa pode ganhar vida própria e o desejo de ser o mais rico, o mais famoso, o mais criativo, etc. poderá existir apenas para incomodar a outros homens. Além de tudo, estes alimentos à vaidade que nos fazem sentir especiais e destacados tendem a se tornar imprescindíveis depois de um certo tempo; é como se ficássemos viciados em uma certa quantidade de sucesso e a diminuição desta "dose" pode nos deixar deprimidos; neste caso, já nem mesmo a admiração dos outros homens é importante; o essencial é a dose de reforço para a vaidade.

O que me parece essencial é percebermos que a questão do trabalho não chega como uma preocupação simples a ser metabolizada pelo cérebro do jovem. Não se trata apenas de dispendir algumas horas do dia com a finalidade de ter direito a uma remuneração; não é a simples troca de sua energia física ou mental por uma fatia do bolo da produção da coletividade da qual faz parte. Não se trata de constatar que tem aptidões especiais e

interesses maiores para uma dada tarefa e se dedicar a ela com interesse e curiosidade. Não se trata nem mesmo da percepção de que nosso cérebro necessita de algumas horas diárias de atividade dedicada a algo que nos seja externo, pois isto nos apazigua e nos faz bem – poucas são as pessoas que conseguem ficar todo o tempo pensando apenas em si mesmas sem se deprimir. Se trata de uma disputa, de uma guerra onde se mata ou se morre. Agora podemos entender porque nossos pais chegavam em casa naquele estado calamitoso! Parece claro também que as simples razões acima são aquelas que predominam na mente feminina – ao menos na maior parte delas – e isto faz com que o trabalho seja uma coisa agradável e gratificante para elas.

Poucos são os jovens que escolhem sua profissão em função do interesse e curiosidade que têm por um determinado assunto e em função de suas reais aptidões. Pouquíssimos não levam em conta as possibilidades de uma remuneração acima da média. Menos ainda se preocupam com o fato da profissão escolhida não ser "importante" ou poder conduzir ao sucesso e à fama. Quase todo o mundo quer ser rico e famoso, mesmo que isto implique em intensos desvios de rota, desvios que os afastam dos seus genuínos interesses. Muitos jovens se encaminham para profissões que estão facilitadas pelas peculiaridades de sua família. Se o pai é fazendeiro, será agrônomo ou veterinário mesmo que não se interesse muito por estes temas. Se o pai é advogado, estudará direito; poderá sucedê-lo em seu escritório e isto aumenta muito suas chances de uma carreira mais fácil e mais bem remunerada. É claro também que em muitos casos a tendência para seguir estes caminhos não está relacionada apenas com a facilidade prática em si; depende também de importantes fatores psicológicos, do tipo: identificação com a figura do pai, desejo de agradá-lo, etc. Não é raro também que a família estimule os seus filhos nesta direção, de modo que o jovem dará muita alegria e orgulho aos pais se der continuidade à tradição profissional da família. Se não tiver nenhuma vocação profissional muito marcante, este fator poderá ser o que vai definir sua opção.

Parece que tudo na vida é faca de dois gumes e este tipo de opção profissional não foge à regra. Por um lado, existem todas as facilidades práticas derivadas de se participar de uma atividade já estabelecida. Por outro lado, as tradicionais e persistentes rivalidades entre pai e filho encontrarão uma condição privilegiada para se reacenderem. O pai tem orgulho do desenvolvimento profissional do seu filho, ao mesmo tempo que se ressentido do fato de

que poderá ser sobrepujado por ele. Trata de limitar o crescimento profissional deste de modo a não deixá-lo ameaçar sua condição de "patriarca". Esta "sabotagem" gerará grande mágoa no filho, que demorará muito tempo para perceber suas razões – se é que chegará a se conscientizar delas um dia. Esta atitude do pai acabará por provocar uma postura competitiva do filho em relação a ele, postura esta que reforçará outros processos de disputa entre os homens na vida profissional, aos quais me dedicarei em breve.

A escolha da rota a seguir depende fundamentalmente do que a sociedade valoriza e considera como atividade "importante", isto é, de prestígio. Na realidade, o prestígio de uma certa profissão é definido pelo fato das mulheres admirarem os homens que se dedicam a ela. Se durante a guerra elas admiravam o soldado, com sua farda e suas medalhas, a minha geração de adolescentes queria servir o exército para ser um oficial da reserva. Se hoje elas abominam os militares, nenhum homem mais quer fazer este curso. Se as mulheres acham encantadores os comandantes de avião, os homens se interessam pela profissão; se elas, de repente, considerarem o piloto apenas como um motorista de luxo, um empregado menor, certamente teremos falta de pessoas interessadas neste ofício. E assim por diante.

As mulheres, através de sua admiração, definem as atividades tidas como nobres. A partir daí se inicia uma luta brutal entre os homens para ver quem vai ser melhor sucedido neste setor. Aparentemente a disputa é mais sofisticada, mas na realidade ela reedita toda a violência e a grosseria das competições entre meninos pré-adolescentes. Não faltam os ingredientes ligados à humilhação, pois é como se sentem os perdedores; eles são objeto de ironia, de desprezo por parte dos próprios colegas. Todo o mundo fala mal de todos os seus concorrentes e faz o possível para desmoralizá-los. Os palavrões, tão usados para descrever as situações adultas de disputa profissional, caem aqui como uma luva. A disputa agressiva até camufla sua origem sexual, que é a de ter acesso às mulheres mais cobiçadas. Agora os homens estão se degladiando entre si, medindo de novo o seu pênis e o dos seus adversários para saber qual é o maior. Tudo é feito com maior educação, é claro, pois dos adultos se espera condutas civilizadas e éticas. Porém, por baixo do pano, a violência e a traição correm soltas. Há exceções, como em tudo, mas elas não podem ser apontadas para esconder a verdadeira luta pelo poder, pela fama, pelas posições mais destacadas.

Não se pode subestimar a dor e a humilhação dos "perdedores". Apenas um exemplo, marcante: quando um homem é despedido, dispensado do seu emprego, não sabe com que cara vai chegar em casa e contar o fato para a mulher e os filhos – ou para os pais, se for solteiro. Tem a impressão de que será desprezado por todos. Não imagina que a mulher será capaz de continuar fiel a ele e muito menos que ainda poderá gostar, um pouco que seja, da sua companhia. Se considera indigno de seus "favores" sexuais e se deprime profundamente imaginando que os filhos não têm mais nenhum orgulho dele. Se sente sem autoridade em relação a eles. Com frequência passa um período impotente do ponto de vista sexual. Perde o apetite; não se acha com direito nem a um prato de comida. Perambula pelas ruas, pois não tem coragem de ficar em casa nos dias de semana. Se demora para encontrar outra colocação, imagina que estão achando que ele é um vagabundo, que está fazendo "corpo mole". Não consegue aproveitar o tempo livre; jamais se permitirá ir ao clube ou a um cinema. É mais fácil encontrá-lo, de terno e gravata, sentado no banco de alguma praça do que em qualquer outro lugar onde poderia estar se divertindo um pouco. Volta ao trabalho mais cansado do que nunca e se sente totalmente revigorado quando consegue uma nova posição. Recuperou sua "dignidade".

Não deixa de ser lógico e previsível que serão justamente aqueles homens que mais se sentiram inferiorizados durante os anos da adolescência os que mais se dedicarão ao trabalho buscando o destaque e o sucesso em todas as suas formas. Aqueles homens mais tímidos e com maior dificuldade de conquistar as mulheres tentarão impressioná-las por seus feitos. Os mais baixos e mais fracos, desprezados por elas e pelos seus colegas, sonharão com grandezas compensatórias. Os de pênis pequeno tentarão um dia estar em evidência e serem os vencedores. Os que tiveram dificuldades sexuais nos primeiros contatos engrossarão estas fileiras dos que vêm no sucesso profissional a sua "última chance" de se estabelecerem como homens respeitados e admirados. O inverso acontecerá com aqueles que tiveram mais facilidades com as moças, aqueles que as agradaram sem ter que fazer nenhum esforço especial. Tendem para agir de modo mais negligente em relação à vida profissional, movidos pelo otimismo onipotente de que a vida sempre lhes sorrirá. Não é de se espantar, pois, que a partir dos 30 anos de idade exista uma grande inversão de posições, uma importante transferência do prestígio e do destaque social justamente para aqueles que foram os adolescentes rejeitados e humilhados. O que desperta a admiração e o

interesse das mulheres aos 16-17 anos de idade é bastante diverso do que elas valorizam aos 35 anos. Aos homens que não se dedicaram com seriedade a esta "atualização" sobra sempre a possibilidade de impressionar as moças mais jovens; todo ano existe uma nova "safra" de moças atraentes!

Aqueles que transformam suas frustrações e sentimentos de inferioridade em estímulo para terem sucesso na vida profissional – humilhações e rejeições podem ser importantes estimuladores da persistência e da determinação têm agora os meios para impressionar as mulheres. Por favor, não confundam "impressionar as mulheres" com "agradar as mulheres". Todo indivíduo que foi rejeitado e humilhado acumulou mágoas e ressentimentos; e só uns poucos são capazes de se "purificar" destes sentimentos negativos, que se dirigem principalmente contra as figuras femininas. Foi por causa delas que se sentiram inferiorizados; foi para reverter a situação com elas que tiveram que se esforçar tanto. Seria muita "bondade", agora que conseguiram a posição forte, ficar agradando as mulheres. Não tinham as "armas" para o jogo da sedução quando eram adolescentes, porque não eram bonitos, fortes e mais ousados na abordagem. Hoje têm suas armas: um carro muito especial, roupas que denotam poder econômico, sucesso social ou outros ingredientes determinantes da admiração. Se uma mulher se mostra mais disponível em virtude do carro que ele tem e ele tem este carro exatamente para este fim – ele a convidará para entrar, para passearem. Ela ficará encantada pelas possibilidades de futuras vantagens e de uma vida em grande estilo. Ele irá com ela para a cama sem ao menos pagar o jantar e depois disto não atenderá mais o seu telefonema.

Muitos homens buscam o sucesso para impressionar as mulheres. Atingem o seu objetivo e, ao invés de se tornarem felizes e desarmados, usam este poder para se vingar das humilhações que sofreram. Qualquer mulher com um pouco de bom-senso deveria fugir deste tipo de homem. Mas quê nada, eles as fascinam mais do que qualquer outra coisa no mundo. É evidente que sofrerão muito em suas mãos; esta é a fraqueza delas. Sofrem quando estão nas condições do jogo de conquista conforme descrevi acima, mas sofrem também quando são casadas. Uma das coisas mais surpreendentes da vida em comum é a incrível dificuldade que os homens têm de dar dinheiro para suas esposas. Parece o maior dos sacrifícios, uma verdadeira tortura. Dão dinheiro sem grandes dificuldades para os filhos, para algum parente necessitado, para instituições de caridade. Porém, quando é o

caso de terem que dar algo para suas esposas, acredito que seja mais difícil do que pagar imposto de renda! É costume deles dizer que têm medo da autonomia financeira da mulher, que poderá abandoná-los com maior facilidade; dizem também que não suportariam a ideia dela estar gastando este seu dinheiro com outro homem; e tudo isto tem uma dose de verdade. Mas o problema maior é a absoluta má vontade de dividir com elas o fruto do seu esforço. Elas são inimigas, adversárias, e não amigas e companheiras. Neste caso, como em outros, as exceções existem para confirmar a regra.

Como se pode perceber, neste capítulo relativo à questão do trabalho masculino, ainda não consegui falar do trabalho propriamente dito. E é assim mesmo, pois o que se faz e com que prazer se executam as tarefas é o que menos conta, ao menos para os homens que mais se destacam. O tema deixa de ser o da atividade em si e seus meandros e problemas e passa a ser o da vaidade. Todos os esquemas de promoção dentro das empresas estão ligados ao mesmo tema: o indivíduo vira chefe de setor e se sente destacado por causa disto; se torna mais importante quando é nomeado gerente. Ser diretor, ter direito a certos benefícios e extravagâncias materiais, é o seu maior objetivo. Assim sendo, quando falamos em sucesso e destaque, não estamos nos referindo apenas à notoriedade, à figura pública. Em cada setor as pessoas buscam ser reconhecidas, buscam ser tratadas como criaturas especiais. É evidente que estamos falando das pessoas com maior ambição e que são aquelas que mais se esforçam para o sucesso – público ou num setor mais restrito. Pessoas de menor ambição são as mais felizes, as mais doces e as mais solidárias. Mas como são poucas! São aquelas que tiveram força para navegar contra a correnteza, as que conseguiram ser menos influenciadas pela pressão social e pela sede de melhorar sua posição em relação às mulheres.

Tenho alguma experiência de convívio terapêutico com pessoas que moram em cidades menores e minha impressão é que são criaturas menos contaminadas com o vício da vaidade e da ambição. Talvez porque as mais vorazes tenham migrado para as grandes metrópoles. Além disto, o fato das pessoas serem conhecidas umas das outras leva a uma menor ânsia de chamar a atenção por prendas especiais. Um exemplo: o fazendeiro rico de uma cidade pequena dificilmente terá as atitudes que os ricos costumam ter numa cidade grande; não terá o relógio caro que está na moda, não terá o carro típico de sua condição econômica, se vestirá de forma discreta e nada o distinguirá do homem médio de sua

cidade; talvez isto aconteça não só porque ele seja menos vaidoso, mas simplesmente porque todo o mundo na cidade o conhece e sabe de sua condição. No grande centro urbano, o rico terá que se mostrar como tal, pois senão passará despercebido.

Ainda temos que levantar mais uma conseqüência do sucesso social derivado de bons resultados no campo profissional para o relacionamento dos homens com as mulheres. Em seguida trataremos melhor da questão do trabalho e suas repercussões nas relações entre os homens e também dos desdobramentos sociológicos e políticos desta intromissão absurda da vaidade no setor da produção de bens e serviços. Estou querendo me referir à inveja, que é a conseqüência mais comum do processo de admiração. Os homens fizeram de tudo para impressionar as mulheres. Foram capazes de proezas extraordinárias que transformaram o planeta neste oásis que hoje conhecemos – oásis se comparado com o que existia há milênios. Fizeram tudo sozinhos, pois alijaram as mulheres deste processo justamente para poderem impressioná-las. Se elas tivessem participado do trabalho social mais sofisticado não teriam porque admirá-los tanto, pois teriam orgulho de seus próprios feitos.

Homens ressentidos montaram vários tipos de solução para suas frustrações, sentimentos de inferioridade e inveja da condição da mulher. Alguns aprenderam a arte de envolvê-las com mentiras e discursos românticos, e desde cedo foram melhor sucedidos com elas. Outros apostaram no sucesso profissional, na admiração que iriam provocar nelas. Foram estimulados pelas mágoas que acumularam na mocidade, de modo que impressionam as mulheres, mas não compartilham com elas seus feitos. As mulheres, por seu lado, não podem deixar de admirar muito as obras destes homens, que fizeram coisas que elas não puderam fazer. Pode ser que alguns homens fizeram o que fizeram com o intuito de despertar o amor das mulheres; e os que iniciaram sua luta com este intuito, provavelmente perceberam que despertavam mais inveja do que amor. É muito mais fácil e provável que a admiração desemboque na inveja do que no amor. Se a admiração deriva de algo que a pessoa não possui e gostaria de possuir, a inveja é quase que inevitável. Admiração pode evoluir na direção do amor quando se tem propriedades semelhantes ou quando se admira coisas que não se pretenda ter – esta condição é, na prática, bastante rara.

Se voltarmos a um dos exemplos de casais que descrevi no capítulo anterior, a mulher egoísta casada com o homem generoso corresponde a um bom exemplo do que pretendo demonstrar. O generoso é, como regra, um daqueles que saiu da adolescência magoado e que busca na realização profissional a sua redenção. A mulher egoísta o admira pela serenidade, pela maior tolerância à dor, pela persistência e também pelos feitos profissionais que ela dificilmente conseguirá para si em virtude de suas fraquezas interiores. Terá "orgulho" do marido enquanto estiver falando dele para as amigas. Mas, na relação íntima, não poderá deixar de sentir uma brutal inveja dele, pois ela gostaria de ter como suas as conquistas que ele está sendo capaz de realizar. Além de invejar seu temperamento mais dócil – que ele não valoriza; ao contrário, poderá também invejar a agressividade dela – certamente terá forte inveja de seus dotes profissionais. É em relação a este tipo particular de mulher que cabe a concepção de Freud da "inveja do pênis".

Na nossa época, mulheres mais generosas – ou, pelo menos, menos narcisistas – buscarão um espaço para si no mundo do trabalho, desde que isto lhes seja importante, desde que com isto se sintam mais confortáveis. Mesmo quando estão casadas com homens de sucesso, ao invés de ficar alimentando a inveja, que certamente dará sinais de existência, tratarão de encontrar caminhos mais construtivos para resolver os seus dilemas íntimos. Para estas não vale mais a ideia da inveja do pênis, inveja menor do que a que os homens têm e que poderá desaparecer na medida em que as mulheres que valorizam o sucesso social e profissional tratem de buscá-lo por seus próprios meios. De todo o modo, e do ponto de vista eminentemente prático, o resultado obtido pelos homens que buscaram o sucesso é bastante duvidoso no que diz respeito à qualidade de seus relacionamentos íntimos com as mulheres. Não é de se espantar, pois, que eles sintam uma certa decepção ao terem atingido seus objetivos. Esperavam maior quantidade de recompensas, pelo menos neste setor da subjetividade.

Agora vamos tratar de entender como o trabalho influi na subjetividade dos homens e nas relações entre eles. É interessante perceber como o trabalho, com suas vicissitudes e gratificações, ganha importância crescente nas disputas que existem entre os homens e como também vai ganhando importância cada vez maior como fenômeno intra-psíquico, ou seja, como processo essencial da vida individual. Vou me referir inicialmente ao modo como cada um dos nossos homens padrão, o generoso e o egoísta, se envolvem com o

trabalho, para depois discutir a intrincada disputa que se estabeleceu entre eles. Nossa atenção será voltada para aqueles que "deram mais certo" neste jogo duro, e muitas vezes sórdido, que é o mundo da vida produtiva em sociedades como a nossa. É interessante que se pense que "dar certo" depende de uma visão relativa: do ponto de vista de um senador da República, o vereador de uma pequena cidade pode ser visto como um perdedor; porém, na sua comunidade ele é um vencedor. Os menos bem sucedidos ou são frustrados e ainda sonham com o sucesso – e se vencerem se tornarão idênticos aos que descreveremos – ou são pessoas mais dóceis e serenas que estão fora da "guerra"; talvez sejam aqueles portadores de mais sadias condições emocionais e vivam uma vida de qualidade melhor; são a maioria da população, mas não são os que têm poder de influência sobre os destinos da coletividade; não são os que "fazem a história"; e é a estes que nos dedicaremos com prioridade, no mínimo em virtude da importância sociológica e política que têm.

Nosso homem narcisista não desenvolveu a sua capacidade de abstração. Não é, pois, pessoa voltada para as ideias e ideais. Sua razão é voltada para as coisas práticas e para a observação do mundo tal qual ele é. Não tem no seu espírito a sede de criar uma outra realidade, pois este processo envolve um "estágio" no mundo das ideias. Vê como as coisas são, quais são as regras que governam as relações do trabalho, como agem e vivem os que deram mais certo. Quer ser como eles, quer ser um vencedor segundo as normas do jogo em vigor. Percebe de modo claro e indiscutível que o que mais define o sucesso e diferencia as pessoas umas das outras é a quantidade de dinheiro que elas ganham. O dinheiro é a senha que abre quase todas as portas; é o que permite ao indivíduo ter tudo aquilo que deseja; é o que faz com que uma pessoa seja tratada com deferência, como alguém muito especial. O dinheiro lhe permite o acesso a todos os objetos que são símbolos de sucesso: carros, relógios, roupas, mesa especial nos restaurantes, assento mais confortável nos aviões, etc. Sua observação prática e objetiva da realidade só pode concluir que o dinheiro é a "mercadoria" mais preciosa que existe. E conseguir ter bastante dinheiro significa ser um homem de sucesso, admirado por homens e mulheres. Como me disse, certa vez, um cliente: "distância se mede em metros, peso em gramas e sucesso em dinheiro"! Até certo ponto sua visão da vida e do mundo é simples: terá que se dedicar a alguma atividade muito lucrativa, de modo a poder acumular uma boa quantidade de dinheiro, que será transformado na aquisição de bens capazes de definir o seu sucesso e

despertar a admiração da maioria das pessoas. Ao usufruir das coisas que possui, estará se sentindo superior, especial, e estará devidamente alimentado em sua vaidade.

A vaidade se concentra, portanto, no ato mesmo do usufruto das coisas materiais. É neste momento que o nosso homem é admirado. É este, pois, o seu objetivo e, se puder, se dedicará quase que exclusivamente a isto. O trabalho em si, que foi o gerador do dinheiro, será tratado como um mal necessário, algo que tem que ser feito para se poder ter as honras da "glória". Isto, é claro, se a atividade profissional não for também envolvida por algum ingrediente de vaidade. Vejamos um exemplo breve, para podermos elucidar o que estou querendo dizer: um rapaz herdeiro de rica família, com acesso ao dinheiro, mas não ao centro das decisões do grupo empresarial, detestará ir ao escritório onde ele é uma pessoa pouco importante; tratará de ficar a maior parte do tempo no barco da família, onde ele se exhibe como pessoa especial e é tratado com admiração; se torna uma pessoa que só "curte" o usufruto e não o trabalho em si. Se, nas mesmas condições, o rapaz for estimulado a participar ativamente das decisões e da política empresarial, terá muito prazer também em sua atividade profissional; neste caso, surgirá uma competição entre dois tipos diferentes de vaidade, quais sejam, a de se sentir competente e produtivo e a do usufruto gerador de status social; o tempo gasto em cada uma destas atividades dependerá da maneira como é a formação interior deste rapaz e da quantidade de prazeres que for capaz de tirar de cada uma das situações.

Creio que se possa generalizar o processo da seguinte forma: a ênfase dada a qualquer tipo de atividade acompanha a vaidade. No narcisista, a ênfase vai para as situações em que está se deleitando com o usufruto de privilégios que o dinheiro pode comprar. São pessoas extremamente competentes para vivenciar os "prazeres da vida", sendo que tais "prazeres" se definem não pelo fato das atividades serem agradáveis por si, mas sim pelo fato de despertarem a admiração da maior parte das pessoas. O indivíduo poderá até mesmo não gostar muito do mar, do calor e dos balanços do barco; mas se é coisa que todo o mundo valoriza e adoraria poder fazer, é para lá que ele irá. Acaba sendo um grande defensor do usufruto dos prazeres, um hedonista; será a favor de tudo o que estiver na moda e não perderá uma oportunidade de chamar a atenção e de ser tratado como um príncipe. Se as delícias da conquista sexual de mulheres belas e famosas for algo que todo o mundo admira, também a isto se dedicará com afinco; não tanto por prazer, insisto

em afirmar; mas, principalmente, para poder se exibir para as outras pessoas, sobretudo para outros homens. O modo como este homem escolhe sua profissão dependerá muito pouco do seu interesse intrínseco pela atividade, se é que alguma vez se preocupou com isto. Dependerá mais do que tudo dele ver perspectivas de realização dos seus sonhos materiais em curto prazo de tempo. Os egoístas são muito imediatistas e não sabem tolerar a frustração de prolongadas sementeiras que se ratificarão a longo prazo. Se dedicarão preferencialmente às atividades comerciais, à compra e venda rápida de mercadorias produzidas por terceiros. Às vezes serão também produtores, mas sempre de mercadorias de utilização e consumo imediato: roupas, comidas, objetos de uso doméstico, etc. Nas atividades comerciais e especulativas de todo o tipo, não existe nenhum tipo de apego à mercadoria com a qual se trabalha. A única coisa que conta é, pois, o lucro; e, se possível, lucro rápido, para que este dinheiro possa ser transformado na aquisição de bens que darão prazer e status.

Pessoas governadas pela razão concreta não têm um código ético introjetado, pois este deriva da capacidade de se colocar na posição das outras pessoas e de se verificar se uma dada atitude tem desdobramentos negativos para elas; quando é este o caso, surge o sentimento de culpa, que é a dor íntima paralisante daquela atitude. A inexistência do sentimento de culpa permite uma grande liberdade de ação destas pessoas narcisistas, como é o caso do homem que estamos descrevendo. Ele poderá utilizar sua inteligência no sentido de tirar partido de todas as situações em que isto for possível; o outro que se cuide. Sua ação deverá ser no sentido de tentar levar vantagem sobre o outro e, se for bem sucedido, se considerará vencedor e terá orgulho de se exibir como tal. É o tipo de utilização da inteligência que chamamos de esperteza, que é totalmente independente de juízos éticos. Nosso homem poderá comprar o apartamento de alguém que está em péssima situação financeira pela metade do seu valor real; não só não sentirá remorsos por estar complicando ainda mais a vida desta outra pessoa, como terá prazer em contar aos amigos o ótimo negócio que fez. Aliás, a esperteza é absolutamente essencial para o sucesso no mundo dos negócios, pois aquele que for muito escrupuloso será engolido por concorrentes sem nenhum senso ético. Neste setor da vida profissional, todos os lances do jogo se dão segundo regras muito diferentes daquelas que aprendemos no colégio ou na igreja. E quem

não se aperceber com realismo de quais são as verdadeiras regras ou não for capaz de agir segundo elas por considerá-las imorais, é melhor que fique fora do jogo.

Nosso homem mais generoso é aquele com boa capacidade de abstração. Por isso mesmo, ficou fascinado desde a infância pelas belas ideias e ideais. Sua razão se ocupa mais de como poderiam ser as coisas da vida, do que como elas realmente são. Observa a realidade e não a vê completamente, pois tende para criar uma certa revolta e aversão contra ela, pelo fato dela estar muito distante de um mundo ideal tal como pode imaginar. O desejo de modificá-la e de adaptá-la às belas ideias se torna parte integrante dos seus planos pessoais e é também por influência deste estado de espírito que escolherá sua profissão. Percebe que existem muitos homens que pensam e agem desta forma e é com eles que se identifica: cientistas, filósofos, artistas plásticos, poetas, médicos e professores. Percebe que a maior parte das pessoas corre atrás das coisas materiais e, portanto, do dinheiro necessário para sua aquisição. Acaba por desenvolver uma certa aversão por estas pessoas e suas práticas. Se revolta contra o materialismo e sonha para si uma vida "digna", uma vida "maior". De uma certa forma, rompe com a realidade tal qual ela é e se volta contra tudo o que nela existe.

O generoso admira e trata de tomar como exemplo aqueles idealistas que mais se destacaram, que ganharam prestígio e respeitabilidade pela dedicação incansável às coisas mais "nobres", quais sejam aquelas em que o interesse individual não está em jogo, ao menos numa primeira impressão. O generoso tem um prazer especial em dar, sem perceber com clareza que este prazer deriva do fato de se sentir superior, especial, mais digno. Admirará aquelas pessoas que se destacaram pelo "desprendimento pessoal", pelo fato de terem dedicado seus esforços e sua inteligência em prol de terceiros e, em especial, dos menos favorecidos. Tal processo está absolutamente de acordo com o do exercício individual da generosidade, agora transferido para a área do trabalho. É evidente que o indivíduo terá que ter alguma remuneração, pois terá que ter acesso às coisas que lhe são absolutamente indispensáveis. Mas a retribuição pelo seu esforço deverá ser a menor possível, para que fique clara sua "vocação" para a doação.

Acontece que uma pessoa assim generosa, quando capaz de exercer sua função com grande habilidade, também chama a atenção sobre si, também desperta a admiração de muitas pessoas. E isto é um importante alimento à sua vaidade, pois o prazer de se exibir e

de ser olhada como pessoa especial é parte de nossa biologia sexual. Ser pessoa desprendida de ambições materiais e dedicada mais aos outros do que a si mesmo também traz consigo uma forma de sucesso. A esta forma podemos chamar de respeitabilidade. Muitos são os que admiram as pessoas mais pela respeitabilidade do que pelo dinheiro, ao menos aparentemente. Outros realmente só valorizam os que conseguiram ficar ricos. Porém, a maioria tem um duplo critério de admiração: desenvolvem uma consideração muito especial pelos mais dedicados às causas nobres, mas gostariam mesmo é de estar passeando pelas ilhas do Caribe.

Pode acontecer que o nosso homem generoso exerça uma atividade bem remunerada. Um médico devotado aos seus pacientes poderá, de repente, se ver ganhando uma boa soma de dinheiro – dificilmente comparável com a que ganha um empresário de igual sucesso. Toda a sua vaidade está localizada na atividade profissional propriamente dita; ele é admirado e venerado pelos clientes, por seus familiares, pelas enfermeiras do hospital onde trabalha, etc. É tratado com reverências que fazem muito bem ao seu ego durante o dia inteiro e isto o satisfaz tanto quanto ao milionário que passa o tempo no barco ou nos restaurantes. É evidente que desenvolverá também outros prazeres, intrínsecos à atividade intelectual que realiza; resolver problemas complexos é muito prazeroso por si. Até por razões de alimento à vaidade, preferirá passar o sábado à noite no hospital do que na casa noturna da moda. Gosta de chamar a atenção por sua respeitabilidade e dedicação a terceiros mais do que tudo na vida.

Este médico generoso evidentemente ficará atraído por algumas das coisas materiais que são usufruídas com tanto prazer – ao menos aparentemente – pelas pessoas ricas. Terá o dinheiro suficiente para adquiri-las, ao mesmo tempo que isto estará em total desacordo com as convicções que formou durante a mocidade, todas elas voltadas para o desprezo pelo materialismo. O dilema interior que se constrói é intenso; poderá ficar muito tentado a usufruir dos prazeres típicos do outro grupo de homens, os machões egoístas; ao mesmo tempo, se sentirá "mediocre" ao pensar ou fazer isto. Ao invés de se sentir importante e prestigiado por possuir um carro especial, se sentirá "fútil" e menor. Aquilo que engrandece um certo tipo de homem provoca neste a sensação de rebaixamento! Mas a vontade de possuir um carro melhor o persegue e ele poderá ficar muito tempo lutando intimamente no sentido de "se permitir" a posse do objeto desejado; finalmente compra o carro. O carro lhe

provoca um grande prazer, pois sente as delícias do privilégio material às quais sempre se interditou. Na medida em que sente alegria pela posse do objeto material, também se critica e se censura muito por ser pessoa tão pouco "íntegra", por ser alguém que "traiu" suas convicções. Sente que perdeu parte de sua respeitabilidade.

Como se não bastasse este conflito interno, surge um outro importante fator complicador. Ele percebe que seu carro novo desperta a admiração de muitas pessoas e que esta admiração evolui na direção da inveja. E a inveja, além de determinar atitudes de agressividade em relação a ele, significa que as pessoas estão se sentindo por baixo, humilhadas por não poderem ter um carro igual. Isto ativa os seus sentimentos de culpa, produto inexorável do senso ético. Ele é o causador daquela dor que as pessoas estão experimentando! Ele, com seu privilégio exibido de forma ostensiva, está deixando várias pessoas tristes e inferiorizadas porque não podem ter carro idêntico. Ele acaba experimentando enorme dor interior derivada de se sentir o causador de sofrimentos alheios, ele que sempre se dedicou a melhorar o estado físico e mental dos outros. A sensação de rebaixamento moral, associada à culpa que deriva de provocar a inveja, podem levá-lo a vender o seu carro tão especial e comprar um outro mais simples. Abre mão dos prazeres de possuí-lo porque não é capaz de suportar as dores que o acompanham.

Termina aí o conflito do homem generoso com as coisas materiais? Esta experiência reforça suas teses de que a "virtude" está no sacrifício, na renúncia, na caridade e no ascetismo em geral? Mas não mesmo. O desdobramento desta experiência de não suportar os "privilégios" materiais é extremamente curioso e importante. Antes de mais nada, é interessante mostrar que tamanha dificuldade em ter um carro especial significa que nosso homem está atribuindo enorme importância e peso às coisas materiais; se fossem simples "banalidades", como costuma ser dito, porque não ficar com o carro "banal" e pronto? Após o alívio por ter se livrado do carro que tanto o atormentava, começa a se sentir muito mal por não ter sido capaz de usufruir dele. Neste aspecto da vida, o do usufruto dos prazeres, se sente um fraco; não suporta a vida fácil e não suporta a inveja dos outros e isto o faz fraco. Passa a desenvolver uma crescente inveja daqueles homens egoístas que tanto desprezou!

Não será que são eles os que têm razão? A vida foi feita para ser gozada, para que os prazeres possam ser apreciados. Afinal, ele trabalha tão duro e nem assim se permite

alguns prazeres. E os homens que nem trabalham, como é que se permitem tantas coisas? Não têm medo ou culpa derivada de provocar a inveja dos outros? Definitivamente não têm. Os egoístas adoram provocar a inveja porque isto significa que estão sendo admirados. Não se colocam no lugar dos outros e por isso mesmo não sofrem com o suposto sofrimento deles. Mas que liberdade que isto determina! Os egoístas não são governados, ao menos tão drasticamente, pela ideia de que cada prazer deverá ser "pago" com uma determinada cota de sacrifício. Não fazem esta contabilidade com os deuses e nem se sentem mal se tiverem mais prazeres do que sacrifícios; pelo contrário, é tudo o que desejam. Os generosos, por sua parte, precisam sempre estar com as suas contas no positivo; precisam sempre dar mais do que recebem. Precisam se sacrificar muito para ter direito a algum recebimento. E cada um faz a contabilidade do seu modo; no limite extremo, um homem generoso poderá ficar totalmente interditado de dar qualquer coisa material para si mesmo; não terá dificuldade alguma de dar tudo do bom e do melhor para os outros; mas para si mesmo, nada. Poderá se tornar, por exemplo, totalmente dependente de uma esposa egoísta até para poder se vestir condignamente.

Podemos, então, concluir que é o egoísta o vencedor desta batalha entre os dois posicionamentos radicais e opostos que podemos tão facilmente verificar no nosso cotidiano? Também não é esta a verdade. Eles invejam profundamente a respeitabilidade que os mais generosos conseguiram angariar; invejam também o amor e a dedicação que estes têm pelo trabalho, coisa muito valorizada pela nossa cultura. Aliás, é bom que se diga que muitos generosos encontram a seguinte solução para poderem usufruir um pouco mais dos prazeres materiais: transformam os seus trabalhos, dos quais gostam muito, em coisa maçante e sofrida; dizem que se esforçam muito em suas atividades e tratam de se convencer de que não gostam em absoluto do que fazem; tudo isto com a finalidade de poderem ver o trabalho como grande sacrifício, condição na qual se vêem liberados para o exercício de alguns dos "prazeres proibidos"!

Não são poucos os homens egoístas que, depois de acumularem fortuna através de atividades especulativas e graças à sua esperteza e ao "levar vantagem" sobre terceiros, tentam "comprar" de alguma forma a sua respeitabilidade. Comendas e títulos de nobreza já foram comprados com este objetivo. Um agiota poderá sonhar que um dia será um "digno" banqueiro. Um rico industrial poderá criar uma fundação para o estímulo da pesquisa

científica; e assim por diante. O aspecto essencial destas atitudes é o desejo de se deleitar com os prazeres da vaidade próprios dos homens "honrados"; demonstram a indiscutível inveja que têm dos generosos e de suas "glórias".

Os egoístas invejam os generosos e estes os egoístas. Invejam sobretudo a capacidade que eles têm de usufruir das coisas materiais; invejam o fato de não terem medo ou culpa por provocar a inveja dos outros; invejam a liberdade que a ausência de remorsos determina na sua forma de ser e de viver. Acabam por invejar, agora generalizando, o fato de que não se sentem obrigados a tantos sacrifícios para poderem ter o que têm. Invejam sua leveza, a capacidade para os prazeres tidos como fúteis. Invejam até mesmo as coisas materiais que não estão interessados em ter. Se voltarmos ao exemplo do barco, o generoso poderá odiar o mar e mesmo assim poderá se sentir diminuído diante de alguém que tenha um iate. Invejará a ousadia da pessoa em tê-lo, mais do que a coisa em si; invejará a ousadia porque sabe que não a possui.

O que mais determina esta radicalização de posições e a recíproca inveja é a vaidade. Uma pessoa que trabalhe moderadamente e que se permita vivenciar seus prazeres com naturalidade é uma pessoa média; é claro que existe um grande número de pessoas assim; mas acontece que estas pessoas "medianas" não se destacam tanto, não chamam a atenção, não são tratadas como especiais. Pode ser que vivam uma vida mais equilibrada e lógica, mas não se deleitam com as glórias da vaidade. E o destaque social é uma coisa muito atraente, pois tudo leva a crer que as pessoas de sucesso sejam muito felizes – o que, diga-se de passagem, não é verdade. Parece que experimentam prazeres mais intensos do que os das pessoas comuns. Parece que vivem uma vida gloriosa, maior. É claro que isto impressiona a todo o mundo, especialmente os jovens; eles passam a sonhar com a fama e se dedicam o quanto podem para atingi-la.

A vaidade tem uma característica que eu não me canso de repetir: ela vicia! Se alguém se habitua a uma certa dose de notoriedade e de admiração, terá enorme dificuldade em abrir mão dela sem passar por um período de grande depressão e abatimento, do mesmo modo que acontece com alguém que pára de fumar. O homem poderá se viciar no usufruto dos prazeres, do mesmo modo que no empenho que faz para realizar suas atividades. Será viciado naquilo que contiver a maior cota de vaidade. Se a atividade profissional for a fonte dos prazeres exibicionistas, o indivíduo a preferirá sobre tudo; não terá vontade de ir

embora do seu local de trabalho, pois é lá que se sente gratificado e recompensado – não se trata mais de recompensa material, que se torna irrelevante; nada chegará aos pés do trabalho no que diz respeito a lhe despertar o humor e a animação. Este indivíduo é o que chamamos de "workaholic".

Vejamos agora algumas das consequências sociais desta guerra que se estabelece entre os dois grupos opostos de "vencedores", de viciados nos prazeres da vaidade. Eles correspondem às pessoas que mais se destacam em uma dada comunidade e sobre eles recaem as atenções; por isso afirmei antes que, mesmo sendo minoria, acabam sendo as pessoas que mais influem sobre os destinos do grupo social. Influenciam na formação dos jovens, pois são os seus ídolos. Isto nos leva à pergunta que reputo fundamental: que códigos de valores morais ensinaremos aos nossos filhos? Mesmo sabendo que nós, pais, temos, hoje em dia, um poder de influência pequeno, acho fundamental que tomemos uma posição definida. Pregaremos o respeito às normas tradicionais do pensamento religioso que considera a generosidade como a grande virtude? Pregaremos o respeito às normas realistas do mundo prático, onde o mais esperto e o mais forte é o vencedor? Se pregarmos a generosidade e o respeito humano, não estaremos despreparando nossos filhos para o mundo real que terão que enfrentar? Se formos práticos e realistas, não estaremos estimulando o egoísmo e a fragilidade emocional de nossos filhos? Nós, pais, somos do tipo generoso ou do tipo egoísta? Podemos pregar de uma forma e ser de outra? Estamos felizes com nossa maneira de ser?

A triste verdade é que nossos filhos crescem expostos a dois códigos de valor, opostos e antagônicos. Um deles está de acordo com nossa tradição humanista e é transmitido por certos setores de influência, como é o caso das igrejas. O outro está de acordo com o que conduz ao sucesso material e às delícias dos frutos do dinheiro, no qual está incluído o sucesso na conquista sexual, tão importante nos primeiros anos da vida adulta; é transmitido pelos fatos cotidianos, pela imprensa, pelos comerciais de televisão, etc. Acho que um bom caminho para começarmos a pensar mais a sério sobre este assunto de capital importância é pela última pergunta que formulei logo acima. Estamos felizes com nossa maneira de ser? Acredito que serão poucas as pessoas que responderão afirmativamente a ela. Estas certamente não terão problemas para se posicionar como educadores e nem como criaturas diante da vida social. Quem está feliz com sua forma de

ser tem o dever de defendê-la e de pregá-la para os seus descendentes e para seus semelhantes; isto desde que tenha respondido com honestidade à pergunta. Nada é mais importante para o ser humano do que estar em paz consigo mesmo; e quem chegou próximo deste estado pode e deve tentar propagá-lo.

Mas a maior parte das pessoas que tenho conhecido não está nesta categoria. Tanto os egoístas como os generosos padecem de insatisfações que derivam de dúvidas acerca de sua construção interior. Aliás, a própria inveja recíproca é indicativa do que estou tentando descrever. Se formos mais um pouco além na apreciação do fenômeno da inveja, poderemos perceber sua grande utilidade no sentido do autoconhecimento: as pessoas ou as situações que eu invejo correspondem às insatisfações que tenho comigo mesmo! É extremamente importante termos coragem para sentir todas as emoções, inclusive esta que é tida como uma das mais "feias". Ao sentir inveja poderei me lançar agressivamente contra o invejado, forma banal e primária de reagir. Poderei também apontar o dedo para mim mesmo e olhar com sinceridade para meu mundo interior e reconhecer o que me falta, o que não está satisfatório em mim ou na minha vida. Se for capaz de prosseguir neste tipo de caminhada, farei importantes avanços e talvez um dia chegue ao estado desejado de coerência íntima. Neste dia não sentirei mais inveja.

O egoísta, esperto e sem escrúpulos, admira a integridade do generoso. O generoso, íntegro e sacrificado, admira a competência do egoísta para se divertir e para gozar dos frutos que conseguiu colher. Um colhe com facilidade e usufrui com facilidade. O outro colhe com dificuldade e nem assim consegue usufruí-lo. No meu modo de pensar, não há como sustentar, nem do ponto de vista lógico e muito menos na prática, esta dicotomia e o elogio de qualquer uma das posições extremadas.

Aliás, fico perplexo ao imaginar que os valores de ordem moral foram construídos de forma tão simplória e grosseira. Pessoas que desenvolveram a capacidade de abstração e que eram medrosas por natureza não tiveram outra alternativa – por medo e por culpa – senão tenderem para a renúncia do que era seu em favor de terceiros. Aos poucos, elogiados que foram por pessoas significantes do ponto de vista emocional, foram desenvolvendo um grande prazer na renúncia, prazer este derivado essencialmente da vaidade, de se sentir superior. A renúncia aos prazeres foi se transformando no prazer da renúncia. Estas pessoas se consideraram como mensageiras divinas, como as que tinham

recebido a bênção dos céus. Tinham apenas transformado suas limitações em "virtudes". De perdedores se transformaram, por um recurso retórico, em ganhadores, como tão bem descreveu Nietzsche.

Não sou e nem nunca fui um defensor do egoísmo. Gasto pouco tempo em criticá-lo porque é absolutamente evidente sua inadequação. Os egoístas são sempre criaturas ansiosas, inseguras, fingindo uma segurança e alegria que não têm, são ciumentas e dominadoras. Não há como esconder suas incompetências, nem com a pose e o discurso do tipo: "eu me amo". O egoísta se odeia; sabe que trapaceia no jogo da vida e sabe que isto é fraqueza. Mas me perdoem os defensores do humanismo e das grandes religiões – entre os quais já estive incluído – quando divirjo tão veementemente de suas opiniões acerca da generosidade. Iria não nos levou a nada. Serviu apenas para estimular o modo de ser de um grupo de homens de bem que se deixaram parasitar pelos egoístas; o exemplo mais notório disto é o modo como nos casamos: um generoso carrega nas costas um egoísta e este último pode ser reconhecido pelo tanto que ele ainda reclama! O prazer da renúncia está longe de ser uma virtude; é uma inadequação psíquica, um erro de raciocínio e de lógica; é o equivalente psíquico do masoquismo na área da sexualidade. A estimulação da generosidade só serve aos interesses dos egoístas e a mais ninguém.

A "virtude está no meio termo" diz a sabedoria popular, aquela que não é construída com tanta deturpação de vaidade. E é nisto que acredito, tanto do ponto de vista individual, como sociológico e político. O egoísmo fabrica um regime político do tipo capitalista, onde o mais forte e o mais esperto pode oprimir o mais fraco e usufruir das vantagens desta opressão. Isto é absolutamente inaceitável para qualquer pessoa que se ocupe minimamente da questão da justiça. A generosidade tem tentado construir um regime político do tipo comunismo, que, no mundo das ideias, está relacionado com a garantia das condições mínimas de vida para toda a população e com a atenuação das disputas e das rivalidades entre os humanos. Acontece que a realidade, como costuma acontecer sempre, decepciona muito àqueles que têm boa capacidade para sonhar. Se o ser humano que for o agente construtor do socialismo ainda estiver corroído pelo vício da vaidade, de uma forma ou de outra construirá uma nova "casta" de privilegiados. E, pelo menos por hora, estamos todos ainda muito envolvidos com esta emoção, especialmente aqueles que se pretendem líderes da comunidade e constroem projetos messiânicos de salvação do seu povo. Acredito que,

aos poucos, e na medida em que formos capazes de nos conhecer melhor e também na medida em que este conhecimento puder ir se transformando em avanços na nossa maneira de ser, encontraremos os caminhos da melhor realização individual e das sociedades humanas mais justas. Sem este avanço ao nível individual, não acredito em nenhuma modificação essencial nas regras da vida social. Pode haver mudanças de nome, mas o reinado da vaidade determinará sempre resultados muito parecidos.

## IX - A MEIA-IDADE E A VELHICE DO HOMEM

O primeiro problema que temos que enfrentar neste capítulo é o de tentar definir o que seja a meia-idade e a velhice. Quanto a este assunto, as coisas têm se alterado bastante nas últimas décadas, uma vez que a nossa expectativa de vida aumentou muito. Se até há algumas décadas uma mulher de 40 anos de idade era uma pessoa velha, gorda, fisicamente destruída por mais de uma dezena de gestações e que podia esperar viver mais alguns anos, hoje em dia uma mulher desta idade é moça, atraente, com o físico em ordem tanto interna como externamente e que pode esperar viver mais 40 anos. Este aspecto físico aparente é mais evidente nas mulheres, mas a situação dos homens é bastante semelhante, a não ser naqueles que, em virtude de uma forma exageradamente tensa de se relacionar com as responsabilidades, tenham se desgastado prematuramente.

A expectativa média de vida, nos países civilizados e nas classes mais abastadas dos países do terceiro mundo, está entre 70 e 80 anos, com alguns anos a mais para as mulheres. Se levarmos em conta este aspecto, caiu por terra a velha concepção de que os homens deveriam se casar com mulheres bastante mais moças, uma vez que elas envelhecem mais cedo. O que acontece hoje em dia é exatamente o contrário, fazendo surgir, com frequência crescente, o interesse de mulheres mais maduras por homens mais jovens. Apesar disto nos parecer chocante porque está em oposição com o que aprendemos, não há como negar a lógica aí contida.

Definir meia-idade e velhice em termos de idade me parece impróprio também, porque as variações individuais são enormes. Aliás, há enormes variações também entre o surgimento dos sinais físicos próprios do passar da idade e o modo como o indivíduo se sente interiormente. Até hoje e isto já acontece há quase 10 anos – levo um grande susto quando vejo minha imagem refletida inesperadamente em algum espelho. Vejo um homem com mais de 40 anos, cabelos e barbas brancos, típico do que se chama de meia-idade. Porém, intimamente, eu me sinto com 20 anos de idade, rico em planos e até mesmo com alguns sonhos. A bem da verdade, estes certamente desapareceram na sua grande maioria e isto deve ser um dos sinais da meia-idade. Diminuiu muito também minha capacidade para fazer projetos e projeções para vários anos; é como se o futuro tivesse se estreitado e este deve ser outro sinal da meia-idade. Independentemente do processo se dar aos 40 ou aos 55

anos de idade, penso que a meia-idade pode ser definida como o fim da primeira fase da vida adulta, o fim do processo de se afirmar interiormente e de se afirmar perante o meio social no qual se vive. Corresponde à chegada de uma relativa estabilidade interior em relação à auto-estima, aos juízos de valor, à importância que se atribui às coisas práticas da vida. Corresponde ao atingimento de uma relativa estabilidade material e profissional, ao fim da fase mais difícil de luta pela vida. Já temos uma ideia mais clara e definida do que somos capazes e de onde podemos pretender chegar do ponto de vista da realização intelectual e do trabalho.

Não que isto não seja, por vezes, um processo amargo e deprimente, pois a regra é que temos que nos conformar em sermos criaturas bem menores do que sonhamos aos 20 anos de idade. É parte da meia-idade a absorção destas limitações, destas diferenças entre o que sonhamos para nós e o que fomos capazes de ser, ter e fazer. Quase sempre usamos os números redondos para fim destes e de outros balanços. Assim sendo, uma "crise" depressiva associada à necessidade de nos confrontarmos com uma realidade, que seja inferior aos nossos sonhos, costuma se dar aos 40 anos de idade ou, o que é mais comum, aos 50.

Quero deixar bem claro, desde já, o seguinte: a chegada da meia-idade traz um certo apaziguamento interior em relação às questões práticas da luta pela sobrevivência e também corresponde ao atingimento de um certo patamar de estabilidade emocional em relação às questões e aos dramas que nos atormentaram desde a infância. Porém, infelizmente, traz consigo novas questões, novos dramas e novas fontes de inquietação psíquica. A velhice passa a nos preocupar muito. Que será de nós depois da aposentadoria? A ideia da morte, que ficou muito vaga e só apareceu episodicamente durante os anos de luta pela vida, toma corpo e pode passar a nos atormentar bastante. A nossa morte pode nos provocar pânico, assim como pode nos despertar pavor a ideia da perda de pessoas que nos são essenciais. O medo da solidão na velhice pode ser muito forte para algumas pessoas. A vida é assim mesmo: nos livramos de algumas questões e imediatamente ganhamos outro quebra-cabeças para nos "entretermos!"

A velhice corresponde ao período em que sentimos algumas limitações físicas ou intelectuais e durante o qual surge uma outra característica importante que é o da capacidade que teremos que desenvolver para lidar com a doença e com a dor. Também não

existe idade para esta fase, sendo absolutamente possível que uma pessoa morra sem ter que passar por ela; basta que tenha boa saúde e morra instantaneamente de um infarto ou de um acidente. Uma pessoa poderá ter 50 anos de idade e ter que enfrentar os problemas da velhice, enquanto que outra poderá ter 75 e estar em pleno vigor, no exercício de sua meia-idade. A questão é, pois, de disposição física e, é claro, de estado emocional. Uma pessoa permanentemente deprimida, ainda que em boas condições físicas, está velha. Nesta fase, outro aspecto psicológico relevante é o pavor da pessoa se tornar absolutamente dependente de outras para a resolução de suas necessidades básicas, tanto de sustento como de cuidados. Algumas pessoas acham muito natural esta dependência, talvez aquelas que assim procederam durante toda a vida; mas aquelas que foram mais independentes e auto-suficientes podem se sentir brutalmente humilhadas ao dependerem de alguém para dirigir um automóvel ou até, em caso extremo, para ir ao banheiro.

A meia-idade e a velhice trazem consigo algumas outras características interessantes de se registrar e para se refletir. Uma delas é a tendência para um modo de pensar mais tradicionalista, mais conservador. É fato também que as pessoas maduras se tornam mais resistentes às mudanças de opinião e também às inovações. Aliás, todos nós temos sido bombardeados desde a mocidade com um grande número de inventos, em relação aos quais temos uma certa tendência inicial de reserva, de não acharmos que a coisa seja tão interessante ou essencial. Mas, com o passar dos anos, parece que esta "implicância" contra as inovações aumenta. É como se o indivíduo já estivesse cansado de se adaptar a novas condições, especialmente agora que ele atingiu um patamar de relativa estabilidade e serenidade em relação ao mundo material e social. Mudar de opinião se torna mais difícil até mesmo para as pessoas intelectualmente mais honestas. Já presenciaram bastante coisa, já leram muitos livros e revistas, já conversaram com muitas pessoas; finalmente formaram suas próprias convicções às custas de um bom esforço e de várias revisões. Será necessário o convívio com alguma ideia muito apaixonante para que o homem maduro se disponha a desmanchar de novo o edifício do conhecimento que tanto lhe custou para construir.

Neste processo de construção de convicções, que depois têm que ser demolidas porque surgiram novos fatos que não se explicam pelo conjunto dos conceitos que se acredita e que depois se refazem como novo conjunto de convicções, que de novo é destruído, vai havendo uma certa depuração de tudo o que de novo surge durante as

décadas de nossa mocidade. Curiosamente, o que vai sobrando como base sólida na edificação de nossas concepções mais essenciais são ideias e pontos de vista defendidos por pessoas que viveram há muitos séculos. Vamos percebendo que o nosso tempo não é tão original, que o ser humano se modificou menos do que supúnhamos e que ainda valem as ideias dos velhos pensadores. A bem da verdade, acredito que só somos capazes de entender exatamente o que eles estavam querendo transmitir depois que nos livramos da impaciência e da arrogância da mocidade. Deixamos de ser tão fascinados pelo moderno e tendemos mais para admirar o clássico, o "eterno".

Outra característica da meia-idade, muitas vezes mal entendida, é uma acentuada diminuição da capacidade das pessoas de fazer concessões. Aparentemente a pessoa se torna mais irascível e é chamada de intolerante e teimosa, "defeitos" típicos da velhice. Na verdade, eu acredito que a diminuição da tendência para as concessões é um bom indício de que a pessoa encontrou uma razoável conciliação consigo mesma. Quase sempre concedemos em fazer coisas que não desejamos, não valorizamos e nem consideramos como indispensáveis, apenas com o intuito de não "criar caso" com as pessoas com as quais estamos nos relacionando; não podemos suportar atitudes de rejeição ou de desconsideração vindas da parte delas, criaturas cuja opinião a nosso respeito é importante. Ou seja, fazer muitas concessões é sinal de fraqueza, de medo de rejeição, medo de perder afetos; é fazer coisas que não se tolera para não se indispor com os outros. Na medida em que estamos com nossa auto-estima mais aceitável, imediatamente paramos de nos sacrificar por coisas que nos parecem aborrecidas e sem sentido. Seria real intolerância não fazer pequenas concessões ou se negar a atividades desagradáveis, porém necessárias e ricas em sentido – por exemplo, visitar um parente doente no hospital. Porém, quantas coisas desnecessárias e profundamente aborrecidas não fazemos todos ao longo da vida! Foi pensando desta forma que, já por várias ocasiões, me imaginei um pouco mais velho, podendo usufruir as delícias próprias da segunda metade da vida.

Por falar em duas metades de vida, cabe aqui registrar algumas opiniões emitidas por Jung a respeito da meia-idade. Ele foi o único psicanalista da primeira geração de discípulos de Freud a se ocupar das questões místicas e da religiosidade. Pagou muito caro por isto, pois se aventurou em assuntos "proibidos" para as pessoas mais eruditas da primeira metade deste século, onde o pensamento científico – lógico, racional e ainda um

tanto positivista – tinha atitudes de desprezo profundo por assuntos que se aparentassem com o tema da religião. Jung dizia que a primeira parte da existência deveria ser dedicada à luta pela vida; o indivíduo deveria se munir de coragem para enfrentar e ultrapassar os obstáculos inerentes a ela. A segunda parte corresponderia ao período da meia-idade como o estou conceituando aqui; é a época em que a pessoa, já resolvida nos aspectos essenciais da luta pela vida, deveria se preparar para a morte. Não ter coragem para se dedicar aos assuntos relativos às questões que transcendem nossa existência material e concreta seria falha idêntica à falta de coragem para lutar pela vida nos anos da mocidade. Sabemos que são muitos os homens que tentam fazer da segunda parte da vida apenas a continuação da mocidade. São pessoas que continuam a viver e a empreender como se elas fossem eternas. Estão com 60 anos de idade ou mais e ainda se dedicam quase que exclusivamente a novos empreendimentos práticos, buscando a acumulação de poder ou de riquezas que jamais terão condições de usufruir. Estas criaturas são muito admiradas pela grande maioria da população; parecem que continuam jovens, portadoras de um ânimo e de uma vitalidade inesgotável. Vistas pelo ângulo de Jung, são criaturas covardes, que não conseguem reverter sua forma de existir, que não conseguem ir substituindo a atividade pela reflexão e pela tentativa de entendimento das coisas da alma. Usam a atividade profissional como uma droga; se ocupam o tempo todo de assuntos que não são mais relevantes, apenas porque não suportam as dores derivadas de uma utilização mais reflexiva da razão. Este psicólogo brilhante e ousado não vê virtude nenhuma neste modo de envelhecer.

Penso que seja mais do que oportuno revermos os preconceitos criados pelo pensamento científico contra o misticismo e a religião. De repente, ser religioso, ter fé na existência de forças maiores que influenciam as nossas vidas e os destinos do planeta, se transformou em motivo de imensa vergonha nas camadas sociais mais "esclarecidas" e cultas. Minha geração participou, ainda que indiretamente, deste processo que se espalhou nas primeiras décadas deste século – e que teve seus pioneiros já na segunda metade do século XIX. Meu pai era de família judia e respeitava os hábitos religiosos até os seus 18 anos de idade, quando começou a fazer o curso de medicina (isto em 1926). Sensibilizado pelo que aprendia na Universidade e também pela emergência dos movimentos políticos e sociais que derivavam do marxismo, se tornou um ateu convicto. Tão convicto quanto tinha sido enquanto religioso. Ele e sua geração tinham esta curiosa tendência para serem

convictos! Eu cresci numa casa onde as pessoas que acreditavam em Deus eram desprezadas e tratadas como ignorantes e burras. Quando criança tinha amigos católicos que iam à missa todos os domingos; eram meninos que moravam no mesmo bairro que eu e não os filhos dos amigos dos meus pais, estes todos ateus convictos.

Algumas vezes fui com eles à missa e me sentia profundamente deslocado naquele lugar bonito e que me fascinava muito; porém, aquilo não era para mim; eu não pertencia à turma dos que podem ir à igreja; nas poucas vezes que meus pais souberam das minhas aventuras dominicais, elas foram tratadas com uma condescendência que não escondia um ar de desprezo e de esperança de que iriam passar quando eu entendesse melhor das coisas. Religião era o "ópio do povo". A bem da verdade, estes preconceitos contra o misticismo e a religiosidade foram e são muito mais intensos entre os homens do que entre as mulheres. Talvez porque foram eles os que se dedicaram mais freqüentemente às atividades científicas. Talvez porque eles sejam mais habituados a se comportar dentro de padrões estreitos – os padrões da masculinidade, nossos velhos conhecidos. Talvez porque sejam mais treinados a respeitar padrões de todo o tipo e tenham aprendido mais facilmente que "homem, que não chora, também não reza". O homem tem que contar com suas próprias forças e seria covardia recorrer às orações para obter determinados "favores".

Combina com a noção de virilidade a ideia de que não existem forças maiores no Universo do que as do homem. Combina com a vaidade masculina não ter ninguém superior a si mesmo. As mulheres já cresceram com a noção de inferioridade, de criaturas de segunda classe. Para elas é bastante mais aceitável a existência de seres superiores a ela. Não tenho muitas dúvidas de que a principal razão que levou o pensamento científico a desprezar a hipótese da existência de Deus foi um "ataque" de vaidade e de onipotência do homem. Antes ele era vaidoso e orgulhoso de ser o filho pródigo de Deus. Agora decidiu deixar de ser filho! Não se deve ser ingênuo acerca da dramaticidade da crise psicológica que acompanha a chegada da meia-idade. É um período terrível tanto para o homem quanto para a mulher; nestas últimas, o estado depressivo típico desta crise de crescimento costuma chegar junto com a menopausa, o que, hoje em dia, é mais ou menos concomitante com o crescimento e independência dos filhos. É a hora da aposentadoria da mulher, como mãe; a do homem se dará oficialmente mais tarde um pouco. Mas o fato é que a crise da meia-idade corresponde a um momento de diminuição de funções; ou, pelo menos, diminuição

do seu caráter essencial e vital para a sobrevivência. É um período quase tão conturbado quanto o da adolescência, com desdobramentos de todo o tipo, tanto nos homens mais narcisistas como nos mais generosos; mas isto fica para daqui a pouco, pois ainda quero concluir minhas reflexões acerca da questão da religiosidade.

A maior disponibilidade da nossa razão para assuntos que não sejam de natureza prática é, a meu ver, a razão principal para que os temas religiosos voltem à pauta. Eles já tiveram sua importância nalguns momentos da infância e depois na adolescência; foram soterrados pela luta pela vida; quando esta se atenua, eles ressurgem; agora as pessoas costumam ter um pouco mais de competência para lidar com este complexíssimo tema. Não acredito que o medo da morte e a vontade de se conciliar com eventuais forças superiores seja a razão principal para o ressurgimento da questão mística nos anos da meia-idade. É verdade que sabemos que estamos mais próximos da morte, mas isto nos leva a um processo de análise da vida por um ângulo mais sofisticado; apenas espíritos incrivelmente oportunistas pensarão na religião como uma estratégia para ficar de bem com Deus; oportunistas e muito pouco inteligentes!

Lá pelos 50 anos de idade o indivíduo já viveu bastante variedade de situações. Já foi exposto a uma série grande de acontecimentos, inclusive a vários que não podem ser bem explicadas pelas teorias científicas em vigor. Neste percurso seguirei pelo atalho aberto por Jung e quero deixar registrado de modo veemente a admiração crescente que tenho por sua obra e por seu espírito científico – no verdadeiro sentido da palavra, isto é, despojado dos preconceitos que regem o "saber oficial". Dois conjuntos de acontecimentos nos chamam mais a atenção quando fazemos revisões do que já vivemos. O primeiro deles está ligado ao fato de que costumamos acumular em nossa história uma quantidade de "coincidências" maiores do que aquelas que se poderia esperar como derivadas das simples regras das possibilidades casuais. Fatos se acoplam de um modo inesperado e, em certos momentos, alteram radicalmente a rota de nossas vidas. Temos ciclos positivos e outros negativos. Coisas boas "atraem" coisas boas e quando estamos em uma fase negativa parece que tudo de impróprio nos acontece. É como se as previsões astrológicas não fossem tão absurdas. Estas "coincidências significativas" devem estar vinculadas a alguma causa e não é provável que sejam simplesmente casuais. O outro conjunto de acontecimentos, que está aí para quem quiser ver, está ligado aos chamados fenômenos parapsicológicos. Telepatia,

premonição, materializações, entre outros processos existem e não podem ser explicados de forma razoável pelo pensamento científico oficial. "Curas mágicas" e incompreensíveis para a ciência da medicina são praticadas às centenas diariamente por pessoas voltadas para vários tipos de religiosidade. Não me vejo em condições, até aqui, de fazer qualquer tipo de afirmação categórica acerca das explicações religiosas para estes fenômenos, do mesmo modo que as tentativas de explicá-los usando o vocabulário próprio das ciências físicas me parecem pobres e apressadas. Não temos meios de explicar nada a respeito das "coincidências significativas" que ocorrem nas nossas vidas e nem sobre os fenômenos paranormais que ocorrem com maior frequência para certas pessoas. No mínimo, elas nos remetem para a existência de processos intra-psíquicos dos quais não temos o menor conhecimento. Nós, que nem ao menos conseguimos entender razoavelmente como funciona a nossa mente, temos o dever de deixar em aberto a hipótese de que processos que nos transcendem podem nos influenciar. E se isto acontece, será exatamente através desta parte da nossa mente que desconhecemos, mas da qual podemos observar alguns efeitos fantásticos.

Jung achava que esta nossa parte, responsável pelos fenômenos paranormais, e que ele chamava de "psicóide", era uma espécie de micro-cosmo, um pequeno pedaço de macro-cosmo que nos envolve e com o qual estamos em permanente comunicação. Por isso podemos saber tanta coisa olhando apenas para dentro de nós mesmos. Podemos saber através da introspecção qual a próxima carta que vai ser tirada de um baralho, porque dentro de nós existe uma representação do Universo, que está em sintonia com todo o resto do mundo animado e inanimado tanto da Terra como de todo o Cosmo. Pode ser que nada disto seja verdadeiro, mas acredito firmemente que é um bom princípio para a reflexão acerca dos temas místicos e da religiosidade.

É incorreto imaginar-se que só temos crises e fases durante a infância e a adolescência. É ingênuo pensar que a vida adulta corresponde a um platô sólido e estável. Na verdade, esta época da vida é extremamente difícil para todo o mundo, homens e mulheres. É curioso observar também que os estudos psicológicos a respeito são pobres e poucos; talvez isto se deva à enorme influência que sofremos da psicanálise, que colocou a ênfase da questão psicológica nos anos da infância. Apesar disto ser muito verdadeiro, não me parece correto supormos que não existam conflitos e contradições específicos e

oriundos de novos problemas surgidos durante as fases posteriores da vida. A vida pode ser comparada a uma corrida com obstáculos, cujos primeiros talvez sejam os mais difíceis de serem ultrapassados e de cujos revezes carregamos marcas para as etapas seguintes. Porém, os obstáculos que vão surgindo não são apenas repetições daqueles que tivemos na infância. Eles são próprios de cada período da vida adulta. Crescer e se tornar adolescente é uma proeza difícil. Mas envelhecer me parece tão difícil e penoso quanto crescer. E é exatamente por isso que são tão poucas as pessoas que conseguem passar por esta crise da meia-idade e sair dela fortalecidos e enriquecidos espiritualmente.

Esta longa introdução teve mais do que tudo o objetivo de sensibilizar você, meu paciente leitor, para o fato de que podemos ficar mal, confusos e desorientados em qualquer fase da vida; e, em especial, por volta dos 50 anos de idade, quando a meia-idade nos chega apaziguando alguns conflitos e reacendendo outros. Podemos agora nos dedicar à segunda fase da vida dos nossos dois homens típicos e extremados: o egoísta e o generoso. Quase todos nós estamos nalgum ponto intermediário entre estes dois pólos radicais; às vezes nos comportamos como o egoísta e outras vezes como o generoso. Um balanço final de qual a nossa tendência mais freqüente permite que nos conscientizemos um pouco mais claramente a respeito de como somos.

O homem egoísta chega à meia-idade com quase todas as suas características preservadas. De aparência alegre, extrovertido; preocupado com sua aparência física, é dos que pratica esporte regularmente e se veste de acordo com a moda. Não perde o hábito de tentar conquistar todas as mulheres, agora especialmente as mais jovens, e sempre tem uma frase interessante na ponta da língua para se aproximar delas. Se sofisticou muito nesta arte; se tornou um caçador com tiro certo. Quando é bem sucedido do ponto de vista material, não deixa de ostentar todos os indícios que definem sua posição privilegiada. Se não foi capaz de ser um vencedor, ainda assim não perde a "pose" e faz o que pode para impressionar especialmente aquelas pessoas que o conhecem superficialmente. Aliás, os contatos humanos superficiais são a especialidade deste tipo de homem, que usa a palavra "amigo" com a mesma leviandade com que diz para uma mulher que acabou de conhecer: "eu te amo". Continua se deleitando com os prazeres da vida sexual e da conquista erótica independentemente de qual seja o seu estado civil. Continua absolutamente capaz para o usufruto dos prazeres materiais de todo o tipo e o seu egoísmo não se alterou em essência.

Muitos aprenderam a agir com mais discrição quanto a este particular, pois ser esperto e levar vantagem é uma forma de ser que vai perdendo a capacidade de despertar a admiração em um número crescente de pessoas, especialmente de mulheres. Ou seja, nosso homem egoísta faz de tudo para retardar a crise da meia-idade. Tenta, na medida de suas forças e de sua aparência física, se manter "jovem" pelo maior espaço de tempo possível. Não titubeará em se submeter a uma cirurgia estética se isto lhe parecer adequado para a preservação de sua aparência como alguém que ainda é moço. Considera a juventude a maior das dádivas e não poderia pensar de outra forma: foi neste período de sua vida que experimentou o apogeu. Só lhe resta tentar conservar-se o mais que possa. Só lhe resta adiar ao máximo o dia em que terá que fazer uma rigorosa auto-crítica; não está habituado a este tipo de atitude; sempre se dedicou às coisas práticas da vida, sempre utilizou sua inteligência, de uma forma também extrovertida.

De repente, algum acontecimento mais marcante obriga o nosso homem egoísta a se aperceber de que não é mais um moço. Pode ser que seja o fato de se tornar avô. Aliás, é surpreendente como esta mágica maravilhosa que é a reprodução passa despercebida aos olhos dos jovens; eles olham o fato de terem um filho como algo tão natural! Depois de uma certa idade o mesmo fato é visto como um fenômeno extraordinário, como algo que tem a mão de Deus. Ser avô, ver nascer uma criança que é filha da sua "criança", isto pode levar o homem a acordar e perceber que ele já deve tratar de pensar na velhice e também no fato de que irá morrer. Outras vezes, o que o desperta de sua "fuga" para a eterna juventude é o surgimento de uma doença grave em si mesmo ou em alguma pessoa muito próxima e de grande significação. É o choque da mortalidade de todos nós que o obriga a pensar. Às vezes a doença não é grave, mas afeta partes vitais: o pênis, por exemplo. Com a idade surgem as dificuldades sexuais derivadas de fatores orgânicos, tais como a obstrução das artérias que irrigam a região pubiana, lesões neurológicas derivadas do diabetes, dentre as mais freqüentes. Nosso homem jamais será o mesmo se houver uma importante redução na sua potência sexual; terá que despertar para as coisas da filosofia.

Às vezes, o que determinará o início de sua crise da meia-idade será algum problema na esfera conjugal. Sua esposa – que já poderá ser a segunda ou a terceira – quer deixá-lo; não tolera mais seu temperamento explosivo e suas implicâncias crescentes. Mesmo já tendo passado por várias tormentas matrimoniais similares, ele poderá se sentir

mais ameaçado do que antes, pois a ideia de ficar sozinho na velhice, sem alguém para cuidar dele, poderá ser apavorante. Este é um dos maiores problemas dos homens em geral: a ideia de se verem sós depois de uma certa idade aparece como inconcebível e insuportável – talvez por isso tenham preferido se casar com mulheres bastante mais moças. E nisto reside uma grande diferença entre o homem e a mulher. Ela, quando fica viúva depois de uma certa idade, quase sempre não deseja mais se casar; parece se dar muito bem sozinha, cuidando de sua casa e fazendo uma vida social discreta e quase sempre mais voltada para os parentes. Não é que não se casam porque não têm oportunidade para isto, porque os homens preferem as mais moças; não desejam mesmo voltar a se casar, principalmente aquelas que foram muito exigidas e até mesmo tiranizadas por seus maridos, pois elas experimentam a viuvez como uma libertação. Por outro lado, quando um homem fica viúvo, trata de imediatamente buscar uma nova companheira. Isto reflete uma ideia forte em mim que é a de que os homens são mais dependentes das mulheres do que o inverso; e não apenas por razões de ordem prática, ligados à sua incompetência para as tarefas domésticas; precisam sempre de alguma figura emocional que substitua a mãe no papel de protetora e também de uma platéia cativa para quem exhibir seus "feitos" e "glórias".

Uma vez instalada a crise, a tendência do homem é para um estado depressivo. Tristeza pelas coisas que não puderam ser realizadas, pelas glórias que não foram vividas, pelas posições que não foram alcançadas, pelos amores não consumados. Tristeza de perceber que já não há mais tempo para muitas das coisas que ainda gostaria de fazer. Medo pelo que poderá lhe acontecer: longas doenças incapacitantes, solidão, pobreza, aposentadoria compulsória, morte de pessoas importantes e também a sua própria morte. Tudo isto gera imensa dor e nós sabemos que o egoísta não é pessoa capaz de tolerar bem este tipo de sensação. Tratará de buscar rapidamente uma saída para que estes pensamentos parem de atormentá-lo. Duas serão as suas tendências: ou volta com maior vigor à vida que levava antes de entrar em crise; ou se apegue de modo fanático a alguma religião que lhe prometa alívio para estas dores. Esta segunda solução é a menos comum, mas não é tão rara quanto pode parecer. O homem, antes materialista e com atitudes de desdém para com pessoas de maior religiosidade, parece que, de uma hora para outra, se transforma no mais devoto dos fiéis. Participa da vida da comunidade religiosa da qual faz parte, assume

posições de liderança e se dedica às obras assistenciais de interesse do grupo. Seu espírito prático e executivo continua sendo a forma como sua inteligência se exerce e se manifesta. É admirado dentro deste novo grupo de referência e quer fazer tudo direitinho para ter acesso aos "prêmios" que a doutrina garante para os fiéis dedicados. Reza muito e faz todo o tipo de esforço para alcançar um tipo de reflexão mais abstrato; às vezes consegue importantes avanços e se sente muito bem com isto; se reconhece no "bom caminho". Será sempre aquele temperamento um tanto rígido e dogmático, mas será grande o seu empenho em se "regenerar". Se tornará melhor chefe de família; pela primeira vez na sua vida sua casa terá importância maior do que o trabalho ou o grupo de amigos e as outras mulheres. A maior parte dos narcisistas retorna à vida do trabalho e dos prazeres e volta a se dedicar a ela de forma a se entorpecer completamente e a "esquecer" todos os horrores que pôde antever. Não quer saber de mais nada que o faça pensar. Quer trabalhar e se divertir. Não suportará nenhum tipo de reflexão e não se interessará por nada que seja ligado ao futuro "negro" que o espera. Usa o mecanismo da negação: com ele não irá acontecer nada disto; tudo irá muito bem e um dia terá um infarto fulminante e pronto, tudo estará acabado. É evidente que em algum lugar da sua subjetividade ficaram os medos ligados ao futuro; por mais que ele se esforce por não ver, alguns indícios darão conta de sua existência. No mínimo, sua instabilidade e intolerância aumentarão. Não raramente se torna hipocondríaco e a toda hora está visitando médicos para se certificar de que sua saúde anda bem. Sua capacidade para ficar desocupado, que nunca foi das maiores, cai a zero. Estará trabalhando a maior parte do tempo. Nas horas de lazer, tenderá para beber um pouco a mais para, através do álcool, se entorpecer e não se lembrar que é mortal. Se não estiver bebendo, estará se dedicando a algum esporte para preservar a boa forma. Ou então estará jogando cartas, correndo o risco de importantes perdas de dinheiro, condição na qual se concentrará integralmente nesta atividade. O importante é que não ficará um minuto sequer sem se ocupar de algo que fixe sua atenção, pois senão as dores derivadas das terríveis previsões do que está por vir tirarão imediatamente a sua paz e sua tranquilidade, que se sustentam apenas com muita ocupação ou com alguma droga entorpecente.

Nosso homem não pode sequer cogitar de se aposentar. Se for forçado a isto, tenderá para uma brutal depressão e não é raro que acabe morrendo poucos meses depois.

Se tiver alguma chance, continuará a trabalhar com vigor ainda maior, pois não quer ficar parado nem um instante. Não pode se imaginar também como um velho aposentado, sem o poder e o prestígio que tanto o sustentaram ao longo da vida. Não pode se imaginar como "uma carta fora do baralho", como alguém a quem ninguém mais consulta, para quem não se telefona. A própria diminuição da importância da posição, tão comum quanto inevitável, para aqueles que trabalham até mais tarde, já é vivida como altamente humilhante e desgastante; um advogado, um médico, um dentista poderão trabalhar até o fim de suas vidas, mas é evidente que profissionais mais jovens vão substituí-los e ocupar posição de maior prestígio. Uma coisa é trabalhar até o fim da vida porque se é consciente da necessidade de ocupação, ou mesmo porque se gosta mais desta forma de passar o tempo do que das alternativas disponíveis; outra coisa é pretender estar em evidência até o fim, quando é óbvio que colegas mais moços e igualmente talentosos deverão ocupar estes lugares; para estas pessoas, a vaidade não dá sossego nem quando estão velhos.

O homem egoísta fica cada vez mais impaciente e revoltado, não perdendo o velho hábito de responsabilizar as outras pessoas pelos seus sofrimentos e inquietações íntimas. Quando fica doente, então, é muito difícil tolerá-lo. Se torna um bebê mimado, necessitando de cuidados ininterruptos. Se costuma dizer que o homem não é nada dócil e tolerante para as doenças físicas. No caso do nosso homem, isto é uma verdade indiscutível. Acostumado a receber todo o tipo de cuidado sem se achar com deveres de retribuição, quando está doente exerce esta forma de ser com total tirania. Sua companheira, ou seus filhos, existem para servi-lo, para satisfazer os seus caprichos. Se não for atendido imediatamente se revolta e se coloca na posição de vítima; chantagens sentimentais de qualquer tipo fazem parte da estratégia para ter todas as suas vontades satisfeitas. Talvez por isso sempre teve tanto medo de se ver sozinho na velhice; sempre soube que precisaria ser mimado como se fosse uma criança pequena. Se a doença for aquela que o vai levar à morte, fará o percurso até esta nova transição sem nenhuma dignidade. Só terá algum apaziguamento quando o seu cérebro estiver afetado o suficiente para que pare de se revoltar; ou então quando os "anjos" e as "músicas" do lado de lá já tiverem dado sinais evidentes de que há pessoas esperando por ele (ao menos é assim que costumam ser as falas das pessoas que estão em vias de morrer, ou o relato daqueles que quase morreram e voltaram à vida).

Apenas um registro, a título de curiosidade, a respeito da vida sentimental de certos homens narcisistas. Sabemos que ela é prejudicada por um forte componente de agressividade que se associou ao seu desejo sexual. Sentem, portanto, uma forte irritação e uma raiva particularmente intensa das mulheres com as quais convivem mais intimamente – do ponto de vista social, muitas vezes são pessoas alegres e simpáticas, sendo para muitas pessoas impossível imaginar o quando podem ser cruéis na intimidade. À medida que os anos passam e o desejo sexual se atenua, costumam se tornar maridos mais amorosos e às vezes se tornam amigos sinceros de suas esposas. Aquelas que, por inúmeras razões, toleraram o seu "mau gênio" por quase toda a existência, muitas vezes se sentem recompensadas com estes poucos anos de concórdia e cordialidade. Usam este exemplo pessoal para estimular a tolerância em suas filhas e em outras esposas jovens que estejam se queixando de seus maridos. Porém, não temos dados para generalizar desta forma, pois a maioria dos homens não experimenta declínio no desejo sexual suficiente para determinar esta reversão!

E a crise da meia-idade dos homens mais generosos é mais bem sucedida? Nem sempre. Para descrevermos o que acontece com os generosos neste período, teremos que dividi-los em três categorias, de acordo com o que irá suceder entre os 40 e os 55 anos de idade. Vamos ao primeiro caso. Nosso homem é uma pessoa séria, responsável, bom marido e razoável pai. Sua esposa é do tipo egoísta e ele vem tolerando seus comportamentos arbitrários; sabe com clareza que não é exatamente este o tipo de vida conjugal que sonhou para si, mas ainda não se viu com forças para reverter a situação. Sonha com duas possibilidades: ou que ela evolua e se torne uma companheira mais dedicada e gentil; ou que ele se apaixone por uma mulher com os predicados que ele acha que merece. Espera ser recompensado pelos seus esforços e pelo fato de ser uma pessoa boa e paciente. Nosso homem teve uma vida profissional decente e de resultados apenas razoáveis. Sua integridade absoluta e seu caráter muito preocupado em não magoar terceiros acabou por estabelecer limitações mais ou menos grandes para suas possibilidades de evolução técnica e principalmente econômica. É evidente que sua esposa joga isto na sua cara sempre que seja oportuno, comparando-o com outros homens, maridos de suas amigas, que tiveram progressos maiores. Isto reforça muito seus sentimentos de inferioridade, já bastante acentuados por toda a sua história de vida de moço tímido e pouco agressivo. Cada

vez mais se convence de que é uma pessoa muito medrosa. Não é ousado não apenas para não magoar ninguém; teme o revés, principalmente por causa das críticas que sua mulher faria. Não é ousado também porque não suporta o sucesso, condição na qual se sentiria pessimamente ao se reconhecer como o causador da dor da inveja. Só pode viver uma vida média; é medíocre, no sentido usual da palavra, não por incompetência, mas por limitações psicológicas. Um episódio que exija coragem e no qual esta força não apareça poderá ser fatal para este homem bom e fraco. Por exemplo: surge uma mulher que o encanta muito e que dá todos os sinais de interesse por ele. Ele ficará extremamente perplexo diante da situação, não podendo entender como uma mulher tão rica em virtudes se interessou por ele. Titubeará muito antes de chegar a conversar com ela. Digamos que consiga abordá-la, que consiga iniciar um namoro, que se apaixone perdidamente. O que acontecerá com certeza é que, ao ir para a cama com esta mulher, ele ficará totalmente impotente. Ele, tratado pela esposa como um homem desinteressante e sem valor em qualquer sentido destas palavras durante 20 anos, não poderia ter auto-estima para desempenhar adequadamente seu papel diante de uma mulher tão rica em predicados. Se sentirá um verme, um perdedor. Jamais terá coragem para dar continuidade a este romance. Ficarão tão envergonhado e se sentirá tão humilhado que tratará de nunca mais se aproximar desta mulher. Fugirá dela, mesmo que ela tenha toda a insistência e persistência do mundo. Não tem jeito; é um fraco mesmo. Quem era ele para tentar se envolver com uma mulher daquela? É muita pretensão. Não merece nem a esposa que tem. Sentirá uma profunda depressão, pois a verdade é que chegou a se apaixonar por ela; ela lhe fará muita falta, mas não tem outra alternativa senão se afastar; ele não acha que a mereça. Está selada a sua sorte: não mais se rebelará e nem tentará um caminho mais gratificante e rico para si; não tem forças para pretender mais do que conseguiu da vida; se considera um fracassado e um fraco em todos os sentidos, inclusive do ponto de vista sexual.

Algumas vezes a história é um pouco diferente desta: o homem se envolve com outra mulher e consegue se encontrar sexualmente e espiritualmente com ela. Aí sua esposa fica sabendo e faz toda a série – já descrita – de pressões e chantagens sentimentais para tê-lo de volta. No limite das pressões, quando nada parece ser eficaz, ela poderá ameaçar suicídio ou mesmo fazer uma daquelas tentativas de se matar que obviamente estão apenas a serviço de provocar remorsos nalguma pessoa que não está satisfazendo suas vontades.

Ele poderá não resistir às pressões, abandonar a mulher amada e voltar para a "família". O resultado final é o mesmo: a sensação de fracasso, de ter perdido a última chance de ser feliz e fazer uma vida de acordo com suas pretensões.

O revés poderá ser profissional, mas isto é mais raro, visto que este tipo de homem faz uma carreira discreta, mas sólida. Poderá ter uma oportunidade de evoluir, que envolva grande risco ou grandes mudanças de vida; se recusar por covardia, poderá também se sentir incompetente e fracassado. De todo o modo, o destino destes homens é trágico. Se tornam deprimidos crônicos. Uma depressão discreta, não suficiente para impedi-los de trabalhar e de desempenhar minimamente suas funções de ordem prática. Mas são pessoas que perderam o interesse pela vida. Não acham graça em nada, não se entusiasmam por nada. São estas as criaturas que adormecem no meio das festas. Não farão nada a mais do que o necessário. Não desobedecerão mais às suas autoritárias esposas; de vez em quando fazem algumas coisas "erradas" apenas pelo prazer de provocar a cólera delas. Talvez este seja o único prazer que ainda lhes reste. Aliás, ficar neste estado depressivo constante é algo que irrita a elas profundamente; mas elas preferem assim, pois significa que não correm mais o risco de perder o marido.

Nosso homem generoso deste tipo é um morto-vivo. Nada mais de interessante lhe sucederá. Quando chegar a hora da aposentadoria, poderá parar de trabalhar sem grandes problemas. Sua vaidade já está arruinada há muito tempo. Afinal, nem mesmo profissionalmente foi um grande sucesso, de modo que não há nada a perder. Já estava deprimido e continuará assim também depois de não ter mais as responsabilidades profissionais. Os filhos vão se casar, os netos vão chegar e nada mais fará com que este homem vibre. Se sua esposa ficar doente ou morrer, isto também pouco alterará sua vida; não terá coragem sequer para tentar se casar de novo. Se ele ficar doente, não será dos mais queixosos. Se ficar velho e demorar para morrer e for colocado num asilo, também estará bom para ele. Não reclamará de nada. Na verdade nosso homem saiu da mocidade diretamente para a velhice, no pior sentido dela, ou seja, a velhice daquelas pessoas que perderam todo o interesse na vida e só estão esperando pela hora da morte.

Agora vamos descrever o que acontece na meia-idade com o segundo tipo de homem mais generoso. Sua história de vida pessoal é similar à do anterior, sendo parecido também o seu casamento. A esposa, insegura e egoísta, o sabota através de críticas às suas

atitudes e através de uma vida sexual pobre e que ela conduz sempre como se estivesse lhe fazendo um grande favor. Alguns fatores o distinguem do tipo anterior: pode ter se transformado, ao longo dos anos, num homem fisicamente atraente para muitas mulheres, especialmente as mais moças. Muitos rapazes desinteressantes se transformam em quarentões de boa aparência e experimentam uma condição, para eles inédita, que é a de serem assediados por belas moças. Não são poucas as mulheres jovens que se fascinam por homens mais velhos, encantadas por sua experiência de vida – ao menos é o que elas dizem – ou por sua projeção social. A verdade é que estes homens se sentem bastante envaidecidos com esta nova condição, similar à dos rapazes mais narcisistas que tanto invejaram. Sua auto-estima cresce em virtude disto, apesar das pressões para baixo exercidas pela esposa.

Outro fator que costuma distingui-lo é o que diz respeito à vida profissional. Ela é, como regra, mais bem sucedida. Isto se deve aos dotes intelectuais maiores deste tipo de homem generoso, que talvez tenha sido mais feliz na escolha de uma atividade que gera mais destaque ou mais adequada aos seus talentos. O sucesso profissional deriva também de um fator imponderável que costumamos chamar de "sorte" e que não recomendo que seja subestimado, apesar de não podermos saber nada a respeito de sua natureza intrínseca. Este tipo de resultado positivo no mundo do trabalho é outro importante reforçador da auto-estima, liberando mais energias para uma rebelião contra um modo de ser e um estilo de vida insatisfatório. Um terceiro fator não deve ser desprezado: nosso homem, no jogo da vida, poderá ter aprendido muito acerca de modo de agir dos narcisistas mais bem sucedidos e, em ocasiões, foi induzido, a se portar do mesmo modo que eles. Transgrediu o seu código rígido e estreito e isto lhe fez mal, por um lado, gerando certa culpa e inquietação. Por outro lado, afrouxou o seu código interno, pois certas normas, uma vez desrespeitadas, caem por terra definitivamente. Numa atividade profissional de maior responsabilidade e sucesso, as oportunidades são freqüentes. Aqueles que assim procedem jamais serão pessoas idênticas às anteriores. Com freqüência, aproveitam a experiência da transgressão para rasgar todo o código de valores no qual acreditaram por toda a vida e pelo qual sempre se guiaram.

Vejamos os três ingredientes juntos: nosso homem generoso é, agora, bonitão, bem sucedido profissional e economicamente e tem enormes dúvidas acerca da lógica da ética

que sempre o governou. De repente, se encanta por uma mulher jovem e muito bonita, digamos uma mulher à altura de sua nova condição e de sua nova auto-estima. Uma mulher de caráter meigo e dedicada, mas ao mesmo tempo bastante ambiciosa do ponto de vista material e de posição social. Este homem se volta para ela de corpo e alma. Manda tudo para o espaço: mulher, filhos, amigos que ajam de modo crítico, hábitos rotineiros e domésticos, roupas austeras, etc. com esta mulher, um pouco para agradá-la e um pouco porque se sente mais livre internamente, é capaz de usufruir de todos os privilégios materiais dos quais vinha se privando por causa das contradições éticas de sua personalidade. Se sente mais livre de preconceitos, desobrigado de cumprir regras. As pressões familiares no sentido de que "recupere o juízo" e volte a ser como antes não o comovem e ele realmente rompe com toda a sua vida anterior.

A mudança que se passa com este homem é drástica e desperta a curiosidade de todos os que o conheciam. Um rígido, austero e compenetrado moralista se transforma, de um dia para o outro, num homem jovial, alegre, descontraído e que não vê a hora de usufruir todas as "coisas boas" da vida. Dirão que tudo isto é obra "daquela mulher" que virou a sua cabeça e o está influenciando a seguir o "caminho do pecado"! Na realidade, o processo interior de reversão da generosidade já estava germinando há muito tempo na cabeça dele; sua insatisfação com a vida que levava era clara e ele só não reclamava mais porque já tinha perdido as esperanças de que as coisas iriam se modificar. Sua mulher poderá ficar surpresa com a revolução repentina e inesperada. Na realidade ela achava que, pelo fato de não reclamar mais, ele estava feliz e adaptado àquela vida. Enganou-se redondamente, pois era exatamente o contrário. Além do mais, a revolução se manifesta sempre de uma hora para a outra; mas nos bastidores ela é "tramada" por anos a fio.

Encontramos agora um homem de meia-idade, acompanhado de uma jovem e bela mulher, fazendo tudo aquilo que sempre teve vontade mas que não se sentia com coragem, com direito ou com possibilidades. Vive, nesta fase, algo equivalente à mocidade dos egoístas. Seus padrões éticos se afrouxam de vez e, em muitos aspectos, se tornam mais do que tudo narcisistas. Mudam de lado, ou pelo menos tentam. Fazem o caminho inverso aos egoístas que se tornam excessivamente religiosos e beatos. Não ficam narcisistas "perfeitos" porque é difícil mudar tanto no meio do caminho da vida; os beatos que antes foram "devassos" também não são os mais convincentes. Em geral são os exageros que

denunciam a chegada recente e tardia a um modo novo de ser. É como o "novo rico" que não perderá uma oportunidade sequer para mostrar seu poder econômico e sua "familiaridade" com os gostos e hábitos da burguesia.

Nosso homem cuja generosidade se inverteu terá uma evolução bastante similar à dos egoístas bem sucedidos na vida prática. Será agora um homem extremamente vaidoso e preocupado com a aparência física. Se não praticava esportes, agora o fará. Se era frontalmente contra as cirurgias plásticas, agora achará muito razoável corrigir aquele pequeno defeito que por tantos anos o perturbou. Não poderá nem sequer pensar em se aposentar, pois se sente extremamente moço e cheio de energias. Está em pleno vigor, mais forte e vivo do que nunca. Lamenta um pouco os anos perdidos e a mocidade desperdiçada. Mas não faz mal, agora sim é que irá aproveitar direito os anos que lhe restam. E faz de tudo para que estes sejam em maior número possível. Estará sempre atento à sua saúde e seguirá todos os preceitos que prometem a longevidade. Frequentará clínicas de rejuvenescimento e tomará todas as pílulas que possam aumentar sua disposição física em geral e a sexual em particular.

Poderá estabelecer um relacionamento estável com esta nova mulher que foi a parceira para a reviravolta em sua vida; mas isto não é obrigatório. Se o envolvimento emocional não evoluir favoravelmente, se tornará um homem descasado do tipo que frequenta os bares e trata de seduzir as mulheres, fazendo tudo o que sempre desejou e não se via com coragem ou competência. Seu temperamento mais romântico do que o do narcisista típico, o conduzirá a um relacionamento conjugal com alguma mulher parecida com esta jovem que tanto o encantou. Ela terá que ser meiga e carinhosa na intimidade, mas também é essencial que seja bela para que possa ser exibida socialmente como alguém que aumente o seu prestígio e faça bem à sua vaidade. Fugirá, do mesmo modo que o narcisista típico, de todo o tipo de pensamento negativo relativo à velhice, às doenças e à morte. O trabalho, as mulheres e o recém-adquirido direito de usufruto das coisas que o dinheiro pode comprar o ajudarão a se distrair e a desviar sua atenção destas coisas dolorosas. Não quer mais sofrer e muito menos refletir. Agora só quer se divertir. Envelhecerá da maneira que já descrevi. Alguns acabam por perder a capacidade de achar graça neste estilo de vida e entram em graves crises depressivas. Quase nunca se recuperam completamente delas, se tornando velhos discretamente tristes e apáticos, similares ao que descrevi para o generoso

que se reconheceu como um perdedor. É um estado de arrependimento pelos exageros que cometeram, pela "traição" às causas e ideais da juventude.

Ainda nos resta falar sobre a evolução de um terceiro grupo de generosos, de como percorrem a segunda metade de suas vidas. É evidente que reservei para o final o tipo de história que me parece a mais atraente e encantadora. Falo agora do homem mais generoso e que cometeu todos os deslizos e equívocos próprios deste tipo de evolução: foi tímido e teve poucas aventuras amorosas e sexuais, teve medo de magoar outras pessoas e se prejudicou em várias oportunidades, se encantou e se casou com uma mulher narcisista, sempre foi mais medroso do que gostaria para as situações de violência. Mas falo também daquele tipo de homem que, apesar dos medos, é portador de uma força racional grande o suficiente para lhe dar coragem; coragem necessária para poder enfrentar seus enormes medos. Falo dos homens que, quando acham que devem, vão e fazem o que se propõem independentemente do estado em que se encontrem, independentemente de quanto medo estejam sentindo.

Este homem se sentiu um adolescente fraco e incompetente principalmente devido às suas inseguranças sexuais – e muitas vezes devido a uma aparência física menos atraente. Foi um adulto jovem impetuoso no amor e, em virtude de sua baixa auto-estima, se apaixonou por uma mulher egoísta. Não deu ouvidos aos que o alertaram para o fato de que não era aquele o tipo de mulher ideal para ele; estava amando e iria se casar. Assim as coisas aconteceram. Poucos anos depois se arrependeu, percebeu o erro que tinha cometido. Esperou que suas forças se refizessem e que sua auto-estima pudesse melhorar, principalmente em decorrência de bons resultados derivados de uma dedicação especial ao trabalho. Se separou, apesar de todas as pressões e chantagens emocionais típicas deste tipo de casamento. Apesar de todo o medo e da pouca competência para sentir pena e culpa, agiu conforme sua determinação racional. Casou por opinião própria e se separou pela mesma razão. Solteiro de novo, passou a limpo suas frustrações sexuais juvenis. Teve algumas experiências eróticas e alguns namoros sem compromisso. Percebeu que este tipo de vida não o satisfazia o suficiente; se para outros podia ser muito interessante, para ele parecia um jogo tedioso e repetitivo. Se sentiu pronto para amar outra vez; aprendeu a lição do primeiro casamento e desta vez seria uma mulher o mais parecida possível com o seu próprio modo de ser; afinal de contas todas estas reviravoltas, sofridas e difíceis, o fizeram

bastante orgulhoso de si mesmo. Queria uma mulher boa, meiga, generosa e, sobretudo, corajosa. Coragem para enfrentar a vida prática e, principalmente, coragem para as reflexões e introspecções. Encontrou esta mulher, se apaixonou e se casou com ela. Ela, por ser também pessoa determinada, não titubeou. Viveram o amor em sua intensidade maior; viveram os seus problemas e a atenuação desta emoção até o ponto em que ela se transforma num elo sólido, estável e sereno, bastante similar ao que podemos chamar genuinamente de amizade. Pelo fato de conviver com alguém também mais para generosa, se libertou de alguns excessos neste setor.

Trabalhou muito e teve alguns bons resultados também do ponto de vista prático e material. Não é o tipo que tenha se dedicado muito a este objetivo; sempre esteve mais voltado para o idealismo e para a gratificação intelectual derivada de resolver problemas. Aprendeu a realidade do jogo da vida; percebeu que eram necessárias várias concessões às suas estreitas regras éticas para poder chegar ao sucesso que sua vaidade pedia. Algumas concessões ousou fazer, mas não transgrediu no essencial, naquilo que feria suas convicções mais sólidas. Aceitou certas limitações à sua vaidade e ao seu desenvolvimento profissional determinadas por esta intransigência de princípios. Reviu o seu código até um certo ponto. Saiu da posição de extrema generosidade, mas definitivamente não se aventurou no domínio do egoísmo. Na verdade, lhe restou ainda uma certa tendência para ceder aos sentimentos de culpa e a fazer por terceiros mais do que sua consciência crítica acha correto. Aceitou esta limitação como um obstáculo maior do que seria capaz de ultrapassar. No plano de usufruto das coisas materiais ocorreu o mesmo. Reconheceu uma certa incompetência para se deleitar com os prazeres da vida prática. Isto provocou, de vez em quando, uma certa inveja daqueles que se saem melhor nesta área, inveja que não chegou a perturbá-lo. De vez em quando ousou invadir este domínio do "fútil", interditado por sua formação exageradamente voltada para o dever e o sacrifício e conseguiu se divertir um pouco; mas só conseguiu permanecer neste território por pouco tempo, pois o remorso em relação à miséria da maior parte da população da Terra é um argumento que ainda o seduz. Aceitou mais uma vez suas limitações nesta área, não mais como virtude e sim como incompetência, como obstáculo que não é capaz de ultrapassar.

Chega a uma certa idade – não importa se os 40, 50 ou 60 anos – e tem a sensação de ter vencido no jogo da vida. Se pergunta: E agora? Que fazer daqui para a frente? Iniciou

sua crise da meia-idade. Este homem lutador e, no geral, vencedor, só está acostumado às batalhas, aos desafios. E não se vê mais em guerra com nada que lhe pareça essencial. Poderá inventar novos desafios, buscar outras atividades profissionais, mas isto lhe parecerá um pouco sem sentido. Seria apenas uma forma de recomeçar, de criar novas batalhas. Estaria fugindo, com este procedimento, de enfrentar o seu problema real: ainda tem energia e alguma mocidade e os problemas essenciais de luta pela vida prática, e também os da vida emocional, estão resolvidos. Como viver daqui para frente? Ele, que sonhou tanto em chegar a esta situação, não pode deixar de se reconhecer meio triste, desanimado, fisicamente debilitado e sem motivações. Lutou muito para atingir seus objetivos e se sente cansado e triste justamente agora que realizou a maior parte dos seus sonhos. Que será isto? Não deve estar bem. Vai ao médico e não tem nenhuma doença grave. Demora um certo tempo até se aperceber que está totalmente equipado para a luta e para a disputa, mas que para os tempos de paz não tem a menor competência!

Volta a se deparar com a questão do privilégio. Não do privilégio material exagerado, pois nunca se permitiu esta condição. Mas é um ganhador, pode levar, se quiser, uma vida mais calma e sem grandes incertezas. Não terá mais nada para sonhar, pois realizou todas as suas expectativas mais realistas. Agora deverá se acomodar à vida dos velhos? Irá comprar uma cadeira bem confortável e passar suas horas de lazer, que tenderão a crescer, lendo os jornais e assistindo televisão? Os "divertimentos" não o atraem muito e o trabalho está bem encaminhado; tem dinheiro suficiente; gosta e se entende bem com sua mulher. E está triste; mas que situação inesperada! Será que não está se sentindo com direito a todas estas coisas? Não parece ser bem isto. Parece que o problema está relacionado com o futuro. Que fazer daqui para frente? Nosso homem vive, ainda que em plena atividade profissional, um pouco do clima emocional da aposentadoria. Não o desprestígio de ser carta fora do baralho, coisa que, se acontecer, ele suportará muito mal. Mas o fato de não estar mais lutando pela vida, de trabalhar, até certo ponto, por diletantismo, para se ocupar e se entreter. Não terá mais grandes avanços, não terá mais novos alimentos à sua vaidade. Já experimentou o suficiente deste prazer e só não gostaria de ter sua cota de prestígio muito diminuída; no fundo, sabe que isto, ao longo dos anos, forçosamente acontecerá. Mas a grande questão é a seguinte: vai ter que aprender a viver de uma outra forma, vai ter que aprender a viver sem lutar; e isto é como se fosse

aposentadoria, mesmo que continue a trabalhar do mesmo modo que antes. Ou então vai ter que reinventar planos e buscar novas ambições; mas isto sim é que lhe parece covardia. Terá que se deparar com esta inesperada depressão, que marca uma importante alteração de rota em sua vida.

Terá que enfrentá-la para ver aonde é que ela o levará. Já esteve, noutras oportunidades, diante de situações novas, dolorosas e difíceis. Não fugiu delas, apesar de toda a dor e de todo o medo. Não será desta vez que vai fugir. Ficaré triste, amargurado, impaciente e irritado por alguns meses, coisa que surpreenderá os que com ele convivem, pois não é o seu estado habitual. Aos poucos vai percebendo a luz no fim do túnel. Vai se conscientizando das coisas às quais fiz referência ao citar as observações de Jung sobre a segunda parte da vida. Não tem nenhum sentido recriar novos desafios e percorrer de novo caminhos já vencidos. Terá que andar para frente, para um aprofundamento maior nas suas reflexões acerca de si mesmo. Terá que se familiarizar com esta nova vida, uma espécie de segunda vida que a longevidade nos tem dado o privilégio de conhecer. Aos poucos aceitará que a nova condição a ser buscada é a serenidade, a paz de espírito. Compreenderá que não poderá continuar fascinado e entusiasmado com as coisas aqui da Terra, pois destas ele já teve oportunidades de provar. Não deixará de se perguntar sobre as questões da metafísica, assunto negligenciado durante os anos duros da luta para a sobrevivência material e psicológica. Seus interesses pelo conhecimento gratuito se acenderão. Quererá saber mais de religião, filosofia, artes, línguas mortas, etc. Não deixará de cuidar dos seus interesses práticos e dificilmente se aposentará por completo. Porém, terá uma visão clara da dimensão e da importância destas coisas pelas quais tanto lutou e pelas quais os jovens continuam a se degladiar. Vai se colocando à margem das disputas, se tornando cada vez mais um observador crítico e intrigado, curioso e interessado por entender o que há de mais essencial nas coisas. Enfim, ao invés de um velho, este homem se torna um sábio. E é triste constataremos quão poucos evoluem desta forma, quão poucos conseguem envelhecer com dignidade.

Sua vaidade estará centrada no orgulho que teve, e que tem, da vida que foi e é capaz de viver. A alegria voltará ao seu semblante sereno e sua tolerância com as mazelas da idade será de bom tamanho. Não será o doente reivindicador tão comum depois de uma certa idade; não terá nenhum interesse em se tornar dependente de quem quer que seja. Se

isto tiver que ocorrer, sua docilidade construída pelos anos de reflexão será suficiente para aceitar esta condição duplamente dolorosa. Não terá pavor da solidão, pois suas vivências sentimentais o fizeram crescer e forte o bastante para tolerá-la. Aceitará com a mesma docilidade a morte das pessoas que lhe são caras. Aceitará também com serenidade a sua morte. Se houver uma outra vida depois da morte, se sentirá pronto para enfrentá-la; se não houver, terá feito desta sua aventura na Terra o melhor que pôde.

Não gostaria de terminar este capítulo, que pode ter sido maçante para muitos dos meus leitores mais jovens e que estão em busca de informações para os seus conflitos atuais, sem fazer mais algumas breves considerações. Uma delas, já registrada no meio do caminho, é a de que me parece urgente que sejamos capazes de pensar na psicologia do adulto também como um processo autônomo e não apenas como o produto de conflitos infantis mal resolvidos. A outra é a constatação de quão precário e quão pobre é o conjunto de informações que temos acumulado acerca dos conflitos psicológicos da segunda metade da vida. Há, na verdade, uma certa atitude de negligência, inclusive por parte dos profissionais da área de psicologia. O nosso preconceito contra a velhice nos faz apenas interessados de verdade nos pacientes jovens, naqueles que ainda têm o "futuro pela frente". Não nos empenhamos a sério, até hoje, para entender direito a crise da meia-idade, tão forte e tão dramática na grande maioria das pessoas. Minha intenção aqui foi, antes de mais nada, alertar e abrir as portas para um tipo de problemática que tem sido tratada com extrema superficialidade, como se fosse uma "doencinha" banal.

Chega de tanto privilegiarmos a mocidade e os moços! Chega de pensarmos que seus conflitos são importantes e sérios e que os outros não têm gravidade. Chega de pensamentos do tipo: "eu já estou velho demais para me tratar, para me modificar". Não há idade para se ter problemas e conflitos. Não há idade, portanto, para se buscar avanços e aprofundamentos na compreensão de nossa subjetividade. Ideias deste tipo estão a serviço da acomodação, da covardia, do fim da luta pelo aprimoramento pessoal. Na realidade, a segunda fase da vida pode ser mais fácil nas questões práticas ligadas à vida material e profissional. Porém, do ponto de vista emocional, talvez corresponda ao nosso maior desafio. É preciso muita força e muita determinação para podermos enfrentar, de frente, o problema da morte. Isto é assunto para pessoas maiores de 50 anos, pois os mais jovens não têm estrutura e competência para chegar perto destas questões. Não cabe fugir, se

acovardar; não cabe a concepção de que não se tem mais idade para isto ou para aquilo. Enquanto houver vida em nosso corpo, terá que haver empenho de aprimoramento pessoal.

## X - AS MULHERES SEGUNDO OS HOMENS

A razão de ser deste capítulo, o último antes de podermos nos dedicar a fazer uma síntese da condição masculina e dos caminhos possíveis para a emancipação do homem, é a de mostrar os incríveis equívocos que se formaram dentro da mente dos homens acerca de quem seja a mulher. Uma boa parte dos desentendimentos entre os sexos deriva da enorme dificuldade – bilateral – de um compreender ao outro. Quando tentamos entender uma pessoa, nosso primeiro impulso é tratarmos de nos colocar no seu lugar e imaginar o que sentiríamos se estivéssemos na sua pele. Partimos do princípio de que somos todos iguais, o que pode ser verdade diante de Deus, mas não condiz com as observações que podemos fazer ao nos compararmos uns com os outros. Os homens não são iguais entre si, apesar de que é possível que tenham muitas coisas em comum. Homens e mulheres são bastante diferentes, tanto por razões biológicas quanto em virtude das diferentes formas de educação que recebem, das exigências e expectativas que o meio social tem de cada um dos sexos. Estas diferenças foram, ao longo dos séculos, usadas para a afirmação da inferioridade da mulher, óbvia expressão da inveja masculina – se a inferioridade fosse real, não teriam gasto nenhuma energia e tempo para reafirmá-la com a veemência que sempre fizeram. Nas décadas recentes, os movimentos emancipatórios femininos cometeram o equívoco inverso: pregaram uma igualdade inexistente. Isto nos impediu de observar com mais clareza e menos preconceito as diferenças; aliás, num dado momento recente de nossa história, aquele que apontasse qualquer diferença, mesmo que favorecesse as mulheres, era imediatamente tratado como "machista". À ideologia da superioridade masculina sucedeu a da igualdade entre os sexos; eventuais diferenças passaram a correr por conta apenas de causas culturais, como uma decorrência da opressão que os homens haviam imposto às mulheres. É curioso para um médico, crescido no domínio da biologia, observar com que facilidade as pessoas negam a importância dela em favor dos fatores culturais. Isto acontece especialmente quando querem afirmar uma ideia que é bela, mas falsa. Preferem supor que o ser humano seja totalmente plástico, moldável pela cultura, e sem limites biológicos para este processo. Além do mais, isto me parece bastante desnecessário, uma vez que a biologia humana permite uma boa dose de adaptações culturais, como a nossa própria história demonstra; porém, há limites. O que importa aqui registrar é que o conceito de igualdade

entre os sexos, que nos governou por duas décadas, tornou ainda mais difícil o processo de tentar entender o outro por si e não tomando o próprio modo de ser como padrão de referência. Se homens e mulheres são iguais, então o homem poderá saber como age ou sente a mulher através de imaginar como agiria ou sentiria na situação dela; e isto não é verdadeiro. Absurdos opostos também foram cometidos, sendo que a um deles eu até já me referi: por que razão haveríamos de tentar entender o orgasmo feminino tomando por base o que acontece com o homem quando ele ejacula? Por que pensar no clitóris como um pênis que não se desenvolveu?

Francamente, estas coisas me parecem muito tolas, sem sentido e o ponto de partida para incríveis mal-entendidos. Diferenças significam apenas coisas ou pessoas não iguais; não definem obrigatoriamente um como superior e outro como inferior. Diferenças também não subentendem diferenças de direitos e de responsabilidades. Estas igualdades sociais, intelectuais e profissionais são um fato consumado para as pessoas de bem. Na prática, os homens têm das mulheres juízos que eles recebem prontos, de seus pais, amigos e parentes mais velhos, associados a conceitos que eles próprios construíram com base em suas suposições. Nunca se deram ao trabalho de se informar com elas como são ou sentem; não têm tido intimidades para isto e, além do mais, não acreditarão no que elas falarem; isto se conseguirem prestar atenção! Homens e mulheres têm vivido em mundos tão apartados, com uma comunicação tão precária que, até hoje, às vezes fico chocado ao atender, separadamente, o marido e depois sua esposa. São duas histórias tão diferentes, duas criaturas que relatam as mesmas vivências de forma tão diversa, que é difícil de se acreditar que estejam juntas por tanto tempo; é difícil saber também porque e para que estão juntas se suas vivências interiores são tão solitárias e incomunicáveis. É a famosa "solidão a dois", muito mais comum do que se pode imaginar.

Mas vamos começar pelo princípio. Voltemos mais uma vez para a infância do homem e vejamos o que ele ouviu acerca do sexo feminino. Ouvia, se tomar ao pé da letra as coisas que foram ditas, que as meninas são mais delicadas, mais meigas e mais frágeis; e que por isso mesmo o destino a elas reservado é de natureza subalterna, seu papel é secundário. Por esta razão se exige menos delas nós setores de competência mais significante; elas estudam, do mesmo modo que os meninos, mas seu rendimento pode ser mediano que já está muito bom; elas não têm que ser competentes para as situações

agressivas, pois este é o domínio masculino. Até hoje se contam para as meninas os contos de fada, onde são sempre os "príncipes encantados" que as salvam dos perigos e das malvadezas de mulheres feias e cruéis; e é evidente que os meninos, apesar de não se interessarem por estas histórias, ouvem pelo menos o sentido geral dos enredos nelas contidos. Os meninos são os mais fortes e as mulheres são as mais fracas; um dia eles terão que ser o "herói" da vida delas e é para isto que se preparam. As meninas se preparam para ser mãe e esposa e seus brinquedos favoritos são deste tipo. Os meninos tratam estas atividades como secundárias; têm que detestá-las, pois só de chegar perto de uma boneca já serão objeto das ironias que tanto os apavoram: "bicha", "fresco", etc. Meninas podem brincar com bola e meninos não podem tocar em apetrechos "de menina"; os pais tratam assim os seus filhos; e o melhor modo de garantir esta distância dos meninos em relação às coisas delas é tratar estas últimas como inferiores e menores. Os meninos são ensinados a desprezar as meninas e suas atividades! E a cultura faz isso, que é um total absurdo, para garantir a virilidade deles.

Não sei se, no fundo, eles desprezam mesmo as meninas e suas coisas. Não me lembro muito bem de como as coisas se passaram dentro de mim, mas a sensação que me resta é de que havia um misto de repulsa e de fascínio pelo universo feminino. A proibição de qualquer coisa, para o ser humano, determina também uma forte atração. Nunca ousei chegar perto de nenhum brinquedo feminino e nem me atrevi a conversar muito tempo com nenhuma menina, nem mesmo com minhas primas. Isto me faria sentir rebaixado; e aí de mim se algum colega me visse! Ao final de um processo complicado, onde os dados disponíveis para o entendimento são contraditórios, acredito que acaba predominando mesmo a repulsa pelas meninas e por tudo o que tenha a ver com elas e com seus interesses. Espero que as coisas estejam mudando bastante nos dias de hoje a respeito deste assunto e que os temores da homossexualidade não sejam mais tão intensos a ponto de impor esta distância entre os sexos; porém, sei também que as alterações mais profundas nos seres humanos levam, às vezes, gerações para determinar os efeitos que se está buscando.

De todo o modo, o que é que sobra em nosso mundo interior a respeito das meninas, e que irá influir definitivamente na forma como nos relacionamos com as mulheres na vida adulta? Sobra uma atitude negativa e de descaso por tudo que seja ligado aos interesses femininos. Sobra uma tendência para não prestar atenção e não dar o devido valor para os

frutos da inteligência feminina. Quando uma mulher começa a contar para o marido o que aconteceu com ela durante o dia, surgirá nele uma enorme vontade de dormir. Ele poderá até se empenhar em prestar atenção, mas perderá pelo menos a metade do que foi dito. Não achará nada daquilo importante e sentirá que está perdendo tempo se ocupando de assuntos "menores", vindos de criaturas "menores". E vejam só, isto não acontece apenas quando a mulher relata suas dificuldades no plano doméstico e no convívio com os filhos. Se ela trabalha fora, em atividade equivalente à do marido, se passa exatamente o mesmo: ele não consegue prestar atenção em "coisas de mulher", que acabam sendo todas e quaisquer coisas que as mulheres façam.

Jogar bola é coisa "séria" e "importante". Brincar de boneca é coisa "idiota". Parece que isto fica gravado na subjetividade de todos os homens, de sorte que tudo o que ele faz é seríssimo e tudo o que sua mulher faz é sem importância. É evidente que estas coisas aparecem de uma forma mais clara depois do casamento, pois na fase da sedução e da conquista o homem fará todo o empenho em demonstrar o quanto preza as conversas dela. Talvez por medo de decepcioná-la até consiga se interessar um pouco mais; mas não tenham dúvida de que é coisa forçada. É como se existisse um freio dentro de nós, algo que nos "desliga" a atenção e o interesse logo que a mulher começa a falar de suas coisas. A má vontade, às vezes, surpreende e incomoda aos homens, pois podem estar sendo abordados assuntos dos quais eles querem se inteirar. Alguns homens, mais conscientes de que este mecanismo corresponde a um preconceito, vêm tentando fazer avanços no sentido de vencê-lo e de conseguir se relacionar com mulheres de igual para igual. Sim, porque não é verdade que os homens consideram as mulheres como mais burras. O que se aprendeu é que os homens são mais dotados para as ciências e as mulheres estão mais capacitadas para as artes e as letras. Enfim, o que se aprendeu é que as mulheres são muito competentes para certas coisas; se quisermos ser práticos e irmos direto ao que é essencial, as mulheres são competentes – aos olhos dos homens, é claro – para ouvi-los e para dar sugestões e conselhos a eles! Se os homens achassem as mulheres tão burras quanto costumam dizer, não iriam usá-las como conselheiras para seus dilemas mais íntimos e difíceis. É mais ou menos assim: mulher é burra e chata quando fala de suas coisas; mulher é inteligente, sensível e muito intuitiva quando ouve o homem e se ocupa de ajudá-lo a tomar decisões acerca dos assuntos dele. A inteligência feminina só interessa aos homens quando está a

serviço dos "sérios" e "importantes" assuntos deles. A mulher é burra para as coisas práticas; mas é muito intuitiva e, portanto, ótima para "iluminar" o homem e mostrar a ele alguma faceta da "questão" que ele não está conseguindo ver sozinho.

Este processo ilustra as contradições acerca de como o homem vê a mulher do ponto de vista intelectual, mas mostra também uma dependência em relação a ela no que diz respeito às atenções que ela deve ter para com ele e seus assuntos. Estou falando, é claro, nas relações afetivas mais íntimas, onde haja algum tipo de envolvimento amoroso. Aí a mulher deverá ser um pouco parecida com a figura da mãe, uma vez que tenho insistido muito que o nosso modo "adulto" de amar é idêntico ao das crianças. O menino chega em casa e logo pergunta pela mãe. Ele quer abraçá-la e quer também contar para ela tudo o que se passou com ele; o menino não tem curiosidade alguma em saber o que se passou com ela. Quer mostrar e exibir seus feitos e também quer lamentar suas perdas e humilhações. O marido chega em casa e fica muito aflito e incomodado se a esposa não está lá para recebê-lo; não se trata apenas de ciúme, se trata de uma grande incompetência para ficar sozinho nesta hora. Se ela está lá e o recebe, a abraça e vai logo contando o que se passou com ele; não tem curiosidade alguma em saber o que se passou com ela. Quer se exibir para ela, retirar dela exclamações de admiração ou de compaixão. Depois de ter contado tudo o que lhe interessava e depois de ter ouvido com atenção absoluta e total interesse as coisas que ela tinha a dizer a respeito de seus assuntos, se vê forçado a fazer a pergunta inversa: "e você, como passou"? Ela começa a responder, de modo discreto e resumido. Mas mesmo assim sua atenção se dispersa e o assunto rapidamente é interrompido por algum outro fator externo, como filhos, alguma notícia na televisão, etc.

Do mesmo modo que a mãe, a mulher existe para servi-lo e para lhe dar alento e conforto. O olhar de admiração dela é fundamental. A dependência emocional dele é, pois, enorme. E isto não se atenua com as atitudes, superficiais e falsas, de desprezo e de pouco interesse por ela e por seus assuntos. Ela deve todas as atenções a ele e isto é um alimento fundamental para sua estabilidade íntima. Ele deve proteção a ela, especialmente proteção física, hoje cada vez mais ineficiente; de que vale a superioridade muscular diante de uma pessoa com um revólver na mão? Ele deve a ela o sustento material, hoje cada vez mais desnecessário em virtude dela também trabalhar fora de casa. Na prática, tudo isto significa

que a dependência dos homens em relação às mulheres continua intacta, ao passo que a delas está diminuindo; pior para nós.

De uma forma geral, crescemos muito parecidos com nossos pais: temos uma dependência enorme da figura feminina e, ao mesmo tempo, agimos como se a desprezásemos, como se ela não fosse nada de importante para nós. Dependemos e tratamos de rebaixá-las sempre que possível. As pessoas mais egoístas fazem isto de modo ostensivo, ao passo que as generosas são mais discretas e sutis. Porém, dentro da alma de todos os homens há uma necessidade agressiva contra a mulher, uma necessidade de rebaixá-la de alguma forma. Nestes assuntos importam muito mais as ações do que as palavras; as palavras variam conforme o tipo de homem; mas as ações são sempre as mesmas: dependência emocional por um lado e desprezo por outro lado.

Até aqui estamos falando da repercussão sobre o homem da figura feminina em decorrência de suas vivências e de seus aprendizados infantis. Mas temos que introduzir mais um ingrediente fundamental, que é o de como a questão sexual se integra neste complexo de sensações. O forte desejo visual surgido com a puberdade torna ainda mais difícil a situação do homem em relação à figura feminina. Aí, independentemente de quanto acreditou na história da superioridade masculina, se sente efetivamente por baixo. Ninguém conseguiu convencer um homem – insisto em que o que se passa na sua cabeça não tem nada a ver com o modo como as mulheres registram os fatos – de que desejar "ativamente" é uma condição de superioridade; nenhum homem acha que a condição "passiva" de ser objeto do desejo faz da mulher uma criatura inferior. Os homens gostariam mesmo é de ser desejados, de ser "passivos". Na mente masculina, "passivo" é sinônimo de "superior" e "ativo" de "inferior". O homem tem que fazer alguma coisa para ser interessante; a mulher já o é. A inveja toma conta de seu cérebro diante da constatação inevitável: o homem é inferior à mulher do ponto de vista sexual! Não há mais como sustentar, a não ser nas aparências, a tese da superioridade. Não existe inveja do superior pelo inferior. Não é o superior que faz de tudo para rebaixar o inferior. Não é o superior que tem que oprimir o inferior. Não é o superior que tem que reservar para si as áreas de atividades mais "importantes" e rentáveis e afastar o inferior destes setores a qualquer preço; é o inferior tentando se armar de alguns privilégios com o intuito de melhorar um pouco a sua

condição. Não é o superior que tem que fazer discursos e escrever livros e teses "provando" a sua superioridade; a superioridade se afirma por si mesma.

A inveja masculina tem crescido nos últimos tempos, graças à competência feminina de se apossar das armas com as quais foram oprimidas – principalmente a competência para o auto-sustento. A inveja tem crescido e se tornado mais evidente, possível de ser observada e descrita até por profissionais de psicologia. Ingmar Bergman, no seu filme "A vida das marionetes" já dava os indícios claros deste processo de conscientização da inveja na mente dos homens intelectualmente mais honestos. O filme se inicia com o casal procurando um psiquiatra e ele dizendo ao médico que amava muito sua mulher, mas que tinha impulsos fortíssimos de matá-la. O filme termina com ele efetivamente matando uma moça, de mesmo nome que sua mulher, cuja profissão era a de se exhibir, nua, com atitudes sexualmente provocantes, em um destes "super-mercados sexuais" tão em moda no fim dos anos 60. Nada mais significativo e indicador de que o grande fator de hostilidade derivada da inveja tem raízes no poder sensual feminino. Também nos anos 70, Buñuel mostrou, no filme "Este obscuro objeto do desejo", um homem mais velho totalmente rendido diante da beleza e sensualidade de uma moça, que faz dele o que quer!

Não adianta continuarmos a nos esconder por trás da máscara da arrogância e da pose de força. Nos sentimos inferiores tanto do ponto de vista sentimental como principalmente no plano sexual. Somos mais dependentes de atenções e de afeto e também da aprovação que nos permite a aproximação sexual. Na realidade homens e mulheres não são superiores e nem inferiores; e nem tampouco iguais. São diferentes. Porém, nossa razão não sabe registrar diferenças sem tentar catalogá-las em escala, em hierarquia. E a escala que o homem constrói dá para a mulher a posição de vantagem. Para ele conta pouco como a mulher se sente a respeito e que tipo de escala ela constrói em relação às diferenças que ela também registra. Mas a verdade é que uma boa metade das mulheres está contente com sua condição; e minha experiência indica uma porcentagem incrivelmente menor de homens felizes com seu sexo. Isto na intimidade, pois é parte das normas da nossa cultura que o homem ache muito melhor sua condição; e é assim que ele se coloca socialmente; não gostar de ser macho significa querer ser "bicha".

O adolescente e, depois o adulto, narcisista adere à "política oficial" e se coloca como o superior. Acha "fascinante" ser o que tem que abordar as mulheres e faz isto o tempo todo. Sua inveja se transforma em raiva e desprezo. Como já tinha associado seu desejo sexual a situações agressivas, a inveja faz com que o desejo cresça ainda mais. Crescendo o desejo, cresce a inveja, e se compõe um círculo vicioso que explica porque estes homens gastarão enorme parte de suas vidas na função de conquistadores. Este terá que ser o seu "esporte favorito" e a mulher será apenas a "presa", alguém a ser conquistado e depois humilhado e rejeitado. Nenhuma emoção que não a inveja poderia explicar este tipo de conduta e sua persistência como comportamento sistemático e permanente ao longo de toda a vida. Se o seu humor depende do sucesso ou fracasso neste "jogo", fica evidente sua dependência da mulher.

O adolescente, e depois o adulto, mais generoso não consegue ser tão fingido e se mostra com maior clareza. Se sente completamente inferiorizado em relação à mulher. Ela é a "princesa" e ele o plebeu. Ela é quase uma deusa e ele um mísero mortal. Ela é a musa, a inspiração, e ele apenas o poeta que a descreve. Os poetas românticos foram os que mais claramente se renderam aos dotes femininos, os que desavergonhadamente reconheceram a superioridade delas. Sempre que há o desnível, há a inveja; porém, aqui ela não pode se expressar do modo como fazem os egoístas porque o sentimento de culpa impede o ato de agressividade contra as mulheres. A culpa bloqueia a agressividade e a agressividade inibida inibe o desejo sexual, criando-se assim o conceito de "amor platônico". Para que um homem generoso possa se sentir à altura de uma mulher é necessário, conforme já descrevi, que ela seja muito inferior a ele – isto sempre segundo os critérios do homem – em todos os outros aspectos envolvidos nos seus julgamentos de valor. Nestas condições, se apaixona; e mesmo com toda esta "superioridade" não perderá muitas chances de dar algumas "agulhadas" de caráter destrutivo, forma incontrolável de expressão da inveja. Resumindo: no generoso a inveja existe exatamente como no egoísta; ela não se expressa de forma tão evidente porque a culpa bloqueia sua agressividade, o que faz surgir manifestações mais "sutis" e inconscientes.

Mas que bobagem esta dos homens de quererem se mostrar superiores numa área onde é óbvia sua inferioridade! Este tipo de tentativa de enganar os outros nunca levou a bons resultados; ao contrário, costuma piorar muito a situação daqueles que querem ser os

"espertos" e ludibriar a verdade. Querem ver alguns exemplos disto? Os homens, seres "superiores" em tudo e também sexualmente, desenvolveram um enorme orgulho de sua condição. Especialmente os mais dotados de vigor sexual. Cantaram as maravilhas de se ter um pênis grande. Isso só impressionou aos homens que têm pênis menor. Do ponto de vista da mulher, o pênis muito grande só serve para feri-las, para lhes provocar dor e impedir o seu prazer. Certos homens louvaram sua competência para ter 3 a 4 ejaculações num período de algumas horas. Os que não conseguem tal proeza se sentiram inferiorizados. E as mulheres? Elas podem ter uma quantidade ilimitada de orgasmos e podem estar disponíveis para o contato sexual o tempo que desejarem. Podem, se quiserem, ter dezenas de parceiros num só dia! Os homens têm na ereção o símbolo de seu desejo e de sua virilidade; sua ausência é catastrófica. Também quanto a este particular, nada é mais confortável do que a condição feminina, que pode fingir excitação, desejo e até mesmo o orgasmo. Não adianta ir contra os fatos; quanto mais o homem tenta se valorizar e se posicionar como superior, mais se evidencia sua inferioridade, inclusive nestes aspectos quantitativos da prática sexual, todos eles privilegiando o sexo feminino. É melhor reconhecermos a inferioridade, ao menos se usarmos estes critérios tão masculinos, e nos colocarmos na confortável condição de "perdedores".

Foi isto que as mulheres sempre fizeram e não podemos negar que se saíram bem melhor do que os homens. Os homens, de uma forma paradoxal e pouco inteligente, construíram uma série de critérios de competência sexual nos quais são perdedores em relação às mulheres. Aliás, parece que estes critérios teriam por finalidade vencê-las segundo as características delas; estabelecer critérios que envolvam quantidade e vigor para prolongadas trocas de carícias é tentar ultrapassar as mulheres naquilo que são as suas vantagens biológicas; é estabelecer critérios para o desempenho masculino tomando por base o modo de ser feminino. É perder na certa. E para que tudo isto? Não há resposta para esta pergunta, pois estas construções não se fizeram com base na lógica e sim por influência da inveja sobre o raciocínio. Quando uma emoção deste tipo interfere na nossa forma de pensar, costumamos chegar a resultados que nos são nocivos, que são contra nossos próprios interesses. O inverso também é interessante: quando construímos raciocínios que não nos conduzem a um bom resultado, é bom que pensemos que ele pode ter sido

perturbado pela interferência de alguma emoção forte, especialmente a inveja, o medo ou a vaidade.

Aliás, a inveja deriva da vaidade. Quando nos comparamos e nos sentimos inferiorizados, experimentamos a emoção inversa daquela que toma conta de nós quando nos sentimos por cima. Neste último caso, nos sentimos especiais, admirados e isto provoca a sensação erótica da vaidade. Quando nos sentimos por baixo, a sensação é de humilhação. É como se tivéssemos sido agredidos pelo superior; estamos incomodados, sofrendo uma terrível dor apenas por tê-lo por perto. A inveja corresponde à sensação de humilhação derivada da ofensa à vaidade e ao desejo de reagir a esta "agressão" provocando sofrimento de algum tipo no outro. Ora, quanto mais o homem tenta se orgulhar de sua condição de superioridade em relação às mulheres, mais ele ficará ameaçado de ser humilhado por elas. Sim, porque ao desenvolver um orgulho falso a pessoa está construindo um "telhado de vidro" que qualquer pequena pedra poderá destruir. O orgulho derivado de uma falsa superioridade deixa o homem mais uma vez na mão da mulher; ela poderá destruir este orgulho a qualquer instante.

Esta afirmação nos leva automaticamente à questão do ciúme na psicologia masculina. Nesta emoção, uma das mais complexas, importantes e perturbadores da nossa subjetividade, devemos reconhecer três ingredientes e tratar de separá-los cuidadosamente para que os fatos da vida cotidiana possam ser explicados. O primeiro deles tem a ver com o anseio amoroso. Nossa primeira experiência afetiva com a mãe, envolve, além do indiscutível prazer derivado da reaproximação física, todo o tipo de dependência prática. Nos sentimos extremamente inseguros e ameaçados quando não vemos por perto sua figura. Queremos ela se dedicando inteiramente a nós, às nossas necessidades e aos nossos desejos de aconchego. Não queremos vê-la entretida com nada nem com ninguém mais, queremos que só tenha olhos para nós. Qualquer outro interesse afetivo ou prático dela nos provoca aquela mistura de insegurança, rejeição e raiva que caracteriza a emoção do ciúme. A raiva é indiscriminada: raiva dela por estar nos rejeitando e raiva da outra pessoa que a está afastando de nós e nos deixando ameaçados. Para que nós, adultos, pudéssemos viver nossos elos afetivos de uma forma menos possessiva e ciumenta do que a descrita acima para as crianças pequenas – e que corresponde exatamente ao que se observa entre as pessoas em qualquer idade – seria necessário que levássemos mais a sério a necessidade de

revermos a forma como amamos; enquanto isto não ocorrer, o ciúme continuará a ser o "espinho" da flor do amor.

O segundo ingrediente presente no ciúme, que não exclui o primeiro mas que pode existir por si só, está ligado a um processo intelectual mais racional, mais próprio das crianças de mais idade e dos adultos, que é o medo de perder a pessoa. A mim sempre pareceu muito ingênuo relacionar-se a magnitude do ciúme com o "tamanho" do amor. Se esta fosse a verdade, as pessoas mais egoístas e que têm muito medo de amar – e buscam muito mais serem amadas – não teriam tanto ciúme quanto as pessoas mais generosas e que se soltam com mais coragem na aventura do amor. Não é esta, em absoluto, a realidade; até pelo contrário, são os egoístas os mais ciumentos e principalmente aqueles que se sentem com mais direito de exercer os comportamentos repressivos próprios desta emoção. Seu medo de perda é de natureza prática, pois estão numa relação onde recebem mais do que dão e não querem nem pensar na hipótese de perder suas vantagens. Como não se incomodam em prejudicar o outro em causa própria ainda se sentem com todo o direito de atuar limitando os direitos de locomoção do seu par. Nossa cultura é extremamente benevolente para com esta emoção, de sorte que não é "grave" se agir de modo arbitrário e repressivo em virtude do ciúme. Mesmo num homicídio, se houver um importante ingrediente desta emoção, existirá uma sensível redução da pena! Registro minha discordância desta postura em relação ao ciúme: senti-lo é inexorável e não se pode, por hora, deixar de reconhecer isto como um fato; exercê-lo é uma forma de violência tão cruel como qualquer outra; transforma o amor num instrumento de repressão e de dominação incomparável.

O terceiro ingrediente, ao qual nos dedicaremos com mais vagar, tem a ver com o nosso instinto sexual. Os dois elementos anteriores podem existir independentemente de ingredientes eróticos; um homem pode morrer de ciúme da relação de sua mulher com a mãe, das intimidades que compartilham, do prazer que possam ter na companhia uma da outra; um menino poderá ficar péssimo ao ver sua mãe se dedicando do ponto de vista prático e material a um primo mais pobre e doente, pois gostaria de que todas as disponibilidades dela se voltassem exclusivamente para ele. Agora vamos falar do ciúme sexual, que evidentemente também poderá existir na ausência dos outros dois ingredientes e que absolutamente não significa nada em termos de quanto um homem ama uma mulher.

Para introduzirmos o tema, penso que o mais apropriado é afirmar que o ciúme sexual tem a ver com a "honra" do homem. Ficamos com um problema complicado já de início, que é o de tentarmos definir o que seja honra. Se trata da preservação de uma condição de dignidade e de orgulho diante de um grupo de pessoas às quais se atribui o direito de nos julgar. Perder a honra significa perder a respeitabilidade, perder o prestígio e a admiração das pessoas. Significa, portanto, vivenciar uma condição de humilhação; este tipo de sofrimento associado à honra mostra que a vaidade é um componente importante dela. Talvez uma definição prática e útil para o que pretendo descrever seja entender a honra como uma gratificação da vaidade derivada de se cumprir plenamente as expectativas do grupo social em relação a um determinado tema. Um comerciante é honrado quando ele paga as suas contas em dia e não rouba ninguém; se orgulha disto, se envaidece por isto. Para cada setor de atividade existe um código; respeitá-lo significa ser honrado, condição que permite ao indivíduo pretender ser respeitado pelos seus pares.

No plano da vida sexual, um homem de honra é aquele que está de acordo com o que se espera dele. Já sabemos que os homens construíram um código de exigências muito alto para si; isto tanto para se certificar de que não se é homossexual quanto para tentar se sentir à altura das mulheres que tanto invejam. Ser um macho significa não ter problemas de ereção em situação alguma, significa não perder nenhuma oportunidade para ter um encontro sexual, significa tentar seduzir mulheres sempre que isto seja possível, etc. Também existiam outros códigos de honra, regras que deveriam ser respeitadas para que o indivíduo fosse um membro "digno" da comunidade. Apenas um exemplo é o bastante: um homem de honra não se aproxima sexualmente da mulher de um amigo seu; ou, como se dizia quando eu era jovem, "mulher de amigo é homem". Não se pode deixar de respeitar estas regras, e várias outras, porque senão o indivíduo é olhado com desprezo pelos seus colegas.

Acontece que existe um importante componente da honra de um homem que depende do comportamento sexual de sua mulher! Espere um instante, pois temos que voltar um pouco para a nossa vida em família para entendermos o processo. Já aponte esta estranha tendência que existe nos humanos de se envaidecer ou se envergonhar por comportamentos de terceiros; os pais se orgulham do bom rendimento escolar do filho; se envergonham se sua filha é feia. Aliás, as pessoas se orgulham até de passear na rua com

seu belo cachorro, e esperam várias expressões de elogio em relação a ele. Parece incrível, mas a verdade é que a vaidade contamina tudo, até mesmo coisas e pessoas que, de alguma forma nos pertencem ou nos representam. Nossa filha, quando cresce, deverá ter uma conduta sexual compatível com a honra da família. Antigamente, isto é, até há vinte anos atrás, ela deveria chegar virgem ao altar. Isto em virtude do código em vigor, em parte baseado em preconceitos e em parte derivado das razões de ordem prática de que uma gravidez indesejada poderia arruinar as perspectivas de futuro da moça. De todo o modo, era direito da família, do pai em particular, zelar pelo respeito à norma da virgindade até o dia do casamento. Até esta data a responsabilidade era do pai; ele deveria zelar por sua "reputação" – "sua" aqui usada nos dois sentidos: sua como "dela" e sua como "dele". Era seu dever cuidar de preservar a honra da família e à menina não cabia o direito à desobediência. Como os pais nunca confiaram muito em suas filhas, sempre acharam mais prudente montar um esquema de segurança concreto; ou seja, não perder a moça de vista. No momento em que a moça se casava, cessavam os direitos do pai sobre ela. A honra da família estava salva-guardada. Tudo o que ela fizesse dali para diante era da absoluta responsabilidade do marido. Sim, do marido e não da mulher. Por séculos as mulheres aceitaram este tipo de controle masculino sobre suas experiências sexuais. (Na minha opinião, não aceitaram isto apenas como mais uma forma de submissão contra a qual não podiam se rebelar; também influiu, mas não creio que tenha sido só isto. Acredito que esta repressão externa estava a serviço de resolver importantes conflitos sexuais da jovem mulher, provavelmente muito insegura acerca de sua competência para a auto-administração nesta área. São muitas as tentações às quais uma moça atraente está sujeita e uma figura masculina com função repressora até que vinha a calhar!) O que importa é que ao marido passou a caber a função de zelar pela conduta sexual de sua esposa. Do mesmo modo como se dava com a família, a conduta dela poderia honrá-lo ou desonrá-lo. Orgulhá-lo ou humilhá-lo perante a comunidade. E isto, como todo o resíduo de um padrão cultural que durou muito tempo, continua presente na mente do homem moderno, apesar de que, ao menos teoricamente, é função da mulher administrar sua vida sexual e sua "reputação". Independentemente do que se passe na mente feminina, a respeitabilidade social de um homem depende, entre outras coisas, da conduta sexual de sua mulher. Pessoas conhecidas do casal testemunharem algum encontro dela com outro homem é motivo de uma das mais

brutais humilhações que a maioria dos homens pode imaginar. Insisto em afirmar que o que está em jogo nesta situação não é o "ciúme amoroso", o fato dela estar achando prazer na companhia de outra pessoa; é evidente que isto também pode estar presente, como também pode fazer parte do quadro o medo de perdê-la. Mas a questão da honra é fundamental para ele. Como irá se apresentar de novo diante destas pessoas? Com que cara? Se sentirá totalmente arruinado, arrasado. Até há pouco tempo, sua honra só poderia ser resgatada com sangue; sangue dela ou do amante, variando conforme a situação e conforme a tradição de cada grupo social.

É este pavor de ter a sua reputação destruída aos olhos dos outros homens o que mais determina a tendência possessiva e dominadora dos homens. E consideram este perigo como real e sempre iminente, pois acham a mulher uma criatura "fraca" – intelectual e moralmente – de sorte que poderão cair em tentação com muita facilidade. Esta opinião que têm das mulheres em geral deriva, a meu ver, de como o homem imagina que sejam as coisas na cabeça delas no que diz respeito ao sexo. Como sempre, imaginam tentando se colocar no lugar delas. Se fossem eles os atraentes, os que despertam o desejo com tamanha facilidade, certamente não perderiam as oportunidades que viessem a ter! E sabem que as mulheres têm diversas oportunidades a cada dia; não confiam na determinação delas de se manterem "respeitáveis" porque têm certeza de que, em situação similar, não se controlariam. Na mente dos homens toda mulher é uma criatura potencialmente "promíscua", que terá que ser reprimida e controlada com veemência para que a honra deles seja preservada.

Que o sonho da "promiscuidade" sexual é essencialmente masculino, atestam os comportamentos dos homossexuais, pessoas que estão fora dos códigos de "honra" da nossa cultura, que se sentem mais livres justamente porque não têm que preservar este tipo de vaidade. Os homossexuais masculinos, na sua grande maioria, sempre foram muito atraídos por ambientes onde a multiplicidade de parceiros sexuais, pessoas desconhecidas e pouco discriminadas, é o objetivo a ser buscado. As saunas e boates que existiam antes dos riscos da AIDS atestam o fascínio masculino por este tipo de experiência: uma vivência puramente erótica totalmente desvinculada de amor ou de qualquer outro interesse. Não tenho conhecimento de locais equivalentes para as mulheres homossexuais que, apesar de uma certa liberdade maior do que a que se observa entre heterossexuais, sempre

mantiveram critérios de discriminação na escolha de parceiros. Parceria indiscriminada em mulheres só existe entre as prostitutas, onde o interesse material é o fator determinante da conduta sexual. Não é de se espantar, pois, que mesmo Deus, de acordo com o Gênesis, tenha tido dificuldades de criar a mulher. Criou uma de barro, junto com o homem. De repente, esta criatura desaparece e o homem está só – teria Deus a matado pelo fato dela ter desonrado Adão? Deus adormece o homem e retira dele uma costela da qual surge a segunda mulher. Adão a recebe com uma frase que se inicia assim: "Esta sim é idônea"... A primeira mulher teria sido feita em igualdade de condições com o homem e isto não deu certo. A segunda foi criada para ser sua "auxiliadora idônea", por isso foi gerada a partir da carne e do osso dele. Mas parece que mesmo assim os homens continuam a ter total desconfiança da mulher, ao menos do ponto de vista de sua conduta sexual. Ela é a própria encarnação do "demônio", alguém que tem o poder de arruiná-lo. E quanto mais sua honra e sua auto-estima estão baseadas numa falsa superioridade, mas fica na mão das mulheres, mais pode ser destruído moralmente por elas.

A falsa superioridade sexual masculina se manifesta de todas as formas possíveis; até mesmo quando estabelecem as regras limitadoras da vida sexual feminina, o que está em jogo é sensação de inferioridade em relação a elas, disfarçada na construção de códigos de honra. O tabu da virgindade tinha, é verdade, um fundamento prático determinado pelo desejo coletivo de que os filhos só fossem gerados após a celebração do casamento. Porém, ele existia também por razões masculinas e suas inseguranças: ao homem interessava a preservação da ingenuidade e da ignorância sexual da mulher, pois isto fazia com que ele pudesse ser o experiente e o mais competente. Além disto, ele sempre teve brutal pavor de ser comparado com outro homem e poder ser visto pela mulher como menos viril, com pênis menor, menos vibrante, com menor capacidade de satisfazê-la. Sua virgindade era um atestado de que ela não havia conhecido outro homem, de sorte que ele podia se exhibir como o superior sem risco de ser humilhado. Quanta fragilidade por trás da pompa! A falsa superioridade sexual masculina não podia suportar também uma mulher que fosse muito exuberante, esfuziante e desinibida sexualmente. Os homens escolhiam para se casar justamente as moças mais tímidas, discretas, recatadas e "moralmente" mais bem formadas – ou por virem de famílias bem rígidas ou por terem estudado em colégio de freiras. Fugiam das mais desinibidas e "namoradeiras", que além de tudo era mal faladas – por puro

despeito – pelos rapazes e pelas outras moças; fugiam quando os objetivos eram os matrimoniais, bem entendido, pois só aí sua honra estaria na mão delas. E quantos não tiveram a terrível surpresa, na lua de mel, de constatar que suas esposas tão bem comportadas haviam gostado e muito das carícias sexuais! Ficavam em pânico, pois imediatamente percebiam o perigo que estavam começando a correr. Temiam não serem competentes o suficiente para satisfazê-las completamente, condição na qual era praticamente certo na sua mente, é claro – que ela iria procurar outros homens. Tratavam de encontrar um modo de demonstrar sua surpresa e desaprovação diante do comportamento delas; isto quando não ficavam tão perplexos que tinham uma prolongada crise de impotência. Estou usando o verbo no passado, pois as coisas hoje são um pouco diferentes; mas só um pouco. Há cerca de 15 anos atrás eu atendi uma senhora que me disse ter ouvido do marido, na segunda noite após o casamento, a seguinte frase: "puxa, eu nunca pensei que você fosse deste jeito". Ela nunca mais se soltou sexualmente e se mantinha fria e desinteressada há mais de 25 anos. Não suportou a observação dele, que havia, nas entrelinhas, botado em dúvida todas as vivências dela anteriores ao namoro e toda a sua formação moral. Se uma mulher "decente" não deveria se comportar daquele modo, ela tinha que se colocar no devido lugar ainda que isto lhe custasse toda a espontaneidade e toda a alegria de viver. Esta frase destruiu o casamento no segundo dia de vida em comum. Ou seja, a maior parte dos homens prefere se casar com mulheres mais discretas, mais recatadas e não tão belas porque nestas condições se sentem menos ameaçados; correm menor risco de serem mortalmente feridos na honra e isto poderá deixá-los mais tranquilos. Porém, sua vaidade fica incomodada pelo outro lado, isto é, terá que se exhibir socialmente ao lado de uma mulher pouco cobiçada. E isto também não é coisa que agrada muito, pois até certo ponto a medida do seu valor como homem se estabelece pela "qualidade" de mulher com a qual está casado. Além do mais, ela deverá ser recatada também nas relações íntimas, isto para que ele não se assuste e se sinta inseguro e ameaçado. Poderá se sentir mais seguro, mas ao mesmo tempo se sentirá frustrado, pois é desejo de todos os homens o de terem uma vida sexual rica em qualidade e quantidade.

Aqueles que vivenciam desta forma a relação com as mulheres ficam num beco sem saída. Mulheres fascinantes provocam insegurança e mulheres pouco atraentes provocam desinteresse. Este dilema se manifestava verbalmente de uma forma grosseira nos tempos

da minha mocidade: "o homem podia escolher entre comer merda sozinho ou dividir a marmelada"! Decisão difícil. Como não é raro acontecer, tais conflitos determinaram uma solução intermediária; ela pode ser dos dois tipos: ou se casar com uma mulher "mais ou menos"; ou ter duas mulheres, isto é, uma esposa recatada e uma amante atraente. Este tipo de conflito é o responsável, parcial evidentemente, pela tendência histórica do homem de ter duas mulheres com as quais ele se relaciona de modo estável.

A amante poderá ser uma moça atraente e sexualmente desinibida; aliás, deverá ser assim, pois é isto que se espera de alguém que está nesta condição. Deverá dar ao homem todo o tipo de prazer sexual e estar disposta a fazer todas as extravagâncias que ele não quer que sua esposa faça – e a reprime mesmo se for esta a vontade dela. Poderá ser uma pessoa independente, trabalhar fora, ter amigas, etc. Não que o homem não tenha ciúme dela, mas o código que rege a honra nestes casos é bastante diverso daquele que vale para a esposa. Se, por exemplo, a moça for de uma condição social e econômica inferior à do homem e ele passar a sustentá-la, se sentirá com direitos, quase idênticos aos que sente em relação à esposa; isto no sentido de tentar coibi-la e de mapear os seus passos; a liberdade sexual entre eles se preserva, pois no fundo da alma o homem sente que está lidando com uma mulher "inferior" a ele e à sua esposa, com a qual poderá exercer mais livremente suas fantasias eróticas. A liberdade sexual se preserva também porque, apesar de tudo, a ofensa à sua honra será bastante menor – se houver alguma – em caso de traição da amante. Isto se deve até mesmo ao fato da situação ser clandestina, compartilhada apenas por um ou outro amigo mais íntimo; não existe, portanto, o risco de vergonha pública.

Vejam como a questão da ameaça à honra vinda a partir de uma eventual infidelidade conjugal pode ser o causador de toda a tendência tradicional de esvaziar a riqueza erótica do casamento e de se ter com a esposa apenas relações sexuais "formais". Se as mulheres, até certo ponto, aceitaram a tutela dos homens sobre sua sexualidade porque não se achavam em condições de se auto-governar, acabaram pagando um enorme preço por esta fraqueza. Sim, porque a ideia não era esta; era a de que o marido a ajudaria a se manter fiel, mas com ele viveria todas as delícias da liberdade erótica. Ele deveria ser o repressor e também o seu parceiro sexual ousado e desinibido. Alguns homens mais confiantes em si mesmos conseguiram ser assim, mas a maioria acabou por oprimir mais uma vez a mulher com a finalidade de tentar resolver suas inseguranças.

Na prática, a condição da amante é boa. Ela costuma ser muito melhor tratada do que a esposa, não só porque a vida sexual pode ser livre e rica; o homem se sente com menos direitos de impor a esta mulher suas regras excessivamente repressivas, pois afinal de contas ele é "um homem casado e não pode oferecer a ela nenhum futuro"; talvez porque a raiva contra a figura feminina esteja mais concentrada sobre a esposa, de modo que a amante fica parcialmente liberada desta carga de hostilidades e de implicâncias. Não é raro também que o homem tenha um envolvimento amoroso maior por esta outra mulher, cujo convívio está fora dos aborrecimentos e das rotinas da vida conjugal; não tem filhos com ela – no passado muitos homens constituíam "família" com a amante e aí as coisas ficavam muito semelhantes à vida doméstica "oficial" – de modo que não existem as disputas edípicas para perturbar a intimidade. Mas a verdade é que, apesar de tudo isto, as mulheres que tenho conhecido querem ser esposas e não amantes. Mulheres também têm vaidade e ser esposa corresponde a um "status social" diferente, melhor; pagam caro por isto, mas a vaidade se abastece de alimento. Só aceitam ser amantes mulheres que não podem "pleitear" o cargo de esposa: aquelas que têm uma posição social inferior e que dependem materialmente de homens bem postos; ou mulheres também casadas e que não se sentem preparadas para romper com sua estrutura familiar.

Vocês podem estar pensando que estou descrevendo estes temas com um tom muito antiquado, que hoje em dia as coisas não são mais assim, ao menos nas camadas sociais mais esclarecidas. Lamento não compartilhar deste otimismo; penso, como Jung, que as mudanças não se processam em poucas décadas, ao menos nos planos mais profundos, mais estruturais. Nos últimos anos houve maior mudança no discurso do que nos fatos. O feminismo influenciou muito no modo como os homens falam, mas não influenciou tanto no modo como pensam; e menos ainda na forma como sentem as suas emoções. Quando uma certa forma de ser e de agir passa a ser socialmente censurável, ela desaparece da superfície e parece que desapareceu. Na realidade ela submerge e passa a ser parte apenas da intimidade das pessoas; ou então vai mais para o fundo ainda e se tranca nos porões do inconsciente. Mas, de lá, continua a interferir nas ações e a definir comportamentos. Estes temas não são tratados mais do modo como estou escrevendo; mas continuam a ser vividos desta forma.

A situação do homem que é amante de uma mulher casada ilustra melhor do que qualquer outra a forma como a honra e os códigos que dela derivam interferem sobre o

ciúme. Se o amante gosta muito da mulher com a qual tem um envolvimento clandestino – e pelo menos isto vocês hão de convir que continua a ser uma coisa muito comum – nada seria mais lógico do que ele "morrer" de ciúmes do marido dela, com quem ela dorme todas as noites. Isto, é claro, se considerarmos que esta emoção se baseia essencialmente no amor. Pois não é esta a verdade. O amante tem muito pouco ciúme do marido, pois, segundo o código, este último tem mais "direito" à mulher do que ele. O marido, se soubesse da situação, teria um ciúme mortal do amante; e isto seria verdadeiro mesmo se ele não gostasse muito da mulher. O ciúme acompanha mais os "direitos" do que o amor: o amante pode estar apaixonado pela mulher e ainda assim tolera bem a existência do marido; este pode até não gostar da mulher, pode mesmo ser apaixonado e viver história semelhante com outra, e ainda assim não suportará a ideia da existência do rival.

Este exemplo nos mostra muita coisa, mas a principal delas é a urgente necessidade que temos de repensar a questão do ciúme apenas como um sub-produto do amor. Este também existe e é bastante intenso; mas não é o único ingrediente e outros componentes não podem ficar mascarados por esta forma mais bem aceita de desejo de posse e exclusividade. Se voltarmos ao nosso exemplo, não é que o amante seja menos ciumento e possessivo do que o marido; isto ficará bastante evidente pelo fato de que terá ciúmes brutais de todos os outros homens! É como se existisse uma hierarquia: em primeiro lugar está o marido e ele vem em segundo; todos os outros estão abaixo dele. O que está em cima tem mais direitos e terá que ser aceito. Mas os de baixo são rivais e não podem nem ousar se aproximar da mulher.

Ao longo destes muitos anos de trabalho, tive a oportunidade de acompanhar muitas histórias deste tipo, algumas até com ingredientes pitorescos. Quando, por exemplo, a mulher se divorcia, mesmo que não se estabeleça uma ligação oficial entre ela e o amante, este passa a ser o primeiro na escala, na hierarquia. Não é raro que a mulher e o ex-marido, depois de alguns meses de separação, se reaproximem até mesmo em virtude de terem filhos em comum. Com a reaproximação, em termos não matrimoniais, podem constatar que muitas de suas divergências derivavam de diferenças de opinião que tornaram a vida em comum muito difícil; mas poderão se dar bem como "amigos" e às vezes retomam algum tipo de intimidade sexual. A situação se torna extremamente difícil para o amante, pois agora ele é o primeiro da hierarquia e o ex-marido está abaixo dele. Não tinha ciúmes

quando ele estava casado com a mulher de quem ele gosta e agora poderá sentir esta emoção de forma intensa. Se antes ele era o que estava sendo o traidor, agora é o traído! Não é improvável até que alguns ex-maridos se aproximem da ex-esposa apenas como uma forma de vingança contra o homem que tanto o humilhou; agora é o amante que ficará humilhado.

Ainda tenho que registrar mais uma propriedade do ciúme: é um poderoso afrodisíaco. Muito mais potente e eficaz do que todas as drogas que se tentam utilizar com esta finalidade. Como acontece com o uso de todos os "medicamentos", há casos em que o efeito é rigorosamente o oposto, de sorte que para alguns homens ele pode gerar a impotência; mas estes são a exceção e não a regra. Sabemos que muitos homens têm pavor de se sentir comparados e são estes os que preferem se ligar – até hoje – a moças mais jovens e, se possível, virgens. Na realidade estão pensando de uma forma imediatista, pois a longo prazo estão muito mais sujeitos à rebelião de suas esposas, frustradas por não terem tido as experiências múltiplas hoje típicas da vida dos jovens; acabarão por ter que enfrentar a situação de serem comparados, associada às ofensas à honra que já descrevi acima. Se ainda estiverem exageradamente inseguros de sua competência sexual e de seu valor como macho, poderão ficar totalmente inibidos no plano erótico ao se perceberem comparados. Aliás, para que isto aconteça basta que suas esposas tratem de inovar um pouco nas relações íntimas, coisa que nem sempre é indicativa de que estiveram com outros homens (podem ter tido conversas com amigas ou podem ter ido buscar informações em leituras ou em tratamentos psicoterápicos); o homem imediatamente se sentirá inferiorizado e ameaçado, e dificilmente deixará de pensar que, na realidade, a mulher tem um amante. Esta é a condição na qual o ciúme provoca a impotência, pois este homem não se reconhece com forças para enfrentar nenhuma disputa na área sexual. Se reconhece antecipadamente como perdedor. Porém, se sua auto-estima estiver em melhores condições, ficará na situação mais típica, que é a de aceitar a disputa e tratar de vencê-la.

A disputa entre dois "machos" é o grande fator afrodisíaco – estamos falando apenas do ponto de vista masculino; fenômenos similares podem acontecer entre duas mulheres. Cada um tentará provar que é mais competente, mais viril, capaz de maior disposição e criatividade para levar a mulher ao prazer. No caso do amante, esta disputa existe sempre, pois ele sabe da existência do marido. E todos somos testemunhas de como o amante é

capaz de peripécias sexuais de que o marido não é. O mesmo homem terá desejo sexual por sua esposa de forma muito mais comedida do que o que ele sente quando está na cama com outra mulher cuja vida sexual ele desconhece – e sabe ou supõe não ser o seu único parceiro. Com a esposa terá uma relação sexual a cada três dias. Com a outra mulher terá três relações em três horas! A necessidade de se afirmar como macho competente deriva da vontade de impressionar a mulher e de ganhar uma "nota alta" nas avaliações comparativas que ela poderá vir a fazer. Com sua esposa, não está em julgamento, pois não existe outro homem na disputa. Ou, se existe, ele não está sabendo de nada, o que significa que, para ele, não está existindo; é como diz o ditado popular: "o que os olhos não vêem, o coração não sente".

Agora, quando o marido sabe – ou suspeita com vigor, o que significa que, para ele, está sabendo que a mulher tem um amante – afora as reações violentas provocadas também pela ferida na honra, o interesse por ela cresce imediatamente. Ela que, em virtude até mesmo de uma certa exaustão derivada do longo e monótono convívio, lhe despertava muito pouco desejo sexual, de repente se transforma na mais atraente das mulheres. O casal briga muito, não raramente chegando à violência física. Porém, a vida sexual fica idêntica àquela que existe entre os amantes. Podem passar uma noite inteira tendo intimidades eróticas, coisa que não aconteceu nem na "lua de mel"! Apesar da ofensa à honra, tal intensidade de desejo sexual faz muito bem ao homem, que se sente viril e forte. Não é impossível que muitos homens busquem envolvimento sexual com outras mulheres exatamente para se sentirem de novo com todo o vigor sexual, coisa que se arrefece muito durante os anos de uma vida conjugal pacata e governada pela lealdade e confiabilidade.

Se continuarmos a pensar nesta direção, veremos que faz muito sentido o gosto que muitos homens têm de se unirem a mulheres em quem eles definitivamente não confiam no que diz respeito ao comportamento sexual. É claro que são homens menos preocupados com a questão da honra segundo o código masculino típico; não se sentem tão humilhados com o modo como agem suas esposas; não sentem sua reputação tão na mão delas. E, além disto, são pessoas que gostam de se sentir desafiadas, de correr um certo risco; têm o espírito do jogador. Estes são os que se encantam pelas mulheres mais exuberantes, por aquelas que todos os homens cobiçam. Adoram desfilar socialmente ao lado delas, pois isto lhes desperta grande estímulo à vaidade. Não olham para eles diretamente; mas olham

porque estão ao lado delas e para elas ninguém poderá deixar de ter a atenção atraída. Alguns homens que gostam muito de estar do lado de mulheres muito atraentes que gostam de se vestir de uma forma extravagante não são seguros intimamente o suficiente para o que pretendem. Em muitas situações gostam de estar ao lado delas e sua vaidade está alimentada. Outras vezes se sentem exageradamente ameaçados e aí tratam de coibir os eventuais "abusos" exibicionistas da mulher, impondo a ela restrições do tipo: não usar saia tão justa e tão curta, não usar tal blusa exageradamente decotada, se pintar menos, etc. Além da insegurança, outro fator certamente pode influir nestas condutas: é a inveja. A vaidade do homem poderá se gratificar pelo fato de estar ao lado dela; mas, na realidade, gostaria mesmo é de ser ela, de ser a pessoa que está atraindo diretamente os olhares. De toda a forma, estes homens têm um comportamento contraditório: querem uma mulher extravagante e depois fazem de tudo para transformá-la em recatada. É claro que os ciúmes fazem parte do cotidiano destes casais, que justamente por isso costumam ter uma vida sexual bastante rica e intensa.

No limite extremo deste grupo de homens, existem aqueles que gostam de ter esposas infiéis; gostam mais desta situação do que serem eles os infiéis, como é a regra entre os homens. Alguns eu conheci que se casaram com prostitutas – nem sempre se deram bem, pois às vezes elas, por gratidão, decidem se "regenerar"! A mulher infiel desperta no homem a permanente disputa, a permanente necessidade de se afirmar perante ela; e isto determina um forte aumento do erotismo e do desejo sexual. É o que estes homens buscam, muitas vezes de modo inconsciente. Querem sentir a plena expressão de sua sensualidade sem terem que sair de casa! Para que isto aconteça ao longo dos anos, só sabendo que a sua mulher tem outras experiências sexuais. Vivem com a esposa a condição que a maior parte dos homens vivência com uma amante muito mais jovem e exuberante. Pode não servir para todo o mundo, mas não há como negar que se trata de uma solução bastante lógica para o tédio sexual do matrimônio.

Espero ter sido claro em demonstrar a existência de uma forte inveja do homem em relação à mulher, e de que isto só pode derivar dele se sentir inferiorizado. Não é o propósito deste livro tratar de questões femininas, mas cabe algumas palavras a mais acerca da difícil posição na qual ficam as mulheres muito ricas em qualidades. Mulheres inteligentes, capazes de ganhar decentemente a vida através de uma atividade profissional

destacada, bonitas e joviais e ainda atraentes e desinibidas sexualmente se vêem numa situação extremamente delicada, pois no mais das vezes os homens, em virtude de suas inseguranças, fogem delas como o diabo foge da cruz. Aliás, não se pode negar que este seja um grande desestímulo para muitas mulheres, pois de que adiantaria tanto esforço e tanta luta? Para ficarem sozinhas, abandonadas por amigas invejosas e por homens covardes? É possível que muitas daquelas que poderiam trilhar esta rota, ao renunciarem este futuro negro, tenham preferido reduzir suas pretensões e se transformar em "pessoas mais comuns". O que acontece é que estas mulheres, por mais auto-suficientes que sejam, têm grande anseio amoroso, exatamente igual ao de todas as outras pessoas. Percebem que os homens as olham com admiração, mas que são poucos os que ousam chegar perto. Dentre estes, muitos fracassam sexualmente, indício de que se sentem insuficientes diante de uma mulher tão rica em predicados. Os que conseguem se recuperar deste percalço inicial acabam se sentindo muito ameaçados pela exuberância sexual da mulher, coisa que muito os intimida. Por razões desta natureza e também por se sentirem intimidados em decorrência de outras propriedades da mulher – principalmente sua independência material – acabam se afastando delas. Elas, ao invés de perceberem que têm dificuldades no plano afetivo por causa de suas "excessivas virtudes" que os homens inseguros – e que são quase todos – não conseguem se sentir à altura, acham que ainda lhes falta alguma coisa para se tornarem atraentes aos seus olhos. Se aprimoram mais ainda e complicam cada vez mais sua situação. Como ouvi uma vez de uma cliente, já mais velha e amargurada: "consegui tudo na vida, menos ser amada".

Estes casos refletem quanto os homens terão que caminhar para um dia poderem ser criaturas mais seguras e serenas; e também poderem se unir a mulheres à sua altura. Só quando isto acontecer é que valerá a pena às mulheres mais dotadas desenvolver plenamente suas potencialidades. Este tipo de situação, ainda extremamente mais comum do que o inverso (ou seja, as mulheres mais bem dotadas encontrarem um parceiro com grande facilidade) demonstra como os homens evoluíram mais no nível do discurso do que no plano emocional. Não tenham ilusões, pois elas só nos trarão decepções; ainda estamos longe de ter atingido um patamar sólido e evolutivo nas relações entre os sexos. Não cabe nenhum tipo de ingenuidade, portanto, no sentido de pensarmos que já é possível que homens e mulheres possam ser amigos. As múltiplas peculiaridades emocionais próprias da

psicologia masculina tornam isto praticamente impossível para quase todos os homens. Os rancores, as inseguranças e a inveja fazem com que os homens sejam, na maior parte do tempo, falsos e superficiais quando se relacionam com o sexo oposto. Não abrem seu coração para elas, pois além de tudo não confiam nelas; elas são "perigosas", são criaturas que podem traí-los. Sem intimidade nas conversas, sem que se compartilhem as conquistas, os fracassos e principalmente os sonhos, não cabe usarmos a palavra amizade. Os homens quase sempre estão se exibindo para as mulheres, mesmo para aquelas que não despertam muito o seu desejo sexual. Estão fazendo pose, tentando se promover, se afirmar como superiores. A grande verdade é que, por razões variadas, os homens não se desarmam diante de uma mulher. Não se abrem totalmente nem com a própria esposa, mesmo quando ela lhes parece confiável. Não podem mostrar todas as suas fraquezas. O pavor de perderem a admiração das mulheres faz com que os homens mostrem uma força que não existe. E não há amizade possível em clima de mentiras. Existem, é claro, várias exceções a esta regra geral.

Que podemos dizer então da "amizade colorida", expressão que define uma hipótese recente de que homens e mulheres que gostam da companhia um do outro poderiam também trocar carícias eróticas sem compromisso? A ideia me parece muito interessante, mas a prática é totalmente diversa da teoria. Seria necessário primeiro que os homens fossem realmente capazes de ser amigos das mulheres, coisa que acabei de afirmar que só existe excepcionalmente. Seria necessário depois que a sexualidade masculina estivesse acoplada à ternura e não à agressividade; se não houver esta mudança, a intimidade sexual definirá um tom de disputa e de hostilidade em tudo oposto ao que se pode supor que seja adequado a uma relação de amizade. Aliás, se não houver esta inversão de associação da sexualidade, não existirá nem mesmo o mínimo de desejo sexual para que as intimidades aconteçam. Além disso, seria necessário um importante progresso no plano amoroso para que pessoas que se dão bem intelectualmente e gostam de compartilhar intimidades eróticas não encaminhassem seus pensamentos e seus desejos imediatamente para a ideia de um compromisso, de namoro com posterior tendência para o casamento. As mudanças, neste aspecto, são indispensáveis também para as mulheres, que costumam associar ainda mais rapidamente seus prazeres sexuais ao encantamento amoroso. Para que boas ideias como esta, que são lógicas e capazes de promover uma interação humana mais rica e agradável,

possam um dia ser realidade é que todos nós devemos nos empenhar com vigor na longa estrada do autoconhecimento.

## XI - A EMANCIPAÇÃO MASCULINA

Pois bem, estamos chegando ao final desta viagem pela subjetividade masculina, por esta "verdadeira" história do "macho opressor". Não creio que seja difícil concluirmos que o homem é, em muitos aspectos, o sexo frágil. Por trás da máscara de força e superioridade que todos aprendemos a usar desde muito pequenos existem enormes inseguranças e brutais dependências, todas elas devidamente transformadas em arrogância e prepotência. Assim procede a maioria dos homens; o incrível é que ainda consigam enganar muitas pessoas, principalmente muitos outros homens. Todo o mundo sabe que a sua própria postura de firmeza e autoconfiança é uma farsa; porém, cada um acha que a máscara do outro é verdadeira. Este mecanismo reforça os sentimentos de inferioridade em todos. Pode parecer um pouco ridículo, mas este tipo de mal-entendido é muito comum em grupos culturais, especialmente naqueles em que a sinceridade e a espontaneidade não são as propriedades valorizadas.

Vocês poderão perguntar, do mesmo modo como eu já ouvi inúmeras vezes dos meus clientes: "está bem, tudo isto que você afirmou faz sentido e é provável que contenha importantes verdades; mas e daí? O que é que podemos fazer com isto? Para que serve este amontoado de informações? Como eu posso utilizá-las para melhorar a qualidade da minha vida"? Todas estas perguntas, de ordem prática, são extremamente importantes, especialmente para as pessoas que são a maioria – que não acham que o conhecimento da psicologia serve apenas como um agradável entretenimento, um quebra-cabeças interessante. A maior parte das pessoas gosta de aprender com a finalidade de poder se beneficiar deste esforço, o que me parece uma coisa muito lógica. O que nem sempre me agrada muito é a existência de um certo imediatismo, que faz com que as pessoas queiram ir direto às conclusões sem passar pelas etapas intermediárias da reflexão sobre os temas. Isto em psicologia definitivamente não funciona. Jamais poderei extrair 6 ou 8 regras práticas, simples e superficiais, de tudo o que escrevi e apenas sugerir que as pessoas as sigam sem entendê-las minuciosamente. Isto é querer enganar as pessoas. É achar que será possível resolver as coisas mais essenciais através de atalhos, de caminhos que não demandem esforço, energia, determinação e tempo. Isto é vender ilusões e eu não me enquadrando nesta categoria de profissionais da subjetividade. Também não me enquadrando na

categoria inversa, ou seja, daqueles que acham que o conhecimento racional e lógico é totalmente ineficaz para promover mudanças de conduta e de estado emocional. Sou um fã ardoroso das psicoterapias, reconheço que nelas passeiam fatores emocionais importantes e que interferem brutalmente nos seus resultados, mas também acredito que desta forma riquíssima de interação entre duas – ou mais – pessoas tem sido possível colecionar importantíssimos dados a respeito dos seres humanos que são de valia para todos nós. Compreender intelectualmente determinados mecanismos e comportamentos nos apazigua e nos deixa numa condição emocional bastante melhor. Só isto já seria o suficiente para que o conhecimento fosse uma coisa valiosíssima. É evidente também que só a verdade – ou boas aproximações desta condição absoluta e nem sempre atingível – poderá nos provocar esta serenidade íntima. Aliás, este é um bom critério para sabermos se uma dada explicação é boa ou não. É evidente também que novas informações, além de nos acalmar porque nos esclarecem em certos aspectos da nossa forma de ser e da forma como nos relacionamos, são geradoras de novas perguntas e, portanto, de novas inquietações. As perguntas nos inquietam e nosso cérebro passa a buscar respostas, pois são estas que nos apaziguam. É desta forma que evoluímos, nós que gostamos de saber cada vez mais; nós que temos a coragem de suportar as angústias que as novas dúvidas nos geram.

Sempre acreditei que o conhecimento é o caminho a ser seguido e a sabedoria a meta a ser perseguida. Acho que a evolução emocional é posterior à evolução intelectual. A primeira acompanha, às vezes com anos de atraso, a segunda. De nada adianta uma pessoa ser capaz de se desfazer das amarras que a prendem ao passado, às experiências de sua infância e adolescência, se ela não tiver metas e objetivos que a movam para a frente. Desamarrar-se das coisas do passado não impulsiona ninguém para a frente; permite o movimento evolutivo mas não o determina. Quem provoca a evolução é a razão, com seus novos ideais e suas novas metas. E estas metas só podem derivar do conhecimento, de novos dados e informações que sejam sentidos como consistentes e úteis. Se não houver este movimento evolutivo, o que acabará acontecendo é que as amarras que nos prendem ao passado, mesmo se tiverem sido desfeitas através de difíceis trabalhos psicoterápicos, se reconstruirão.

Vejamos um exemplo simples e esclarecedor de como eu vejo o processo de evolução emocional, que está na raiz dos mecanismos de ação das psicoterapias e também

nos processos individuais de amadurecimento e desenvolvimento derivado do autoconhecimento. Um indivíduo, num certo momento de sua vida, desenvolve um medo de entrar num avião, uma fobia de voar. Isto poderá se dar em virtude das peculiaridades atuais de sua vida – fatores desencadeantes – e também em função de vivências traumáticas do passado – fatores etiológicos. Digamos que dentre estas últimas estejam vivências infantis do tipo: ter presenciado um acidente aéreo, ter perdido parentes ou amigos em acidente deste tipo, etc. Os fatores desencadeantes podem ser variados, porém o mais comum é relacionado com alguma rápida evolução profissional e econômica; a pessoa poderá ficar mais insegura, com medo de tanta coisa boa, com medo dos privilégios de sua nova condição e achar que alguma catástrofe poderá lhe truncar a trajetória tão desejada; entre os pânicos que tenderá para desenvolver, um deles será o de voar, especialmente se em sua história existir alguma experiência traumática relacionada com o tema.

É parte essencial do processo psicoterápico – ou de auto-análise – tentar entender todos os detalhes deste processo, às vezes intrincado, rico em fatores que se inter-relacionam. Analisar significa tentar desfazer a confusão e o entrelaçamento de processos psíquicos e tratar de resgatar suas peculiaridades e sua autonomia. É tentar recapturar todas as emoções envolvidas com os fatores traumáticos, tentar de alguma forma revivê-las. E todo este procedimento deverá, aos poucos, ir se transformando na possibilidade de construção de um novo projeto pessoal, de um caminho para se poder enfrentar e romper com o que nos prende. As amarras se afrouxam com a análise e com a recuperação das vivências emocionais associadas às experiências; mas elas se rompem de vez quando somos capazes de avançar. No nosso exemplo, num dado momento a pessoa fóbica terá que se armar de coragem para entrar no avião; e isto dependerá da construção racional que foi capaz de fazer a partir de todo o esforço de análise e autoconhecimento. Se ela entrar no avião, aos poucos o medo vai se atenuando e a experiência bem sucedida lhe renovará a coragem para novas ousadias. Por mais que a pessoa tenha sido capaz de trabalhar sua subjetividade, nada de novo terá acontecido com ela enquanto não se dispuser a efetivamente entrar no avião. E se a experiência prática, a efetiva evolução, tardar demais a acontecer, todos os freios que determinaram a fobia voltarão a se fortalecer. Aliás, não basta apenas uma experiência para que a pessoa se fortaleça e caminhe para a cura. Se ela andar de avião uma vez e depois passar meses sem voar, seu pânico poderá voltar a existir

em plena intensidade. É preciso que a pessoa se exercite na sua nova conquista, que repita várias vezes a experiência, consolide com grande tenacidade e firmeza suas novas posições para que elas ganhem o caráter de aquisição definitiva.

Acredito, pois, firmemente na importância e na utilidade prática da psicologia, desde que se tenha uma visão realista do processo de mudanças. Acho também que se até o presente temos tido resultados terapêuticos não muito brilhantes, isto se deve ao fato de que o volume de conhecimento que fomos capazes de acumular é insuficiente. Significa que temos muito trabalho pela frente e que não podemos nos fiar tanto naqueles que nos antecederam. Foram os precursores, os que desbravaram um domínio do saber dos mais difíceis; mas é evidente que não poderiam ter esgotado o assunto e a nós cabe dar seqüência a este processo que esbarra com grandes obstáculos; e o principal deles é a dificuldade que temos de nos olhar com objetividade e realismo. O ser humano é fascinado pela ideia de atribuir a si mesmo importâncias e significados que ele não possui. Nossa história é rica em construções deste tipo, todas elas exaltando e enaltecendo o homem. Nossa função é, entre outras, a de desfazer estes equívocos; é colocar tudo na sua verdadeira dimensão e isto é, ao menos inicialmente, meio desagradável. Mas não faz mal; nem por isso vou me encaminhar para a solução fácil e mentirosa de dizer que você, meu caro leitor, é uma criatura muito importante e que se você não tivesse nascido o mundo seria diferente! Chega de ilusões e de mentiras, pois elas não nos levam a nada. A verdade pode ser meio amarga no início, mas depois nos abre perspectivas, nos ilumina o futuro e isto nos gera verdadeira empolgação com a vida, real serenidade e efetivo avanço em nossa disposição emocional. Se escrevi este livro, se descrevi com detalhes certos aspectos da psicologia masculina, foi por acreditar que tenho uma forma peculiar de ver o homem; e mais, por achar que outras pessoas poderão se beneficiar e se esclarecer a partir deste relato. Meu objetivo não é apenas de natureza teórica; ele é também o de que os leitores terminem o livro com alguma coisa a mais dentro de si e que estes dados possam, a médio prazo, se transformar em contribuição para uma efetiva evolução interior. Não se trata apenas de tentar colocar a relevância de certos fundamentos teóricos originais nos quais tenho fundamentado minhas reflexões sobre o ser humano, tais como a importância dos conceitos de egoísmo e generosidade, as diferenças na natureza do desejo sexual entre homens e mulheres, a associação da agressividade à sexualidade nos homens, os estudos acerca da autonomia do

amor em relação ao sexo e o detalhamento das características desta emoção do amor, tão fundamental em nossa vida psíquica, e assim por diante. Se trata de utilizar estes conceitos para explicar de modo coerente e razoável os fatos de nossas vidas cotidianas. E, principalmente, meu objetivo é dar subsídios para que todas as pessoas possam se empenhar no sentido de reconstruir suas convicções e seus pontos de vista, condição indispensável para que possam avançar no caminho da serenidade e da coerência interior que determina a agradável sensação de liberdade. Sim, porque o objetivo maior deste livro é o de ajudar a nós, homens, a encontrarmos os caminhos da liberdade. É preciso que entendamos direito onde foi que nos perdemos. Sim, nós nos perdemos; desviamos da rota em virtude de vários mecanismos psicológicos, alguns dos quais estive tentando descrever. E de nada adianta continuarmos a negar que nos perdemos e a fingir que somos os vencedores do jogo da vida e que o mundo nos pertence. É necessário também que assumamos a inteira responsabilidade acerca de tudo o que se passou – e se passa – conosco. Buscar responsáveis externos nunca levou a parte alguma; nos provoca raiva e nos isenta de responsabilidade, mas não nos faz crescer interiormente. Reconhecemos que somos hoje inteiramente dependentes do julgamento que as mulheres fazem de nós não significa que elas sejam culpadas disto; não cabe repetirmos os erros do feminismo incipiente que considerou o homem o causador de todos os males da mulher. Reconhecer que somos hoje incrivelmente dependentes da avaliação que os outros homens, e o meio social como um todo, fazem de nós não pode estar a serviço de acusarmos a sociedade por nossas dores e sofrimentos.

A sociedade é uma abstração constituída de inúmeros indivíduos semelhantes a nós e que padecem de iguais dificuldades. Que todo o mundo tenha se transformado em juiz e fiscal de todo o mundo é um dos desdobramentos dos nossos erros e do fato de estarmos muito perdidos em relação aos caminhos que nos levam à liberdade. Nossos erros nos fizeram chegar à situação em que nos encontramos e sua reversão dependerá exclusivamente de sermos capazes de rever criticamente os fatores que têm nos governado interiormente. Se formos bem sucedidos nesta empreitada, horizontes novos se abrirão para nós. E é para este fim que a psicologia tem que servir, para ajudar as pessoas a aprender e a crescer com os seus erros. Isto tanto no nível do indivíduo como no do grupo social. Não existe problema algum em se errar; só não erra quem não faz. Nada nos ensina mais do que

os erros, pois eles nos obrigam à reflexão, à introspecção e à busca de soluções mais adequadas. Isto, é claro, para as pessoas que assumem a responsabilidade por suas falhas. As que se dedicam apenas a acusar terceiros e a buscar sempre causas externas não aprenderão nada; aos 40 anos de idade serão criaturas idênticas às que foram aos 20. Isto sim é triste pois, nestes casos, não há como ser otimista e ter esperanças para o futuro.

Temos errado muito na questão do amor e este é um dos grandes fatores que tem sido o causador de nossas dependências em relação aos outros, coisa que com facilidade nos afasta da rota da liberdade. Não crescemos em relação a esta emoção. Continuamos a vivenciar a relação íntima entre um homem e uma mulher como se fossem duas crianças bem pequenas tentando encontrar no outro a figura da mãe ou do pai. Aceitamos com "naturalidade" toda a possessividade, o ciúme e desejo de exclusividade que esta emoção infantil traz consigo. Chegamos mesmo ao absurdo de "medir" a intensidade do amor pela intensidade do ciúme e da possessividade; e, visto por este ângulo, quanto maior for a quantidade de ciúme maior será o amor, sendo "lógico", pois, que o ciúme passe a ser uma coisa desejada – e até mesmo provocada!

A paixão, amor de grande intensidade quase sempre dependente da existência de grandes afinidades, faz com que exista uma destruição – ainda que provisória – da individualidade. Nestas condições, a regressão e a dependência são totais e absolutas. As pessoas envolvidas se transformam em dois bebês, perdem totalmente o interesse por qualquer coisa que não seja a ligação amorosa, a ponto de viverem este estado emocional de uma forma obsessiva: só falam neste assunto, só louvam o amado, só querem confirmações de que estão sendo amados do mesmo modo, e assim por diante. Este estado, ainda que muitas vezes possa ser o caminho para posteriores evoluções, não pode continuar a ser tratado como sendo a maior das maravilhas, a suprema felicidade. Um estado emocional que nos leva a querer abandonar tudo o que gostamos de fazer para vivermos apenas "um para o outro" em algum local desabitado, não pode ser a mais bela manifestação da vida.

Parece mais a negação da vida. A volta ao útero que o amor intenso determina é a anti-vida! É tentar regredir mais ainda, para algo anterior ao próprio nascimento. Me parece absolutamente essencial tratarmos de entender estes processos para que um dia possamos vivenciar nossas afeições de uma forma mais adulta, ou seja, de uma forma que não ofenda

tanto os direitos individuais, que respeite mais a maneira de ser de cada um e que não se transforme num processo de exageradas cobranças e exigências.

E o que determina a valorização cultural de conceitos deste tipo? A ignorância a respeito do fenômeno amoroso. A psicologia contemporânea se dedicou pouquíssimo a este tema, com algumas raras exceções. A não diferenciação entre sexo e amor causou um atraso gravíssimo no entendimento destas emoções. E quem pagou por isso fomos nós mesmos, que fomos induzidos – tanto por influência externa como interna – a erros que nos têm custado anos de sofrimento e de desencontros. Evidentemente não pudemos ver com clareza as várias peculiaridades imaturas da forma como vivemos o amor nos anos da nossa vida adulta e não pudemos posicionar o nosso intelecto para a busca de formas mais satisfatórias de elos afetivos. Nos habituamos a pensar no amor como um processo mágico, totalmente independente da lógica e da racionalidade; para ser mais preciso, aprendemos que quanto mais "ilógico" for o que nos une a uma dada pessoa, mais isto não poderá ser outra coisa a não ser amor. Aprendemos, portanto, a considerar o amor como sendo uma emoção que surge em oposição à lógica e aos nossos interesses e conveniências. Quanto mais uma mulher me for inconveniente, e ainda assim eu me fascinar por ela, maior será a "magnitude" do meu amor; e, é claro, do meu erro. Agora, se me envolvo com uma mulher conveniente, isto não é amor e sim uma aproximação por interesse. Já conheci várias pessoas que se casaram segundo as regras da conveniência e dos interesses e acabaram vivendo relações afetivas ótimas! Foram pelo caminho "errado" e chegaram ao lugar "certo". Temos que reconhecer que justamente neste assunto, que tem sido o responsável pela maior parte do nosso sofrimento, estamos bastante atrasados e que é urgente que consigamos dominar intelectualmente as "razões do coração".

O estabelecimento de vínculos afetivos impróprios e inadequados, pela intensidade de suas manifestações ou pela inabilidade da escolha de parceiros, tem sido um importante empobrecedor de nossa liberdade, de nossa coerência e alegria de viver. Neste particular, homens e mulheres têm sido vítimas de sofrimentos e de dependências idênticas. Mas as mulheres sempre se permitiram pensar a sério sobre estes temas, ao passo que os homens quase nada sabem a respeito. Amor não pode continuar a ser "assunto de mulher"; é essencial para todos e o encontro de boas soluções depende de nos dedicarmos mais seriamente à sua compreensão. De todo o modo, penso que, justamente por este descaso em

relação ao tema, os homens são também neste particular mais dependentes das mulheres do que o inverso; e não que elas não sejam bastante dependentes.

No processo de buscarmos soluções melhores para a questão sentimental, vale a pena pensarmos com mais afinco no que são as verdadeiras relações de amizade. Acredito que estes elos afetivos intensos, geradores de grande aconchego, onde a intimidade e a confiabilidade intelectual são um dos ingredientes essenciais, são a manifestação mais gratificante do instinto do amor. A amizade não é exclusivista, permitindo a cada pessoa ter mais de um amigo. Possessividade e ciúme existem em doses mínimas, totalmente neutralizados pelo respeito aos direitos do outro. Nada autoriza os amigos a exigir demais uns dos outros, a "pedir satisfações" a respeito dos atos do outro. Ninguém é "dono" de ninguém; ninguém é "responsável" por ninguém. As pessoas amigas estão juntas pelo prazer e pela satisfação intelectual que sentem no convívio e nada mais. Podem se separar por longo tempo; a saudade existe, mas não é de intensidade brutal. Não há grande desconfiança e não se vive com o risco de traição iminente. Enfim, na amizade a intensidade dos prazeres é bastante similar àquela que encontramos no amor, sendo praticamente isenta dos seus componentes negativos. Talvez a intensidade da emoção não seja tão forte, mas sem dúvida alguma parece ser o máximo de intimidade que conseguimos estabelecer sem que as cobranças e exigências venham a tumultuar. Outro aspecto relevante acerca da amizade tem a ver com o fato de que amigos não têm compromissos em comum (filhos, casa, patrimônio, etc.); estes parecem corresponder a um dos aspectos em que o amor mais se perturba, uma vez que ele evolui quase que automaticamente para o compromisso matrimonial. Será que a amizade não corresponde exatamente à versão "adulta" do amor e é ela que deveríamos buscar como meta? Este é um dos temas que tem me preocupado há duas décadas e eu confesso que é esta a minha opinião atual.

Se a ignorância vem nos impedindo de crescer e de encontrar formas mais razoáveis de resolver nossos anseios amorosos, ela tem tido efeitos devastadores sobre nosso prazer erótico de natureza exibicionista e que determina nossas manifestações de vaidade. A psicologia tem sido totalmente omissa a respeito deste assunto tão essencial. Todos nós temos sido brutalmente estimulados na direção de aproveitarmos todas as possibilidades de nos destacar e atrair olhares de admiração. O processo educacional, quando mais criterioso, define rotas "dignas" para a busca do destaque, para o exercício do que chamamos de

ambição. Mas a busca de ser uma pessoa especial, acima da média, é estimulada sempre e, como já vimos, basicamente nos meninos.

Fica composto um outro anseio psicológico que depende da repercussão de nossa forma de ser e de agir sobre as outras pessoas. Queremos ser admirados como criaturas incomuns, capazes de feitos extraordinários. Nos empenhamos para isto em todos os setores de nossa atividade, até mesmo naqueles que deveriam ter um puro caráter lúdico, como é o caso, por exemplo, da disputa de uma partida de tênis com um amigo; de repente não estamos mais brincando e nossa "reputação" passa a estar em jogo até mesmo nesta prática que tinha por objetivo nos ajudar a reduzir o "stress" da vida competitiva; nos ralamos no chão atrás da bola que, de repente, se transformou na coisa mais séria e importante do mundo; nosso humor ficará totalmente dependente do resultado desta partida. Acontece que pessoas admiradas despertam forte inveja, reação agressiva em tudo oposta ao amor. E a pessoa queria ser amada e admirada; satisfazer seus anseios afetivos e sua vaidade. Ao satisfazer a segunda, perde a gratificação da primeira, ao menos no caso da grande maioria das pessoas com quem convive. Se sente menos aconchegada e menos amparada, mais solitária e triste; necessitará de "doses" maiores de admiração para atenuar suas frustrações sentimentais. A vaidade se reforça e o indivíduo vai em busca de destaque cada vez mais freqüente e de magnitude crescente. Terá um desgaste emocional também crescente e as recompensas efetivas serão bastante duvidosas.

Apesar disto, temos todos corrido cada vez mais atrás deste tipo de gratificação: do status social, da notoriedade profissional, da excepcionalidade atlética, e assim por diante. Uma boa dose de vaidade feminina permanece na versão original, configurando a busca de chamar a atenção e atrair olhares pelas formas do corpo, pelo tipo de roupa que a mulher usa, etc. Nos homens, a vaidade física é altamente frustrada pela inexistência de um desejo sexual de natureza visual nas mulheres, de modo que ela irrompe pelo mundo intelectual, passa para o setor da reflexão moral, trata de se estabelecer através de todos os tipos de atividade profissional, esportiva e invade de forma total a área da vida sexual e o jogo erótico de conquistas. Muitos homens se deixam escravizar por esta emoção, a ponto de ficarem totalmente desinteressados das atividades onde ela não está presente. Nada mais é sentido como agradável e prazeroso que não seja chamar a atenção e se destacar. Este prazer inibe a todos os outros prazeres mais simples e naturais: uma pessoa que tenha que

se sentir importante o tempo todo não poderá jamais ir a um restaurante popular, não poderá ir a um estádio assistir a um jogo de futebol, não poderá ir a um cinema e esperar na fila sua hora de entrar e se sentar, etc. Que lástima, pois acredito que esta escravidão à vaidade faz a pessoa perder muito mais do que ganha.

A intromissão da vaidade na reflexão moral é uma das mais graves manifestações deste tipo de erotismo, pois ela entra para reforçar tendências radicais. O egoísmo e a generosidade ganham novo impulso quando as pessoas conseguem se destacar através dos seus exageros e a busca do ponto intermediário, da justiça, fica desprezada e relegada a um plano secundário. Pouca coisa poderá desviar mais um ser humano da rota da liberdade do que esta fuga do "meio termo" que corresponde ao homem justo, ao homem que não se destaca por ser o mais esperto e o mais rico e nem por ser o mais desprendido e desinteressado das glórias e confortos da vida material. Não há "grandeza" em uma pessoa ser justa e cuidar também dos seus interesses; os procedimentos educacionais tenderão para a direção da busca de destaque a qualquer preço ou para a busca de chamar a atenção através de renúncias especiais; as novas gerações serão influenciadas por este duplo padrão de valores e cada um se apegará àquele que mais condizer com outras peculiaridades do seu modo de ser. Isto tem atrasado muito nossa evolução no sentido de sermos capazes de superar esta dualidade falsa entre o bem e o mal. O "espírito livre" proposto por Nietzsche há cerca de 100 anos ainda não conseguiu dar sinais de sua aparição. Mas não creio que devemos abandonar assim tão facilmente estas ideias; o clareamento desta nossa propriedade erótica poderá nos impulsionar, finalmente, para esta direção.

Não poderemos nos livrar completamente da vaidade. Ela é parte do nosso instinto sexual. Seria uma imensa vaidade querer se sobrepor de modo radical à nossa própria biologia. Porém, não tem sentido nos deixarmos escravizar assim tão completamente por ela; não tem sentido – direcionarmos nossas vidas e nossas pretensões assim tão drasticamente para o sucesso apenas para atingirmos satisfações deste tipo. Isto tem acontecido em virtude de não termos tido informação precisa a respeito dela e, principalmente, de seus malefícios. À medida que temos podido saber mais acerca dos malefícios do cigarro, temos nos direcionado no sentido de pararmos de fumar. Temos avançado muito na formação das novas gerações, que, já cientes dos prejuízos do tabaco, tenderão para evitar o seu uso. Acredito que o mesmo acabará se passando com a vaidade,

vício mais grave do que o cigarro e de malefícios incrivelmente mais dramáticos. Todo o processo de revisão das posições deriva, pois, do conhecimento.

A louvação de uma forma infantil de amar e a estimulação da vaidade pregadas pela cultura tem prejudicado de forma semelhante a homens e mulheres, limitando suas possibilidades de se aproximar mais de um estado de coerência entre pensamento e conduta, que é como venho definindo a liberdade. Se as pessoas necessitam muito da aprovação das outras, elas tendem para fazer concessões; ou seja, tendem para agir de uma forma que fere suas próprias convicções quando estas não coincidem com o que o grupo social espera delas. Pessoas que precisam se sentir queridas e aceitas ou que precisam se sentir admiradas e valorizadas terão poucas chances de serem donas do seu próprio destino. Teremos que conseguir grandes avanços na capacidade de lidar com o desamparo e com a nossa insignificância para que possamos nos governar por nossas ideias. Continuaremos a gostar de sermos amados e admirados; mas nossas necessidades de obter estes agrados a qualquer custo desaparecerão. Desejar amor e respeito é uma coisa; necessitar deles é outra. Por necessidade fazemos qualquer tipo de concessão; por desejo, não.

Assim, a questão da emancipação não é só masculina ou feminina, pois em muitos aspectos fomos capazes de gerar mecanismos de inter-dependência, de dominação recíproca, que nos envolve a todos. Os homens dependem da aprovação das mulheres e também dos outros homens; e vice-versa. Agora, na questão da sexualidade os homens se perderam de um modo muito grave e acabaram, sem perceber, se tornando incrivelmente mais dependentes e fracos. Algumas vezes penso que todo o sistema social de dominação e dependências surgiu a partir do desespero masculino e da incompetência que tivemos em administrar nossa sexualidade. A vida em grupo exigiu o estabelecimento de regras limitadoras da atividade sexual; estas regras foram elaboradas pelos homens; porém, tudo leva a crer que muitos jamais se conformaram com as regras que eles mesmos estabeleceram. Os mais inconformados trataram de encontrar as fórmulas para burlar as regras e, nestas primeiras manifestações de esperteza, se perderam e nunca mais se encontraram. Isto não me surpreende em absoluto, pois nunca achei que a esperteza pudesse nos levar a alguma parte; pode encontrar os meios de satisfazer um desejo atual e muito intenso, mas isto se faz às custas da perda da coerência interna; quando esta perda acontece, é como se tivesse havido um erro nas contas durante a resolução de um problema

de matemática ou seja, num momento seguinte surgirão outras situações que exigirão outras incoerências e o erro tenderá para se manifestar de forma cada vez mais dramática.

A esperteza visa a busca de uma saída, ainda que pouco legítima, para que um desejo se realize o mais rápido possível. A esperteza é imediatista, pois corresponde a um desvio da reflexão lógica e da coerência com a finalidade de permitir que um desejo se expresse. É a forma típica de atividade psíquica daquelas pessoas que toleram mal frustrações – e a não realização de um desejo sexual pode ser sentida como uma forte frustração. Assim, provavelmente foram os homens mais egoístas os que trataram de encontrar os caminhos de burlar as normas sexuais do grupo. E é possível que as normas tenham sido estabelecidas pelos mais generosos, por aqueles mais preocupados com a justiça, com a lógica e sua coerência. Já afirmei que para burlar as regras e conseguir uma intimidade sexual clandestina o homem necessitou, pela primeira vez na sua história, da anuência da mulher. E como é provável que o desejo cresça quando existe alguma proibição, o homem se tornou extremamente dependente da aprovação feminina, pois conseguir ter relações sexuais com determinadas mulheres se tornou um desejo fortíssimo. Sabemos também que, com o passar dos séculos, estes homens sofisticaram suas "artes" de sedução, sempre com o objetivo de cativar e envolver as mulheres que lhes despertassem o desejo. Sofisticar estas "artes" significou aprender a ser esperto também com as mulheres; ou seja, enganá-las, mentir para elas com a maior facilidade, prometer o que não vai cumprir, etc.

Os homens mais generosos também têm desejos de transgressão pois as mulheres interessantes também mexem com eles. Mas não o fazem, ao menos na maior parte dos casos; toleram melhor suas frustrações e respondem a uma consciência moral interna, de modo que a anuência da mulher e a possibilidade de encontros clandestinos não resolvem seus conflitos íntimos. Estes últimos são honestos no jogo, ao passo que os egoístas roubam. É evidente que serão os narcisistas os vencedores. Serão os mais poderosos e também serão os que irão despertar mais facilmente os interesses femininos, que é por onde costuma vir a anuência para as intimidades sexuais. No final das contas, serão os mais egoístas aqueles que ficarão no papel do "homem ideal", do que é o vencedor. E o padrão do que venha a ser masculinidade no grupo social terá que estar de acordo com o modo de ser destes indivíduos.

E vejam o aspecto fundamental: o que os faz vencedores e com direito de ser o padrão do "homem ideal" é o fato de terem sucesso com as mulheres nas situações sexuais clandestinas. Isto nos tempos em que as situações oficiais eram definidas por regras mais rígidas que regiam os casamentos; mas é deste tempo que vieram as normas e os padrões que seguimos até hoje. A "coragem" para transgredir deriva da falta de consistência moral e da pouca tolerância a frustrações; os "defeitos" vencem e se tornam "qualidades". É claro que todos os meninos e jovens foram formados para se tornar como eles, ainda que este padrão prático tenha sempre sofrido a concorrência dos "valores espirituais mais elevados", que se radicalizaram para poder ter "grandeza". Mas quem quer ser tão "elevado" se o preço é uma vida sexual pobre? Como seria possível que os homens mais generosos, em sua maioria, não se sentissem inferiorizados e invejosos? Apenas se desqualificassem totalmente a importância da sexualidade, que foi o que acabou acontecendo em muitas doutrinas religiosas. É evidente que outras razões devem ter existido para que estes "espíritos elevados" tenham se insurgido contra a sexualidade, entre elas a constatação de que a vida grupal seria mais estável e menos competitiva se este instinto fosse devidamente "amestrado". Mas não se pode subestimar a questão pessoal, pois neste particular eles eram os perdedores; desqualificar o sexo e considerar isto uma "virtude" fazia os perdedores se transformarem em vencedores.

Assim sendo, inversões de valores e confusões quanto ao julgamento do que sejam "qualidades" e "defeitos" acabaram acontecendo nos dois grupos de homens, sendo que nós somos os herdeiros destas formulações muito pouco fundamentadas. E é por isso que tenho insistido tanto na necessidade de retomarmos a questão da moral sob o ponto de vista da justiça, do ponto intermediário entre estes dois grupos radicais. Temos que desfazer esta confusão.

Os homens vão se perdendo cada vez mais. Uns fazem tudo para impressionar as mulheres e despertar a admiração e a inveja dos outros homens; trabalham muito, tentam acumular fortuna, mentem quando isto é necessário, querem o poder; esta ânsia de se destacar para fins de facilitar a abordagem sexual funciona como um brutal reforço da vaidade e tende para tornar estas pessoas totalmente escravas destas emoções; passam a viver para isto, passam a achar que a vida é isto. Outros fazem de tudo para se livrar deste processo, especialmente por causa da inveja derivada de não serem tão bem sucedidos no

jogo das conquistas; radicalizam suas posições na direção oposta, naquela que valoriza as questões espirituais e também as sentimentais; a vaidade se dirige totalmente para esta direção e escraviza tanto quanto para os primeiros homens; passam a se sentir os "superiores", os "especiais", os que transcendem as condições mamíferas da nossa espécie; se afastam das mulheres e se aproximam de Deus. Masculinidade passa a ser definida a partir do modo de ser dos egoístas. Ser macho significa ser agressivo, não fugir de situações de violência de nenhum tipo. Significa lutar para ser o mais forte, o mais poderoso. Significa ter uma atitude de desprezo pela mulher, interessante apenas como objeto sexual. É claro que os homens que montam ardis para seduzir as mulheres não as respeitam; apenas usaram sua inteligência para substituir a força muscular, que é o que anteriormente lhes garantia o acesso a elas. Gostaram do resultado, especialmente porque foram capazes de impressionar também aos outros homens. Também é fácil perceber que foram acumulando raiva das mulheres, raiva derivada da inveja, devido ao fato de as desejarem tanto e de terem que fazer tanto esforço para poderem conquistá-las; inveja porque a posição das mulheres mais belas – e que eram as que eles desejavam – era mais confortável que a deles. Ser homem de verdade significa ser agressivo. Significa também querer conquistar muitas mulheres e sentir inveja delas pelo fato de serem tão atraentes e cobiçadas; inveja é se sentir por baixo. E isto terá que ser disfarçado, pois pessoas egoístas não suportam se sentir assim e muito menos que outras pessoas saibam que é assim que se sentem. Reforça-se a postura da superioridade masculina, que já derivava da indiscutível superioridade muscular; isto dá à competência para a luta física um novo reforço como "valor" do macho. A inveja derivada do fato de desejar fortemente cria condições para que desejo e raiva se acoplem; sim, porque inveja provoca raiva, sede de vingança pela humilhação sofrida. Isto reforça mais a tese de que a competência agressiva é própria da virilidade, pois a raiva terá que se exercer através dela. Agressividade e sexualidade se unem nestes homens, quase sempre de forma definitiva. E são estes os homens que "vencem" o jogo da vida com mais facilidade; por isso se tornam o padrão do "homem ideal", a ser imposto às novas gerações. Nos jogos competitivos e nas brigas dos meninos que são criados segundo este padrão já podemos ver associações de agressividade e sexualidade antes mesmo da puberdade.

Sempre existiram meninos mais delicados, com mais medo e capacidade para a abstração. São massacrados pelos mais violentos. São humilhados e acumulam raiva deles;

acumulam também inveja, pois se sentem inferiorizados, por baixo. Vivem num clima onde agressividade e sexualidade estão acopladas. Crescem e se sentem inseguros em relação às mulheres, além de pouco atraídos por elas até mesmo porque não têm raiva delas. São atraídos por figuras masculinas. Surgem os homossexuais. Salvo em épocas especiais e em determinados culturas, são desprezados e ridicularizados. O que acontece? Aumenta ainda mais a pressão das famílias no sentido de seus filhos tratarem de se adequar ao padrão de virilidade vigente. Diante desta nova ameaça, a da homossexualidade, não há mais dúvidas de que se deve educar os meninos na direção da violência!

Mesmo nos ambientes familiares mais "sofisticados" e voltados para a religião existe esta tendência para impor aos meninos o padrão oficial de masculinidade. Não tem havido tempo e serenidade para reflexões mais apuradas. O importante é "salvar" os meninos desta "catástrofe" e afastar das famílias o risco da "desonra". Não tenho notícia de nenhum caso em que um menino de 8 anos de idade tenha chegado em casa chorando porque algum outro bateu nele e seu pai – ou mãe – tenha dito: "Meu filho, faça como Cristo: ofereça a outra face". Quem oferece a outra face é "bicha"! Todas as pessoas "de bem" são fascinadas por esta concepção cristã em relação à violência. Mas quem tem coragem de pô-la em prática? Quem está disposto a arcar com as conseqüências? O pavor da homossexualidade se alastra e define um padrão agressivo de conduta para os meninos, mesmo naquelas famílias onde a generosidade predomina. A exigência familiar de que o menino reaja com igual violência não será obedecida por ele, que se sentirá mais inseguro e inferiorizado ainda. Os pais, incapazes de compreendê-lo e de dar o apoio necessário para o seu modo de ser, estão, imperceptivelmente, aumentando suas chances de se tornar homossexual. E agem assim justamente para impedir que isto aconteça.

Estas contradições é que me deixam perplexo. Parece que, em determinados momentos, as pessoas param de pensar com lógica e bom senso. Para mim, é indiscutível que a origem da homossexualidade deriva justamente da existência de um padrão de virilidade absurdo, tomado daqueles homens que foram os mais "competentes" para transgredir os códigos do grupo. E o surgimento da homossexualidade, ao invés de determinar uma tendência para a revisão crítica do que se estava esperando dos meninos, tem estado justamente a serviço de reforçar a tese que já estava em vigor e que é a que a gera. Se não há lugar para homens mais delicados, que não são aceitos nem por suas

famílias – e nem mesmo quando elas se definem como famílias "de bem" –, então terá que haver um "terceiro sexo"; sim, porque os homens mais delicados existem e continuarão a existir.

Ou se aceita a homossexualidade, ou se faz uma revisão séria dos padrões de virilidade. Mas a maior parte das pessoas não está disposta a nenhuma das duas coisas. Na minha opinião, deveríamos fazer as duas coisas. A homossexualidade terá que existir enquanto existir este padrão agressivo de homem e ele for o mais apreciado pelas famílias e depois por tantas mulheres. A revisão deste padrão demanda tempo e muita coragem, uma vez que uma atitude mais permissiva poderá, num primeiro momento, aumentar a frequência da homossexualidade. Mas este processo terá que se iniciar. Os pais terão que respeitar o modo de ser dos seus filhos e parar de impulsioná-los na direção da agressividade. As mulheres terão que compreender que os homens extrovertidos e conquistadores são criaturas que têm raiva delas; podem ser encantadores num primeiro momento, especialmente quando se mostram muito interessados e, com isto, estimulam a vaidade delas; mas a raiva e o desprezo virão em seguida, depois que eles conseguirem obter seus "favores sexuais".

Os homens mais delicados terão que parar de se envergonhar de ser deste modo. Terão que deixar de agir de modo contraditório, impondo a seus filhos padrões que eles não foram capazes de preencher. Talvez façam isto para evitar que os filhos sofram tanto quanto eles sofreram; mas nada disto acontecerá, pois quem se coloca no lugar dos outros sempre se torna menos agressivo. Ao contrário, serão pais originais e conseguirão atenuar as angústias de seus filhos – e, na minha opinião, diminuir a chance deles se envolverem na rota homossexual – através da real capacidade de aceitá-los como eles são. Se determinados ambientes deixarem de valorizar a agressividade dos meninos e, ao contrário, passarem a valorizar sua delicadeza e senso de justiça, então acredito que se estará dando alguns passos fundamentais na direção da emancipação masculina. Sim, porque acredito que um dos pilares da tragédia psicológica da grande maioria dos homens esteja nesta associação, imposta, entre sexo e agressividade. Se um rapaz puder se sentir plenamente viril sem ser pessoa agressiva e sendo preocupado também em não magoar indevidamente a terceiros, então estaremos podendo vislumbrar os prenúncios do homem livre. Enquanto tivermos

apenas rapazes agressivos e viris e rapazes delicados e inseguros de sua sexualidade e de seus valores como homem, então ainda não terá se iniciado a "revolução" masculina.

O homem emancipado poderá finalmente ter um relacionamento positivo e gratificante com as mulheres. Não será como o egoísta que observa as mulheres com os olhos de caçador: com desejo e ódio. Não será também como o generoso, homem inseguro de si mesmo, que olha para a mulher como uma musa, como um ser superior. Acredito que, de alguma forma, estas duas maneiras de ser provocam a vaidade feminina; ser olhada como musa deve ser atraente, especialmente para aquelas mulheres que não têm bom juízo a respeito de si mesmas; ser objeto de um desejo sexual intensíssimo é certamente algo que mexe com a vaidade e também provoca a excitação sexual feminina. Mas acho interessante que as mulheres compreendam melhor estes mecanismos psicológicos masculinos para que possam se posicionar mais de acordo com o que seja bom para elas. Conviver com um homem íntegro e ajustado às suas próprias convicções poderá ser menos estimulante para a vaidade; mas como qualidade de vida, não há como fazer comparações! Aqui, outra vez, os prazeres da vaidade estão em oposição a uma série enorme de outros prazeres, mais simples e mais consistentes.

Se um rapaz puder chegar à puberdade sem ter tido que radicalizar suas posições no sentido do egoísmo ou da – generosidade, poderá olhar para o surgimento do desejo sexual de uma outra forma. Constatará, é claro, que existem diferenças entre a sexualidade masculina e a feminina, pois elas têm base na biologia. Perceberá que a ele cabe um papel mais ativo e que para a mulher é possível uma postura mais passiva. Se não estiver condicionado a associar sexualidade e raiva e nem se sentir tão inferiorizado por ser mais delicado, não terá grandes problemas para chegar perto das moças. Não se sentirá tão ofendido no caso de não ter sido escolhido por algumas, e certamente se aproximará de outras que irão recebê-lo de uma forma gratificante. Não terá nenhuma razão para considerar a diferença biológica como grande inferioridade e nem se sentirá impelido a fazer grandes sacrifícios para melhorar sua posição perante as mulheres.

Não construirá uma subjetividade baseada em raiva das mulheres, emoção que cresce muito em virtude da inveja. A diferença biológica é um fato; agora, julgá-la como determinante de uma condição de inferioridade é apenas uma interpretação, um conceito. E este conceito nasceu na cabeça de homens egoístas que se sentiram muito incomodados de

terem que ter a anuência feminina para que seus desejos sexuais pudessem se realizar. Ora, para pessoas de intelecto mais abstrato, mais atentas aos direitos das outras pessoas, o fato de ter que contar com a simpatia da mulher para que haja a intimidade física não aparece como coisa humilhante. O que faz com que os rapazes mais generosos também tenham se sentido inferiorizados é que eles se sentem muito inseguros neste assunto e não ousaram se aproximar das moças. Acabam se sentindo muito inferiorizados em relação aos mais ousados, até mesmo por serem tão preocupados em não serem inconvenientes e invasivos em relação às mulheres; ficam totalmente perdidos; se sentem por baixo perante as mulheres e também perante outros homens; por isso mesmo tendem tanto para idolatrar as mulheres; e quando chegam perto delas se posicionam de uma forma tão humilde que nem sempre despertam a admiração delas; se, mesmo assim, elas os aceitam, se tornam impotentes!

A diferença biológica será apenas uma diferença; não deixará o homem nem em vantagem e nem em desvantagem. Não terá que fingir que está por cima e nem se sentir por baixo. Poderá olhar a mulher de igual para igual. Isto será uma aquisição inédita para a história da humanidade; e não se iludam com os discursos contemporâneos, impostos pela revolta das mulheres, pois são muito poucos os homens capazes de se sentir em igualdade de condições com as mulheres. Podem falar, com facilidade, sobre o tema; mas sentir é outra coisa. No início os homens se sentiram superiores; com o estabelecimento da vida em grupo, passaram a se sentir inferiorizados, mas mantiveram a pose de superioridade; a maioria ainda age desta forma e os que não agem assim se sentem claramente por baixo. De nada adianta, para aqueles que estão em busca de um efetivo entendimento entre os sexos, o reconhecimento da inferioridade masculina. É preciso que os homens consigam sair desta condição para que se possa sonhar com uma vida melhor. É preciso que a igualdade se estabeleça para além das questões formais dos direitos e das responsabilidades, apesar de que estas evoluções são um primeiro e importante passo. É absolutamente indispensável que os homens sejam capazes de rever suas inseguranças e sensações de inferioridade sexual. E para isto talvez seja necessário ainda que se passe um bom tempo. Nós, como geração, temos que tentar evoluir ao máximo. O que não fomos capazes de fazer, pelo menos teremos que tratar de criar as condições para que nossos filhos façam. É evidente que um relacionamento de igual para igual não deverá se confundir com a ideia de que

homens e mulheres são iguais; isto seria negar diferenças biológicas entre os sexos, perceptíveis a olho nu. Ao contrário, temos que avançar na compreensão das diferenças e também no estabelecimento de um diálogo franco para que homens e mulheres parem de supor coisas uns sobre os outros. Temos que substituir conjecturas por conhecimento, condição indispensável para que desapareçam estas brutais desconfianças que os homens têm das mulheres – e vice-versa. E para haver conhecimento é necessário que se converse, que se abra o coração; é óbvio que os homens terão que aprender a ouvir o que as mulheres dizem; e para que isto aconteça basta que não sejam educados com a ideia de que os assuntos das meninas são desprezíveis, coisa que os pais fazem para afastá-los dos jogos femininos e dos perigos que eles consideram enormes quando os meninos não se formam apenas no mundo da violência.

Se desaparecer a sensação de inferioridade sexual, desaparecerá também a tendência de tentar contrabalançá-la com sucessos excepcionais em outras áreas de atividade, como é o caso do trabalho. Desaparecerá também a tendência inexorável dos homens quererem reservar para si o domínio do poder econômico e do prestígio social, armas que eles têm usado regularmente como neutralizadora dos "poderes sexuais" femininos. Não teremos mais os casais, tão comuns hoje em dia, onde ele sabota e oprime a mulher com o dinheiro e ela faz o mesmo com o sexo. As portas do mundo do trabalho se abrirão com mais facilidade para as mulheres, condição indispensável para que desapareçam as invejas femininas, o que é necessário para que as boas relações entre os sexos existam. Para mim é muito claro que homens emancipados terão que conviver com mulheres emancipadas. As mulheres estão mais adiantadas nesta tarefa, pois têm se dedicado a ela com muito mais seriedade. E a emancipação feminina torna as coisas bastante mais fáceis para os homens, que só se rebelaram contra este processo por força de suas inseguranças sexuais.

Se imaginarmos um homem no qual a sexualidade não esteja acoplada à raiva, que tenha sido educado sem grande separação em relação às meninas e suas atividades, que não se sinta inferiorizado em relação às mulheres pelo fato de desejá-las com vigor e que, portanto, não tenha se voltado para o trabalho e para a busca de fama e fortuna como meio para se armar contra as mulheres, então estamos sendo capazes de imaginar um homem emancipado, ou seja, alguém que não dirigiu sua vida para, de alguma forma, se vingar das mulheres. Alguém que está tentando escrever sua história a favor de si mesmo e não contra

as mulheres. Se este homem também não for muito preocupado em impressionar os outros homens e nem em ser admirado pelo grupo social como um todo, ele estará muito próximo da condição de homem livre. Sua vida sexual não será a expressão de seus ressentimentos e nem estará a serviço de resgatar sua auto-estima. Será apenas a simples e prazerosa troca de carícias, simples intimidades físicas tais como podemos observar entre as crianças.

Este homem livre e emancipado poderá efetivamente ser amigo das mulheres. Só os homens que não têm raiva delas poderão ser companheiros leais e capazes de respeitá-las e tratá-las com dignidade. Agora, para que a relação seja de igual para igual é necessário também que o homem não se sinta inferiorizado em relação às mulheres, que não as olhe como semi-deusas. Neste último caso, existe a tendência para o surgimento da paixão, da regressão amorosa total; esta tendência será mais forte se a mulher também tiver grande admiração pelo homem e isto provocar nela também o processo regressivo. Quando isto não ocorre, ou quando a fase de paixão se supera, se constroem relações afetivas absolutamente igualitárias, baseadas na lealdade e no estabelecimento de um elo onde a confiança mútua é total. Nestas condições, a relação afetiva se torna muito similar ao que acontece na amizade, pois a recíproca confiança tende para determinar uma redução dos processos possessivos e ciumentos. A sexualidade acompanhará os sentimentos positivos e não mais a raiva ou o ciúme, que não terá como se exaltar num convívio baseado na confiança e na sinceridade. Pode ser que a intensidade do desejo seja menor, mas isto não tem a menor importância, pois a louvação das "quantidades" neste setor faz parte do domínio dos "machistas".

Não é do meu feitio, acostumado a definir liberdade como coerência entre pensamento e ação, definir caminhos fixos e estáveis para os seres humanos. Não sei – e não acho que seja importante saber – se o homem emancipado terá um relacionamento afetivo estável ou se preferirá ter várias amigas com as quais se envolverá também sexualmente. O que eu sei é que ele será uma criatura honesta; não falará "eu te amo" apenas como instrumento de sedução. Será uma criatura mais forte e estável emocionalmente, de modo que será perda de tempo querer envolvê-lo ou dominá-lo; seguirá seus impulsos e perseguirá aquilo que for melhor para si; será respeitoso e só se relacionará com aqueles que forem capazes de respeitá-lo.

E quando marido e mulher forem capazes de se relacionar desta forma se poderá cogitar imediatamente do desaparecimento de uma das maiores desgraças da história de vida de todos nós: desaparecerá a rivalidade entre pai e filhos; e também a que existe entre mãe e filhas. Será a hora de escrevermos outros contos de fadas, sem "brancas de neve" e "cinderelas" oprimidas e massacradas apenas porque eram boas e belas. Os pais não transferirão seus ressentimentos para processos pedagógicos particularmente exigentes e os meninos crescerão com a liberdade de ser como gostam que hoje eles atribuem apenas às filhas. Os filhos rivalizarão com os pais, pois eles têm o direito de viver uma forma infantil de amor; mas se este processo não encontrar "eco", penso que sua evolução será incrivelmente mais amena e suave. Surgirão criaturas tão diferentes daquelas que nós somos! Minha curiosidade a respeito destes processos evolutivos, que já se iniciaram, é tão grande que eu gostaria de ter vida longa para poder ver onde iremos chegar.

É isto mesmo; nossos processos evolutivos já se iniciaram há cerca de 20 anos. Até o momento não nos empenhamos em desenvolver qualquer tipo de controle sobre eles, de modo que estão andando ao sabor das circunstâncias. É assim que as coisas costumam acontecer, justamente porque os homens têm se ocupado muito pouco em compreender as conseqüências dos avanços tecnológicos sobre suas vidas e suas relações interpessoais. Com o surgimento dos anticoncepcionais de uso e controle feminino e com o aumento do número de ocupações remuneradas que independem da força física foram criadas as condições para o início do processo de emancipação feminina. E é evidente que isto teria que ter repercussões sobre o modo de ser dos homens e sobre as regras das relações entre os sexos. O vulto dos processos que temos vivido tem sido subestimado. Basta dizer que hoje podemos pensar no casamento e na família apenas como uma opção e não mais como um imperativo da vida em grupo e da sobrevivência da espécie. Ou seja, se ainda vivemos o amor da forma como viviam nossos ancestrais é porque não fomos capazes de ajustar esta emoção à nova realidade; porém, isto irá acontecer em breve. Do ponto de vista sexual, as condições atuais são incomparavelmente melhores do que as que existiam até há algumas décadas; isto é especialmente verdadeiro para os jovens e particularmente para as moças. O "tabu" da virgindade desapareceu muito rapidamente, o que significa que ela era mais uma norma prática do que um verdadeiro "tabu", com profundas raízes psicológicas. As

intimidades físicas se dão de forma mais simples e gratuita do que acontecia no passado. As mulheres são mais explícitas na manifestação de suas preferências e intenções neste setor.

Os homens é que têm evoluído menos; talvez porque se sintam "lesados" com estas mudanças todas, talvez porque continuam mais preocupados com os avanços tecnológicos do que com suas repercussões psicológicas, talvez porque aprenderam a não se empenhar muito em assuntos intimistas – "coisa de mulher" – e não tenham acumulado o conhecimento necessário para que o processo se inicie. Porém, isto está em vias de acontecer e meu objetivo com este trabalho é o de contribuir para que nossa emancipação siga rumos racionais e, ao menos em parte, controlados por nós mesmos. Esta preocupação com o que está acontecendo e a permanente reflexão sobre os acertos e erros de um processo permitem uma evolução mais rápida e mais consistente. "Morrem" menos pessoas se a "batalha" for mais lógica e melhor administrada. Sim, porque todo o processo de mudanças se assemelha a uma guerra, onde alguns fanáticos vão na frente, radicalizam posições; muitos "morrem" em decorrência de não serem capazes de sustentar suas posições, o processo reverte também radicalmente e depois se encontra uma síntese, um verdadeiro acréscimo e um avanço sólido no caminho das mudanças.

Na minha opinião, dois são os processos evolutivos que mais contribuiriam para o surgimento de novas pessoas e, conseqüentemente, novas ordens sociais: a definitiva separação entre sexo e agressividade nos homens e a capacidade de homens e mulheres viverem uma evolução na forma como estabelecem suas ligações amorosas. Passaremos por crises, existirão vários acidentes no percurso e teremos que ultrapassar várias zonas de turbulência neste caminho tanto lindo como longo de alterar alguns dos fenômenos psíquicos que têm nos acompanhado por milênios. Seria absolutamente ingênuo imaginar que poderemos modificar nossa subjetividade em poucas semanas ou meses. São necessárias décadas para que as coisas andem, quando não algumas gerações. Muita das coisas que formos capazes de plantar nos próximos anos serão colhidas apenas por nossos filhos ou netos. Não há problema nenhum que seja assim, a não ser para a nossa impaciência. O tempo de nossa vida é curto e é claro que gostaríamos de colher o que plantamos. Mas, para uma coletividade, 80 anos é muito pouco tempo; os grupos têm grande inércia e, por isso, caminham muito lentamente.

Gostaria de registrar com grande ênfase, antes de dar por encerrado este livro, o meu protesto contra o que tem acontecido nos últimos anos na divulgação de temas psicológicos. Muitos autores, nem sempre profissionais da área, têm se transformado em "vendedores de ilusão". É óbvio que procedem desta forma porque isto lhes traz notoriedade e fortuna. A grande maioria das pessoas é sensível a estes apelos otimistas e simplórios, especialmente aqueles que estimulam a vaidade. Surgem as fórmulas fáceis que, em instantes, seriam capazes de subtrair das pessoas suas dificuldades e transformá-las em criaturas felizes e em condições de viver uma vida permanentemente colorida por prazeres. No setor das dificuldades psicológicas tem acontecido o mesmo que com os livros de dietas para pessoas obesas: surge um novo "esquema" que possibilita o rápido e fácil emagrecimento sem sacrifícios e sem que se registre a necessidade de profundas alterações na subjetividade e nos hábitos arraigados ligados à forma como as pessoas se alimentam. Todos os obesos, sedentos por esta "fórmula", experimentam seguir aqueles novos mandamentos. Emagrecem 10 quilos em 60 dias e depois engordam 12 nos 60 dias subsequentes.

Sou uma pessoa otimista e que acredita no conhecimento e no grande poder de adaptação da nossa espécie. Mas trabalho com seres humanos o dia inteiro e sei quanto esforço é necessário para que eles consigam pequenos avanços. Não adianta iludir. Toda ilusão trará forçosamente consigo uma desilusão. Muitas das coisas que queremos conseguir são possíveis. Mas elas irão exigir muito esforço, dedicação e persistência por parte das pessoas que quiserem efetivamente chegar lá. Não podemos subestimar as dificuldades; não podemos desprezar as forças que nos prendem ao ponto em que estamos e o poder conservador de nossos hábitos. Teremos que aprender muitas coisas, teremos que estar em situações objetivas favoráveis e teremos que ter bastante sorte para que consigamos evoluir um pouco. O jogo da vida é bastante difícil e sacrificado; talvez isto faça a "vitória" mais saborosa.

Aliás, esta ideia de que a vida pode ser vivida como um permanente e renovado estado prazeroso, tão divulgada pelos "vendedores de ilusão" e tão ao gosto das pessoas em geral, é um bom exemplo para podermos mostrar, mais uma vez, como as ideias falsas acabam nos custando muito caro. Nunca o ser humano pensou desta forma a respeito da vida. Ela sempre foi tida como uma coisa penosa e sofrida. Viver era sinônimo de padecer. O paraíso, se existisse, estava reservado para depois, e para aqueles que tivessem tido

dignidade e decência na sua passagem pela Terra. Ter docilidade diante do destino às vezes cruel era o que Deus esperava de Jó. Enfim, eram estas as convicções das pessoas, todas elas associadas às grandes adversidades pelas quais tinham mesmo que passar e à necessidade de se preparar para enfrentá-las.

A qualidade de nossa vida prática melhorou incrivelmente nos últimos 70 anos. Temos coisas extraordinárias, às quais não damos mais valor porque só se sente grande prazer quando as aquisições são recentes. Temos água quente corrente para o banho, temos remédios que nos diminuem a dor, temos entretenimento farto e variado, etc. Ficamos mal acostumados. Queremos mais coisas que nos dêem prazer, exatamente como fazem as crianças mimadas. Ao invés de ficarmos felizes com nossas importantes conquistas, estamos tristes por aquilo que ainda não temos. Queremos prazeres que se renovem, queremos alegrias todos os dias, queremos "grandes emoções". Passamos a achar, com a ajuda de divulgadores irresponsáveis, que a vida não é, em absoluto, um amontoado de sofrimentos e sacrifícios. Passamos a esperar da vida uma seqüência ininterrupta de prazeres.

A vida melhorou bastante em relação ao que era. Porém, nossa ideia acerca dela andou mais depressa do que ela. Segundo a nova ideia, o muito que conseguimos evoluir passa a ser pouco. Vamos dar um exemplo numérico: uma empresa pode faturar, digamos 800.000 dólares em um ano; se a estimativa que for feita, no início do ano, fizer uma previsão de 600.000 dólares de faturamento, e se ela atingir os 800.000 dólares na realidade, todo o mundo ficará contente e realizado. Se a estimativa for de 1.000.000 de dólares e o faturamento atingir os mesmos 800.000 dólares, todo o mundo ficará triste e frustrado. E é exatamente isto o que tem acontecido na nossa vida emocional. Temos esperado muito e temos vivido em estado de permanente frustração e depressão justamente quando poderíamos estar melhor do que nunca. Estudos recentes mostram que o número de pessoas jovens – até 44 anos de idade – que experimentaram algum tipo de depressão severa decuplicou nos últimos 30 anos. Estes dados são válidos principalmente para as cidades médias e grandes dos países civilizados e para os grandes centros dos países em desenvolvimento. Nas cidades menores e nas comunidades mais conservadoras, o número de casos de depressão se conserva em torno dos 1,5% da população desta idade. Nos locais

onde a expectativa de prazeres cresceu, em virtude da nova ideia hedonista em vigor, o número de casos de depressão atinge a 15% da população!

Acredito firmemente na importância do conhecimento e das ideias como fatores que interferem no nosso mundo psíquico de forma essencial. Boas ideias e conhecimentos que nos aproximem da verdade poderão nos ajudar, e muito, a termos uma serenidade e estabilidade interior maiores. Ilusões e mentiras poderão nos animar por alguns instantes, mas o seu efeito sobre nossa evolução psíquica será o pior possível. Não subestimo a importância dos primeiros anos de vida e de como eles podem ficar gravados em nós de forma a influir sobre nossos destinos. Porém, nosso cérebro não pára de funcionar ao longo de toda a vida e é claro que os fatores atuais, externos e internos, também têm peso na nossa forma de ser e de agir. Compreender melhor nossos processos psíquicos e também as dependências que temos do meio externo poderão nos ajudar a formular projetos. Se eles resistem à nossa própria crítica, se transformam em convicções. As convicções são a matéria-prima do que chamamos de coragem. A coragem é uma força interior, algo que nos permite enfrentar situações que envolvem dor e, por isso mesmo, medo. É uma força que deriva da razão, das nossas convicções. Só têm convicções aqueles que não fogem da busca incessante da verdade. Esta busca é, por vezes, dolorosa e já depende de coragem. E esta deriva da primeira e mais essencial das convicções que é a de não querermos nos iludir com mentiras apenas para que nosso trajeto seja mais ameno; o trajeto pode ser suave, mas não leva a parte alguma. Se buscarmos a verdade, aos poucos construiremos convicções e elas serão a força motriz do nosso movimento em direção ao novo. Surgirão os novos homens e, estes sim, juntamente e em igualdades de condições com as novas mulheres, serão capazes de construir o novo mundo.

Digitalizado e revisto por Virgínia Vendramini

Rio de Janeiro, junho de 2008